

Bem ME QUERO

"Às vezes você não deixa
de amar, apenas muda de
prioridades."

DAYA ALVES



DAYA ALVES

Bem ME QUERO

“Às vezes, você não deixa
de amar, apenas muda
de prioridades.”

1ª Edição
SP | Brasil | 2019

Copyright© Daya Alves

EDITORA CHEFE: Waldineia Oliveira Gomes

DIAGRAMAÇÃO: CRISTIANE SPEZZAFERRO

CAPA: CREATUS DESIGN E CRY S MAGALHÃES

REVISÃO: ISIE FERNANDES E CRISTIANE CASTRO

Todos os direitos reservados a autora e editora.

É proibida a reprodução de parte ou totalidade da obra sem a autorização prévia dos autores e editora.

Todos os personagens desta obra são fictícios e qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A474	Alves, Daya Bem me quero/ Daya Alves- 1ed. - Unai, MG: The Books, 2019. ISBN 978-85-54906-51-1 1. Romance. 2. Ficção brasileira. I. Título
------	--

CDD: B869-3

CDU: 82-3

The Books Editora

Rua Três 572 – 38610-000 Santa Luzia

Unai/MG

Site: www.thebookseditora.com.br





Prefácio

Caros leitores, a obra “Bem me quero” é um romance contemporâneo, estilo chick lit. Daya Alves nos presentearia com uma narrativa madura, bem detalhada, com personagens singulares e vários questionamentos que servirão para reflexão da vida de quem lê.

Izabel é uma mulher que vive na correria do dia a dia e está em constante briga com o relógio para dar conta de todas as suas obrigações. A mulher tem três filhos, um cachorro, um marido (extremamente lindo), uma casa para cuidar e o trabalho como analista de logística em uma empresa varejista. O emprego é quase um trabalho escravo, consumindo grande parte da energia de Bel. Ela vive com o modo automático ativado e crê que tem uma vida perfeita, principalmente, em relação ao seu marido e filhos.

Bel, tendo o relógio como seu fiel escudeiro é totalmente metódica até que o destino resolve pregar uma grande peça nela e, diante tamanho choque, se dá conta que sua vida estava totalmente desregulada, sem cor e, principalmente, sem foco. A vida de Izabel passa como um filme diante de seus olhos e ela percebe que não conhece os gostos e problemas dos filhos, questiona interiormente o amor do marido Nando, as horas dedicadas ao seu trabalho na empresa e reflete sobre ela mesma, ou sobre quem ela havia se tornado.

Quando Izabel tem a real noção do modo no qual vivia, uma profunda infelicidade a penetra, e ela resolve mudar, tomando as rédeas da situação, conquistando diariamente os seus filhos, impondo suas vontades no trabalho e com o casamento no fundo do poço. Ela não se sentia amada, um triângulo amoroso é formado e a história tem uma grande reviravolta.

As músicas citadas no decorrer da obra complementam todo o texto, transbordando emoção e fechando com louvor cada ciclo. Bel percebe que a vida é uma caixinha de surpresa e que podemos controlar quase tudo, porém, o destino é trilhado naturalmente e cabe a nós escolher viver da melhor forma possível.

Daya Alves aborda temas em sua história, como: família, amor, amizade, traição, mudanças, resiliência e perdão. Por várias vezes, senti vontade de sacudir Izabel, estapear Nando, beliscar Pedro, abraçar Malu e outras explosões de sentimentos. O final foi bem revelador e a surpresa me fez derramar algumas lágrimas. Eu desejo que a obra te emocione como me emocionou, leitor. Que você possa se apropriar das mudanças necessárias e transformar o malmequer diário em um sonoro e libertador: Bem me quero!

SIMONE SOARES,
ANTOLOGISTA, ESCRITORA, LEITORA BETA/PROPRIETÁRIA NO GRUPO
CARDOS LITERÁRIOS E BLOGUEIRA LITERÁRIA NO
WWW.FERAVELLAR.BLOGSPOT.COM.BR



Prólogo

Sabe aquele instante em que você daria tudo para voltar no tempo ou adiantar o relógio?

Então... Estou dentro desse momento, pensando no quanto nossa vida pode mudar em um instante e em todos os “e se” possíveis. Imaginando o porquê de eu não ter feito algo diferente; o porquê de eu ter perdido a hora pela primeira vez em dez anos; por ter deixado o carro estacionado na rua, facilitando assim o seu roubo, simplesmente por ter esquecido o guarda-chuva; e ainda passar por onde não deveria, para cortar caminho. Se eu pudesse voltar somente um minuto, não estaria passando pelo momento mais aterrorizante de minha vida. Mas, como não temos um controle remoto que nos permite acelerar o tempo para pular as desventuras que acontecem em um instante conosco, posso somente dar uma pausa para respirar e pensar no que fazer a partir de agora.

É por isso que peço, amigas, façam isso junto comigo... um minuto de silêncio pela minha vida, porque ela acabou de desmoronar!

“No começo Deus criou o mundo e descansou. Então, ele criou o homem e descansou. Depois, criou a mulher. Desde então, nem Deus, nem o homem, nem o mundo tiveram mais descanso!”

Luís Fernando Veríssimo



Capítulo 1

Todo dia é a mesma rotina, acordo com o despertador do celular às 5h30 da madrugada em ponto! Enquanto tomo banho, vou fazendo notas mentais das minhas obrigações do dia. Eu me troco, me maquio, passo a chapinha no meu cabelo rebelde. Acordo meus filhos, preparo o café da manhã das crianças e já deixo o do meu marido preparado. Tento acordar o Pedro, que não levantou junto com os outros. Cuido da Poppy, nossa cadelinha. Tento acordar o Pedro, de novo. Coloco o uniforme nos menores, preparo suas lancheiras, organizo suas mochilas. Tento acordar mais uma vez meu filho mais velho e coloco Isabela, a caçula, na van escolar às 6h45. Arranco o Pedro da cama depois de desistir de acordá-lo pacificamente, que vai resmungando, se trocando dentro do carro e tomando seu café no trajeto para o curso. Deixo o Vitor às 7h10 no colégio e o Pedro, pontualmente, no cursinho pré-vestibular às 7h30, chego ao meu trabalho às 8h em ponto.

Trabalho o dia inteiro, chego em casa às 19h, preparo a janta, dou banhos, sirvo a janta, oriento nas lições de casa. Preparo marmitas, organizo e limpo tudo e praticamente desmaio lá pelas 23h30.

Isso mesmo, tenho três filhos, um cachorro, um marido, uma casa para cuidar e ainda trabalho como analista de logística na empresa varejista mais conceituada do ramo na nossa cidade.

Minha vida é toda organizada e controlada pelos ponteiros do relógio, atrasos não cabem no meu cotidiano. Exceto por hoje... O caos tomou conta da minha rotina extremamente organizada e pontual. Começou com a chuva na noite anterior.

A cidade onde moro ficou totalmente alagada, com vários pontos interditados, me deixando presa no trabalho até tarde. Para minha sorte, há um anjo em minha vida que me socorre nessas horas, minha irmã caçula, Malu. Liguei para ela, que já estava em minha casa com as crianças, e avisei

que não chegaria no horário habitual — ela fica com meus filhos todos os dias, desde a hora que a perua os entrega, às 17h30, até eu chegar, às 19h. Quando chego, ela sai correndo por causa de seus compromissos — ela estuda moda pela manhã e faz *freelancers* durante o restante do dia. Não sei o que seria de mim se não fosse a ajuda preciosa dela, a única questão é que ela é tão irresponsável quanto meus filhos.

Alimento para Malu é pizza, macarrão instantâneo e iogurte de potinho, e eu não posso simplesmente deixá-los jantar isso bem no meio da semana. Então, assim que a água baixa, vou embora. E depois de pegar um trânsito horrível, consigo chegar próximo de casa, porém vou o caminho inteiro preocupada com o que farei para eles jantarem, uma vez que está tarde e não dará tempo de preparar nada tão saudável. Quando olho para o lado, parada no semáforo, vejo um restaurante de comida chinesa e acho que meu problema está resolvido, entretanto ele fica do outro lado da avenida e eu terei que dar a maior volta por onde ainda está alagado. Resolvo estacionar o carro debaixo do viaduto e atravesso a passarela rumo ao restaurante. Em menos de quinze minutos, saio de lá satisfeita, com um pacote de frango xadrez quentinho em mãos.

Mas quem disse que o carro está onde deixei?

Fico parada no lugar vazio por uns dez minutos, até entender que meu carro foi roubado. E como desgraça pouca é bobagem, me dou conta de que deixei a bolsa com o celular e a carteira dentro do carro — quando descii, levei somente o dinheiro contadinho para não molhar o restante. Resultado: cá estou eu, sozinha no meio da estrada, sem dinheiro, molhada e sem o celular. Resolvo seguir a pé pelo restante do trajeto e pensar no que farei depois, pois eu ainda tenho uma sacola de comida quentinha e com sorte passará um táxi no caminho.

Mas não passa! Ando por vinte minutos, debaixo da garoa incessante, e encontro minha casa toda escura. Olho em meu relógio de pulso, já passam das onze horas da noite, acho estranha tanta quietude.

Meus filhos estão realmente dormindo, mas por falta do que fazer; está tudo escuro por não termos energia elétrica.

Minha irmã dorme no sofá e acorda num pulo quando abro a porta, já vai colocando o tênis e dizendo para eu não me preocupar com nada, pois ela comprou pizza para eles e os colocou para dormir sem banho, mas que os fez escovar os dentes. Não espera nem eu contar o que aconteceu e sai.

A luz fraca da vela ilumina um pouco o cômodo e dá para perceber que um pequeno furacão passou pela casa. Ignoro todo o caos de roupas,

cadernos e brinquedos e vou ver meus amores. As crianças dormem tranquilamente, o que é bem raro, geralmente é uma luta para fazê-los dormir, e outra para acordá-los. Fico um pouco triste e me sinto culpada por eles terem passado a noite sem a mãe. Nando, meu marido, não está em casa, e eu não consigo me lembrar de quando ele chegará de Campinas — anoto tudo na agenda do celular, até sua escala de trabalho. Mas àquela hora já não há o que fazer.

Resolvo tomar um banho, que tem de ser frio, pois não tem energia elétrica ainda. Desço até a cozinha para fazer um lanche, acabo guardando a comida que comprei — e que a essa hora já está fria (e molhada da chuva) — na geladeira. Ignoro a bagunça da casa novamente, mas não consigo ignorar a pia da cozinha lotada de copos e pratos. Limpo e lavo tudo à luz de velas, depois me sento no sofá para programar o que farei no dia seguinte e apago!

Acordo com uma luz forte no meu rosto e um barulho terrível de vários aparelhos ligados. Olho no meu pulso tentando descobrir as horas, porém tirei o relógio quando fui tomar banho. Procuro por outro, mas estão todos bagunçados, com a hora piscando. Corro para a cozinha, o relógio de parede marca 6h35. Saio tropeçando para acordar e trocar a Isa, pois, se ela perder a perua, não terei como levá-la até a escola, que fica na contramão do meu trabalho. E por falar em trabalho, hoje será o começo da seletiva para a vaga de coordenadora que espero há anos e eu simplesmente não posso me atrasar.

Arranco as crianças da cama, sem dar tempo de elas protestarem. Troco a pequena enquanto ela, ainda sonolenta, toma seu leite, e a coloco na perua no horário — depois de o tio buzinar umas três vezes. Dou dinheiro para todos comprarem o lanche na escola, sob recomendações de comprarem somente algo saudável, chamo um táxi para levar os outros dois à escola e ainda chegar a tempo no metrô. Porém, no alvoroço de sair às pressas, me lembro de que dei o dinheiro para as crianças e não tenho mais para pagar o táxi, e muito menos para passar o dia. Penso em várias formas de evitar voltar, mas também preciso do telefone da seguradora para comunicar o roubo do meu carro e acabo pedindo para o taxista retornar para minha casa. Com sorte, cheguei a tempo no serviço.

Quando abro o portão, vejo o carro do Nando estacionado e penso que talvez ele possa me levar à empresa antes de descansar, uma vez que trabalhou durante a madrugada, mas, dadas as circunstâncias, tenho certeza de que meu marido me ajudará.

Entro e o chamo, porém ele está no banho e não me ouviu chegar. Pego o dinheiro do taxista nas economias guardadas e o dispenso. Nando continua no banho e eu resolvo ligar para a seguradora enquanto o aguardo. Pego o número na agenda, mas o telefone de casa está mudo, ainda como reflexo da chuva do dia anterior. Vejo o celular dele piscando sobre a mesa e acho que não haverá problema se eu pegá-lo emprestado para algo tão importante.

A tela está bloqueada. Tanto cuidado não seria necessário da parte dele, pois não costumo mexer e nem fuçar em nada, dou meu voto de confiança visto que ele nunca me deu um único motivo para desconfianças. Mas como não sou boba nem nada, já o espiei desbloqueando a tela e decorei a senha.

Não tenho tempo nem de pensar se olho ou não, pois, assim que o desbloqueio, aparece uma conversa aberta no *WhatsApp*, e ainda chegam mais mensagens.

Oi...

Até que enfim você está online ;)

Você pode falar?

Ela está aí?

Preciso falar urgente com você!

Estou te esperando em minha casa...

Fico estática olhando a tela do celular e tentando processar o que meus olhos acabaram de ler. Não tem nome cadastrado, somente o número, mas a foto chamou minha atenção. É, simplesmente, a filha da vizinha da frente, mais conhecida nas redondezas por ser candidata à miss bumbum.

Fico entorpecida, lendo e relendo o conteúdo das mensagens e olhando a foto dela. Sem realmente saber o que fazer ou pensar, levo um susto com o barulho do chuveiro sendo desligado e ajo meio que no piloto automático. Coloco o celular de volta no lugar e corro até a varanda para pensar melhor, mas o vejo sair rapidamente, sem me notar, pela porta da sala. Ele atravessa a rua, mal toca a campainha e a miss bumbum já abre o portão — usando um short minúsculo e um top menor ainda —, olha para todos os lados da rua e o puxa para dentro.

Meu cérebro congelou e meus pés parecem ter criado raízes no chão. Meu corpo todo está formigando. Um zumbido toma conta do meu ouvido, o ar parece não chegar aos pulmões e meu coração parece ter sido perfurado por uma espada bem afiada.

Não sei por quanto tempo permaneço assim, nessa situação. Quando me dou conta do que está acontecendo, penso em fazer um monte de coisas... bater na casa e confrontá-los, ou bater neles. Eu me vejo arrancando os cabelos loiros de aplique dela ou jogando as roupas tão engomadinhas do Nando pela janela, então meus pensamentos mudam para algo mais sanguinolento, que envolve facas, armas e a destruição do carro dele.

Espero por um longo tempo, e nada de o Nando voltar. Não consigo ter um único raciocínio lógico do que devo fazer, minha mente está uma confusão só. Assim, por não saber o que fazer e por ainda ter um emprego e uma promoção para conquistar, reativo o piloto automático do meu cérebro, coloco tudo no compartimento do “resolvo depois” e decido ir trabalhar.

Mas ao fechar o portão de casa, olhar para as janelas fechadas da casa da frente e imaginar o que pode estar acontecendo lá dentro, alguma coisa ruim toma conta de mim. Os sentimentos que estavam entorpecidos entram em combustão e, de repente, me vejo cega de ódio. Atravesso a rua num impulso, determinada a acabar com a brincadeira daqueles dois, e então ouço um barulho alto para, logo depois, sentir meu corpo ser arremessado para o alto. Uma dor lancinante me faz ter a sensação de mil estilhaços de vidro entrando nos meus poros e minha consciência ser fragmentada. Ainda tento me segurar em algo, enquanto caio e perco os sentidos contra o chão do asfalto!



Capítulo 2

Ao longe, escuto uma sirene, vozes, tento me mexer e não consigo. No fundo da minha consciência, escuto uma voz familiar chamar meu nome:

— Izabeeeel!

Contudo as palavras não saem por minha boca, sinto meu corpo pesado e anestesiado, minha mente está entorpecida e com sentimentos conflitantes. A voz continua a dizer meu nome, porém, continuo tentando responder, sem sucesso. Sinto uma mão cálida, protetora, sobre a minha, me fazendo buscar no fundo de minha memória um sentimento familiar, e acabo me perdendo em lembranças...

Dezoito anos antes...

— Nossa, Izabel, se o papai fosse à minha turma da escola, eu estaria apavorada e não ansiosa como você!

— Lógico, Malu, você só apronta. Qualquer dia desses alguém vai descobrir que sou eu quem assina suas advertências e estaremos as duas em uma enrascada!

— Nossa, quanto drama... Nem a diretora da escola tem paciência para entender quem é a nossa madrastra da vez. E como o papai está sempre trabalhando, ela nem se dá o trabalho de ir atrás.

— Assim espero! Seria o cúmulo eu me prejudicar por causa da minha irmã caçula irresponsável.

— Prometo que vou me comportar — Malu disse, dando uma piscadela irônica.

— Vou fingir que acredito — falei, tentando segurar o sorriso fraternal.

Eu e minha irmã, Malu, éramos muito unidas, apesar dos cinco anos que nos separavam.

Mamãe faleceu quando ela era ainda uma menininha de cinco anos, e eu estava com dez. Éramos quatro irmãos, sendo que os dois mais velhos eram homens.

Devia existir uma lei divina na qual fosse proibido uma mãe morrer. E ainda mais uma mãe de quatro filhos, adolescentes e crianças. Desse modo, teríamos nossa mãe, e não uma sucessão de madrastas.

Estávamos todos no carro no dia do acidente. Mamãe dirigia, João, o mais velho, estava no banco da frente, Kaká, Malu e eu, sentados no banco de trás. Estávamos indo para a casa da tia Marina, em Santa Izabel, comemorar o aniversário de meu primo. O dia estava lindo e ensolarado, mas perdemos quase a manhã inteira para sair de casa, porque a coitada da mamãe já não sabia mais o que fazer para controlar quatro crianças ansiosas pelo passeio em um sítio com piscina. Após uma baita confusão de bolsas, toalhas, roupas de banho, café da manhã... conseguimos sair de São Paulo rumo ao sítio.

Mais uma vez, papai não estava em casa, pois estava de plantão, e mamãe, mesmo não gostando, teve que ir dirigindo o carro da família.

Foi tudo muito rápido, nem sei explicar direito como aconteceu. Em um momento, estávamos dentro do carro, cantando, provocando uns aos outros; no outro, olhávamos para o corpo sem vida da mamãe, que foi arremessada do carro, depois que saiu da pista e bateu contra uma árvore! O Kaká teve um braço quebrado, pois usou seu corpo para proteger o da Malu, e o resto de nós sofreu alguns arranhões. Depois a perícia comprovou que mamãe estava sem cinto de segurança. Foi um choque, porque nos lembramos dela discutindo antes de sair e colocando o cinto em todos nós. Mas acabou, infelizmente, esquecendo-se do seu.

Sofremos muito com a perda de nossa mãe, tão presente e amorosa, e com a ausência de nosso pai, que trabalhava muito. Sempre pensei que a Malu foi quem mais sofreu, apesar de nunca, em momento algum, ela tocar no assunto. Olhei para ela, no auge de seus doze anos, e achei que ela queria correr mais que a vida. Tudo nela era demais e coube a mim ser a parte responsável da família.

Malu ainda estava tagarelando sem parar quando voltei minha concentração para ela.

— E aquele rapaz da sua sala, já te deu bola? — ela perguntou, me forçando a prestar atenção.

— Que rapaz?

— Não se faça de desentendida não, Bel. Ou você acha que não sei que todos os dias você desvia nosso caminho da escola só para passar pela rua dele?

— Não consigo esconder nada de você, né?

— Nada, nadinha! E sinceramente não sei o que você viu naquele “quatro olhos”, com o rosto cheio de espinhas e ainda de aparelho nos dentes.

— Eu vejo um rapaz lindo, alto e loiro, com um sorriso que me faz sorrir também. Mas, mesmo ele sendo esse patinho feio que você acha, ele nem olha na minha cara.

— Deve ser de vergonha — Malu respondeu entre risos.

— Vamos, meninas! — Escutei a voz de papai chamando para nos levar até a escola.

A atual semana escolar era denominada como semana da família, quando vários projetos eram apresentados. Minha sala ficou encarregada de apresentar um trabalho sobre profissões para ajudar os alunos que estavam para se formar e prestar o vestibular. Meu pai foi um dos escolhidos para dar a palestra, pois era sargento da Aeronáutica e vários rapazes sonhavam em seguir carreira nesse ramo.

Nunca me senti tão popular quanto nesse dia. Saltei de mocinha nerd, morena e baixinha, que sentava na frente, para a filha do sargento! E surpreendente me tornei colega de todos que me esnobavam.

— Oi. Com licença, Sargento Oliveira! — Olhei sem acreditar, mas era mesmo o Fernando, o rapaz pelo qual meu coração queria saltar pela boca toda vez que eu o via na sala de aula.

— Sim, meu rapaz, em que posso ajudá-lo?

— No final do ano, farei a prova da EEAR¹ de Guaratinguetá, e ficaria feliz se o senhor pudesse, claro, me honrar com algumas dicas.

Meu pai olhou para o rapaz alto e franzino à sua frente, depois olhou para mim de volta e me flagrou com as bochechas vermelhas e um sorriso bobo no rosto. Ele deve ter captado algo ou simplesmente ficou orgulhoso em saber que alguém queria seguir sua carreira, já que meus irmãos não queriam, e disse:

— Claro, rapaz! Veja com a Izabel quais são os meus dias de folga. Ficarei feliz em ajudá-lo.

— Obrigado, senhor! Não sei como te agradecer.

— Ah... Mas eu sei. Você pode começar comendo mais feijão, pra ver se ganha uns quilos, e lavando meu carro na sexta.

1 Escola de Especialistas da Aeronáutica.

Fernando olhou espantado para papai, mas logo percebeu que ele o estava testando e respondeu que estaria na sexta-feira, às 16h em ponto, em nossa casa.

Nunca esperei que um dia chegasse tão depressa, apesar de as coisas já terem melhorado um pouquinho — Fernando passou a me dar um oi quando chegava à sala para se sentar na última fila do corredor e a me dar tchau quando passava por minha carteira antes de ir embora. Ainda assim, a ansiedade por tê-lo em minha casa estava me dominando. Quando a sexta-feira chegou, depois da escola, ele me procurou para pedir o endereço e ficou pasmado ao saber que eu moro na rua paralela à dele. Vi certo alívio em seu rosto, talvez por ter se livrado de andar muito até um bairro distante ou desconhecido. Nesse dia, dei uma organizada na casa, fiz o bolo de laranja preferido de papai, me maquiei e tentei domar os cachos de meu cabelo.

É claro que Malu não deixaria passar despercebido.

— Nossa! Quem vem nos visitar hoje? O príncipe Charles?

Nem me dei o trabalho de responder, pois ela já começou a tagarelar:

— Não me diz que é por causa daquele poste de óculos que está lavando o carro do papai.

Corri para a janela e meu coração pareceu ter se esquecido de bater. Olhei para o relógio e vi que eram 15h40. Ele chegou mais cedo e já estava lavando o carro, como se estivesse executando a tarefa mais importante de todas.

— Meu Deus, Bel, respira! Olha, vou falar para o Sargento Marco Antônio Oliveira marcar um oftalmo para você no mesmo que o menino lá fora se consulta, e olha que seus óculos vão ser mais “fundo de garrafa” do que os dele, viu?

Não dei bola para as alfinetadas dela, eu realmente não via os defeitos que ela inventava. Apenas enxergava um sorriso lindo, mesmo com o aparelho, e olhos verdes por trás dos óculos; ficava com o coração acelerado toda vez que ele me dava um oi.

Sexta após sexta, ele voltava e eu ficava cada vez mais ansiosa por sua chegada. Com o passar do tempo, fomos nos aproximando um pouquinho. Em um dia ele me perguntou sobre uma prova, no outro, se eu fui bem, depois me chamou para tirar dúvidas de uma matéria, já que eu era considerada a “CDF” da sala. Aos poucos também passei a acompanhar mais de perto as conversas dele com meu pai, que explicava com satisfação seus afazeres e todos os assuntos que Fernando deveria estudar mais. O Sargento Marco Antônio exibia um orgulho imenso por sua carreira na

Aeronáutica e eu percebia nele um ressentimento por meus irmãos, Kaká e João, sequer considerarem seguir seus passos, por isso mesmo meu pai acabou apadrinhando o Fernando em seu sonho de seguir a carreira militar. Os dois passavam horas conversando, coisa que nunca o vi fazendo com meus irmãos. E o Fernando aos poucos foi se tornando alguém muito próximo de minha família.

Ele seguia à risca seus conselhos, desde se esforçar mais no estudo de determinada matéria até a começarmos a estudar juntos, ajudando um ao outro nas matérias que tínhamos mais dificuldade. Claro que por ideia de meu próprio pai, para eu passar em uma universidade pública de psicologia, que sempre foi meu sonho, e ele para a Escola de Especialistas da Aeronáutica, EEAR.

E quando eu digo que ele seguia todos os conselhos de papai, quero dizer que eram todos os conselhos mesmo! Com o tempo, meu pai começou a exigir mais preparo físico dele, e lavar o carro passou a ser limpar o quintal, ajudá-lo nas obras ou simplesmente usar os aparelhos de ginástica do papai. Devagarzinho, comecei a ver suas camisetas e calças largas ficando um pouco apertadas nos braços e nas pernas. A acne foi abandonando o seu rosto, talvez devido à alimentação balanceada que ele passou a ter, também por influência do sargento.

Até que um dia ele chegou em minha casa sem o aparelho, exibindo dentes branquinhos e alinhados. E, surpreendentemente, seu sorriso ficou ainda mais encantador.

No mês seguinte foi a vez de os óculos “fundo de garrafa” irem embora, após uma cirurgia de miopia. Nesse dia, me perdi dentro da imensidão do verde que eram seus olhos. Eu já sabia que eles eram bonitos por detrás das lentes, mas agora pareciam enxergar além de mim.

— Meus Deus, hein?! Quem diria que o patinho feio só precisava de uma fada madrinha, ou melhor, de um sargento padrinho! — Malu, para variar, não deixou escapar mais essa.

— E aí? Você continua sonhando acordada com um beijo do poste ex-feio?

— Não fale assim dele, Malu, por favor. E não. Se ele não me percebia antes, quando nenhuma das meninas o queriam, imagine agora, que a escola inteira tá babando atrás dele.

— Você é linda, Izabel! As outras não são páreo para você, mas primeiro você precisa demonstrar que gosta dele e sair do papel de amiga.

— Nossa, Malu, você realmente tem 12 anos? Vou falar para o papai te proibir de assistir novelas.

— Eu sou muito esperta, né? Mas aposto que você vai ficar remoendo o que eu disse.

E fiquei mesmo, pensei em várias formas de chamar a atenção do Fernando. Passei a inventar mil desculpas para atraí-lo mais vezes para minha casa. Papai se tornou super eficaz, chamando-o também aos finais de semana; e ele vinha de bom grado.

Aceitei os conselhos malucos da Malu e comecei a encurtar o tamanho da minha saia e a usar *gloss* sabor morango, além de roubar o perfume de minha madrastra número três.

Mas ele seguiu me tratando como amiga, ou pior, como uma irmã, enquanto “passava o rodo” nas meninas da escola.

O final do ano letivo se aproximou. Fernando passou a intensificar os estudos e começou a dispensar as namoradas, dizendo que precisava se dedicar integralmente ao seu sonho, o que para mim era um alívio. Mesmo sabendo que eu não tinha chance, meu coração doía cada vez ele desfilava por aí com alguma namorada.

Em contrapartida, ficávamos cada vez mais unidos e passávamos muito tempo juntos, estudando e conversando sobre tudo. Eu também o ajudava com os afazeres que papai dispensava para ele. O Sargento já estava abusando, mas, quando disse isso a Fernando, ele simplesmente respondeu que era muito pouco perto do que o esperava no serviço militar.

Descobrimos que tínhamos muita afinidade. Ele começou a pedir minha opinião e eu a dele. Nós nos divertíamos muito juntos e acabamos virando melhores amigos. E mesmo estando cada dia mais apaixonada, eu me satisfazia em ser, pelo menos, sua amiga.

— Você devia agarrá-lo e dar logo um beijo nele! Igual à moça da novela das sete fez ontem. Nem eu aguento mais esses seus olhinhos apaixonados em cima do menino poste! Além do mais, o que pode acontecer? Ele sair correndo? — minha irmã, só para variar um pouquinho, disse para pegar no meu pé. Mas as palavras dela ficaram martelando lá no fundinho da minha consciência, e toda vez que eu chegava perto dele, tinha vontade de dar ouvidos às maluquices de Malu.

No final de semana, antes de viajar para fazer a prova física, Nando passou em minha casa.

— Vim aqui para conversar com seu pai e ver se você tem uma daquelas palavras encorajadoras pra aliviar minha tensão.

— Meu pai saiu com minha madrasta. E você não precisa de nada, sabe que é capaz e se esforçou muito. Vai conseguir, tenho certeza!

Estávamos parados no portão de casa e tinha uma ruguinha bem no meio da testa dele. Minha vontade era fazer um carinho bem ali, para tentar acalmá-lo.

— Então só me deseje boa sorte.

— Boa sorte!

Ele se aproximou de mim, timidamente, e depositou um beijo casto no meu rosto. Fiquei meio zozza, um pouco fora de mim, e não resisti, virei a boca e o beijei.



Capítulo 3

Um barulhinho infernal insiste em apitar próximo a mim. Tento me mexer mais uma vez ou falar algo, mas ainda sem sucesso. Não consigo entender o que está acontecendo. Eu tenho tantos afazeres, não posso ficar simplesmente parada, sem fazer nada. Tento reagir, mas meu corpo não obedece e minha mente permanece enevoada. Há uma luz muito forte para a qual eu me pego olhando de vez em quando. Acredito que ali esteja a resposta, mas nem até ela eu consigo chegar.

A mão que segura a minha continua me apertando fortemente, trazendo de volta as recordações, como num sonho contínuo.



Dei ouvido às maluquices de Malu e, depois que virei o rosto, surpreendi o Nando com um beijo. Ele retribuiu por alguns minutos e naquele momento fui até o céu e voltei. Já havia sido beijada algumas vezes, mas sempre tinha sido muito estranho, e não sublime, como estava sendo sentir os lábios macios de Fernando junto aos meus. Minha pele ficou toda arrepiada, eu me sentia flutuar, porém ele interrompeu o beijo bruscamente, olhou com seus olhos verdes bem dentro dos meus, segurou meu rosto estudando minha reação e então procurou por algo, olhando assustado para todos os lados, e correu!

Passei um final de semana inteiro chorando arrependida pelo meu ato e sem querer falar com a Malu, que insistentemente inventava alguma teoria sobre a atitude dele.

— Ele deve ser gay. Por isso correu! — Malu primeiro riu da situação, depois começou a ofendê-lo, mas por último já não sabia o que fazer para tentar melhorar meu ânimo.

Cinco dias se passaram e não tive uma única notícia de Fernando, até que ele apareceu em minha casa no final da tarde de quarta-feira, conversou

com o papai, mas não me dei ao trabalho de ir recepcioná-lo. Vi quando ele foi embora desconfiado, olhando para todos os lados e tentando se livrar das bolinhas de papel que a Malu disparava contra ele, usando um canudinho para soprá-las.

Nando voltou na quinta e, desta vez, papai não estava, foi a Malu quem o dispensou do portão. Tive até medo de perguntar o que ela falou a ele, pois quando entrou se contorcia de tanto rir. Ele também voltou na sexta e no sábado, e eu segui quieta no meu quarto, estudando.

Por fim, no domingo, depois de evitar ir ao seu encontro, ele pediu para falar comigo.

— O bobalhão tá te esperando lá na varanda. Eu não disse que você precisava dar “um gelo” nele? — Malu irrompeu o quarto, mais uma vez dando seus conselhos novelísticos. Mas eu realmente segui seu conselho e parece que, dessa vez, deu certo.

Passei por papai, meus irmãos e minha madrastra número três, e todos me olharam com suspeita. Foi o João quem quebrou o silêncio.

— Precisa que eu tenha uma conversinha com ele, Bel? — João perguntou com os punhos cerrados junto ao corpo.

Respondi balançando a cabeça negativamente.

— Deixe de se intrometer, João. Tenho certeza de que meu amigo não fez nada de errado. Certo, minha filha?

Respondi ao papai concordando e saí correndo, deixando os ânimos meio agitados na sala.

Nando me esperava sentando embaixo de uma árvore grande que havia no quintal e percebi que ele estava bronzeado e um pouquinho mais forte, e só de vê-lo meu coração traiçoeiro passou a querer sair pela boca.

Ele me chamou para sentar ao seu lado e pegou minha mão, entrelaçando nossos dedos. Senti um formigamento em todos os meus poros.

— Eu senti sua falta — Nando declarou, fazendo círculos com o polegar na palma da minha mão.

— Sentiu? — respondi, não conseguindo esconder a esperança na voz.

— Sim, vim aqui todos os dias na expectativa de encontrar minha amiga.

— Amiga? — perguntei, soltando minha mão da dele.

— Bel, eu não quero que as coisas fiquem estranhas conosco.

— Não?! Mas precisava sair correndo? Foi tão ruim assim?

— Ruim? Claro que não. Foi ótimo! Mas, pô, eu tenho senso de preservação. Seu pai é sargento. E você já viu o tamanho dos seus irmãos?

— Então foi esse o motivo? Eu achei que não sabia beijar direito.

— Ah, Bel... posso te garantir que gostei, e muito!

Abri um sorriso tão grande, permitindo à esperança me tomar novamente, e ele percebeu.

— Mas não quero te dar falsas esperanças. Gosto do que temos e gosto de você, mas já deixei bem claro quais são minhas prioridades. Eu não quero te magoar.

— Você quer ser somente meu amigo, né?

— Sim, Bel, não sei viver mais sem sua amizade. E além do mais, não quero estragar a confiança que seu pai depositou em mim.

Tentei forçar um sorriso e esconder a decepção que as palavras dele me causaram, mas se era apenas isso que ele queria de mim, eu me contentaria.

Depois desse dia, ficamos ainda mais unidos, inseparáveis. Prestei o vestibular para Psicologia em algumas faculdades públicas — USP² de Ribeirão Preto e a UFSCAR³ de São Carlos — e Nando já estava na última fase do concurso da EEAR, papai não conseguia esconder o orgulho por seu pupilo ter se saído tão bem nas provas.

Eu não passei na segunda fase da FUVEST⁴ para cursar em Ribeirão Preto, mas acabei passando na UFSCAR, em Psicologia. Achei que ficaria exultante de alegria, porém um sentimento de culpa e solidão estava tomando conta de mim, primeiro por ter de deixar a Malu sozinha e segundo por saber que ficaria ainda mais difícil ver o Nando depois que ele fosse para Guaratinguetá, para a Escola da Aeronáutica na qual passou com êxito. E eu iria para São Carlos, seriam mais de cinco horas de viagem.

Na noite anterior à partida de Nando, fomos convidados para ir à sua casa, para um jantar de despedida, e os pais dele queriam também retribuir a preciosa ajuda do Sargento Marco Antônio. Em pouco tempo, meu pai se tornou amigo do pai dele. Minha madrastra número três não pôde ir, pois estava enjoada devido à gravidez recém-descoberta e meus irmãos não quiseram, pois ambos estavam de compromisso marcado com as namoradas. Já Malu estava irreconhecível, quieta e chorosa, não sei se era por ciúmes do bebê a caminho ou devido à minha iminente viagem.

2 Universidade Federal de São Paulo

3 Universidade Federal de São Carlos

4 Fundação Universitária para o Vestibular

Acho que dona Celeste, mãe do Nando, percebeu a tristeza de minha irmã e a convidou para conhecer seu ateliê de costura. Os olhos da Malu brilharam de alegria, pois desde pequena dizia que seria uma grande estilista. Ela ficou maravilhada por ver tantas máquinas, tecidos e linhas.

Resultado, Malu e dona Celeste se tornaram unha e carne. Acredito que essa foi uma das formas de a família dele retribuir o que meu pai tinha feito pelo seu único filho.

Enquanto o sargento e o senhor Américo, pai de Nando, praticavam uma animada disputa de jogo de dominó, Nando me chamou para irmos até a varanda da casa.

Ficamos um tempo sentados em um banco que havia no meio do grande quintal desfrutando da companhia um do outro. Ele estava especialmente emotivo naquela noite, acredito que era apreensão pelo que o esperava no dia seguinte. Já eu não conseguia falar, parecia ter um bolo dentro da garganta impedindo que minhas palavras saíssem.

Uma chuva fraca começou a cair sobre nós e continuamos ali sentados, sentindo as gotas escorrerem. Nessa hora, permiti que as lágrimas que teimavam em querer sair, escorregassem pelo meu rosto. Nando nem fingiu não ter percebido, secou cada lágrima que caía com as pontas dos dedos. Abraçou-me, sussurrou algo que eu não entendi muito bem, próximo do meu ouvido, e dessa vez quem me beijou foi ele.

Enquanto nos beijávamos, a chuva se tornou mais forte, mas nem ligamos. Eu não queria que aquele momento acabasse nunca! E me deixei levar... Um forte tremor se espalhou pelo meu corpo, fazendo Nando acreditar que era de frio, já que meu vestido branco com florezinhas amarelas estava colado ao meu corpo, ele me puxou pela mão e buscamos abrigo na garagem.

Por um momento, fiquei paralisada pelo olhar especulativo dele sobre mim. Eu devia estar horrorosa, com os cabelos e o vestido molhado. Fiquei um pouco sem graça e comecei a tentar torcer meus cachos. Nando me levou para o banco de trás do carro Monza de seu pai, ligou o ar quente e também o rádio. Enquanto a chuva caía cada vez mais forte lá fora, permanecemos juntos, ambos perdidos em pensamentos, aproveitando a cumplicidade da companhia um do outro.

Uma música do Lulu Santos começou a tocar, eu a achava tão linda, e ela se encaixava tanto com os meus sentimentos, que acabei me emocionando.

**“Eu gosto tanto de você,
que até prefiro esconder
deixo assim ficar subentendido.
como uma ideia que existe na cabeça e não
tem a menor obrigação de acontecer.”⁵**

E ao ouvir o refrão da música e sentir o Nando ali tão próximo, um sentimento forte de perda fez com que um choro compulsivo tomasse conta de mim e não pude mais me controlar.

Ele me abraçou firme tentando apacar um pouco do meu desespero, enquanto suas mãos deslizavam por minhas costas num gesto carinhoso. As batidas frenéticas de meu coração não se acalmaram com sua proximidade e não sei se era minha imaginação, mas ele também parecia imerso na profundidade dos sentimentos e desejos que me assolavam. Uma de suas mãos, aos poucos, subiu para minha nuca, seus olhos verdes se perderam dentro dos meus castanhos e não pude mais me conter, me entregando a ele, que passou a me beijar como se tivesse perdido o controle também!

Seus lábios passaram a percorrer todo o meu pescoço. Suas mãos subiam e desciam por toda a extensão das minhas costas e depois pareciam estar em todos os lados do meu corpo, deixando um rastro ardente por onde deslizava, arrepiando toda a minha pele. Nossos corpos se colaram e pude sentir cada parte dele junto a mim, me fazendo perder de vez todo o bom senso, tornando o calor sufocante e nossas respirações ofegantes.

Uma torrente de sensações invadiu meu corpo, permitindo que ele tirasse meu vestido e passasse a percorrer com a boca, todos os pontos expostos, levando embora qualquer raciocínio lógico de minha mente totalmente enevoadada. E acabei entregando, ali, no banco de trás do Monza de seu pai, ao som das músicas do Lulu Santos, minha virgindade a ele!

Foi o momento mais inesquecível de minha vida. Não senti dor ou qualquer vestígio de vergonha, apenas um amor da forma mais sublime e pura que nunca imaginei ser capaz de existir. E tive certeza de que Nando apreciou as emoções na mesma intensidade que eu, pela forma que me olhava, parecendo tentar ler minha alma através dos meus olhos.

5 Música Apenas mais uma de amor, composição de Lulu Santos - álbum Mondo Cane (1992).

Mas, quando tudo acabou e ficamos abraçados, experimentando a grandiosidade do que havia acontecido, a sensação de despedida se tornou ainda mais forte e, novamente, não pude conter minhas lágrimas.

— Não vou lamentar o que aconteceu, Bel, porque vou levar essa lembrança comigo, por todo o tempo que eu estiver fora, mas você sabe que não posso te prometer nada.

Não tive forças para responder. E conforme o choro e o momento especial iam cessando, jurei a mim mesma que nunca mais iria derramar uma única lágrima por causa dele. Além do mais, fui eu quem se deixou levar, ele realmente nunca me prometeu nada além de amizade.

No dia seguinte, ele partiu. Não tive coragem de ir vê-lo e acabei por descumprir minha promessa. Chorei mais uma vez, pelo que tive e pelo que nunca cheguei a ter.

Ninguém entendeu quando desisti da vaga na faculdade pública de São Carlos, mas eu tentava me enganar, alegando que fiz por causa da Malu e não para estar disponível para Nando toda vez que ele ligasse ou me procurasse nos seus dias de folga.

Nando ligava com frequência e passava horas ao telefone me contando as novidades e falando sobre a alegria de realizar seu sonho. Dizia ter entendido minha posição de não deixar a Malu sozinha e que eu poderia tentar uma vaga em alguma faculdade na capital. Eu me sentia muito feliz por ele e ansiava que o feriado de Páscoa chegasse logo — quando ele visitaria os pais — e tinha esperanças de que fosse me visitar também.

Minha família achou estranho e entendeu menos ainda quando decidi trabalhar em uma rede de hipermercados, como repositora, abrindo mão do meu sonho de cursar a faculdade de psicologia ou qualquer outro curso.

Quando chegou o feriado tão esperado de Páscoa, Nando, até mesmo antes de ir ver os pais, passou em minha casa, mas me neguei a recebê-lo. Fiquei olhando pela janela enquanto ele ia embora desconsolado e sem entender o que havia acontecido. Estava lindo com o uniforme da Aero-náutica, tive que me controlar para não sair correndo atrás dele.

Os dias foram passando, os meses também, Nando voltou em outro feriado e eu arrumei mais uma desculpa para não encontrá-lo, mas ainda continuamos conversando constantemente por telefone, e ele sempre falava sobre a saudade que sentia da melhor amiga. Sempre que ouvia isso, eu sentia como se uma faca estivesse perfurando meu coração.

Até que um dia a bocuda da Malu não conseguiu mais esconder minha gravidez!



Capítulo 4

Bip, bip, bip...

Esse barulhinho irritante continua zunindo no meu ouvido e a luz do corredor fica cada vez mais forte, tão reluzente que é difícil olhar diretamente em sua direção. Assim que eu conseguir me mexer, antes de ir cuidar da bagunça que deve estar a minha casa, vou dar uma passadinha por lá, para ver o que se esconde ali.

Sinto uns tremores fortes, como se mil trovões estivessem passando por meu corpo, me levando de volta para minhas lembranças.



— Ah... Poupe-me, Bel! Você achou que esconderia essa barriga até quando? Ia inventar que engoliu uma melancia inteira por acaso? — Malu colocou-se na defensiva, assim que, através de sua boca grande, todos descobriram a minha gravidez de seis meses.

Porém, ela tinha razão. Já não havia métodos para eu esconder a barriga, mesmo que ninguém me notasse dentro de casa.

A notícia se espalhou rapidamente, tanto para meus familiares quanto na vizinhança, onde havia fortes especulações de quem seria o pai.

Recusei-me a dar o nome do pai do meu filho, mas minha família tinha certeza de quem se tratava, só poderia ser uma pessoa.

Meu irmão mais velho, João, o ameaçava dizendo que queria ver sangue e ficava rondando para encontrá-lo.

— Na hora que eu pegar aquele branquelo intrometido, deixarei marcas eternas, naquele nariz empinadinho!

— Eu nunca te disse que era do Nando, João.

— E quem mais poderia ser? Ele ficava rondando você com aqueles olhos verdes esbugalhados para o seu lado. Só o Sargento acreditou que ele queria dicas e amizade.

— João! Já lhe disse que eu mesmo cuidarei disto quando o Fernando voltar. Também não acredito nessa história da Bel.

Corri para meu quarto. Pelo menos — se eu olhasse pelo lado positivo — era bom saber que eles não me achavam uma qualquer que nem ao menos sabia quem era o pai de seu filho.

Quanto à gravidez, corria muito bem, apesar de eu tê-la descoberto por mero acaso quando fui trabalhar no hipermercado. Para minha imensa sorte, meu irmão Kaká era o gerente e não se atentou aos resultados dos exames admissionais, por isso fui contratada grávida.

Realizava todo o pré-natal no posto de saúde próximo à nossa casa e tinha como acompanhante minha fiel companheira, a Malu, que também se tornou protetora. Divertia-me com os nomes que ela tirava das novelas mexicanas que assistia, porque eu não conseguia encontrar um nome para meu bebê. Ah... Eu não contei, mas logo descobri que se tratava de um menino.

Infelizmente, a fofoca a respeito de minha gravidez se espalhou rapidamente e os vizinhos não foram nada simpáticos com a situação, o que fez minha irmã caçula se envolver diariamente em confusões, pois não admitia que eu fosse debochada. Acabou sendo suspensa da escola, porque uma das crianças de sua turma chamou seu futuro sobrinho de “filho do vento” e ela terminou arremessando uma bandeja cheia de lanche na cabeça da menina. O Sargento não gostou nada quando descobriu as diversas advertências que Malu levava na escola, e pior, quem as assinava.

Ficamos as duas de castigo, sem poder sair de casa por um mês. Eu nem liguei, não tinha mesmo para onde ir além do trabalho e o pré-natal. Já Malu estava em ponto de ebulição e passou a contar os dias para colocar em prática as vinganças que elaborava contra o pobre do Fernando, que de nada sabia.

Aliás, assim que a notícia se espalhou, Nando ligou e não pareceu muito amigável como das outras ligações.

— É verdade o que estão dizendo sobre você, Bel?

— Sim. Mas não se preocupe.

— É lógico que vou me preocupar, não posso abandonar a minha melhor amiga no momento em que ela mais precisa.

— Obrigada, Nando. Mas está tudo bem.

— Quem é o pai? E por que não me contou que estava namorando?

— Não achei que seria necessário.

— Como assim? Eu merecia saber, Bel. E eu que cheguei a pensar que esse filho poderia ser meu.

Fiquei muda ao telefone, sem saber o que dizer. Meu coração doía por não contar, mas eu estava decidida a esconder a verdade.

— Tudo bem, Bel. Você sabe como me encontrar se precisar de algo.
— E desligou.

Eu não sabia se era minha imaginação ou meu coração traiçoeiro, mas senti um pouco de decepção na voz dele. Contudo, o que eu poderia fazer? A verdade só atrapalharia os sonhos dele. Já os meus, enterrei bem fundo no peito e passei a aceitar o que o destino reservou para mim.

Conforme os dias passavam e a barriga crescia, eu ficava mais apaixonada e fascinada com a descoberta de um tipo de amor mais puro e incondicional. Desde o momento em que descobri minha gravidez, não me senti triste ou desesperada, tive a certeza de que, a partir daquele dia, eu não estaria mais sozinha em meio a tanta gente.

Fiz todo o pré-natal sozinha, quer dizer, com minha irmã ao meu lado. Ela sempre aparecia com um livro ou uma revista para tirar minhas dúvidas, já que eu não tinha mãe para perguntar. Eu não questionava onde ela arrumava tudo aquilo, pois tinha certeza de que saíam das coisas de minha madrastra número três, também grávida.

Com o tempo, a fofoca cessou e minha barriga parecia que ia explodir. Malu, com ajuda de dona Celeste, fez quase um enxoval completo. Às vezes, eu até desconfiava que ela soubesse que se tratava de seu neto.

Os pais de Nando foram os únicos que foram me visitar, prestando solidariedade. Em momento nenhum questionaram quem era o possível pai da criança. Dona Celeste, inclusive, foi extremamente carinhosa e olhava para minha barriga com lágrimas nos olhos, como estivesse perdida em lembranças.

Segundo o Nando havia me contado, sua mãe teve, por muitas vezes, a gravidez interrompida. Para conseguir segurar a gestação até o final ela teve que ficar de cama o tempo todo e, mesmo assim, nem sempre conseguia levar adiante. A família toda considerava um verdadeiro milagre dona Celeste ter conseguido manter a gravidez do Nando até o fim, dando à luz o forte e robusto menino.

E por falar no Nando, ele sumiu do mapa, não ligou mais e, quando veio visitar os pais, nem se deu o trabalho de vir me ver. Meu esperançoso coração imaginava que talvez Nando estivesse chateado comigo.

Ao todo, passei a gravidez bem. Tive poucos enjoos e fingia não sentir vontade nenhuma. Engordei muito pouco, talvez por ter emagrecido quase sete quilos no início da gestação.

Abafava no peito todo o sentimento de solidão e tristeza e seguia tentando me manter forte e otimista.

Nesse meio tempo, minha madrastra número três teve seu filho. Tudo foi muito estranho. Ela marcou a data do parto na melhor maternidade, fez manicure e escovou os cabelos antes de ir, levou várias malas e foi acompanhada pelo meu pai. Por volta das oito horas da noite, o Sargento voltou para casa, pegou todas as coisas dela e entregou tudo na casa do japonês, que era nosso vizinho de quarteirão. No momento, não entendi nada, mas depois Malu entrou morrendo de rir no quarto, mal conseguia falar.

— O que aconteceu de tão engraçado?

— Ah, Bel, você ainda não soube?

— É claro que não, estamos de castigo e não podemos sair!

— Ah, balela! O nosso castigo já acabou há mais de dois meses, você não sai porque não quer. — E voltou a rir com lágrimas nos olhos. — Então você não soube que nosso quase irmãozinho nasceu com os olhos bem puxadinhos, cabelo liso espetadinho e um tanto amarelinho? E, definitivamente, nosso pai não é japonês, né?

Realmente somos todos morenos, bem parecidos na verdade. Puxamos todos ao papai, já que mamãe tinha o tom de pele mais claro que seu marido e seus quatro filhos.

— Papai ficou furioso e entregou as coisas da ‘número três’ lá na casa do Japa. Segundo o João, ele já estava desconfiado e só esperou a confirmação quando o bebê nascesse.

— Ah, eu fiquei triste... Estava feliz em ter mais um irmão.

— Nossa, Bel, você deve ter caído do berço quando era criança. Não é possível! Pois eu adorei, e ainda corri lá e peguei todas as coisas do enxoval caríssimo para meu sobrinho.

— Mas coitadinho do bebê... O que ele vai vestir?

— Ah, sei lá. Ela que pegue alguma roupa dos outros filhos do japonês, já que ele é casado.

E foi assim que acabou o casamento número três de papai. Não o vi triste em momento algum, porém, em compensação, voltou a trabalhar muito e raramente podíamos contar com a sua presença.

Os dias se passaram muito rápido e minha gravidez avançou para o final, dificultando até o meu jeito de andar. Então um dia, dentro do ônibus na volta do serviço, senti uma água morninha descer por minhas pernas. Achei que tinha feito xixi nas calças, pois nos últimos meses era quase impossível segurar a bexiga, mas logo em seguida veio uma dor imensa nas costas, que começou a se espalhar por todo o meu ventre. A respiração passou a ficar falha e ficou muito difícil de me manter em pé.

Chamaram uma ambulância e fui levada para a maternidade. Enquanto eu era acomodada em uma sala do hospital, uma enfermeira muito simpática perguntou se eu gostaria que ela chamasse o pai da criança. Balancei a cabeça negativamente e deixei que um choro compulsivo me dominasse, não sei se de dor, medo ou tristeza por passar por aquele momento sozinha.

Por fim, conseguiram avisar minha família, porém somente Malu foi ao hospital, ao lado do Kaká, carregando uma sacola imensa de roupas. Mas ela não pôde entrar, por ser menor de idade, e ele, por ter passado mal assim que me viu ter a primeira contração. Segundo eles, papai não pôde ir, pois estava fora, a trabalho, e o João ninguém sabia dizer onde havia se enfiado.

Foram as horas mais terríveis de minha vida, fiquei em trabalho de parto por 12h, com contrações terríveis e nenhum dedo de dilatação, mesmo depois de passar por indução. Até que um médico teve piedade de mim e me levou para fazer uma cesariana. Segundo ele, meu bebê e eu correríamos risco de vida se continuássemos tentando o parto normal.

Foi tudo muito rápido, em um momento eu estava desmaiando de dor e no outro escutava um choro agudo invadir a sala. Naquele momento, eu me esqueci de todo o sofrimento das últimas horas e incertezas sobre meu futuro e senti um amor imenso preencher meu peito. Colocaram meu lindo bebê próximo ao meu rosto e, mesmo muito sonolenta, eu vi seus lindos olhinhos verdes semiabertos procurando pelos meus. E o único pensamento que tive antes de apagar de vez foi que eu estava numa grande encrenca.

Não sei por quantas horas fiquei apagada, acordei em um sobressalto, procurando por meu filho. Vi sentada, quietinha em um canto, a dona Celeste com lágrimas nos olhos, embalando meu bebê. Ela me olhou intensamente, pedindo uma confirmação silenciosa que eu não tive coragem de negar. Ela sussurrou um ‘muito obrigada’ e trouxe meu filho para meus braços.

Ele era tão pequenino. Seu cabelinho loiro era ralo e espetado, sua pele branquinha contrastava com a minha morena e seus olhos verdinhos já estavam abertos e procuravam por algo impacientemente em meu colo.

— Ele precisa mamar, minha querida.

— Não sei como fazer. — Eu o segurava desajeitadamente e uma angústia por não saber fazer as coisas da forma correta despertou em mim.

— Calma, menina. Você saberá o que fazer, sim. Temos instinto, e caso você não dê conta, estarei ao seu lado para te ajudar.

— Desculpe, dona Celeste. Eu não devia ter escondido algo tão importante da senhora — falei, dominada pela culpa; ela estava sendo tão compreensiva e generosa comigo.

— Você deve ter tido seus motivos, mas seu segredo não iria longe mesmo. Eu tive um pressentimento de que devia vir te ver e, quando cheguei em sua residência, sua irmã estava apavorada. Então fui em casa, fiz algumas ligações e vim para cá. Quando cheguei, eu a encontrei brigando com as enfermeiras por notícias suas.

— Tadinha da Malu, ela só tem doze anos, mas se acha mais velha de fato.

— É uma menina especial. Ela ficou tão aliviada quando me viu que disse para a enfermeira, toda pomposa, que a avó da criança tinha chegado e que queria ver se elas negariam notícias para mim.

— Especial e linguaruda, né?

— Mas, como eu disse, não precisei nem que ela me mostrasse qual era o bebê. Quando cheguei ao berçário, tinha uma réplica mirim de meu Nando chorando a plenos pulmões, e não tive dúvida.

Nessa hora tive uma amostra do que era esse choro. E me desesperei sem saber o que fazer. Dona Celeste, pacientemente, me ajudou a sentar de forma a embalar melhor meu bebê e me ensinou como eu devia fazer para amamentá-lo. Foi uma emoção indescritível, apesar da dor que senti. A sensação de paz e felicidade foi muito maior que qualquer insegurança. E a mãe do Nando foi muito importante para me transmitir essa segurança, olhando para mim emocionada e garantindo que se manteria ao meu lado.

— A propósito, como se chama o meu neto?

— Hum... ainda não sei. Não consegui pensar em nenhum nome.

— Não se preocupe, garanto que você saberá o que fazer.

Mas eu realmente não conseguia colocar um nome nele. A sensação que eu tinha era a de que estava sendo egoísta com o pai, não permitindo que ele participasse de mais essa etapa. Secretamente o desejei ali, ao

meu lado, como vi outras mulheres que estavam no hospital junto com seus companheiros emocionados. Já eu, não sabia nem como faria para registrar meu filho.

Logo em seguida, Malu entrou na enfermaria onde eu estava e passou a brigar com meus irmãos, que já haviam chegado, alegando que a criança não poderia permanecer por mais de duas horas no mundo sem um nome. Eu até estaria me divertindo se não fosse o bolo que se formava em meu estômago de ansiedade por não saber qual seria a reação do Nando quando descobrisse.

O Sargento entrou no quarto, interrompendo toda a cacofonia, colocou todo mundo para fora e informou que precisava conversar com a mãe de seu neto.

Fiquei apavorada que o papai viesse a fazer algo contra o Nando.

— Não precisa me olhar desse jeito, minha filha. — Ele se sentou ao lado da cama, pegando seu neto no colo. — Não é que ele é mesmo a cara do Fernando? — falou enquanto embalava seu neto no colo, me surpreendendo com seu carinho. — Sabe, minha filha, no começo fiquei furioso por ter uma filha mãe solteira. Porém, depois percebi que eu sempre fiz tudo errado. Nunca dei a atenção devida a você e seus irmãos, e não permitirei que meu neto cresça da mesma forma.

— Pai, o Nando não teve culpa.

— Não estou procurando culpados. Mesmo porque um filho não se faz sozinho. Mas eu não os obrigarei a um casamento forçado. Apenas exigirei que o Fernando cumpra seu papel de pai.

Não tive argumentos contra meu pai e realmente acreditava que o Nando nunca seria capaz de fugir de responsabilidades. Mas somente isso eu aceitaria dele. Sonhava que ele ficasse comigo por querer, não por obrigação.

No dia da alta, acordei com uma pessoa uniformizada ao lado da minha cama. Achei que estivesse sonhando, mas aqueles lindos olhos verdes me encarando me trouxeram para a realidade. Por um momento, ficamos nos encarando sem dizer nada. Tantas perguntas, tantas esperançosas respostas e uma emoção esmagadora fizeram com que as minhas lágrimas represadas há tanto tempo derramassem, impedindo que as palavras saíssem.

Nando me abraçou e, em seus braços, fui me acalmando e pude sentir que ele também estava muito emocionado.

Ouvimos um chorinho vindo do berço de nosso bebê. Nando foi até ele, o pegou no colo todo desajeitado e ficou o embalando e segurando sua

mãozinha. Realmente, a semelhança era incrível, apesar de um deles parecer um joelhinho ainda. O choro, que estava muito intenso, aos poucos foi se acalmando enquanto seu lindo pai o ninava e falava:

— Papai chegou...

E mais uma vez chorei de emoção.

— Minha mãe me falou que ele não foi registrado ainda.

Balancei a cabeça confirmando, meio envergonhada.

— Fico aliviado. Faço questão de ir ao cartório. Qual o nome que você quer? Já faz dois dias, não posso registrá-lo assim.

— Eu pensei em muitos nomes, mas não achei nenhum que combinasse.

— Eu pensei em um, se você concordar. Gostaria que se chamasse Pedro, era o nome de meu avô, pai de minha mãe. Ele foi uma das pessoas mais incríveis, generosas e de grande admiração que eu já conheci.

— Pedro! — Olhei para nosso bebezinho e achei perfeito.

— Então bem-vindo, meu filho. Pedro Oliveira Dantas!

E foi assim, sem perguntas ou dúvidas, e com muita emoção que meu filho ganhou um pai, que em momento nenhum questionou se a criança poderia ser mesmo dele.

Saí da maternidade amparada por Nando e levando nosso Pedro já registrado para casa. Ele nos acomodou, foi atencioso e carinhoso. Permaneceu o tempo todo ao meu lado, ajudando e compartilhando do jeito que sempre sonhei.

Nando conversou com meu pai e garantiu que não deixaria faltar nada para mim ou para nosso filho, apesar de estar ainda em curso. Confirmou que, assim que se formasse, assumiria nosso sustento, mas não mencionou nadinha de ficarmos juntos e depois partiu...



Capítulo 5

As horas passam e eu continuo inerte perdida nas lembranças...



E como prometido, Nando, mesmo sendo um estudante, fez o que estava ao seu alcance para não faltar nada ao filho. Ele recebia uma bolsa e a repassava integralmente para mim. Apesar de ser pouco, ajudava muito nas várias despesas com o bebê. Nunca imaginei que fraldas poderiam levar uma pessoa a quase falência. Além da ajuda financeira, também se mostrou um pai amoroso e presente na medida do possível. Conforme o curso foi avançando, suas folgas se tornaram ainda mais raras, porém, sempre que conseguia, vinha correndo para ver o filho, antes mesmo de ir visitar os pais. E o Pedro parecia já conhecer o colo do pai. Quando Nando chegava, o bebê ficava calminho e nem parecia o mesmo que passava as noites chorando sem acalanto.

Foi uma fase extremamente difícil para mim, eu não fazia ideia de como cuidar de um bebê e muito menos a quem recorrer nas madrugadas que passava acordada tentando acalmá-lo. Todas as manhãs, eu recebia a visita da dona Celeste, que me ajudava com o banho e papinhas, porém ela não podia demorar, pois tinha sua oficina de costura para cuidar e, segundo ela, seu marido andava muito estranho, largando toda a responsabilidade sobre ela. Tive muita pena dela. Certa vez, o Nando me confidenciou que o pai tinha problemas com jogatina e bebidas, e que a mãe vivia tentando contornar os problemas.

O período de licença maternidade passou voando e eu estava prestes a retornar ao trabalho sem ter com quem deixar meu filho. Meu irmão conseguiu diminuir minha carga horária no mercado e ainda arrumou uma escolinha conveniada para o Pedrinho. Então, todos os dias pela manhã,

eu saía com ele protegido por um cobertorzinho e o deixava na creche, na volta, eu o buscava. Essa foi nossa rotina por dois anos. A Malu costumava brincar, dizendo que o Pedro saía para trabalhar, e quando nós chegávamos, ela ficava perguntando como tinha sido o dia no *trabalho* dele, que dava umas gargalhadas tão gostosas... A gente ficava até com vontade de apertá-lo — coisa que minha irmã não pensava duas vezes em fazer. Aliás, Malu já tinha virado uma moça que colecionava namoradinhos e, segundo ela, não se apegava a ninguém.

Malu estava prestes a fazer quinze anos e eu sonhava em realizar uma festa de debutante para ela, não queria que ela passasse por uma transição tão importante despercebida, como aconteceu comigo. Lembrei-me do que mamãe dizia: “*princesas merecem um baile*”. Como essa presença materna fazia falta! Eu tive que aprender tudo sozinha, acho que até mesmo minha inesperada gravidez foi por total falta de informação. Mas, com minha irmã, não deixei que nenhuma insegurança ou informação passasse em branco. Às vezes, penso que realmente nasci para ser mãe, pois sempre exerci esse papel, mesmo sem querer ou obrigada pela situação, como aconteceu na primeira menstruação da Malu, aos treze anos de idade. Eu estava em meio à descoberta de criar um bebê e ainda tive que lidar com todas as dúvidas e cólicas dela. Aos vinte anos de idade, eu já tinha um bebê de dois anos e uma adolescente de quinze para cuidar.

Fiz o possível para realizar a festa, mesmo sob os protestos de Malu, que não queria nada da forma tradicional — nada de madrinhas ou padrinhos nem vestido branco ou rosa. Ela mesma fez o desenho do vestido, que foi lindamente costurado pela dona Celeste, em sigilo absoluto. Malu fingia não ligar para o evento, mas se mostrava ansiosa e, conforme o grande dia ia chegando, ficava cada vez mais tagarela e agitada. No fim das contas, o Sargento acabou pagando todos os gastos e, o que era para ser algo pequeno, virou um megaevento.

Eu também andava muito ansiosa com o retorno do Nando, que estava para se formar e, diga-se de passagem, com todos os méritos. Enfim ele conquistaria seu objetivo, e eu sonhava que talvez agora ele pudesse pensar na sua vida pessoal, e claro, não me deixasse fora dela.

Ficamos durante esse tempo ainda mais unidos, porém nunca mais ele encostou um dedo sequer em mim. Sempre muito respeitoso e atencioso, não somente comigo, mas também com nosso filho.

O dia tão esperado chegou! Foi alugado um salão próximo à nossa casa e no final quem acabou escolhendo cada detalhe, desde a decoração até os petiscos, foi a própria Malu. Tudo estava cheio de estilo e de muito bom

gosto, claro que muito diferente das festas habituais. Não tinha uma flor sequer, ela optou por balões coloridos e metalizados; ficou muito mais bonito. Seu tão misterioso vestido era curto e de um tom de azul que realçou ainda mais a cor morena de sua pele. Fiquei muito emocionada ao vê-la tão linda, radiante e feliz ao lado de seus muitos amigos. Não posso dizer que senti uma pontinha de inveja, mas pensei sobre minha vida, porque eu não soube cultivar amizades.

Eu não tive tempo de comprar um vestido novo ou até mesmo de me arrumar, passei o sábado todo entre cuidar do Pedro e organizar os últimos detalhes da festa. Tive que me contentar com meu vestido branco de renda velho de guerra, achei incrível ele ainda me servir mesmo depois da gravidez. Hoje percebo que meus quadris estão mais largos e meus seios mais volumosos.

Minhas pernas quase não obedeceram à visão que tive adentrando o salão. Nando estava trajando seu uniforme de gala completo da Aeronáutica — calça azul e casaco, luvas e quepe brancos —, realçando mais ainda seus olhos verdes. A cada dia que passava, ele ficava mais forte e o tom de sua pele ia ficando mais bronzeado. Nando já não tinha mais a cara do menino que entrou para ser um oficial. Agora ele esbanjava masculinidade e beleza.

Todas as mulheres da festa se agitaram com sua presença e me olharam feio quando perceberam que ele vinha em minha direção e que, ao me notar, abriu um sorriso tão largo que até olhei para trás, procurando por outra pessoa, desconfiada de que não fosse para mim.

O Pedro, em meu colo, se agitou e começou a chamar “*papai, papai*” — foi a primeira palavra que o sem vergonha aprendeu a falar, nem mamãe ele falava, saía algo parecido com “mamá”, e eu tinha certeza de que era pedindo para mamar, e não uma tentativa de dizer mamãe.

Nando se aproximou, me deu um beijo na testa e pegou o agitadoíssimo Pedro em meu colo, que ficou fazendo festa com o pai orgulhoso — pelo menos agora eu sei o motivo de seu sorriso largo ao me ver. Ele fingiu não perceber os olhares cobiçosos em sua direção e permanecemos juntos durante toda a festa, com ele alheio às mulheres ao redor e especialmente atencioso a mim.

Ouvimos o DJ anunciar a apresentação da debutante e todos se encaminharam para a pista de dança, esperando pela valsa, mas o som que ouvimos era o de uma música com batida leve e bem alegre.

Malu entrou linda, com um vestido prateado um pouco rodado, na altura do joelho, com várias saias de tule, e corpete tomara que caia repleto de pedrarias. Ela entrou dançando e me puxou pela mão para o centro da pista. Eu a acompanhei um tanto desajeitada, deixando o Pedro no colo do pai.

Malu me entregou um sapatinho de quando ela era criança e calçou outro de saltos muito altos, brancos, depois começou a dançar toda solta, sem nem ao menos tentar se equilibrar nos saltos altíssimos.

— Vamos, Bel, se solta!

Tentei acompanhá-la, mas estava morta de vergonha.

Comecei a entender o motivo de ela ter escolhido aquela música, que tocava alto.

*“Eu não pedi, pra nascer
Eu não nasci pra perder
Nem vou sobrar de vítima das circunstâncias.
Eu tô plugado na vida
Eu tô curando as feridas
Às vezes eu me sinto
Uma mola encolhida.”*

Quando o refrão começou, resolvi cantar junto e pular com ela, me soltando pela primeira vez em anos. E foi muito bom!

*“E a gente vive junto
E a gente se dá bem
Não desejamos mal a quase ninguém
E a gente vai à luta e conhece a dor
Consideramos justa toda forma de amor!”⁶*

Quando olhei ao redor, todos da minha família estavam pulando juntos e cantando no centro do salão, inclusive o Nando, com meu pequeno e animado filho. Fiquei muito emocionada, porque, depois de tanta dor, ainda permanecemos juntos, curando as feridas. Naquele momento, tive certeza de que nossa adorada mãe ficaria feliz se pudesse ver as pessoas que nos

6 Música Toda forma de amor, composição de Lulu Santos - álbum Amor à Arte (1989).

tornamos, inclusive sua caçula, e que a partir dali poderíamos tocar nossas vidas, ao menos tentando de alguma forma sermos felizes.

Senti uma energia forte, como se fosse a presença dela junto a nós, e deixei as lágrimas descenderem por meu rosto enquanto era abraçada pelo Nando e por um Pedro contente demais. Permanecemos como uma família, juntos, e eu fiz uma promessa a mim mesma: ainda que eu tivesse de passar por cima dos meus sonhos, faria de tudo para ver sempre aqueles dois sorrindo para mim.

E foi dessa forma que troquei os sonhos por objetivos e segui, ano após ano, lutando para fazer todos felizes, mesmo que eu tivesse que me colocar em segundo plano.

No final daquela noite, Nando me beijou na frente de todos e eu senti a emoção mais sublime que uma mulher poderia sentir, mas partiu em seguida para terminar seu curso.

Quando ele se formou, fui à sua formatura como convidada; ele se exibia para os seus superiores como um homem de família. Preferi não argumentar enquanto ele me apresentava como sua mulher (detalhe, não fui comunicada sobre esse fato). Mulheres são esposas, certo? E desde a festa da Malu, eu não ganhava sequer um aperto de mão, porque ele teve que se dedicar às provas finais e não voltou antes de se formar.

Ao final da formatura, saímos para jantar e seus pais não conseguiam ocultar a felicidade por ver o filho formado. Meu pai estava orgulhoso por seu pupilo estar seguindo carreira na Aeronáutica com todos os méritos, assim como ele.

Quando chegamos à minha casa, Nando parecia leve e feliz como eu nunca o tinha visto. Ele era, finalmente, um oficial da Aeronáutica e seguiria carreira como controlador de tráfego aéreo. Não mostrou nenhum ressentimento por desistir de sua tão sonhada carreira de piloto, mas, ainda assim, não consegui me livrar da culpa por sua desistência. Tenho certeza de que ele não quis ir para a escola de pilotos para não ficar longe do filho, pois teria que passar mais quatro anos na AFA⁷, em Pirassununga.

Nesse dia, ele me beijou de novo. E depois no dia seguinte, e no outro, e no outro. Até que acabei me entregando a ele. Agora, foi tudo tão cheio de saudade e carinho que acabou por derreter o resto do meu coração, que eu estava tentando preservar.

No dia seguinte, ele partiu novamente, ficaria seis meses em estágio para assumir a posição de controlador. Ainda receberia uma ajuda de custo

⁷ Academia da Força Área

e somente passaria a ter um salário caso fosse aprovado no estágio e nos vários testes psicológicos que precisava fazer. Como o centro de controladores aéreos era longe, ele não voltou para casa em visitas, se dedicando exclusivamente ao seu ofício. E eu segui minha vida junto com meu filho, trabalhando e cuidando dele.

Nesse período, o Sargento se casou pela quarta vez, só que agora a esposa veio acompanhada de dois filhos, um de 17 anos e outro de 5. Papai achou que seria o máximo, pois o adolescente seria amigo dos meus irmãos mais velhos e o menino caçula seria amiguinho de seu neto, mas não foi bem assim. O adolescente olhava para a Malu como um cachorro olha para máquinas de frango assado na padaria, e logo se desentendeu com meus irmãos, que temiam pelo bem-estar da irmã caçula deles. Já o menino caçula era simplesmente um pestinha em forma de guri e acabava por muitas vezes machucando o Pedro com suas muitas artes.

Em um domingo, quando levei o Pedro para ver os avós, ele exibia um galo gigante na testa, fruto de um tombo decorrente da bicicleta do pestinha, que quase passou por cima de meu filho. Dona Celeste ficou irada por ver seu neto machucado de novo e me deu a sugestão de ir morar sozinha. Eu disse a ela que não podia pagar pelo aluguel, mesmo com todas as economias que fazia. Ela nem titubeou, deu alguns telefonemas e, em poucos minutos, conseguiu que um de seus inquilinos desocupasse a casa, alegando que motivo do despejo eram os três meses de aluguel atrasados. E já providenciou tudo para eu me mudar no final de semana seguinte. Aceitei com muita relutância, um pouco incomodada e, depois de muita insistência, consegui convencê-la a aceitar um aluguel que eu pudesse pagar.

O Sargento também não gostou muito de ver suas filhas partirem, já que levei Malu comigo. Mas expliquei que precisávamos ter nosso espaço e ele acabou aceitando, nem entrei no mérito de que o motivo principal era a madrasta número quatro e sua prole.

Minha casinha era uma graça. Tive a ajuda de todos com os móveis e eletrodomésticos; João, Kaká, o Sargento e dona Celeste deram, cada um, um móvel. Eu comprei alguns eletrodomésticos no crediário e recebi um inesperado envelope com a ajuda do Nando. Fiquei muito emocionada com a atitude e a amizade de todos, além do compromisso dele comigo.

Os dias se passaram mais tranquilos. Eu alternava meu tempo entre o trabalho, ajudar Malu com seus diversos cursos e os cuidados com meu filho. Raramente saía, o único passeio que eu fazia envolvia levar o Pedro ao parquinho ou para ver aviões, que ele adorava. Minha irmã, já uma mulher feita, ainda colecionava namorados e pegava no meu pé dizendo que eu

deveria sair também, pois uma mulher precisava dar uns beijos de vez em quando e não viver esperando pelo *sapo encantado*. Ela detestava o Nando e dizia que ele me guardava para a hora da fome. Eu nem ligava, passava os dias com a esperança de finalmente ficarmos juntos.

Com o passar do tempo, meus irmãos se casaram com suas namoradas em datas próximas, com direito a festa, igreja, padrinhos e tudo o mais. Pedro foi o pajem, ficou parecendo um homenzinho com seus quatro anos de idade no terninho branco e calça azul. Ele dizia que queria um terno igual ao do pai, que a esta altura já havia voltado, porém estava ainda se adaptando à rotina estressante de um controlador de voos, operando no aeroporto de Viracopos em Campinas — fiquei aliviada por ser dentro do nosso estado, pelo menos.

Quando vi minhas cunhadas tão lindas entrando de branco na igreja e a emoção nos olhos de meus irmãos, sonhei que pudesse ser eu indo para o altar onde o Nando estaria me esperando com o mesmo sorriso dos meus irmãos. O casamento do Kaká foi ainda mais bonito, em uma igreja evangélica. O sermão do pastor foi tão profundo que acabou me levando às lágrimas, dizia:

“Ainda que eu falasse a mesma língua dos homens e dos anjos e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou o sino que tine”

Do altar, eu via o Nando sentado ali no banco segurando carinhosamente nosso filho e ouvia o trecho que falava:

“Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”

Falava diretamente sobre a minha situação. Tentei até conter os soluços, mas a emoção somada à consciência de que vivia esperando e me contentando apenas com o que Nando me oferecia foi tão devastadora que me senti impotente. Eu havia me tornado uma mulher cheia de responsabilidades e decidida, mas, no que dizia respeito a ele, me tornava uma ameaça!

Durante a belíssima festa, me retraí totalmente, Nando até tentou me puxar para dançar e, mais uma vez, me beijar, mas evitei a todo custo, cansada de ser o *step* dele.

Conforme o tempo passou, o pai dele adoeceu muito e dona Celeste ficou visivelmente cansada de se dividir entre os cuidados com o marido e o trabalho da oficina de costura. Então ela passou toda a gerência para a Malu, alugou sua casa e foi morar no interior, na cidade de Águas de Lindóia, em busca de um clima mais ameno para os problemas respiratórios do senhor Américo, decorrente de uma vida totalmente desregrada com o vício em bebidas e jogos.

O Sargento também percebeu o erro que havia cometido se casando com uma mulher tão sem escrúpulos e acabou se separando e ficando sozinho em sua casa enorme. Como a casa dele era mais próxima da oficina que a minha, Malu resolveu voltar a morar lá. Já eu, preferi ficar em minha casinha, pois havia me acostumado com a vida e a rotina com o meu filho em nosso lar.

Como o Nando se formou e já estava com horários fixos no aeroporto de Viracopos, suas noites ficaram livres. Então resolvi voltar a estudar, para tentar dar um futuro melhor para meu filho, e o deixei sob os cuidados do pai. Escolhi o curso de analista de logística, visto que era um dos cursos mais rápidos de ser concluído e me dava uma grande possibilidade de ser promovida.

Pedro adorou a companhia do pai e fazia o maior drama quando Nando ia embora, noite após noite. Foi um período muito difícil, eu via pouco o meu filho, pois o deixava de manhã na escolinha, Nando o pegava na saída e ficava com ele até eu chegar, quando os dois já estavam adormecidos e a casa, uma bagunça só! Eu ficava com muito dó do cansaço deles, acabava deixando os dois dormirem juntos e só os acordava pela manhã, para ninguém se atrasar.

Nando também reclamava de morar sozinho, pois, desde que sua mãe alugou a casa, ele ficou apenas com um quartinho em uma das casas de aluguel da família.

Quando eu ia me deitar sozinha, imaginava o Nando junto comigo, estando ele ali, tão perto de mim, mas afastava esses pensamentos, tentando esquecer de vez a possibilidade de ficarmos juntos, porque, desde aquele dia em que ele havia anunciado que eu era sua mulher, nunca mais tocou no assunto.

Nossa rotina foi assim por um longo período. Até que precisei de sua ajuda em um sábado, pois tinha que fazer um trabalho em grupo para o término do semestre. Percebi que ele ficou um pouco incomodado por eu ser a única mulher do grupo, e depois, mais tarde, ele me questionou o motivo.

— Você nunca parou para pensar que o curso que escolhi tem mais campo para homens?

— Não. Não pensei nisso. Mas só tem você de mulher?

— É claro que não. Tem também a Lúcia, que gosta de ser chamada de Lucão⁸! — Ele fez uma cara tão fechada que me diverti, provocando-o,

8. A personagem Lucia, Lucão é inspirada em um pessoa real que pedia para ser chamada por seu nome no superlativo, o nome foi trocado para preservá-la.

e comecei a tagarelar sobre os nomes e as atividades que cada rapaz exercia fora da faculdade.

É claro que era mentira, eu mal falava com os alunos, me concentrava ao máximo nas aulas e, nos intervalos, aproveitava para estudar. Minha única amiga ou amigo, ainda não sei como chamá-la, era o próprio Lucão, que vivia dizendo que um dia amarraria o Nando e o faria se casar à força comigo. Ela/ele (ai, que confusão!) era um barato e se tornou minha amiga de verdade.

Mais tarde naquele dia, Nando sugeriu que nós fizéssemos um programa em família, que alugássemos um filme, com direito a pipoca. Mal ele terminou de falar e o Pedro já estava escolhendo o filme. Não pude, e também não queria, dizer não. Depois da cena que ele fez mais cedo, meu coração traiçoeiro interpretou como ciúmes e resolveu se aproveitar da situação.

Permiti-me tomar um banho mais demorado, lavei os cabelos, deixando-os presos em um coque, passei hidratante por todo o corpo — um que eu ganhei do próprio Nando, que ele comprou para o Pedro me dar no Dia das Mães —, com cheirinho de morango e champanhe. Troquei o camisetão pela camisola mais transparente e menor que havia no meu armário — esse foi um presente da dona Celeste, dado quando o Nando fez aquela papagaiada de me chamar de sua mulher na frente de todos. Ah, detalhe: a lingerie era rosa e tão pequena como a camisola, e ficava bem marcada por baixo do cetim branco.

Cheguei à sala, onde pai e filho estavam em uma animada brincadeira de montar aviões (passatempo preferido dos dois), sentei inocentemente no carpete junto com eles e percebi os olhos de Nando, por alguns segundos, varrerem o meu corpo. Abafei o riso de satisfação que quis dar e, tentando me mostrar alheia, me levantei para ir preparar a pipoca, mas, na verdade, queria que ele visse a parte de trás também. Tudo isso foi ideia de minha amiga Lucão quando liguei para ela mais cedo, contando do programa da noite.

— Tente o bofe até ele ficar salivando. E depois o deixe na mão! — ela dizia.

Coloquei o filme escolhido pelo Pedro, tomando o cuidado de me abaixar sempre um pouquinho mais que o necessário, a lingerie minúscula, que eu usava pela primeira vez na vida, não podia passar despercebida.

Fingi não ter assistido umas cinquenta vezes ao filme *Shrek*, Pedro simplesmente adorava o burro falante e o mal-humorado ogro, e eu me sentia a Fiona presa em sua torre esperando pelo príncipe encantado.

Voltei a me sentar junto deles e deposei a vasilha com a pipoca sobre meu colo, obrigando Nando a se aproximar toda vez para pegar uma. Eu ficava com uma satisfação imensa por seus olhos a todo momento se demorarem um pouco mais no decote de minha camisola. Pai e filho riram muito durante todo o filme, enquanto minha mente viajava e flagrava o Nando por muitas vezes me olhando. Quando acabou o Shrek, eles começaram a assistir outro sobre aviões de guerra, e o Pedro acabou adormecendo no colo do pai que, com todo cuidado, o levou para nosso quarto e o colocou para dormir em sua caminha.

Eu fingia estar muito interessada no livro em minhas mãos quando ele retornou, dizendo que já estava na hora de ir. Balancei a cabeça concordando e já fui me levantando para me despedir dele. Ele se aproximou, me puxou para seus braços e começou a depositar uma trilha de beijos em meu pescoço e no meu rosto, estudando minha resistência. Passou para minha boca e me beijou de uma forma que nunca havia feito antes, como se estivesse faminto ou sedento.

Ele se sentou no sofá levando meu corpo colado junto ao seu. No fundo do meu cérebro, havia uma informação para eu não me entregar tão fácil, mas quando Nando sussurrou próximo ao meu ouvido estar morrendo de saudades de nós dois juntos, virei uma manteiga derretida em seus braços e mãos, que estavam por todos os lados do meu corpo, e meu cérebro se derreteu por completo com suas carícias.

Daquela vez, realmente fizemos amor. Ele me ensinou coisas que jamais pensei existir e foi a noite mais maravilhosa que tive em muito tempo. Senti-me amada, desejada e poderosa por conhecer sensações até então desconhecidas. Afastei da minha mente o ciúme e a dúvida sobre como ele teria aprendido tanta coisa e, me entreguei de bandeja, corpo e alma.

Acabamos dormindo juntinhos. Na manhã seguinte, ele ficou para o café da manhã, depois para o almoço. Aí ficou mais uma vez para o jantar e acabei sendo a sobremesa de novo. Então, quando percebi, ele não fora mais embora e estávamos morando juntos.

E foi assim que acabamos virando marido e mulher, sem nunca termos tido um pedido de namoro, noivado e, até mesmo, papel passado.

Agora vocês devem estar se perguntando como eu tive mais dois filhos e se foi programado. Não foi. Sou a pessoa mais organizada e eficaz do mundo, mas sou uma lástima em relação à minha vida pessoal. Eu simplesmente não me lembrava de tomar o anticoncepcional e quando o Pedro fez nove anos, pedindo diariamente um irmãozinho, acabei engravidando do Vítor. Como na primeira vez, Nando não me questionou, e logo providen-

ciamos um documento de união estável, para podermos dar entrada na casa em que moramos hoje, já que a família tinha aumentado.

Havia agora três homens em casa e eu queria muito uma menina, o Nando também. Assim, quando o Vitor fez quatro anos, engravidei de nossa princesinha, a Isabela.

Então, seguimos nossas vidas, trabalhando muito, criando nossos filhos e sendo muito companheiros. Toda vez que eu sonhava com um casamento de verdade, me consolava por ter uma família unida e feliz, e isso deveria bastar, é claro!



Sinto uma dor aguda no peito e meu corpo ser atravessado por choques. Finalmente consigo me mexer e aquela luz que estava tão longe de mim, de repente, fica bem próxima e já posso ir até ela.



Capítulo 6

Abro meus olhos e vejo um médico examinando-os meus olhos com um aparelhinho de onde sai uma luz muito forte. Tento identificar onde estou, ainda bastante desorientada, e parece ser um quarto de hospital.

— Ah... Graças a Deus, você acordou! — meu pai exclama e se aproxima segurando minha mão livre e depositando um beijo em minha testa.

— O que aconteceu, pai?

— Você foi atropelada, teve algumas complicações e foi sedada por alguns dias para se recuperar. Hoje retiramos sua sedação e seus familiares estavam na expectativa de quando você acordaria. — É o médico quem responde, um senhor idoso e bastante simpático.

— Há quanto tempo estou aqui, pai?

— Foram os sete dias mais longos de minha vida — meu pai responde e a informação dele me desespera.

— Você não pode se levantar. Quebrou três costelas, o punho, o quadril e ainda teve uma concussão cerebral — o médico me repreende para eu não tentar me levantar, mas, mesmo se eu quisesse, não conseguiria, imobilizada da forma que estou.

— Meus filhos... meu trabalho... sete dias! Eu não posso ficar tanto tempo parada, doutor.

— Então terá que aprender, pois eu não tenho como te dar uma previsão de alta enquanto não fecharmos seu quadro clínico.

— Se acalme, Bel. Está tudo sob controle. Seus filhos estão bem. E quanto ao seu trabalho, seu irmão já avisou a todos sobre seu afastamento.

Essa informação não me tranquiliza. Como uma mãe, dona de casa e profissional pode ficar tanto tempo afastada? Fico imaginando meus filhos magros ou com o colesterol alto de tanto comer besteira, todos sujos e desarrumados. E ainda... minha casa uma bagunça! Imagine a quantidade

de roupas para lavar e passar. Até a Poppy deve estar toda abandonada, tadinha. Ai, meu Deus... Minha promoção! Lutei tanto para virar coordenadora, e agora a vaga deve ir para o puxa-saco do Armando. Ah, Senhor, o que eu faço agora?

Adormeço incomodada com esses pensamentos, ainda sem uma solução para meus problemas, pois acho que os remédios são mais fortes que minha vontade de permanecer em alerta.

Mais tarde, acordo e reparo que estou em outro quarto, que parece menos frio e tem menos aparelhos. Uma enfermeira me explica que saí da UTI semi-intensiva e fui para a ala de internação. Ainda estou imobilizada, com o pé direito erguido junto com um peso, tem algo parecido com um colete em torno das minhas costas e um gesso em minha mão direita. Passo a mão livre em minha cabeça e noto que há uma faixa em volta dela. Sinto muitas dores ao tentar me mexer, além disso, devo estar horrorosa.

Assusto-me com um homem parado em frente a mim. Ele sorri amigavelmente e talvez até um pouco sem graça.

— Oi. — Ele tem uma voz um pouco rouca, porém grossa, parecida com de a um radialista.

— Quem é você?

— Então você não se lembra de mim? — ele pergunta, um pouco desconfiado.

— Eu deveria? Não venha me dizer que perdi a memória e não me lembro de que você é meu marido.

— Bem, não seria uma ideia totalmente ruim, apesar de seu marido, o real, estar lá fora tentando autorizar a entrada de seus filhos.

Fico um pouco sem graça por minha brincadeira, mas algo aconteceu comigo nesse período... Fiquei fora do ar e agora estou me sentindo um pouco mais à vontade comigo mesma. Porém a menção da palavra “marido” causa uma dor aguda em meu peito, só que não consigo entender a origem.

— Eu não posso demorar. Sou o Augusto, dono da autoescola, e vim me certificar de que estava tudo bem e me desculpar pessoalmente com você.

— Autoescola? E qual o motivo das desculpas?

— Então você não sabe ainda? Você foi atropelada por um de meus alunos, que estava em aula na companhia de um instrutor, mas ele não conseguiu desviar o carro a tempo.

— Entendi. Realmente, ainda não me lembro de muitas coisas, mas o importante é que nada mais grave aconteceu.

— Sim. Eu jamais me perdoaria se, por minha causa, três crianças ficassem órfãs.

— Não era você quem estava dirigindo, certo? E, além do mais, acidentes acontecem.

Percebo certo desconforto nele e resolvo adicionar que ele está perdoado.

— Olha, eu estava realmente muito preocupado, passei dias agonizantes de culpa. Agora sei que você ficará bem, mas ainda me sinto responsável e gostaria de deixar claro que todo o custo de seu tratamento será por minha conta.

— Tratamento? Não se preocupe, logo estarei na ativa novamente.

— Bem, assim espero. Fique com meu cartão e não hesite em me ligar se precisar de algo ou mesmo para passar os valores de todos os gastos.

Observo-o deixar o cartão sobre uma bancada próximo da minha cama e sinto um perfume tão bom vindo dele que fico até zozza, mas atribuo aos remédios.

— Vou torcer por sua recuperação.

— Obrigada!

Ele se despede, ainda como se quisesse falar algo, ou talvez fosse impressão minha. É um homem alto, moreno, com olhos bem escuros, e deu para perceber músculos bem definidos nos seus braços e abdômen, pela camiseta. Realmente era muito bonito e bastante diferente do Nando, com seu tom loiro. Sinto uma estranheza com meu comportamento, acho que nunca me permiti olhar para outro homem uma segunda vez.

E por falar em Nando, ele entra em seguida, acompanhado do Pedro, que vem ao meu encontro chorando copiosamente.

— Calma, meu amor. Está tudo bem!

— Mas, mãe... a senhora está toda enfaixada e não acordava! Eu tive tanto medo... — Ele tenta continuar falando e suas palavras são abafadas pelos soluços. Ele coloca a cabeça em meu colo e fica chorando baixinho, segurando minha mão. Sinto-me despedaçada pelo sofrimento que causei nele, mas, ao mesmo tempo, aliviada por estar viva e por meus filhos não perderem a mãe; só eu sei o quanto essa perda significa na vida de uma criança.

Nando se aproxima devagar, um pouco cauteloso e com um olhar que não consigo decifrar, parece constrangido, preocupado, não sei explicar. Ele

se abaixa e dá um beijo terno em minha testa, causando um nó em meu estômago, mas bem diferente do que eu costumava sentir com um simples toque dele.

Nando foi meu primeiro e único companheiro. Nosso relacionamento, ao longo dos dezoito anos que passamos juntos, apesar das lacunas, sempre foi muito bom, mesmo eu não conhecendo outros homens. Nós sempre funcionamos muito bem juntos, o encaixe sempre foi perfeito, como se meu corpo pequeno tivesse sido feito sob medida para o dele. Mas, naquele momento, um incômodo me acometeu e, ao olhar para ele ali, com os olhos fugindo dos meus, a constatação esmagadora que tive foi de que eu sempre o amei mais do que ele a mim. Penso que, se fosse o contrário, eu estaria ajoelhada, neste momento, agradecendo por ele estar vivo.

— A Isa e o Vitor não tiveram autorização para entrar, eles precisarão passar pela psicóloga antes de te verem nesse estado. São as normas do hospital. — Sua voz forte me tira de meus devaneios.

— Como eles estão? — Sinto um aperto no peito maior ainda ao pensar em meus filhos menores e até me sinto um pouco culpada por fazê-los passar por tanto medo.

— Não se preocupe, Bel. Está tudo bem. Fizemos um revezamento entre ficar aqui no hospital e cuidar das crianças. Sua irmã e seu pai me ajudaram bastante. Apesar de nada ficar perfeito como você cuida, conseguimos nos virar.

As palavras de Nando me trazem aflição em vez de conforto. Parece que sou substituível e me sinto meio desamparada.

Pedro, já recuperado, começa a me contar todas as “artes” de seus irmãos mais novos. Mesmo com seus dezoito anos, às vezes ele age como um menininho perto dos menores.

— Mãe, volta logo, porque tudo na nossa vida tá uma loucura! Eu não acho mais nada em casa, e a tia Malu inventou de cozinhar e nos obriga a comer os experimentos dela.

— Pedro?! Não preocupe sua mãe com essas coisas. Ela precisa descansar para se recuperar.

— Mas, pai, e aquele outro assunto? — Pedro pergunta e é interrompido pelo Nando, um pouco ríspido.

— Já disse que ela precisa descansar!

— Que assunto? — pergunto por achar que estão escondendo algo de mim.

— Nada. Só o Pedro que quer te aborrecer com problemas. Pode deixar que eu já estou resolvendo.

Decido não questionar mais, mesmo porque um técnico entra no quarto, alegando que vai realizar um exame em mim e educadamente expulsa os dois. Antes de ir, Nando me entrega uma cartinha do Vitor, na qual ele dizia estar com saudades e que iria se comportar pelo resto da vida, se eu voltasse logo para casa. E também um desenho lindo, feito por minha Isa, da nossa família dentro de um coração comigo bem no meio, segurando uma flor, o pai e os irmãos ao lado, e desenhou até mesmo nossa cachorrinha. Fico muito emocionada com os gestos de meus filhos, meu peito chega a doer de tanta saudade.

Nando e Pedro se despedem de mim com um beijo em minha testa e partem dizendo que voltarão no dia seguinte. Enquanto vejo Nando sair, sinto uma estranheza grande, como se algo tivesse quebrado e não pudesse ser consertado.

Mais tarde, nesse mesmo dia, recebo a visita de meus irmãos João e Kaká, meu pai também volta. À noite é a vez de minha irmã maluquinha, e pela primeira vez na vida eu a vejo chorar igual a um bebezinho.

— Eu cheguei à sua casa e você estava estirada no chão, e não acordava!

— Você me viu antes de eu ser socorrida?

— Sim! Uma vizinha me ligou e eu fui correndo. O socorro demorou uns quarenta minutos para chegar, e ninguém conseguia controlar o Nando, que estava fora de si. Nunca o vi daquele jeito.

— O Nando estava lá? Não consigo me lembrar do que aconteceu naquela manhã.

— Sim, estava. A rua toda acabou vendo. O barulho foi muito grande! Então ligaram para o resgate, que demorou. O Nando queria te colocar em um carro para ser levada, ele parecia outra pessoa, mesmo com todo o treinamento que teve.

— Coitado... Nessas horas, Malu, nós até nos esquecemos de quem somos. Lembro-me do acidente de carro de nossa mãe. Eu não conseguia sair do lugar.

— Eu achei que te perderia também. Nunca senti tanto medo na minha vida! — Minha irmã me abraça e volta a chorar. Imagino o que ela está sentindo, pois a lembrança de perder alguém importante para nós ainda é latente.

— Sabe... até estou simpatizando mais com o Nando agora. Você precisa ver, ele tá cuidando da casa, das crianças... Quando chego para ajudar,

está tudo organizado, só não conseguimos ainda cozinhar como você, mas está tudo caminhando bem.

Essa informação me deixa um pouco confusa. Não sei se fico alegre ou triste, é estranho... me sinto descartável.

— E sem contar que ele arrebentou com o cara que te atropelou, tive até dó do rapaz.

— O Nando? Tem certeza?

— Sim! Porque o cara disse que a culpa tinha sido sua, que atravessou sem olhar para a rua, ele mal terminou a frase e Nando o derrubou no chão, com um soco. Foi a maior confusão! Até chamaram o bonitão dono da autoescola, que acabou resolvendo tudo muito rápido.

— Realmente... isso é novidade pra mim. Nando é sempre tão calmo, com aquela pose de militar.

— E por falar nele, preciso ir cuidar de seus filhos. Ele trocou alguns plantões e quase não está dormindo. Juro, mana, que nunca mais falo mal dele.

Um sorriso bobo surge em meu rosto. Não consigo me lembrar de único dia em minha vida que eu não o tenha amado, desde a primeira vez que o vi sentado no fundo da sala de aula, quando ainda éramos dois adolescentes. Tanta coisa aconteceu nesse tempo, mas sempre continuamos juntos. E eu vivo fazendo um verdadeiro malabarismo para ser uma esposa atenciosa, porque a rotina é massacrante, e é ainda pior para nós, mulheres, por causa das tantas responsabilidades que assumimos.

Faço uma nota mental para, quando eu me recuperar, realizarmos uma viagem e tentarmos reatar a harmonia em nossa relação. Nunca fizemos uma viagem grande por não conseguirmos conciliar as nossas férias e as das crianças. Quando conseguíamos fazer algo juntos, terminava sendo um final de semana e acabávamos, no máximo, indo visitar a dona Celeste em águas de Lindóia. Viagem de lua de mel então... menos ainda.

Desde que nos acertamos, acho que há uns quatorze anos, seguimos nossas vidas trabalhando muito para conseguir conquistar nossa estabilidade financeira, quitar nossos dois carros e o sobrado espaçoso em que moramos, além de suprir a grande demanda que três filhos requerem. Agora percebo que nunca tivemos um momento só para nós dois e o quanto isso seria importante para nosso relacionamento. Até na cama, onde sempre nos entendemos mais do que bem, de uns tempos para cá se tornou raro conseguirmos, pelo menos, fechar a porta do quarto.

Às vezes penso que somos como o sol e a lua. Nando trabalha durante a noite, e eu, durante o dia. Quando chegam as nossas folgas, há sempre algum evento ou um filho doente, ou ele tem que socorrer os pais. Já tem tanto tempo que não fazemos amor, que estou começando a ter medo de o Nando arrumar outra por aí. Só de pensar nisso, sinto um calafrio por todo meu corpo, que não passa até eu receber alta no hospital.

Fico internada por angustiantes quatorze dias, sendo vasculhada, radiografada e imobilizada. A saudade de meus filhos e meu lar chega a me corroer. Devido às fraturas no quadril, costelas e punho direito, eu terei que ficar de molho por mais alguns dias em casa. Meu quadril foi operado, colocaram uma haste, e segundo os médicos ele estará melhor em alguns dias, pois a ruptura não ocorreu em um local que dificulta meus movimentos.

Apesar de eu ficar imóvel durante esses dias, como nunca me permiti na vida, minha cabeça trabalha a mil por hora. Tenho a constatação de que cheguei muito próximo da morte e de que não aproveitei quase nada da vida. Repenso todas as minhas atitudes e prioridades, e decido mudar totalmente quando me recuperar. Darei mais valor aos meus desejos e, ainda, me colocarei em primeiro lugar, pois até hoje vivi às sombras dos desejos dos outros. Vou dar mais qualidade de vida aos meus filhos e também cobrarei ao Nando que passemos mais tempo em família, além de fazermos a viagem da lua de mel que nunca tivemos. Posso até me imaginar em alguma praia paradisíaca do Nordeste, com ele ao meu lado e sem preocupação de horário ou obrigações. Nossa! Como faz tempo que não sinto a areia sob os meus pés, o cheiro do mar, os raios de sol aquecendo a minha pele... Até minha cor morena está desbotada.

Outro fato que percebo nesses dias é o quanto sou querida. Há um desfile de pessoas em meu quarto para me visitar. Meus irmãos, meus sobrinhos, minhas cunhadas, a dona Celeste, que vem de sua cidade para me ver! Descubro que ela realmente gosta de mim, está superafrita com a possibilidade de perder a sua nora predileta (apesar de eu ser a única), mas ela diz que nunca na vida seu filho arrumaria uma mulher especial e batalhadora como eu. Fico emocionada com suas palavras, e até mesmo um pouco convencida.

Meu pai e meu filho Pedro estão se desentendendo, pois ambos querem montar acampamento no hospital. Até “dois ou um” eles tiram para ver quem dormirá comigo. Eu nem questiono, não gosto de ficar sozinha e adoro a companhia deles.

Por incrível que pareça, quem menos vem me visitar são meu marido e minha irmã. Ambos estão se revezando entre o trabalho e cuidar dos meus filhos.

Minha amiga Lucão, que eu já não via pessoalmente há algum tempo, também vem ao hospital e dá de cara com aquele rapaz, o Augusto, dono da autoescola, que veio me visitar pelo menos mais duas vezes, ainda acometido pela culpa devido ao meu estado.

Até ela nota o charme do rapaz.

— Caramba, Bel! Até eu, que não gosto da fruta, não consegui parar de olhar para as covinhas que se formam com o sorriso dele.

— Verdade? Nem reparei.

— Então repare, amiga! Burro amarrado também pasta, além do que, o seu anda precisando sair daquele pedestal que você o colocou.

— Você nunca vai parar de implicar com o Nando?

— Vou. Quando você for a prioridade da vida dele.

Realmente, minha amiga tem razão, ou melhor, acho que tem. Será que esse período em que fiquei parada me fez rever até mesmo meu relacionamento? Evito pensar nisso, pois tive alta e irei, enfim, para minha casa.

O Nando chega para me buscar. Está bastante aliviado e cuidadoso. Eu não vejo a hora de reencontrar meus pequenos. Até da minha cachorrinha eu estou com saudades.

A Isa e o Vitor tiveram autorização para me visitar uma única vez no hospital, mas não foi suficiente para matar nossa saudade. Quando entro na sala de casa, quase sou derrubada por eles, que correm para me abraçar. Choramos juntos de alegria, alívio e também de emoção. O Vitor parece haver esticado mais um pouco e a Isa também. Sou depositada com cuidado no sofá — é capaz de eu me acostumar com tantos chamegos —, nunca fui tão bem tratada em minha vida.

Começa uma disputa entre meus três filhos por minha atenção. E com a maior paciência, escuto todas as suas histórias, vejo seus desenhos e lições de casa. Finalmente eu estou onde deveria. Meu lugar é aqui, junto de minha família. Nando nos observa com um meio-sorriso no rosto, o que completa meu quadro de felicidade.

Por incrível que pareça, está tudo organizado e limpo e, ao contrário do que eu imaginava, meus filhos estão muito bem cuidados. O difícil é ser dependente dos outros. Com o gesso na mão direita, é uma luta para eu conseguir comer com a esquerda, o colete da coluna é quente demais e,

devido à cirurgia do quadril, eu ainda estou com os movimentos limitados. Nando pegou três dias de folga e está cuidando de tudo com eficiência. Nunca vi as crianças tão obedientes. Eu me aproveito um pouquinho da situação e o deixo mimar a mim também.

As visitas diminuem e posso descansar. Assistimos a filmes juntos, leio um livro inteirinho pela primeira vez na vida e até brincamos com jogos de tabuleiro. É revigorante passar esse tempo com eles, e daqui em diante faremos mais programas assim.

O final de semana passa e a rotina volta ao normal. Nando leva as crianças à escola e eu continuo de molho em casa. Como ele trabalhará somente à noite, eu ainda o terei por aqui para me ajudar. Antes de ele sair, sou acomodada no sofá com tudo ao meu dispor, próximo a mim; estou me sentindo uma rainha.

Para variar, Nando esquece o celular, que começa a tocar incessantemente. Mas ele está distante de mim, e ainda é uma luta para eu me levantar sozinha. Consigo me arrastar até ele. Quando o pego, vejo que há um número desconhecido chamando, mas a pessoa desliga assim que eu atendo. Ao ver o celular piscando em minha mão, uma lembrança surge em minha mente.

Uma mensagem!

Será que é algo de minha imaginação?

Mas, de repente, as lembranças daquela fatídica manhã vão surgindo como uma enxurrada de informações... Nando, a vizinha, o frio na alma que senti e, em seguida, o ódio. Até a dor, ao ser lançada para o alto, sinto percorrer por todo meu corpo.

Escuto o barulho da fechadura. Estou paralisada. Tentando respirar e ter alguma reação. Os segundos se tornam eternos enquanto observo a porta se abrir.

Capítulo 7

Nando abre a porta e os segundos parecem congelar, não consigo me mover ou esboçar uma única reação.

— Bel? O que está fazendo em pé?

Há um turbilhão em minha cabeça, mil pensamentos passando depressa, como em um filme que foi avançado. Tudo está desconexo. Fico olhando para ele sem conseguir emitir uma única palavra.

— Você está bem? Precisa de algo? — Nando insiste em perguntar, me olhando com ar de preocupação.

— Seu celular estava tocando — consigo responder, automaticamente.

— Meu celular? — Ele tira o celular do bolso de trás e o verifica para saber se há alguma chamada perdida.

— Não estava, não.

Fico olhando para o aparelho em minha mão sem entender nada.

— Ah... Você estava se referindo a esse? — Devagar, ele tira o telefone da minha mão e o coloca sobre a bancada. — Eu o dei ao Pedro.

— Desde quando?

— Dias, semanas atrás... não me lembro. Por quê?

— Semanas? Quantas?

— Não sei. Mas... que importância tem isso? Ele queria ficar com meu aparelho, alegando que era melhor que o dele, então trocamos.

Uma esperança surge no emaranhado que estão os meus sentimentos. Será que as mensagens não eram para o Nando? Será que eles já tinham trocado de aparelho quando a lambisgoia mandou aquela mensagem?

— Bel, você está passando mal? Está com uma cara tão estranha... Venha, eu vou te ajudar a se sentar.

Milhares de perguntas e dúvidas continuam pairando sobre a minha cabeça, me deixando confusa. Sem reação, eu me deixo conduzir até o sofá.

— Bel, eu sei que prometi cuidar de você hoje, mas recebi uma ligação da base aérea e terei que ir embora mais cedo.

Continuo muda, ele acrescenta:

— Desculpe. Não quero que fique chateada, mas, como peguei folgas para cuidar de você, agora tenho que pagar as horas, não posso nem reclamar. Você será bem-cuidada, já liguei para sua irmã, que está a caminho.

Nando deposita um beijo em minha testa, partindo para se arrumar. Essa mania dele de beijar minha testa tem me irritado profundamente. Ele faz a mesma coisa com as crianças, mas eles são seus filhos, eu, sua mulher!

Faz tanto tempo que não sou beijada que ando até carente. E não tem nada a ver com o acidente, porque essa situação já vem se arrastando há meses, ou anos; só agora percebo que nosso relacionamento faliu. Como deixamos as coisas chegarem a esse ponto? Parecemos dois irmãos vivendo sob o mesmo teto. Onde eu errei? Ou será que a culpa não é só minha? Quer dizer, por que nós, as mulheres, nos culpamos por tudo?

Se o Nando anda me traindo, é porque não tem caráter. A mensagem pode não ter sido enviada para ele, mas isso não muda o fato de eu tê-lo visto entrar na casa da vizinha pela pontinha dos pés, certo?

Agora, pensando bem, e com a raiva me consumindo, percebo que vivo esperando as migalhas dele. Nunca exigi nem pedi nada! E, para falar a verdade, acredito que ele esteja comigo pela comodidade e pelos filhos. Mulher precisa ser cuidada e amada, e eu nunca ouvi nem um “*eu te amo*” vindo dele.

Mas é lógico... Que homem daria valor a uma mulher que vive rastejando aos seus pés, esperando, aceitando, se conformando?

Estou com o olhar perdido em devaneios quando ele aparece, pronto para ir trabalhar, em minha frente, lindo como sempre, mas, pela primeira vez na vida, ao olhá-lo, sinto um vazio enorme, nem raiva estou sentindo nesse momento.

— Bel, você precisa de algo antes que eu saia?

A única coisa que quero fazer é organizar meus pensamentos, mas antes disso eu preciso de respostas.

— Por que você está comigo?

— Oi?

— Por que você está comigo? — respondo, pausadamente, repetindo a pergunta.

— Agora? Não estou entendendo a sua pergunta? Você está bem?

— Eu estou ótima! Pare de ficar perguntando isso a cada cinco minutos e me responda por que você está comigo, junto, como meu marido, casado, ou qualquer outra coisa que nós sejamos.

— Você é a mãe de meus filhos!

— É só isso o que sou para você?

— Claro que não. Você é minha esposa, a mãe de meus filhos, isso basta.

— Eu sou realmente a sua esposa, Nando? A mulher que você teria escolhido para passar o resto da vida junto?

— Olha, Bel, eu preciso mesmo ir. Apenas descanse, os remédios devem estar deixando você confusa. E nada de ficar com caraminholas na cabeça.

Nando, mais uma vez, beija minha testa e sai. Um tremor grande sobe por minha espinha, mas agora é de raiva, por mais um beijinho na testa e por sua declaração. *“Você é a mãe de meus filhos! Você é a mãe dos meus filhos.”*, fico repetindo essa frase em busca de uma razão em suas palavras, que não vem, pelo contrário, fico me sentindo em ebulição e uma tristeza enorme vai tomando conta de mim.

Não sei se sou ingrata por querer mais dele, aliás, nem sei se quero mais. Acho que a traição agora é o que menos dói, o que está me matando é a sensação da descoberta de eu nunca ter sido mais que sua companheira de quarto e mãe de seus filhos.

Ter chegado tão próximo da morte realmente me fez avaliar o que fiz da minha vida, dos meus sonhos e dos meus desejos. Em que momento eu os engavetei e passei a ser mera espectadora de minha própria vida?

Malu chega quando ainda estou tentando organizar meus pensamentos.

— Oi, mana. Olha só quem eu achei perdido lá fora.

Augusto entra um pouco envergonhado, segurando um vaso lindo, com uma orquídea branca cujas pontas são lilases, que Malu já arranca de suas mãos e entrega a mim. Ele parece ser tímido — ou talvez apenas a expansividade de minha irmã deixe as pessoas dessa forma.

— Olha, mana, que gentil da parte dele. Veio visitá-la e ainda trouxe flores. Vou deixá-la em algum lugar bem visível.

— Oi — Augusto me diz, bem baixinho.

— Oi. Obrigada, a flor é linda!

— Bel, é a primeira vez que você ganha flor, não é? — Malu sabe ser bem inconveniente às vezes.

— Uhum... — respondo, um pouco sem graça, e, pior ainda, me sinto mal com o olhar de piedade que recebo dos dois.

Qual esposa nunca ganhou uma única flor de seu marido? Busco em minha memória e não consigo me lembrar de uma única vez que tenhamos tido um jantar a dois ou qualquer encontro romântico. Outras lembranças me vêm, as angústias precedentes ao dia dos namorados, eu sempre esperando por um presente ou um telefonema do Nando, o que algumas vezes acontecia e outras não. Eu nunca sabia o que esperar.

Tenho uma caixa escondida com diversos aviõezinhos comprados para ele, mas não foram entregues por eu não saber qual era o status de nosso relacionamento. Quando chegavam as datas comemorativas, eu via os casais fazendo programações juntos e mantinha a esperança de algum dia receber o mesmo tipo de atenção, porém, como nunca fomos oficialmente namorados, passei a fingir, e muito bem, que não ligava para essas coisas. Não estou dizendo que jamais recebi presentes dele, Nando sempre foi muito prático. Depois de errar várias vezes o tamanho de minhas roupas e sapatos, ele passou a me levar às lojas para eu mesma escolher algo, assim não precisaria ser trocado. Só agora percebo o quanto isso me fez falta, me sentir especial e amada ao menos uma vez por ano.

A voz de Malu invade o ambiente, e vejo que o Augusto está quieto, sentado, me observando. Fico muito envergonhada pela intensidade de seu olhar sobre mim, principalmente por eu estar um caco — e não vou nem mencionar o emaranhado que devem estar meus cabelos.

— Você acredita, Bel, que nosso amigo aqui estava preso nas garras dessas vizinhas vagabas aí da frente? Coitado, tive que resgatá-lo, antes que elas conseguissem arrastá-lo para o covil delas.

A menção àquelas duas faz um tremor passar por meu corpo e uma raiva repentina subir por minha espinha.

Augusto continua quieto, mas quem consegue falar com a minha irmã por perto? E Malu segue falando, alheia ao meu mal-estar:

— E você não sabe da maior... A mãe estava toda orgulhosa contando para o Augusto que a filha, a tal miss, está grávida. E que estão forçando o pai a assumir o filho!

Meu chão parece desabar com essa informação e o choro que segurei por todo esse tempo sai de uma vez, fazendo com que tremores sacudam o meu corpo. Minha irmã e o Augusto vêm me ajudar, porém sem saber como ou o que está acontecendo comigo. Ambos tentam me consolar, mas, quanto mais tento controlar o desespero que tomou conta de mim, mais as lágrimas desabam por meu rosto.

Malu me dá um chá e, aos poucos, vou cessando o choro, porém não consigo falar o que aconteceu comigo.

— Bel, seus filhos já estão quase chegando. Eu sei que deve ter algo acontecendo com você, mas não será bom para eles ver a mãe nesse estado.

— Ela precisa colocar para fora o que a está afligindo. E desculpe por eu me intrometer, mas os filhos precisam entender que a mãe deles é um ser humano.

Olho agradecida para Augusto, por ele entender o que está acontecendo sem nem ao menos me conhecer. Mesmo que eu quisesse, não conseguiria colocar um sorriso forçado no rosto. Eu preciso tirar essa história a limpo, antes que a dúvida me corroa. Será que esse filho pode ser do Nando? Depois que tive a Isa, coloquei um DIU, pois ele disse que não queria ter mais filhos, alegando que queria dar qualidade de vida para nossos três. Como ele pôde engravidar uma qualquer? Esse pensamento faz com que eu volte a chorar compulsivamente.

Quando volto a me acalmar, percebo que Malu já saiu para buscar as crianças. Ainda estou sendo consolada pelo Augusto, que segura minha mão livre e faz círculos com a ponta de seus dedos no dorso, suavemente.

— Olha, Isabel, eu sei que não tenho nada a ver com a sua vida e sou praticamente o responsável por você estar nessas condições, mas não permita ser colocada em segundo plano. Todos têm que aceitar que, às vezes, somos vulneráveis.

— Obrigada. Eu realmente sempre fui o elo mais forte e centrado da família, por isso é difícil estar tão vulnerável. Tem tanta coisa acontecendo, está fugindo do meu controle.

— Então dê um tempo a si mesma, se recupere física e emocionalmente.

As palavras dele me acalmam um pouco, o suficiente para eu pensar com mais clareza sobre o que devo fazer a partir de agora.

Escutamos o barulho das crianças chegando e ele se despede de mim.

— Eu preciso ir, mas vou preocupado com você. Não nos conhecemos muito bem, mas sinto que temos uma ligação, então não hesite em me ligar se precisar de um ombro amigo. Ok?

Balanço a cabeça concordando e ele deposita um beijo no dorso de minha mão, soltando-a bem no momento em que minhas duas crianças abrem a porta e pulam em cima de mim.

— Augusto, obrigada por ter feito companhia a ela.

Escuto Malu perguntar baixinho a ele se eu estou mais calma e ambos conversam por mais alguns minutos, porém não consigo entender o que falam. Fico observando quando o Augusto sai rindo de alguma coisa que minha irmã falou.

— Meninos, cuidado com sua mãe! — Malu volta com um sorriso divertido no rosto.

Meus filhos estão ansiosos e ficam tagarelando, sentados ao meu lado, disputando minha atenção.

— Mana, você é uma super-heroína, viu? Não sei como dá conta de tantas coisas. Sem contar esses dois, que brigam o tempo todo.

Fico entretida com eles por muito tempo. Um pouco depois, o Pedro chega resmungando que não aguenta mais andar de transporte público. Até que meu pai chega trazendo o jantar para todos nós, nos ajuda a cuidar das crianças e me ampara para todos os lados, pois ainda tenho dificuldades para me locomover.

A noite chega implacável...

Quando estou sozinha em meu quarto, a vida passa como um filme em minha cabeça. A traição do Nando com uma menina que tem idade para ser sua filha, a possível gravidez, tudo o que passei, os sonhos não realizados, a espera constante, as várias noites que passei sozinha, a correria do dia a dia, todas as lutas que travei — muitas delas sozinha — para dar conta de tudo, desde cuidar de minha irmã mais nova até criar três filhos. Tenho trinta e cinco anos e não sei o que é viver um único dia sem a mínima responsabilidade ou ser amada, e não me refiro ao amor de filhos ou da família.

A angústia não me permite pregar os olhos e eu tomo uma decisão que espero ser forte o suficiente para aguentar.

Nando chega ao amanhecer.

— O que você faz acordada tão cedo? Está tudo bem?

— Estava te esperando.

— Me esperando? O que pode ser tão urgente para fazer você acordar às seis da manhã?

— Eu não dormi.

— Você está com dor? O gesso está te incomodando? Teremos que voltar ao médico então.

— Não é nada disso. Eu só queria uma resposta.

— Só isso? Por que não me mandou uma mensagem? Então poderia dormir.

— Eu queria olhar nos seus olhos enquanto você me diz por que está comigo?

— De novo com isso, Bel? Olha, eu trabalhei por quase 18 horas, estou muito cansado, e você também. Vamos descansar, depois conversaremos.

— Chega de depois, Nando. Eu quero saber AGORA!

— Eu acho que já respondi. Você é a mãe dos meus filhos, minha esposa.

— Que eu sou a mãe dos seus filhos você não me deixa esquecer, mas eu sou realmente sua esposa? Tem certeza? Como você preenche os formulários quando te perguntam qual é o seu estado civil?

— Casado, ora!

— Então me mostre um documento.

— Tem aquele de união estável, esqueceu?

— Não esqueci. E somente fizemos aquilo para comprar a nossa casa. O que estou tentando te dizer é que, toda vez que me perguntam qual é o meu estado civil, eu não sei o que responder. Não quero mais isso. Nem aliança nós usamos!

— Se for esse o seu problema, resolver será simples... coloque casada e pronto. E aproveite que está em casa esses dias e compre um par de alianças pela internet!

Não sei o que toma conta de mim, mas o que Nando disse me fez perder o equilíbrio de vez. Arremesso o controle remoto, que estava próximo, contra ele e o atinjo em cheio na cabeça.

— Você está louca? Será que os remédios estão mexendo com seu bom senso também?

— Eu estou ótima. E não tem nada a ver com os remédios, tem a ver “com nós dois”. Cansei! Eu quero mais que isso. Eu mereço!

— Ah, mulheres... são todas iguais. Sempre com essa história de mais. E quer saber mesmo o motivo de eu tê-la escolhido?

Agora consegui que ele me desse atenção, suas veias do pescoço estão saltando de nervosismo enquanto fala em um tom mais alto que o seu comum.

— Você era a única diferente! Nunca pedia nada ou me cobrava, era sempre receptiva, paciente e amável...

— Então, se foi só esse o motivo, acabou! Porque aquela Isabel morreu no acidente!

— Bel, descanse um pouco. Você passou por muitas coisas, quando melhorar, nós conversamos. Quem sabe tudo volta a ser como antes.

— Eu já disse que não quero descansar. Só não quero mais! E não vou voltar a ser seu capacho.

— O que você não quer mais?

— Nós dois juntos!

— E eu posso saber o motivo? Porque, se você quiser, nós vamos ao cartório e oficializamos nossa união. Tá bom assim?

— Não!

— Não? O que você quer então? Festa, bombons, flores? A esta altura do nosso relacionamento, depois de dezoito anos juntos?

— Isso é pouco importante agora. Eu vi, Nando! Eu o vi junto com aquela desclassificada da miss bumbum!

Seu semblante assume um ar de espanto e depois fica pálido, percebo várias emoções passarem por seu rosto com minha revelação. Ele pensa, calculadamente, o que vai dizer, mas acaba optando pelo padrão masculino: negar!

— Não é nada do que você está pensando.

— Não? Então me explique!

— Bel, é um assunto complicado. Ainda estou resolvendo umas questões!

— Como a gravidez dela, por exemplo? — Ele volta a me olhar, espantado.

— Então você já sabe? Por favor, não tire conclusões precipitadas! Pense nas crianças!

— No momento, estou pensando em mim. E chega, vá embora! Eu quero a separação, ou sei lá como se chama em se tratando de um relacionamento estável.

— Você não está pensando com clareza. Vou descansar e, quando acordar, espero que já esteja em seu juízo perfeito. — Ele se vira de costas para mim, ignorando o que eu acabei de falar. Então me descontrolo de vez.

Tudo o que está ao meu alcance vou atirando na direção dele: almoçadas, controles, celular, livros. Ele fica me olhando, incrédulo com minha reação, desviando-se dos objetos atirados, enquanto eu grito para ele sumir. Estou um verdadeiro bagaço, chorando descontrolada. Nando se aproxima tentando me segurar e eu não deixo. Finalmente ele parece entender que nosso relacionamento acabou.

— Tudo bem, Bel. Se é isso o que você quer, eu vou embora por um tempo, até poder te explicar o que está acontecendo de fato.

— Não faz diferença, não sou nada para você! Nunca fui!

— Isso não é verdade!

— Só vá embora!

E ele foi...



Capítulo 8

Ele foi... chamar meu pai. Vê se pode!
Disse que eu estava transtornada e que devia estar confusa por causa dos remédios. E com isso conseguiu me deixar ainda mais irritada.

As crianças estavam um pouco assustadas, talvez por terem ouvido a nossa discussão. Prometi que não me descontrolaria mais com eles por perto. Em uma coisa a Malu tinha razão, não é saudável para as crianças verem seus pais discutindo. Por muitas vezes, acatei o que o Nando dizia ou queria para não haver brigas, mas agora, que a situação está insustentável, me posicionarei, todavia sem perder as estribeiras. Como farei isso, eu ainda não sei, já que ando com os nervos à flor da pele, porém terei que encontrar uma forma mais civilizada de resolver as coisas.

Estou realmente achando que aquela velha Izabel morreu no acidente, não me sinto mais a mesma pessoa, nunca me senti tão determinada na vida.

Quando o Sargento chegou para apagar o fogo, eu já me encontrava mais calma, ainda assim, não queria ver o Nando nem pintado de ouro. Estava me sentindo humilhada, triste e muito magoada.

— Bel... O que está acontecendo com você, minha filha? — meu pai pergunta, cautelosamente.

— Não está acontecendo nada, pai. Aliás, nunca estive tão bem!

— Mas o Nando me chamou dizendo que você quer a separação.

— É, eu quero.

— Você sabe o que é uma separação, filha? Eu já passei por três divórcios e posso dizer que é muito ruim, ainda que eu não tenha tido filhos com minhas ex-mulheres.

— Eu aguento. Dou um jeito. Não vou continuar em um relacionamento falido.

— Ele disse que você está tendo uma crise existencial. Não é melhor você se recuperar primeiro e depois tomar uma atitude mais consciente?

— Pai, eu já te disse que estou em meu juízo perfeito! E não vou deixar nada para depois.

— Filha, pense com carinho, pense nas crianças. Logo você, que sempre foi tão responsável. Tomar uma atitude com os ânimos exaltados não combina com a sua personalidade.

— No momento estou pensando em mim!

— O que está acontecendo, filha? Qual o motivo disso tudo?

Fico com vergonha de falar para o meu pai sobre a traição de meu marido, se é que posso chamá-lo assim. Seria difícil admitir tamanha humilhação aos outros, ainda mais por se tratar de uma garota que tem idade para ser filha dele. Ela deve ter uns vinte anos, no máximo. Lembro-me dela, no início da adolescência, jogando vôlei com o Pedro na rua, sempre se exibindo com um short minúsculo. Nunca fui com a cara dela ou de sua mãe, que parece rifar a filha em troca de uma vida boa. Com muita vergonha, resolvo contar parte dos motivos.

— Ele não me ama, pai, nunca amou. Só está comigo por causa dos filhos. Eu mereço mais. Eu quero mais!

— Isso não tem fundamento, Bel, nenhum homem fica com quem não quer. Filho não prende ninguém!

— Pois ao Nando prendeu! Então agora ele está livre para construir outras famílias por aí.

— Filha, preste atenção, eu sou homem e sei o que estou falando. Se seu marido não quisesse ter um relacionamento com você, ele não teria. E quanto ao amor, é algo que vem com o tempo, é construído no dia a dia, e vocês já estão juntos há dezoito anos.

— Ele nem é meu marido, pai. Nem casados somos.

— Bel, o que é um papel perto do que vocês construíram? Olhe ao redor, veja tudo o que conquistaram juntos, a família linda! Quer estragar tudo por um capricho?

— Não é capricho. Eu mereço ser amada. Eu via o jeito que o senhor olhava para a mamãe, como se não existisse mais ninguém no mundo. Eu quero isso! Eu preciso disso, saber o que é ser prioridade na vida de alguém.

— Já vi que você não vai mudar de ideia. O que me consola é saber o quanto você é forte, vai aguentar a devastação de uma separação.

As palavras de meu pai ficam martelando o dia todo em minha cabeça. Será que eu serei forte o suficiente para viver sem o Nando? Porém, toda vez que me lembro da declaração de que ele ficou comigo por eu nunca ter cobrado nada, minha raiva se renova e eu sigo firme em minha decisão.

Nesse mesmo dia, após ouvir do meu pai que a separação é concreta, Nando mandou um recado pela Malu, avisando que fará um curso na base aérea de Guaratinguetá durante sete dias, o que me dará tempo para colocar as ideias no lugar. Disse ainda que não aceitou fazer o curso antes, porque estava preocupado com meu estado, mas, já que as coisas estão difíceis em casa, me dará esse tempo para pensar.

Até a Malu, que sempre foi a primeira a criticar as atitudes do cunhado, pede para eu ponderar minhas decisões. Ela não entende os meus motivos e diz ter a impressão de que eu estou escondendo alguma coisa dela.

Meu irmão Kaká também foi recrutado para conversar comigo. Ele vem com uma historinha de que a mulher sábia edifica seu lar. Quase pulo em seu pescoço de tanto nervosismo. É o que tenho feito a minha vida toda, me resignar, e quando digo isso a ele, Kaká concorda que um casamento sem amor é como nadar contra a correnteza. Ele diz que o amor precisa ser renovado todos os dias e a esposa se sentir protegida e amada, pois as responsabilidades são dos dois, e a mulher não pode carregar todo o fardo sozinha.

Segundo ele, há tempos queria pedir ao Nando que oficializasse nossa união, mas o sentia como um passageiro procurando por seu destino. Não tenho coragem de contar a Kaká também, pois é vergonhoso demais. Penso em suas palavras tão sábias por horas.

As crianças ficam perguntando pelo pai e estão extremamente chorosas, desobedientes e briguentas. Nem o Pedro, sempre tão compreensível, para de resmungar e questionar quando o pai voltará de viagem ou quando tirarei o gesso, e também quando começarei a andar sem a muleta.

Já eu, estou pensando em uma forma de conversar com meus filhos. Como devo explicar sobre a separação às crianças e a um adolescente? Aliás, adulto, pois o Pedro já completou dezoito anos, não é mais um moleque. Ao menos ele entenderá.

Resolvo conversar primeiro com meu filho mais velho e, quem sabe, contar com sua ajuda para lidar com o Vitor e a Isa.

Minha amiga Lucão vem me visitar uma tarde dessas, após o serviço. Para ela, tenho coragem de contar tudo. Ela me ouve pacientemente e ainda me ajuda bastante com seu ombro amigo.

— Bel, eu já passei por uma separação e foi muito doloroso, porém libertador. Se você não está feliz, nem vou falar quanto à traição, porque nenhum homem presta mesmo, não há por que viver em uma relação em que só há entrega de um dos lados.

— Então você me entende. Eu já estava me sentindo mal, me achando uma maluca e até mesmo egoísta com meus filhos, por privá-los da convivência com o pai.

— É normal você se sentir dessa forma. Quantas mulheres você acha que vivem por aí, em casamentos de fachada, por causa dos filhos, mas completamente infelizes e com o coração cheio de mágoas?

— Justamente a mágoa que está me corroendo. Não quero isso para mim.

— Isso não é saudável nem para você nem para sua família. Quando tudo isso passar, e passará, você terá de perdoá-lo. Não quero dizer voltar pra ele, veja bem, só estou tentando dizer que essa mágoa toda não pode ser carregada em seu coração para o resto da vida, para não virar doença.

— Obrigada, Lu, por sempre ter uma palavrinha de apoio.

— Que é isso? “Tamo junto”! E lembre-se, Deus te fez mulher, não formiga, para aceitar migalhas.

Só ela própria para me fazer sentir melhor. Ainda ficamos conversando por um bom tempo. Então ela partiu dizendo que nosso papo estava muito mulherzinha para seu gosto. Depois de falar com a Lucão, eu me senti mais confiante na minha decisão e para conversar com o Pedro.

Após o jantar, eu o chamei em meu quarto, não queria que os menores ouvissem ainda. Pedro andava desconfiado e questionando tudo, o tempo todo, então resolvi abrir o jogo.

— Pedro, você ouviu minha discussão com seu pai, correto?

— Sim, um pouco, mas não entendi quase nada. Fiquei surpreso quando acordei com os gritos, porque nunca tinha visto vocês brigarem antes.

— Realmente, nós não brigávamos, apenas tínhamos algumas discussões bobas, o que é comum entre um casal.

— Mas agora está tudo bem. Quando ele voltar de viagem, vocês fazem as pazes.

— Pedro, não é bem assim. Eu resolvi falar com você primeiro, que já é um homem e vai entender.

— O que eu tenho que entender, mãe?

— Que seu pai e eu vamos nos separar.

— Separar? Como assim? Por causa de uma briguinha boba? Como você disse, todo casal se desentende. É só fazer as pazes que tudo ficará bem.

— Pedro, não é assim. Acabou. Teu pai fez uma coisa que só veio a culminar para o fim de algo que já estava se desgastando com o passar dos anos.

— O que ele fez de tão grave? Eu conheço o meu pai, ele não faria nada contra você ou contra nossa família.

— São muitas coisas, Pedro, que não cabe a mim, como mãe, falar ao meu filho. Eu só preciso que você entenda que nós não ficaremos mais juntos.

— Por que você não quer?

— Não! Quer dizer, sim! Eu não quero continuar casada com ele e tenho meus motivos.

— Eu não sei que motivo seria suficiente para você estragar a nossa família!

— Não fale assim. Você não sabe o que está dizendo. Nós ainda sere-mos uma família, só que eu e seu pai não viveremos mais como marido e mulher.

— Família? Que família? A que você vai montar com outro homem? Ou acha que não percebi aquele cara da autoescola cheio de liberdades para seu lado? Até flores ele te trouxe outro dia!

— Não faça acusações incabíveis! Você está sendo infantil!

— Eu estou sendo infantil? E você está sendo o quê? Egoísta?

— Eu sou sua mãe, Pedro, não fale desse jeito comigo!

— Desculpe, mas você está sendo egoísta mesmo.

— Não fale o que você não sabe! Não tem a ver com nossa família, tem a ver com o que acontece entre um homem e uma mulher.

— E você? Sabe de alguma coisa? Sabe alguma coisa de mim? — Pedro está bastante alterado, de uma forma que eu nunca vi, falando alto, quase beirando o descontrole.

— Lógico que eu sei, você é meu filho.

— Sabe? Realmente sabe? Você não sabe de nada! Não sabe o que tem acontecido comigo, você nunca está disponível, está trabalhando o tempo todo!

— Isso não é verdade, meu filho.

— Não? Você está sempre trabalhando! Trabalha fora o dia todo. Quando chega em casa, trabalha o tempo todo. Está sempre correndo, nunca tem tempo pra ouvir a gente. Faz um monte de coisas ao mesmo tempo, nem ao menos pergunta como foi o nosso dia!

As palavras de meu filho parecem perfurar minha alma. Dói, dói muito, me faz pensar se ele realmente tem razão, se sou esse tipo de pessoa. Tento conter as lágrimas, mas não consigo, nunca pensei que meu filho, sempre tão amoroso, teria tantas mágoas destinadas a mim.

Ele continua falando, agora aos berros, e eu fico sem acreditar no que está acontecendo, sem reação diante da falta de respeito dele.

— E tem mais, se você insistir nessa ideia absurda e realmente se separar de meu pai, eu vou morar com ele.

— Morar com seu pai? Ele nem tem um lugar para morar ainda! E desde quando vocês ficaram tão unidos?

— Desde que ele foi à escola para me defender, porque eu estava sofrendo *bullying*! Ou desde quando me aconselhou com minha primeira namorada. Das tantas vezes que me ouviu ou que passeamos juntos! Nas diversas reuniões escolares, com os deveres de casa... Quer que eu continue? Porque eu posso passar o dia inteiro dando exemplos! E agora me responda: onde você estava esse tempo todo? Trabalhando ou cozinhando ou correndo atrás dos pirralhos dos meus irmãos?

— Me desculpe! Eu não sabia de nada disso.

— Tá vendo? É disso que eu estou falando, mãe. Nós funcionamos todos juntos, não quero te culpar por nada, eu sei que você tem muitas coisas pra fazer, mas simplesmente não pode tomar uma decisão dessas sem pensar nos seus filhos.

— Eu preciso pensar em mim também, meu filho, não posso continuar com alguém que me traiu.

— Do que você está falando? Meu pai nunca te trairia!

Já não estou racionando direito, tudo que está acontecendo é tão surreal que não sei mais definir os sentimentos que me acometem, tudo que eu fiz foi viver por eles esse tempo todo.

No momento, sinto uma raiva terrível do Nando. Até meu filho, que praticamente criei sozinho nos seus primeiros anos de vida, o idolatra como perfeito. De repente me sinto maldosa, rancorosa, e quero mostrar que não sou a única imperfeita, quero provar que seu pai tão exemplar também erra. E jogo o bom senso aos ares.

— Pois é, mas traiu. Eu vi!

— Mãe, eu não sei o que você viu, mas garanto que está tirando conclusões precipitadas. Meu pai me disse isso, antes de viajar.

— Conclusões precipitadas? Eu o vi com essa desclassificada aí da frente!

— A que desclassificada você se refere?

— A essa moça aí da frente. Eu os vi juntos! Eu vi seu pai com essa vadia que acha que é a miss bumbum!

— Você está louca, mãe? Não fale assim da Josi!

— Tá vendo? Até você já está íntimo dessa vadia. Já sabe até o nome dela...

— Não fale assim da Josi, mãe. Não fale assim da minha namorada!

— Namorada?

— Sim, e mãe do seu futuro neto.



Capítulo 9

— **P**or favor, me explique isso!

Meu chão parece ter desabado sob meus pés. Busco em minha memória o que aconteceu para eu chegar à conclusão de que o Nando estava me traindo. Lembro-me da mensagem no celular, que depois descobri ter sido dado ao Pedro, e fico paralisada ao constatar que apenas o vi entrar na casa dessa tal de Josi e então sofri o acidente.

— Mãe, a Josi está esperando um filho meu. Não somos exatamente namorados, mas estamos ficando há algum tempo.

— Mas eu vi seu pai entrar na casa dela depois de receber uma mensagem no celular.

— Sim, a mensagem tinha sido para mim. Caso você não saiba, nós trocamos os celulares.

— E o que seu pai foi fazer lá?

— Ele tem me ajudado a resolver um problema com ela.

— Que tipo de problema? O que vocês estão escondendo? Lembro-me de ela perguntar na mensagem se *ela havia chegado*. Quem era *ela*?

— Você, mãe! A Josi não queria que ninguém soubesse, porque tinha medo da sua reação. Ela disse que, toda vez que passava por ela, você ficava a encarando feio. Ela achava que, se o boato se espalhasse, seria tarde demais.

— Tarde demais para quê? E foi a mãe dela quem contou sobre a gravidez à sua tia Malu.

— Ela não queria o bebê, disse que estragaria seu corpo e que nunca mais poderia trabalhar como modelo. Foi por isso que meu pai entreviu, para evitar que ela tirasse o nosso filho — Pedro responde um pouco constrangido. Se antes eu não gostava dela, agora menos ainda. Como alguém pode pensar em uma possibilidade dessas, só para não estragar o corpo?

— Então, pelo jeito, seu pai conseguiu reverter a situação, mas você sabe o que ele fez?

— Pelo que me disse, deu garantias a ela de que cuidaria das coisas. Eu a pedi em casamento também, mas ela disse que sou muito novo para casar.

— Ah, nisso ela tem razão! Você é muito novo mesmo. Precisa primeiro ter uma profissão para depois pensar em se casar.

— Viu? Era por isso que eu não queria que você soubesse, sabia que seria contra.

— É lógico que eu seria! Eu passei por isso e sei o quanto é difícil.

— Mas no final deu tudo certo, não deu?

— Sim, mas foi um caminho bem complicado, eu tive que abrir mão de muita coisa, dos meus sonhos.

— Mas foi a sua escolha, eu também posso fazer as minhas.

— Sim, mas não quero que passe pelo que passei. De qualquer forma, tem algo que não está bem explicado... Como seu pai a convenceu?

— Não sei, mãe. O que importa é que ela vai ter o nosso filho. E que você não precisa mais separar de meu pai, porque estava viajando nas ideias — Pedro responde e se vira de costas para ir embora.

— Eu não terminei com você ainda, Pedro.

— O que foi agora?

— Só Deus sabe o que passei para conseguir criá-los. Você não deve se lembrar, mas fui eu quem te carregou no ventre por nove meses. Fui eu quem passou noites e noites em claro, te embalando para dormir ou quando você estava doente. E se eu trabalho muito hoje, é justamente para não permitir que falte nada a você e seus irmãos. Então nunca mais fale comigo da forma que falou hoje. Se houver alguma mágoa por minhas atitudes, converse comigo, que resolveremos tudo civilizadamente. Nunca mais permitirei que você me desrespeite novamente.

— Tudo bem, mãe, me desculpe! — Pedro se encaminha para a porta.

— Pedro...

— O que foi?

— Me dê o seu celular. Você está de castigo! Ficar um mês sem ele.

— Você ficou maluca? Não posso ficar um mês sem celular! E não tenho mais idade para ficar de castigo.

— Enquanto você morar sob o meu teto e eu pagar as suas contas, posso e vou te colocar de castigo, sim!

Pedro deposita o celular no criado-mudo ao meu lado e sai batendo o pé como uma criança birrenta. Por um instante, achei que ele fosse jogá-lo

contra mim, pois me olhou com tanta raiva que nem reconheci meu filho. Aliás, aquelas palavras tão duras não combinam com o menino tão doce que eu criei. Em que momento houve essa transformação e eu não percebi. Será que errei tanto em sua criação? Porque, no momento, estou achando que faltaram umas belas palmadas, isso sim.

Agora... como pude entender tudo errado? Eu realmente tirei conclusões precipitadas, mas tem algo que ainda não se encaixa: o fato de eles terem escondido o problema de mim e de o Nando ter resolvido tudo sozinho. Ele nunca faz nada sem meu auxílio ou opinião.

Outro fato me ocorre. Meu Deus! Serei avó! Eu só tenho trinta e seis anos! Não tenho idade para isso. Será que já tenho aparência de avó? Será que estou acabada?

Olho em direção ao espelho, procurando rugas e cabelos brancos. O que eu encontro são olheiras bem profundas e um cabelo preso em coque há dias. Assim que me recuperar, vou cuidar de mim, coisa que nunca fiz antes.

E quanto ao Nando, será que o fato de não ter havido traição, muda as coisas entre nós? Ainda não consigo raciocinar direito e, ao pensar em nós dois, sinto um vazio enorme no peito. Aquele arrebatamento que sempre tive só de pensar nele não existe mais, acho que realmente o amor acabou e eu precisei de um grande susto para constatar isso. Nando chegará de viagem amanhã, terei esse tempo para pensar no que fazer. No meu coração, não sinto que a situação tenha mudado, ainda quero ser a prioridade na vida de alguém. Para ele, sempre serei a mãe de seus filhos. Mas, ao mesmo tempo, não quero ser egoísta. Se o Pedro, que é adulto, reagiu tão mal, imagine os menores.

— Mãe, cadê o papai? — Vitor interrompe meus pensamentos entrando no quarto com um monte de cadernos.

— Vitor, já te falei que seu pai voltará amanhã à noite.

— Mas e agora? Quem vai me ajudar com a lição de Ciências?

— Pegue a sua lição que eu te ajudo!

— Ah, mamãe, não dá. O papai tinha bolado um joguinho para me explicar, você não vai conseguir. Deixe que eu vou ligar pra ele.

Gente, onde eu estava que não percebi o quanto meus filhos são apegados ao pai? Pedro tem razão, eu estava sempre trabalhando — fosse no hipermercado ou em casa. Nos finais de semana, raramente eu me sentava para dar atenção a eles, era sempre o Nando que ficava com a parte mais legal, a da diversão, enquanto eu cozinhava, limpava e passava. Era tanto

serviço doméstico, mas nunca me toquei que acabava priorizando as tarefas, em vez de passar preciosos momentos com meus filhos.

Mesmo quando arrumamos uma diarista, eu ainda tinha serviço de sobra. Sem contar que, nos últimos tempos, por causa da promoção ao cargo de coordenadora, eu vinha fazendo hora extra e trazendo trabalho para casa, o que não adiantou nada. No dia seguinte ao meu acidente, promoveram o puxa-saco do Armando para o cargo que tanto batalhei para conseguir. Agora não sei o que vou fazer quando retornar ao trabalho. Como vou lidar com a incompetência do meu novo chefe, já que serei subordinada a ele?

Isa entra no quarto arrastando seu cobertorzinho rosa, toda chorosa.

— Mamãe, posso dormir aqui com você?

— Claro, meu anjo! Do que você está com medo?

— O Vitor falou que tem um monstro embaixo da minha cama.

— Isa querida, seu irmão só está tentando te assustar.

— Não é não, mamãe! Ele falou que o monstro vai sair hoje, porque o papai não está em casa pra proteger a gente.

— Tá bom, Isa. Durma aqui com a mamãe. Eu vou te contar uma história linda de princesas.

— Rapunzel, Rapunzel! — Isa começa a pular de alegria pedindo sua história favorita, mas não chego nem no meio, ela acaba adormecendo com a sua cabecinha loira em meu colo, antes mesmo de o príncipe subir na torre. Meus três filhos nasceram loiros e com os olhos claros do pai. Sempre que eu saía com eles, achavam que eu era a babá, já que tenho a pele morena e traços bem diferente dos deles.

Ultimamente venho me sentindo como a Rapunzel, presa em uma torre à espera do príncipe encantado, só que, no meu caso, a história não tem final feliz nem cabelos mágicos. Há somente a solidão da torre.

Agora vocês devem estar se perguntando como é possível alguém ser solitária rodeada de tantas pessoas. Mas é assim que me sinto: sozinha! E ultimamente nem entendendo o que está acontecendo comigo eu, estou.

Adormeço com minha pequena ao meu lado e acordo com dois pares de olhos verdes velando meu sono.

— Oi?

— Oi. Já voltou? Não seria amanhã? — Acordo, me espreguiçando.

— O curso acabou antes do previsto. E como o Pedro me ligou, voltei assim que fui liberado.

— Dirigiu de noite? Mas você não gosta...

— Sim. É que eu queria voltar logo para casa, não aguentava mais dormir no quartel.

— Achei que queria esclarecer as coisas entre nós.

— Esclarecer mais o quê? Você já sabe toda a verdade, a não ser que queira se desculpar por ter tirado conclusões precipitadas.

— Me desculpar? Você está maluco? Se nós tivéssemos conversado, nada disso teria acontecido. Por que você não me contou?

— Primeiro, era uma conversa entre homens, e o Pedro tinha pedido segredo; depois, quando percebi a intenção delas e decidi pedir a sua opinião, você sofreu o acidente e as coisas fugiram do controle. Eu estava esperando você se recuperar para contar.

— Será que você pode ser mais claro?

— Bel, é complicado. O Pedro tem um casinho com essa menina desde os quinze anos e acha que são namorados. Eu até acredito que essa garota, a Josiane, gosta dele de verdade, mas o problema é a mãe dela, que é uma verdadeira cobra e obriga a garota a mentir e enganar as pessoas. Ela vê a filha como seu caminho para um pote de ouro e acha que a gravidez vai atrapalhar a carreira da filha, por isso exigiu que ela abortasse. Foi aí que a menina pediu ajuda ao nosso filho, contando que ele era o pai e que não teria coragem para tirar o bebê, muito menos para enfrentar a mãe.

— Meu Deus! Como uma mãe pode fazer isso com a própria filha?

— Só que a situação piorou! Foi então que o Pedro pediu a minha ajuda. A dona Kátia falou ao Pedro que o filho não era dele, que a filha dela saía com outros rapazes e que ela não sabia nem quem era o verdadeiro pai. O Pedro ficou desconsolado e eles acabaram brigando. A Josi disse que ia tirar o filho para não estragar sua carreira como modelo, já que não poderia contar com mais ninguém.

— Nossa, que intriga! Coitado de nosso filho, tão novo e passando por tantas coisas.

— Só que não acabou por aí. A Josiane veio pedir minha ajuda, disse que era tudo mentira da mãe dela, que nunca tinha se deitado com outro que não fosse o Pedro e queria que eu interviesse junto à mãe dela, já que ela não tinha um pai para ajudá-la. Foi aí que você me viu entrar na casa delas, no dia do acidente. Eu fui para conversar com a dona Kátia.

— Entendi, mas o que você resolveu?

— Nada! Quer dizer, a mãe queria garantias. Pediu 100 mil reais para sua filha não tirar a criança e ainda uma pensão para gastos durante a gravidez e depois que o bebê nascesse.

— Mas que absurdo! E você falou o quê?

— Disse que só teria alguma negociação depois do exame de DNA, que a Josi se nega veementemente em fazer. A dona Kátia está pressionando, dizendo que daqui a pouco será muito tarde para um aborto, porém é isso mesmo que eu estou tentando fazer, ganhar tempo. Não vou dar dinheiro para uma chantagista, a não ser os direitos que a criança terá.

— Mesmo porque nós não temos todo esse dinheiro. E o Pedro ainda não trabalha para pagar pensão.

— Na verdade, temos sim. A seguradora pagou por seu carro roubado, isso, mais o que nós tínhamos guardado daria a quantia exata que ela está exigindo. Cheguei, por um momento, a cogitar em ceder quando vi o sofrimento de nosso filho. Mas depois, percebi que não seria correto agir dessa forma, que, se abríssemos a carteira, seríamos alvo de suas chantagens para sempre.

— Fez bem. Eu ficaria sem meu carro ou daria todo o dinheiro, se fosse por um caso de saúde ou para ajudar, mas, para isso, ficaria louca se você tivesse cedido.

— Outro fator do qual preciso que fique ciente é que não permiti que o Pedro abandonasse os estudos para assumir um trabalho qualquer. Tudo continuará dentro do planejado e, se for o caso, nós iremos custear a pensão da criança até ele se formar como engenheiro aeronáutico.

— Mas o Pedro precisa arcar com as responsabilidades de seus atos, não podemos isentá-lo disso. Aconteceu a mesma coisa conosco, e eu abri mão de todos os meus sonhos para criá-lo.

— Você sim, eu não! E não se esqueça de que, se não fosse pela ajuda de meus pais, eu também teria desistido de minha carreira.

— Está certo, vamos esperar para ver como tudo se desenrolará. Mesmo porque eu estou achando que essas duas estão juntas nessa armação.

— Sim, e acredito que irão aprontar muito. — Nando fica me olhando por um tempo, como se estivesse calculando o que fará. — Outra coisa, tirei o Pedro do castigo louco que você deu — por fim, ele me fala.

— Mas isso não está certo. Você não pode passar por cima da minha autoridade!

— Ele já é um homem. Não tem cabimento colocá-lo de castigo.

— Ele me desrespeitou. E eu posso, sim! Enquanto for sua mãe, ele me deve respeito.

— Tudo bem, amanhã conversaremos com ele. Satisfeita?

— Sim, podemos ver algo para puni-lo, pois não vou deixar passar dessa vez.

— Agora que está tudo esclarecido, podemos voltar ao normal? Nem precisa se desculpar, entendo que você esteja passando por uma situação difícil.

Nando se senta na beirada da cama, já tirando o uniforme e o co-
turno, enquanto eu o observo, muda, com um emaranhado de pen-
samentos soltos na cabeça, que oscilam entre os últimos aconteci-
mentos: o fato de ter eu entendido tudo errado, de não ter havido
traição, nosso relacionamento falido, a reação das crianças, as ame-
aças da vizinha e ainda ser avó aos 36 anos. Como ando confusa!
Volto à realidade enquanto Nando vai tirando a Isa adormecida de meu
colo.

— Vou levar a Isa para o quarto dela. Quando voltar, poderei finalmen-
te dormir em minha cama, ao lado de minha mulher?

Capítulo 10

E eu deixo...

Não tenho forças para dar voz ao emaranhado de sentimentos que me assolam, a dúvida de viver longe de Nando e lidar com meus filhos é mais forte que meu amor-próprio. Acho que somos mais corajosos ou impetuosos quando tomamos atitudes movidos pela raiva. Sem esse sentimento, somos mais cautelosos e passamos a ponderar sobre nossas ações.

Aliás, Nando nem esperou a resposta se poderia ficar. Levou a pequena Isa adormecida para o quarto dela, foi para o banho e, quando voltou, deitou-se no lado dele da cama, depositou um beijo em minha testa — que não me fez sentir nada, nem raiva — e descansou parecendo feliz e satisfeito.

— Nando, nós ainda precisamos conversar.

— Pode ser depois? Estou muito cansado e amanhã já volto para assumir meu posto.

Ele não espera a resposta, vira-se para o outro lado e dorme.

Enquanto velo seu sono, observo sua respiração tranquila de quem dorme sem preocupações ou incertezas, porém eu não consigo pregar os olhos, pensando no fato de ter me anulado em prol dos outros. Contudo, não posso reclamar, o poder de dizer não, cabe só a mim, e eu não o tenho exercido.

Conforme os dias vão passando, nossa rotina volta ao normal. Já retirei o gesso do braço e a cirurgia do quadril, segundo os médicos, foi um sucesso, porém ainda sinto muita dor. Eles dizem ser devido ao tempo que permaneci em repouso, mas eu desconfio que não seja algo tão simples.

Meu período de licença acabou, voltarei ao trabalho amanhã. Ainda não comprei outro carro, pois estávamos esperando que eu me recuperasse para ir à concessionária escolher um novo. Meu irmão, João, entende bastante de carros e recomendou que eu comprasse um automático, pois será melhor para minha atual condição. Também evito conversar com João sobre minhas dores, do jeito que estou, não tenho condições de dirigir, sin-

to que estou puxando um pouco a perna, mas os médicos falaram que isso melhorará com o tempo e recomendaram fisioterapia, que começará no final de semana.

Estou me sentindo bastante deprimida, a incerteza do que vai acontecer atinge meu estado de espírito. Espero que tudo melhore quando eu retornar ao trabalho.

Quanto à situação de meu filho Pedro, ainda não tive a oportunidade de conversar com as vizinhas. Não posso simplesmente acatar suas ameaças. Eu não engoli direito a história toda e acho que algumas peças não se encaixam. Elas que me aguardem!

Aproveitei esse tempo que passei em casa para dar mais atenção aos meus filhos. Conteí várias histórias aos menores, brinquei de boneca com a Isa, cansei de tanto jogar banco imobiliário com o Vitor. Ele, quando descobriu que podia comprar casas e ruas com o jogo, deixou o videogame de lado, chegava correndo da escola e pegava seu tabuleiro para brincar comigo, antes que a Isa tomasse minha atenção. Já o Pedro continua bastante arredio e ainda não se abre comigo, conversa só com o pai, fato que me dói demais, pois não sei o que fiz para merecer esse tipo de tratamento da parte dele.

Nos primeiros dias de minha licença médica, até gostei do tempo livre para descansar, mas no sexto dia eu já estava cansada de não fazer nada e ansiosa para voltar à minha rotina.

Nando, após anos tentando, conseguiu mudar seu horário para o período das 14h às 22h e tornou-se o motorista da família. Ele leva as crianças para a escola e o Pedro para o cursinho, e quando eu retornar me deixará no serviço também. Depois ele irá para o aeroporto, em Campinas, voltando tarde da noite, mas, em compensação, passará a dormir todas as noites em casa.

Já voltei a cozinhar, as crianças adoraram não ter mais que comer os pratos exóticos da Malu. Ela vinha todos os dias para me ajudar e adorava o fato de poder cuidar de mim, mas, tenho que concordar com meus filhos, cozinhar não é o forte dela.

— Não acredito que você escondeu o que estava acontecendo. Sofreu sozinha à toa, e ainda achou que o Nando fosse capaz de te trair. Aquele ali é tão certinho que é capaz de até pedir autorização ao Coronel dele para olhar para outra mulher.

— Nossa, minha irmã, de onde você tira essas coisas? Eu já te pedi desculpas umas quinhentas vezes, e você continua se lamuriando?

— É lógico! Você nunca me escondeu nada, e ainda me tirou o gostinho de arrancar os cabelos “daquelazinha”.

— A qual delas você está se referindo?

— À mãe, é claro! Eu não bateria em uma mulher grávida, né? Queria pegar a horrorosa da dona Katilene. Dá para acreditar no nome dessa pessoa? E ainda se apresenta por aí como Kátia. Não devia ter vergonha do nome, deveria ter vergonha de existir.

— Mas, Malu, como você pôde contar à vizinhança inteira sobre as intenções delas? Deve ser por isso que o Pedro não quer falar comigo.

— Olha, isso é outra coisa... Vou te contar, viu? Quase que eu mesma dei umas palmadas nele. Onde já se viu falar com a mãe daquele jeito? Ele nunca foi assim!

— Pois é, queria saber onde foi que eu errei.

— Você não errou em nada. Pelo contrário, fez tudo por essa família. Acontece que tem mulher que tem a capacidade de virar a cabeça de um homem, quanto mais um rapaz novo e imaturo como o Pedro.

— Tem razão, mas não quero que meu filho sofra, muito menos que passe por uma desilusão tão forte, isso pode marcá-lo para o resto da vida.

— Bel, é com os tombos que a gente aprende. Deixe o Pedro quebrar a cara, somente assim ele será responsável por seus atos e escolhas.

— Você fala isso porque não é mãe ainda, vai ver só quando tiver os seus próprios filhos, nós sofremos junto com eles.

— Ah, eu estou muito feliz no papel de tia, e não apareceu ninguém ainda capaz de mudar meu status no Facebook.

— Pensando nisso, acho que vou fazer um para mim também. Será que o Nando tem uma conta na rede social?

— Não seja por isso, vamos descobrir! — Malu corre para pegar o notebook e entra na página dela. Procura por todos os nomes e amigos em comum e não acha nada. — Que ser humano não tem uma página no Facebook? Ah, você e seu marido, claro. Vamos fazer uma já.

Malu cria uma página para mim e coloca uma foto minha na capa que foi tirada pelo menos uns dez anos atrás. Já não me reconheço como aquela moça sorridente e simpática que vejo na tela do computador. Preciso reencontrá-la dentro de mim e voltar a sorrir daquela forma.

Em menos de vinte minutos, enviei e recebi muitos pedidos de amizade, isso até a Malu tomar o computador e entrar em vários blogs de moda.

— Sabe, estou querendo abrir uma boutique. Esse ano finalmente terminarei minha faculdade de moda e o mercado anda difícil demais. Ultimamente, até meus *freelancers* estão escassos.

— E você está pensando em fazer o que exatamente?

— Não sei direito ainda, Bel, estou fazendo umas pesquisas. Também me matriculei em um curso de empreendedorismo. Assim que tiver uma ideia mais concreta, eu te conto.

— Tudo bem. Assim que você decidir, quero ser a primeira a saber.

— É lógico que será a primeira! Não sou uma má irmã como você, que esconde as coisas.

— Ai, meu Deus... Vai começar de novo?

E Malu segue noite adentro reclamando e falando sem parar da minha falta de confiança nela. Desejo me abrir com ela sobre a tristeza que venho sentindo, mas acabo me distraindo com seu falatório sem fim.



A ansiedade pelo retorno ao trabalho depois da minha licença é gigante. Acordei com um incômodo terrível no quadril e logo cedo tive que tomar analgésicos, que caíram feito uma bomba no meu estômago, para a dor intensa.

Armando, meu novo chefe, me recepcionou com uma falsa alegria.

— Oi, querida! Como você está? Esse escritório não era o mesmo sem você.

Balbuciei um “estou bem” enquanto ele seguia, mostrando à nossa equipe que eu havia voltado. Odeio esse “querida” dele. Como vou suportar isso sem poder respondê-lo, agora que se tornou meu chefe? Tentei, por todo esse tempo, não sentir rancor por Armando ter ficado com a vaga que lutei durante anos para conseguir, mas, no momento, ao vê-lo, quero me trancar no banheiro e chorar.

Meu dia foi tenso, Armando mudou minha mesa de lugar. Agora estou limitada a um espaço que parece mais um depósito, sem contar que todas as minhas coisas foram parar em uma caixa; até a foto de meus filhos, estragou. Ele fez muitas mudanças no setor, o que era um ambiente agradável passou a ser opressivo e cheio de cobranças. Como dizem por aí: “Quer conhecer uma pessoa? Dê poder a ela”. No caso dele, sempre desconfiei de seu sorriso arrogante. O cúmulo maior foi começar a pedir que eu buscasse café para ele; a copa ficava no último andar, e não tinha elevador. Eu precisava subir uma escada enorme, e isso aumentava minhas dores. Armando deve ter percebido, pois pediu para eu ir buscar café várias vezes ao dia.

— Bel querida, você demora tanto para trazer esse café que ele já chega frio aqui, nem dá mais para tomar.

Conto até dez para não jogar o líquido em sua cabeça.

Os dias que se seguem são ainda mais horríveis. Toda a alegria que eu tinha em ir trabalhar desaparece, o que aumenta meu desânimo. Sem contar que Armando apresentou todos os meus projetos à gerência como sendo dele, recebeu o meu mérito e, cada dia mais, limitava meu acesso à diretoria.

Quando eu termino meu dia, chego em meu lar arrasada, cheia de dores e sem ânimo para fazer nada, porém a demanda de serviço é enorme. Como agora eu retorno de transporte público, demoro muito mais para chegar, e venho espremida, forçando meu quadril recém-operado. Em casa, a bagunça só aumenta. Malu fica com meus filhos até a hora de eu chegar, o problema é que ela deixa, literalmente, os dois menores derrubarem tudo. Pedro também não ajuda, deixa tudo espalhado e sujo quando chega do cursinho.

A situação com a suposta namorada do Pedro não anda nada boa. A mãe dela os proibiu de se encontrarem e espalhou para o bairro inteiro que a filha está grávida de um aspirante a jogador de futebol. Isso deixou meu filho mais triste e revoltado, me culpando por tudo que está acontecendo com ele. Só porque fiz uma visitinha para as duas e ameacei processá-las por chantagem e extorsão. Nesse dia, a garota fingiu passar mal e sua mãe disse que se vingaria. Não liguei. E segurei a vontade de arrancar seus cabelos de aplique. Desde então, Pedro me culpa por todos os seus problemas e anda mais azedo do que nunca, vez ou outra manda mensagens cobrando o curso de direção que prometi pagar.

Esse fato foi motivo de discussão também, porque ele não quer frequentar a autoescola do Augusto, que está cobrando somente as taxas obrigatórias. Essa é uma oferta que não posso recusar só por orgulho de meu filho.

Minha rotina com o Nando voltou a ser a mesma de sempre. Apesar de ele estar dormindo todas as noites em casa, ainda nos falamos pouco, o que se resume aos afazeres do dia a dia, enquanto ele me leva para o serviço pela manhã. Quando ele retorna, já é muito tarde e eu estou dormindo.

Quero muito conversar com alguém, venho me sentindo muito mal e estou a ponto de jogar tudo pelos ares no serviço. Além disso, o Nando está sempre cansado ou cheio de material de estudo.

Já passa das dez horas da noite quando vou descansar. Por um milagre consegui fazer com que o Vitor e a Isa dormissem mais cedo. Pedro chegou do cursinho e se trancou no quarto e eu empurrei o serviço de casa para o

dia seguinte. Ultimamente ando assim, deixando tudo para depois de tão estafada.

Resolvo entrar na minha página da rede social para tentar conversar com a Lucão. Ela sempre tem uma palavrinha mágica para me ajudar, mas não responde a minha mensagem. Recebi várias solicitações de amizade, uma delas chama minha atenção: Guto Ribeiro. Percebo que o nome da autoescola é seu sobrenome. Na foto de capa, ele está em um lugar que deve ser de praia, exibindo um sorriso grande, usando óculos escuros e sem camiseta. Meus dedos coçam para ampliar a foto, porém me contenho.

Mal aceito sua solicitação de amizade e já percebo, no canto da tela, uma mensagem privada dele...

22 de maio, 22h01min

Oi? Você por aqui? Que bom que aceitou ser minha amiga. Agora poderemos conversar melhor!

10 de maio, 22h05min

Oi... Tudo bem com você?

10 de maio, 22h08min

Bem melhor agora! Como está se sentindo? Ainda não consigo me livrar do remorso pelo que aconteceu com você.

10 de maio, 22h11min

Já passou, deixe isso para lá. Amanhã irei até sua escola, para fazer a matrícula do Pedro. Quem sabe você me paga um sorvete?

10 de maio, 22h14min

Olha que eu vou cobrar, viu? ;)

Hum... O que significa essa carinha que ele mandou? Não entendo nada disso, sou quase uma analfabeta digital. Resolvo responder com outra carinha. Só depois que eu a envio, percebo que se trata de uma piscadela e me apavoro, não quero que ele entenda mal as minhas intenções. Mas

ele continua puxando assunto e, como estou desesperada para conversar com alguém, sigo conversando animada com ele. Basicamente falamos sobre como foi o nosso dia, porém não me abro muito. Na maioria do tempo, respondo às suas perguntas. Acabo descobrindo que ele não é de São Paulo, veio do Rio de Janeiro para assumir os negócios da família, que não se resumem a uma única autoescola. Pelo que entendi há mais três em outros bairros. E adivinhem só qual é a sua formação? Psicologia.

10 de maio, 23h26min

**Não brinca que você é psicólogo...
Meu sonho era ter feito faculdade
de psicologia!**

10 de maio, 23h29min

E por que não fez?

10 de maio, 23h31min

Ah, você sabe, acabei engravidando assim que terminei o Ensino Médio e troquei a faculdade por fraldas.

10 de maio, 23h33min

E o que te impede de fazer agora?

Nando chega enquanto estou pensando naquela pergunta. Também penso sobre o que me impede, e ainda estou em uma conversa animada com o Augusto pelo computador.

- Está acordada a essa hora?
- Estava sem sono.
- Muito trabalho no computador?

Não sei o que responder, então acabo respondendo algo que não é verdade e fico muito mal pelo meu ato.

- Não, estou pesquisando faculdades de psicologia.
- Ainda com isso, Bel? Não tem como você voltar a estudar.
- Por que não?

— Ora, se antes, que nós só tínhamos o Pedro, já era difícil, imagine agora... com três. Como você vai se dividir entre cuidar deles, trabalhar e estudar?

— Bem, na verdade, era apenas uma suposição!

— Então nem se empolgue, deixe para quando todos eles estiverem maiores.

Após jogar um balde de água fria em mim, mais uma vez, Nando me dá um beijo na testa e vai para o banho, sem nem ao menos perguntar como foi o meu dia.

Quando volto minha atenção para o computador, há várias mensagens do Augusto que ficaram sem resposta, sendo que a última dizia:

10 de maio, 23h51min

Deve ter caído a sua conexão ou precisaram de sua atenção. Espero que tenha uma boa noite de sono, ficarei ansioso por nosso sorvete. Não pense que esquecerei, hein! ;)

Ai, Jesus, acho que fui longe demais. E agora, como vou escapar dessa? Mas se eu adiar novamente as aulas de direção do Pedro, as coisas podem ficar insustentáveis entre nós. Acho que cumprirei o combinado, e, quando chegar lá, invento uma dor de garganta.



Capítulo 11

Acordo para mais um dia de trabalho com dores e com olheiras terríveis por mais uma noite maldormida, vou cochilando o trajeto todo até meu serviço. Por esse lado é bom ter o Nando nos levando, mas, só de pensar na volta, fico completamente desanimada. Antes do acidente, eu me levantava animada e bem mais cedo para organizar o nosso dia, agora, preparo o café das crianças e suas lancheiras, me arrastando. Deve ter algo muito errado acontecendo comigo. Além do fato de não eu estar suportando mais o meu ofício. Aliás, tive outro dia horrível, Armando e eu não conseguimos mais lidar com a antipatia que sentimos um pelo outro. E para piorar a situação, terei retorno médico na segunda-feira e precisarei sair mais cedo do trabalho.

— Tudo bem, está dispensada. Você paga essas horas durante a semana.

— Mas eu trarei atestado justificando as horas!

— Não importa. O atestado justifica apenas a sua saída, não abona as horas, você terá que pagá-las. E, por favor, aproveite para colocar em dia as planilhas que eu solicitei. Estão atrasadas, *querida*.

Conto até cem e volto para meu depósito, ou melhor, mesa. Todos os meus colegas de trabalho olham para mim com indignação e pena, mas não deixo as lágrimas, que querem sair, descerem pelo meu rosto. Olho para as várias planilhas à minha frente — o serviço está acumulado não por incompetência minha, e sim por Armando ter me transformado em sua secretária particular — e sinto uma dor forte no peito, uma angústia inexplicável toma conta de mim.

Preciso esfriar a cabeça e respirar. No relógio, falta pouco para o fim do expediente. Pego minha bolsa e saio sem dar satisfação. Após dezoito anos trabalhando na mesma empresa, sem nunca ter faltado ou chegado atrasada, eu não mereço esse tipo de tratamento, logo agora que estou tão vulnerável por causa do meu acidente.

Sei que a empresa não tem esse perfil, mas Armando é meu chefe direto agora, e isso tornou impossível de eu chegar até a gerência sem passar por invejosa.

Acabo chegando antes do horário marcado na autoescola Ribeiro. Faço a matrícula do Pedro e a recepcionista, acho eu, já estava a par de tudo, pois me atendeu como já me conhecesse. Confesso que fico um pouco decepcionada por não encontrar o Augusto, mas, como cheguei cedo, não posso ficar por aqui de bobeira. Talvez essa seja a desculpa ideal para eu escapar do sorvete.

— Mas a senhora não pode ir embora, senão o senhor Augusto torce o meu pescoço. — A recepcionista me impede, assim que me levanto para ir embora.

— Mas ele vai demorar?

— Não. Ele está cobrindo o Zezinho, sabe, o instrutor que te atropelou. Seu Augusto o mandou embora e agora não acha ninguém pra colocar no lugar.

— Mas... por que ele foi demitido?

— Ora, porque te atropelou e ainda falou pro seu Augusto que você era uma desmiolada que atravessou a rua sem olhar. Ele demitiu o rapaz na hora. E o coitado ficou desesperado, pedindo pelo amor de Deus, pois estava de casamento marcado, mas seu Guto *num* quis nem saber.

— Nossa... Mas ele era um funcionário ruim?

— Não, quer dizer, o problema era a noiva ciumenta, que ligava toda hora pra ele. Seu Guto já tinha chamado a atenção dele por causa do celular. Aí, quando aconteceu o problema com a senhora, ele achou que foi por causa do disso.

— Agora eu vou esperar. Preciso conversar com o Augusto.

— Quer um café? Ele *num* demora a chegar, não.

— Não, obrigada. Estou bem.

E eu realmente não o aguardo por muito tempo, Augusto chega menos de vinte minutos depois. Ao me ver, abre um sorriso largo. Aliás, posso observar o quão lindo é o seu sorriso, com duas covinhas em suas bochechas acompanhadas por dentes brancos em contraste com sua pele morena. Ele me cumprimenta com um beijo no rosto e eu fico muito envergonhada.

— Está me esperando há muito tempo? Desculpe-me.

— Não, eu cheguei antes do combinado.

— Só vou passar as anotações de meu aluno para o computador e nós iremos tomar um sorvete.

— Eu só queria dar uma palavra com você. Terei de recusar o sorvete, acordei com uma dorzinha de garganta.

— Ah, não seja por isso. Tomaremos um café ou cappuccino, o que você preferir!

Ele sai, sem me deixar protestar, e volta rápido. Ainda estou feito uma estátua, no mesmo lugar.

— Você está bem?

— Sim, é que eu não posso demorar.

— Tudo bem, prometo te deixar em casa antes da meia-noite.

Paro assustada ao ouvir o que Augusto disse. Ele puxa levemente o meu braço, depositando de forma suave sua mão em minhas costas.

— Calma, Izabel, é brincadeira. Seremos rápidos.

Deixo que Augusto me conduza e vamos caminhando até uma cafeteria próximo de sua autoescola, que não deixa de ser perto de minha casa também, porém eu não conhecia o local. Segundo Augusto, eles servem o melhor Petit Gateau de São Paulo, porém, como inventei uma dor de garganta, tenho que me contentar com um cappuccino.

Estou um pouco tensa com essa situação e, associando a tudo que passei em meu serviço, prestes a explodir.

— O que está te preocupando?

— O que te fez pensar que eu estou preocupada?

— Esse vinco em sua testa, seu semblante está diferente.

— Você quer ser meu psicólogo?

— Não. Eu me contentaria em ser seu amigo.

— Desculpe, eu realmente não tive um dia muito bom, aliás, não venho tendo dias bons.

— Quer se abrir comigo? Prometo que não cobrarei a consulta.

Sinto uma confiança inexplicável em sua preocupação comigo e me vejo derramando diante dele tudo o que se acumulou de ruim em minha vida, nesse último mês de trabalho. Exponho todas as minhas inseguranças, preocupações e também todas as humilhações que venho sofrendo por parte do Armando.

Augusto me ouve atentamente por todo o tempo em que desabafo sem parar, sem me interromper e me encorajando a prosseguir. Quando eu me

calo, ele pega minhas mãos sobre a mesa, que estão inquietas, e as segura com suas mãos grandes e bastante aconchegantes, fazendo com que eu me acalme.

— Sabe, Izabel, sinto muito por tudo que você tem passado. Eu gostaria muito de te ajudar, mas acredito que a única coisa que eu posso fazer por você no momento é dar uma surra nesse seu chefe incompetente. Porém, como vivemos em um mundo civilizado, isso não é possível. Será que eu posso te oferecer um ombro amigo? Guardar tudo para si, não faz bem.

— Realmente, eu ando me sentindo muito angustiada. Acordo todos os dias com uma dor no peito, que persiste durante o dia, toda a vez que sinto raiva.

— Você já pensou na possibilidade de conversar com um superior? No meu entendimento, isso pelo que você está passando se chama assédio moral.

— Sim, inclusive já tentei diversas vezes. Eu tinha um relacionamento muito bom com a gerência, mas ultimamente estou sendo monitorada, e o Armando está limitando todo o meu acesso a eles. E eu ainda tenho receio de eles acharem se tratar de uma dor de cotovelo, por aquele idiota ter sido promovido em meu lugar.

— Complicada a sua situação... O quanto você precisa desse emprego? Já pensou em tentar procurar outro?

— Minha renda complementa a do Nando. Temos três filhos que demandam muitos gastos, porém, graças a Deus, não temos mais nada financiado hoje em dia.

— Se a situação continuar insustentável, da forma que está, seria interessante você começar a pensar em alternativas.

— Na verdade, depois que conversamos na noite passada, considerei a possibilidade de cursar a faculdade de psicologia que sempre sonhei, mas, trabalhando da forma que estou, não daria para conciliar.

— Você já conversou com o seu marido? Talvez seja a hora de rever alguns gastos ou enxugar o orçamento.

A menção da palavra marido traz um alerta incômodo em minha cabeça, como se eu estivesse fazendo algo errado. Olho para minhas mãos, embaixo das reconfortantes e quentes do Augusto, e penso que talvez esse gesto não seja correto. Puxo-as lentamente, fingindo mexer no celular, e percebo uma ruga se formando em sua testa. Desvio o olhar, pois não consigo encará-lo de volta. Ele parece perceber meu desconforto e puxa outros

assuntos. Passamos um bom tempo em uma conversa muito agradável, tanto que até me esqueço do tempo.

Augusto me confia que seu pai faleceu há menos de um ano e que sua mãe mora em Fortaleza, com o atual marido. Segundo ele, os pais se divorciaram quando ele ainda era adolescente, por isso acabou se mudando com a mãe para o Rio de Janeiro, terra natal dela. Ao narrar os acontecimentos de sua mudança, ele me parece um tanto triste e saudoso. Relata que o pai nunca aceitou a separação, ao contrário de sua mãe, que colecionou maridos assim que oficializaram o divórcio.

Acho a história dele muito parecida com a minha. Até digo que temos mais isso em comum: ele teve muitos padrastos, e eu, muitas madrastas. Ao contar como foi o acidente no qual perdi minha mãe, não posso conter as lágrimas. Mesmo tendo se passado tanto tempo, ainda não consigo relatar tudo sem me emocionar. Ele me pergunta se a tristeza passa algum dia. Respondo que sim, mas que a saudade não. Ficamos em um silêncio cúmplice por um tempinho, ele volta a pegar minhas mãos, ambos nos consolando.

Vejo a noite começar a cair e me assusto com o horário. Tenho que ir embora, pois a Malu terá um compromisso às 20h. Sinto um desconforto estranho ao reparar que tem alguém me encarando no balcão. Quando me levanto, percebo se tratar da dona Kátia, que olha fixamente para mim e Augusto, nos medindo e tamborilando uma de suas unhas vermelhas e muito compridas no balcão e outra nas costas do celular. Penso em ir lhe desejar um boa-noite, mas ela se vira de costas, jogando os cabelos longos e rebolando, antes que eu me aproxime.

Sinto um calafrio passar por minha espinha, um pressentimento ruim, e não deixo que o Augusto me leve até em casa.

— Aconteceu algo? Você ficou estranha de repente.

— Não foi nada, só estou atrasada. Não gosto de levar bronca da minha irmã.

— Adorei nosso café e nossa conversa.

— Eu também.

— Então você já sabe, se precisar desabafar, pode contar comigo. Não cobrarei nada. — Augusto me dá uma piscadela, um beijo no rosto e vai embora. Observo sua elegância ao andar, seu porte um pouco despojado, e me toco que não devo cobiçá-lo dessa forma. Sou uma mulher casada e devo me portar como tal.

Fico um pouco apreensiva por ter sido vista pela vizinha e vou o caminho todo preocupada com uma possível fofoca, mas descarto que ela possa me causar problemas, afinal, eu não estava fazendo nada de mais. Ou estava?

Quando chego, Malu já está andando de um lado para o outro, dizendo que eu estou atrasada e que se atrasará para um encontro. Não me dá maiores detalhes e vai embora correndo.

Meus pequenos vêm correndo ao meu encontro, me abraçando e beijando. Retribuo o carinho deles e começo minha rotina diária de banhos e cuidados deles e da casa. Resolvo abrir mão da janta, só dessa vez, e compro uma pizza. Eles fazem a maior festa.

Pedro chega do cursinho, me dá um oi, cabisbaixo, e nem se anima quando conto que já fiz sua matrícula na autoescola. Ele não gosta quando descobre que será na escola do Augusto, mas, quando digo a ele que era isso ou nada, fica satisfeito. Depois vai tomar banho e, em alguns minutos, sai todo perfumado e radiante, sem me dar satisfação, depois de receber uma chamada no celular.

Mais tarde, Nando chega e me comunica que recebeu uma mensagem de nosso filho avisando que saiu com a Josi para tentar fazer as pazes.

Nando chega faminto. Segundo ele, pegou o maior trânsito na estrada, estava morto de cansado e ansioso por um banho.

— Pizza, Bel? O que deu em você para deixar as crianças comerem isso hoje?

— Estou muito cansada, com dor, e também não fiz mercado essa semana.

— Nossa, Bel, nunca te vi assim. Você retornou no médico? O que ele disse?

— Que vou melhorar com a fisioterapia.

— Tá bom, vou tomar um banho então.

Nando vai para o quarto e volta um pouco desconfiado.

— Bel, recebi uma mensagem estranha no celular, perguntando se eu sabia por onde minha mulher andava.

— Sabia que ela não deixaria passar!

— Ela quem?

— A dona Kátia. Hoje eu fiz a matrícula do Pedro na autoescola Ribeiro, a do Augusto. Depois fui tomar um café com ele e a encontrei por lá.

— Café? Tem algo com que eu precise me preocupar?

— Claro que não, ele ainda queria se desculpar.

— Tudo bem então. — Nando volta para seu caminho, parecendo des-preocupado. Por um momento, fiquei com medo de sua reação, como não sei mentir, resolvi falar a verdade. Afinal, eu não estava fazendo nada de mais. Fico cismada por ela ter o telefone de Nando, mas me toco que sua filha, a Josi, também tem.

Vou para o quarto e fico esperando pelo Nando, pois estou me sentindo um tanto inquieta. Lembro-me de que não contei para o Augusto que a culpa do acidente realmente foi minha, pois atravessei sem olhar. Pego o notebook e escrevo a mensagem, pedindo que ele reconsidere sua decisão acerca da demissão de seu funcionário. Conto todo o ocorrido, sem entrar em detalhes — seria constrangedor demais se ele soubesse de toda a história —, e envio a mensagem. Aguardo por alguns minutos, queria conversar um pouco, mas ele não visualiza.

Passo um tempo vendo as postagens das outras pessoas, até que Nando sai do banheiro e me encontra com o notebook no colo.

— No computador novamente, Bel? O que tem de interessante?

— Nada, só estava passando o tempo.

— Você anda diferente, parece preocupada. Tem algo te aborrecendo?

Fico surpresa com sua pergunta, pois ele já chega contando tudo sobre seu dia, o que aconteceu no aeroporto ou referente às rotas. Quando não conversa sobre o serviço, deita-se exausto, nunca demonstrara interesse pelo que aconteceu ou deixou de acontecer no meu dia. Geralmente, quando acontece alguma coisa relacionada às crianças, eu mando uma mensagem para seu celular e nossas conversas se resumem ao telefone.

— Bel? Quer me contar algo? — Nando pergunta depois de eu ficar calada, pensando em uma forma de abordar o assunto. Isso é tão inédito que nem sei por onde começar.

— Tenho passado por alguns problemas no trabalho.

Nando termina de se vestir, se deita ao meu lado me estimulando a contar mais. Eu me vejo desabafando tudo com ele, desde as dores, meu desânimo constante e a perseguição de Armando, meu novo chefe. Conto também sobre meus sentimentos e, principalmente, sobre o receio de talvez passar por invejosa. Sinto um alívio muito grande e fico esperançosa, pois acho que ainda dá para investir no nosso relacionamento. Quem sabe tudo volta a ser como na época em que éramos amigos.

Escuto um ressonar baixo e constante e sinto uma decepção enorme ao constatar que Nando dormiu. O que será que ele ouviu? Do jeito que está dormindo pesado, deve ter apagado logo que comecei a falar.

Fico extremamente desapontada e, agora, além de tudo, ainda mais inquieta para dormir. Percebo uma luz piscando no computador e verifico que não fechei a página, e que recebi várias mensagens, todas do Augusto.

12 de maio, 23h51min

Oi. Tudo bem?

Estou bastante constrangido agora, por não ter ponderado sobre a demissão de meu funcionário. Tirei conclusões precipitadas, porém, isso não o exime da culpa. Fico preocupado também, por você ter atravessado uma rua tão perigosa sem olhar se vinha carro. Imagino o que se passava por sua cabeça. Mas agora também sei que você é uma pessoa de grande coração, explicando o ocorrido, preocupada com o emprego da pessoa que te feriu.

12 de maio, 23h57min

Ainda está acordada?

13 de maio, 0h04min

Se quiser conversar, é só chamar...

13 de maio, 0h16min

Oi. Ainda está aí?

13 de maio, 0h18min

Estou sim.

Sem sono

E vc o que faz acordada?

13 de maio, 0h20min

Sem sono tbm

13 de maio, 0h21min

Preocupações?

Quer conversar?

13 de maio, 0h23min

Sim, mas não sobre problemas.

13 de maio, 0h24min

Não seja por isso, sou ótimo em arrancar confissões.

Por exemplo, você ainda não me contou quais são seus gostos musicais.

13 de maio, 0h26min

Nem sei mais do que eu gosto de ouvir. Aqui em casa só se ouve de galinha pintadinha, Carrossel e Xuxa.

Pedro só ouve uma barulheira no fone. E quando eu ia trabalhar de carro, ouvia notícias do dia.

O que me sugere?

13 de maio, 0h29min

Sertanejo

13 de maio, 0h30min

Tá bom.

Um carioca que gosta de sertanejo? Achei que gostasse de samba ou MPB, já que é psicólogo.

13 de maio 0h33min

Olha você me rotulando. rsrsrs

Gosto de tudo, meu gosto é eclético, mas cresci ouvindo moda de viola com meu pai.

E ultimamente ouço sertanejo o tempo todo para matar a saudade.

13 de maio, 0h36min

Eu não me lembro mais quais eram as músicas que minha mãe ouvia.

13 de maio, 0h38min

Normal.

Já faz bastante tempo.

Mas não fique encanada com isso, uma hora dessas você se lembra.

13 de maio, 0h40min

Tem razão, as lembranças geralmente vêm do nada.

A saudade tb

13 de maio, 0h43min

Escrevendo...

13 de maio, 0h50min

Escrevendo...

Nando se mexe ao meu lado e eu me assusto com as horas. Já passam das três horas da madrugada. Meu cérebro produz uma sensação incômoda, como um sentimento de culpa, mas por que eu devo me sentir culpada por conversar com alguém? Volto a atenção para o computador e Augusto ainda escreve animado e estou sem sono. Eu não quero parar. Mas devo?



Capítulo 12

Mesmo não querendo parar, me despeço do Augusto alegando estar com sono. Ele pede desculpas, pois não percebeu as horas passarem, deseja-me boa noite e diz que irá descansar também.

13 de maio, 3h45min

Durma com os anjos! i ...

E isso foi o que ele respondeu. O que será que significam esses três pontinhos? Bem, deixa para lá, acho que não terei outra oportunidade de conversar com ele novamente. Mas, na realidade, a sensação incômoda de estar fazendo algo errado não vai embora quando desligo o notebook.

O sono vem depois de eu me virar de um lado para o outro na cama, por toda a noite. Adorei o tempo que passei conversando com o Augusto. Ele parecia entender o que estava acontecendo comigo e, além dos muitos conselhos que me deu, ainda me fez rir bastante, contando um pouco de sua vida, principalmente sobre as características dos diversos padraços que teve.

Contou também, com carinho, sobre seus irmãos. Um deles, chamado Beto, era dois anos mais velhos que ele. Nessa hora, descobri sua idade, 34 anos. Augusto era dois anos mais novo que eu e seu irmão mais velho tinha a minha idade, 36. Ele relatou que Beto morava na Austrália e vinha ao Brasil todo ano para visitá-lo. O outro irmão ainda era adolescente, um surfista chamado Igor, que morava com a mãe em Fortaleza. Esse também vinha nas férias para ficar com os irmãos mais velhos.

O sono só chega pela manhãzinha, mal adormeço e sou acordada pelo movimento do Nando andando pelo quarto.

— Aonde você vai tão cedo? — pergunto, grogue de sono.

— Vou correr, Bel, fiquei muito parado esses dias, meu corpo já está sentindo.

Nem o vejo sair e durmo feito uma pedra. Um pouco mais tarde, sou acordada por Vitor e Isa pulando em minha cama.

— Mãe, tô com fome!

— Mamãe, quero meu leitinho.

— Bom dia, meus amores! Primeiro, quero um abraço bem apertado dos dois. — Meus filhos pulam em cima de mim, transbordando meu coração de amor. É tão gratificante receber o carinho deles, sempre dei o meu melhor para meus filhos, por isso não consigo entender tanto rancor da parte do Pedro. Busco na lembrança onde pode ter acontecido algo que justifique seus atos, mas não consigo me recordar de nenhum fato. Deve ser mesmo a adolescência, só espero que ele perceba logo o que está quebrando, pois eu já não aguento mais de tanta tristeza com o que está acontecendo. Já tentei conversar e fazer com que ele se abrisse comigo, porém não consegui arrancar nada do meu filho mais velho.

O meu dia será cheio e, apesar de ser sábado, meu dia de folga, resolvo me levantar, mesmo ainda estando com sono. Quero tirar umas horinhas para cuidar de mim também, pretendo fazer minhas unhas, além de cortar e hidratar os meus cabelos.

Nando volta logo, todo suado da corrida, vai para o banho, toma o café, que já está pronto na mesa, e vai acordar o Pedro, pois eles estão estudando juntos para o concurso que meu filho quer prestar. Nando anda preocupado com a possibilidade da desistência dele por causa da gravidez da namorada. Quando pergunto ao Pedro se eles reataram, ele somente balança os ombros em sinal de tanto faz.

— Dá um tempo para ele, Bel, te garanto que daqui a pouco ele aceitará melhor a situação e voltará a ser o Pedro que nós conhecemos — Nando tenta me consolar percebendo que fiquei chateada.

O sábado passa num piscar de olhos. Tem um monte de roupas acumuladas para lavar e passar. Minha casa está uma desorganização completa, não consigo sequer encontrar algo que procuro sem antes achar um brinquedo, uma peça de joguinho ou boneca espalhada. As crianças ainda ficam disputando minha atenção e pedindo comida o dia todo, mal termino de dar o café da manhã, já me perguntam o que teremos para o almoço. Depois de almoçarem, pedem a sobremesa e o café da tarde. Quando percebo, já são sete horas da noite, eu perdi o dia todo com os afazeres domésticos e não tive tempo de cuidar de mim, como tinha planejado.

O Vitor fica pendurado no videogame o dia todo, só para na hora de montar um avião, encontrado durante a organização que tentei fazer na bagunça, com o pai. O Pedro estuda bastante com o Nando e também para a fim de ajudar a montar o aviãozinho, depois se tranca no quarto. A Isa fica o dia todo ao meu lado, aonde eu vou, ela arruma algo para brincar. Se eu estou passando roupa, ela finge passar também; se eu estou fazendo o almoço, ela pega suas panelinhas e finge fazer comidinha. Incomoda-me um pouco vê-la com essas brincadeiras. Apesar da companhia maravilhosa, eu não quero que ela cresça com a visão de que esse tipo de serviço é obrigação somente da mulher.

Já o Nando estende a roupa para mim, reclamando que só vai me ajudar por causa de minhas dores no pulso, pois tem que estudar para o curso de segurança área que precisou fazer devido às Olimpíadas, que serão em breve. Pergunto-me se ele se preocupou em algum momento se eu também tinha muitas coisas para fazer.

E assim é o meu dia, totalmente atarefado e sem o mínimo de tempo para mim.

Já à noite, tomo um banho refrescante, cuido das crianças e finalmente me sento no sofá para descansar um pouco. Nando vem e se senta ao meu lado, dando a sugestão para assistirmos algum filme. Vitor e a Isa se deitam com as cabecinhas em cada lado do meu colo. E a família só não fica, completa porque o Pedro saiu sem ao menos me dar um boa-noite.

— Releve, Bel. Releve!

Mais uma vez, afasto a angústia pela atitude de meu filho e volto minha atenção para minha família. Nessas horas eu me sinto bem, principalmente com o carinho dos menores. Até mesmo o Nando está cheio de chamegos para meu lado, até se oferece para fazer a pipoca, mas as crianças ficam chorando, pois querem que eu faça, porque a minha é mais gostosa. E lá vou eu, para a cozinha enquanto eles escolhem o filme.

Quando retorno, eles já fizeram a escolha: “Uma noite no museu 2”. Quando assistimos ao primeiro, nos divertimos muito, e a Isa ficou assistindo por dois meses, todos os dias, para ver o dinossauro que parecia um cachorro e os baixinhos que brigavam sem parar.

O filme acaba e vou colocar meus filhos na cama. Conto uma história de dragões para o Vitor e a história da Rapunzel para a Isabela. Volto para a sala e vejo o Nando cochilando no sofá. Queria ter esse sono dele... Minha cabeça vive em um turbilhão só, enquanto basta ele se encostar em um canto para dormir.

Pedro chega e vai direto para seu quarto. Vou atrás dele e dou um beijo em seu rosto. Mesmo que ele tenha feito questão de fingir que nada aconteceu, me sinto um pouco menos esnobada. Não forço muito a barra, quero dar um tempo para as coisas se ajeitarem.

Vou para meu quarto, muito inquieta, a tentação de pegar o notebook está fazendo meus dedos coçarem. Engano-me dizendo que darei só uma espiadinha na minha página, quando eu sei exatamente o que procuro.

13 de maio, 22h37min

Oi? Tá por aí?

Quase caio para trás quando vejo a mensagem do Augusto, na mesma hora em que pego o notebook para decidir se falaria ou não com ele.

13 de maio, 22h40min

Oi! O que faz em casa em um sábado à noite?

13 de maio, 22h41min

Saí o dia todo, estava sem pique para ir a algum lugar agora de noite. Tudo bem com você?

13 de maio, 22h43min

Tudo ótimo. Só estou um pouco entediada.

13 de maio, 22h45min

Confesso que também estava entediado, agora estou muito melhor, que estou falando com você.

13 de maio, 22h47min

Eu também. Gosto muito de conversar com você.

Me responde uma coisa que eu estou querendo muito perguntar, mas estou com vergonha?

13 de maio, 22h48min

Respondo o que você quiser!

13 de maio, 22h50min

Você é sozinho? Quero dizer, tem namorada ou algo do tipo?

13 de maio, 22h49min

Estou sozinho, sim. Sou um solteiro convicto.

13 de maio, 22h50min

O que quer dizer?
Que você não namora?

13 de maio, 22h51min

Quero dizer que tive muitas namoradas, mas que nenhuma mexeu o suficiente comigo até agora, para me fazer mudar meu status de solteiro.

13 de maio, 22h52min

Entendi. Mas pretende se casar algum dia?

13 de maio, 22h53min

Claro! Estou esperando pela mulher certa.

13 de maio, 22h55min

Tantas namoradas e não encontrou a mulher certa para você?

13 de maio, 22h57min

No momento, estou pensando que a vida me pregou uma grande peça, colocando uma pessoa que está longe do meu alcance. escrevendo...

Ai, meu Deus, será que ele está falando de mim? Claro que não, né? Ou será que está? Minha ficha cai e percebo que estou brincando com fogo ao querer loucamente que sim, mas, se for, o que muda?

Não tenho coragem de continuar a conversa nem de ler o que ele estava escrevendo. Resolvo ir tomar um copo de leite morno e dar um tempo para meus ânimos se acalmarem.

Passo por Nando, que dorme tranquilo no sofá. Fico por alguns segundos observando seus traços perfeitos. Sinto uma tristeza inexplicável ao constatar que toda a paixão que eu sentia por ele se perdeu em alguma fase, no decorrer de nosso relacionamento.

Encosto-me ao balcão da cozinha e continuo perdida em pensamentos. Como eu queria que as coisas estivessem diferentes entre nós. Nem consigo dizer se ainda o amo. Acredito que meu sentimento por ele deve estar encoberto pelas mágoas que acabei descobrindo que guardava no peito.

Sinto um corpo grande se aproximar das minhas costas. Nando vem e me abraça.

— As crianças já estão dormindo, Bel?

— Sim — respondo, sem me virar, tentando controlar a bagunça em meus sentimentos. Eu me assustei com a chegada repentina de meu marido, porque minha mente ainda divagava sobre a conversa que eu estava tendo com outro homem.

— E o Pedro já chegou? — ele pergunta, subindo suas mãos grandes por todo o meu corpo. Respondo balançando a cabeça em afirmação. — E você já está se sentindo melhor? Quero dizer... totalmente recuperada? — Agora, além de suas mãos, seus lábios percorrem meu pescoço. Colocando meu cabelo de lado, ele acha um ponto bem sensível, próximo ao lóbulo de minha orelha, e faz com que arrepios percorram por todo o meu corpo.

Não sei se é o tempo que estamos afastados ou o conhecimento total que ele tem sobre meu corpo que faz com que eu torne gelatina em seus braços. Quando Nando me vira, capturando minha boca em um beijo faminto, já estou totalmente entregue às sensações que se espalham por mim.

Nando me carrega até o nosso quarto e me deita carinhosamente sobre nossa cama. Mesmo estando visivelmente excitado, ele mantém total cuidado em suas ações, como se estivesse com medo de me machucar.

— Nossa, Bel... Já faz tanto tempo! Estava morto de saudades da minha moreninha! — ele fala, enquanto sobe minha camisola e espalha uma trilha de beijos por todo meu corpo.

E é só o que ele diz pelo restante da noite. Apesar da confusão em meus sentimentos, ficar assim com o Nando sempre foi bom. Nos últimos tempos é que tudo vinha se tornando automático, mas acredito que foi mais por conta da situação e da falta de tempo que vivemos.

Nessa noite meu marido estava bastante carinhoso e faminto, parecia realmente ter sentido minha falta. Esforçou-se bastante para me dar prazer e se mostrou preocupado com meu bem-estar. Mas, durante nosso envolvimento, minha mente se perdeu em algum lugar e, apesar de todos os esforços dele, não consegui me satisfazer.

— Desculpa, Bel, mas... já faz tanto tempo que não consegui me segurar mais — Nando fala e dá um selinho bem demorado em meus lábios. Desvio-me de seus olhos verdes, enquanto ele me examina tentando decifrar alguma coisa.

— Tudo bem, Nando — digo, me afastando dele. Eu estou agitada e ainda mais confusa. Resolvo ir para o chuveiro tentar me acalmar.

Enquanto a água escorre por meu corpo e meu coração bate descontroladamente, percebo que o amor entre mim e Nando não acabou, mas se perdeu na rotina de nossa vida corrida, na exaustão de tantas atribuições que tenho e na falta de contribuição por parte dele. Ainda acredito que ele só ficou comigo por causa dos filhos, mas algum sentimento deve ter brotado em seu coração. Não sou tão tola para pensar que ele não sente nada por mim, não se trata de comodismo. Falta alguma coisa, há algo que não está mais me satisfazendo.

Saio do chuveiro determinada a me abrir com ele — talvez, se tivermos uma conversa franca, sem brigas, ele entenda meus pontos e possamos resolver o que está matando meu amor por ele. Sei lá, quem sabe uma terapia de casais, falar sobre minhas inseguranças e desejos... Talvez ajude, talvez ele entenda...

Sinto como se um balde de gelo tivesse sido jogado em mim ao encontrar Nando dormindo profundamente. Sou daquelas que, quando não fala no momento, no dia seguinte deixa passar, e por deixar passar tudo, acabo me encontrando infeliz e acumulando decepções.

Vejo o notebook piscando, ainda aberto. Não consigo evitar a tentação de ler o que Augusto escreveu.

13 de maio, 22h57min

Sei que não devo, mas não consigo evitar pensar em você! Posso estar te assustando ao confessar isso, mas sinto que preciso ser sincero quanto aos meus sentimentos.

Desde o momento em que te vi caída no chão, com seus cabelos pretos esparramados, cobrindo metade de um rosto tão lindo, senti uma conexão inexplicável.

Conforme os dias foram passando, eu ia visitá-la na esperança de achá-la acordada. Até que um dia... lá estava você, me olhando com olhos tão negros que pareciam enxergar através de minha alma. Me faltou o fôlego. Desejei muito ser merecedor apenas de um sorriso seu.

Inventei todas as desculpas possíveis para te ver. E fui um tolo fazendo isso, pois, cada vez que meus olhos caíam sobre você, meu desejo aumentava. Passei a ter que me controlar para não demonstrar meu nervosismo e a vontade de te beijar.

Desculpe-me por te falar tudo isso, mas, enquanto você quer somente minha amizade, eu quero muito mais de você. Mesmo sabendo que é errado.

Termino de ler tudo, com um choro entalado na garganta. Não esperava tanta sinceridade da parte dele e sinto que meu coração sairá pela boca. Se eu já estava confusa antes, agora estou me sentindo um lixo. Acabei de “ter relação” com meu marido e estou recebendo uma declaração linda de outro homem. Palavras que sonhei ouvir uma vida toda, porém que nunca vieram.

Não sei o que fazer.

Não sei como agir.

Olho para o Nando dormindo tranquilamente, penso na minha família, nos meus filhos, em tudo que construímos e deixo as lágrimas caírem. Choro pelo que tenho e por não estar me sentindo feliz, e choro pelo que não posso ter. Choro por mim, e choro mais ainda por não saber o que está acontecendo comigo.

Olho para o relógio, já passa da meia-noite. Meus dedos coçam para responder à mensagem. Minha noite será longa, pois o sono me abandonou e, mesmo com meu marido dormindo ao meu lado, estou me sentindo muito sozinha.

Resolvo então jogar o meu bom senso para os ares!

14 de maio, 0h12min

escrevendo...



Capítulo 13

14 de maio, 0h14min

Obrigada pela sinceridade!

Ó não sei como responderei às suas expectativas. Eu realmente o vejo como um grande amigo e não gostaria de perder esse contato. Venho passando por problemas que estão afetando minha capacidade de julgamento e sinto que não estou sendo sincera com você. Muito menos com meu marido.

Não sou inocente a ponto de não perceber aonde tudo isso nos levaria, mas não consegui parar, e também não quero. A questão é: eu devo?

Acredito que preciso resolver a confusão que está minha cabeça primeiro, antes de tomar qualquer decisão.

Minha amizade é tudo o que tenho para oferecer, Augusto. Se você ainda quiser.

Olho para a tela do notebook por um longo tempo, no canto da tela aparece uma marca que sinaliza que ele leu a mensagem, porém a resposta não vem.

Resolvo ir me deitar no sofá e assistir a alguma coisa, não posso passar a noite toda olhando para a tela do computador.

Escolho o filme *O diabo veste Prada*, nunca o assisti, e minha irmã diz que é o filme de sua vida, então deve ser, no mínimo, bom.

No início, me identifico um pouco com a editora-chefe Miranda, em sua louca obsessão pelo trabalho e poder. Depois, no decorrer do filme, a situação da assistente é que se assemelha com a minha, já que ela abandona tudo em prol do trabalho e é humilhada constantemente, até mesmo quando tenta ajudar. No fim do filme, fico um pouco reflexiva. Às vezes

deixamos muitas coisas para trás em nome do trabalho e das conquistas, e não percebemos que, o que realmente importa, não há dinheiro no mundo que compre. Família, amizade, amar, ser amada e ainda viver em paz.

Acabo dormindo no sofá, depois de tanto pensar sobre o que fiz da minha vida e se existe algum culpado por tudo estar insatisfatório. Chego à conclusão de que essa pessoa sou eu e só cabe a mim mudar esse status.

Acordo com a luz dos pequenos raios de sol que entram por baixo da cortina pesada da janela, parece que o dia amanheceu bonito.

Enquanto cochilava no sofá, tive um sonho estranho do qual não consigo me lembrar exatamente como que era, mas tinha algo a ver com praia.

Ao me levantar, totalmente desperta, todos ainda dormem, tenho uma ideia maluca sobre a qual não pensei muito antes de colocar em prática. Visto uma roupa qualquer e calço sapatilhas para dirigir. Vou até o quarto de meus filhos, dou um beijo em cada, além de cobri-los novamente. Na cozinha, deixo o café da manhã preparado para todos e um bilhete para o Nando não se preocupar, que eu voltarei logo.

Antes da loucura que estou prestes a cometer, dou uma espiada no notebook. Há uma única mensagem em resposta.

14 de maio, 0h55min

Me chame de Guto, por favor...

E eu aceito o que você tiver para me oferecer. 😊

Tem também o link de uma música, que não dá para eu ouvir, pois não quero acordar ninguém. Só escrevo qual o nome dela e o do cantor em um pedaço de papel, pego as chaves e o documento do carro do Nando e parto.

A estrada está tranquila e, no meio do caminho, opto por pegar a rodovia sentido Santos. Não penso muito ao tomar essa decisão, mas tento afastar da mente o sentimento de culpa por não ter trazido as crianças. Faz tanto tempo que não vamos à praia, elas ficariam alucinadas. Mas eu preciso realmente de um tempo sozinha, desconectada de tudo e de todos, para colocar em ordem a bagunça que se tornou minha cabeça.

Ainda é muito cedo, o dia está nublado quando paro em um restaurante ao pé da serra para tomar café. Na pressa de sair, deixei tudo preparado, mas esqueci de me alimentar.

Sento-me à mesa perto da janela, de onde se vê toda a natureza ao redor e se ouve o som dos passarinhos acordando. Ainda dá para sentir o cheiro do orvalho da manhã e algumas gotas de sereno descem pelas folhas das árvores do lado de fora do restaurante. O café com leite está tão morninho que espanta o frio que sinto, devido à pouca roupa que uso. Na pressa, joguei uma malha fina por cima de uma blusa de alças. Faz muito tempo que não me permito, ao menos, sentar e desfrutar de um café da manhã, muito menos com uma paisagem tão bonita como essa. Além da paz que o lugar transmite.

Enquanto saboreio o momento, lembro-me da música que o Augusto enviou e fico curiosa. Procuro na internet do celular, que está um pouco lenta, e, depois de algum tempo, a música que nunca ouvi antes, do cantor Tiago Iorc, carrega.

*Se alguém já lhe deu a mão
E não pediu mais nada em troca
Pense bem, pois é um dia especial
Eu sei, não é sempre que a gente
Encontra alguém que faça bem e nos leve deste temporal⁹*

A música é linda! O cantor tem uma voz suave e a canção, com os acordes em ritmo lento, me faz viajar pela letra. Tento nem pensar na mensagem que Guto quis me passar através dela, bloqueio essa parte para não aumentar minha confusão. No momento, eu só quero me sentar e relaxar.

Porém meu encanto é quebrado pelo barulho estridente do celular tocando, até pensei em deixá-lo em casa e realmente me desconectar, mas minha consciência não deixou. Eu não conseguiria ficar sem notícias das crianças, caso acontecesse alguma coisa.

— ONDE VOCÊ ESTÁ?

— Nando, não precisa gritar, eu não sou surda! Estou indo à praia.

— Praia? Ficou maluca? Como é que você sai assim, sem me dar satisfação, pega meu carro e ainda me deixa com as crianças, sem perguntar se eu tenho compromisso?

— E você tem?

— Não! Mas poderia ter.

9 Música Dia Especial, composição de Duca Leindecker - álbum Troco Likes Ao Vivo (2016).

— Primeiro, o carro é nosso, caso você não se lembre de que, mesmo não sendo casados no papel, temos uma união estável, então tudo que é seu é meu, e vice-versa.

— Lá vem você de novo com essa história de papel.

— Com licença, que não terminei de falar! Segundo... os filhos não são somente meus, a obrigação é nossa. Eu saí e os deixei aos cuidados do pai.

— Mas, Bel, o que vou dar de almoço para eles? Como vou conseguir cuidar dos três sozinho?

— Não sei, Nando, dê um jeito. Eu consigo, então você também consegue.

— Bel, o que deu em você? Achei que nós tivéssemos nos entendido ontem à noite.

— Eu preciso pensar, Nando, preciso de um tempo. Por favor, só me deixe relaxar um pouco!

— Você está muito estranha, acho melhor voltar para casa.

— Não vou voltar agora, não. Pelo bem de nosso relacionamento, eu preciso disso.

— Tudo bem, somente não chegue tarde, por favor!

— Nando, tem outra coisa... Estenda a roupa que deixei na máquina.

Desligo antes de ouvir algum protesto da parte dele e fico olhando para o telefone em minhas mãos. Penso em voltar para casa, começo a me achar egoísta por não ter pensado em ninguém e vou andando até o carro, resolvida a retornar. Mas, em vez disso, entro, ligo o rádio, abro os vidros para sentir o vento gelado no rosto e pego a estrada rumo ao litoral.

Chego a Santos antes das dez horas da manhã. O sol está começando a querer sair, alguns raios fracos aquecem levemente minha pele. Deixo o carro em um estacionamento e sigo a pé rumo à praia.

Parece bobagem, mas a emoção que sinto ao ver o mar depois de tanto tempo é gigante. Há poucas pessoas na praia, a maioria donos de barracas e surfistas. Pareço uma maluca, de calça jeans e sapatilhas, correndo em direção à areia. Dobro a barra da calça, pego as sapatilhas nas mãos, amarro o suéter na cintura e me divirto.

Uma sensação de pura liberdade ao pisar descalça na areia fofinha me invade, com os cascalhos estralando conforme eu ando e afundo os pés, como uma criança alegre.

Sento-me na parte ainda seca, do jeito que estou mesmo, nem ligando se sujarei minha calça jeans.

Olho as águas por muito tempo, o vai e vem das ondas, sinto a brisa soprar meus cachos e refrescar minha pele. Procuro não pensar em nada, somente desfrutar do momento, ouvindo o suave e constante do barulho do mar.

Foi revigorante! Eu precisava me sentir em contato com a natureza para rever as cores da vida, ela tem sido tão cinza ultimamente, entre os prédios do Centro onde trabalho, os sobrados iguais aos da rua onde moro e os muros de minha casa.

Dediquei-me muito a uma promoção que não veio, não percebi o quanto deixei o trabalho dominar minha vida, e acabei sendo substituída na primeira vez que precisei me ausentar. Para completar, agora tenho que lidar com as humilhações de um chefe que não subiu por méritos próprios.

Quanto à minha situação com o Nando, não sei por que errei tanto, me doando a vida toda, sem jamais pedir nada em troca, trabalhando demais, sem nunca me permitir descansar. Acredito que os problemas do Pedro sejam minha culpa também, ao menos em parte, pela minha ausência. Não tive e não dei qualidade de vida, muito menos me permiti relaxar.

Porém, minha mudança depende apenas de mim, de colocar minha vida no eixo e me reencontrar. Tenho que tirar algum aprendizado de tudo isso que me aconteceu. Acabei voltando à minha velha rotina depois do acidente, mas ainda há tempo para eu mudar. E, para isso, terei que tomar algumas atitudes que não agradarão a todos.

O sol começa a esquentar muito minha pele, busco ver as horas e descubro que não trouxe relógio; o celular ficou no carro. Tenho de partir, perdi a noção do tempo olhando as ondas quebrarem na praia.

Antes de voltar, levanto mais um pouco minha calça e afundo os pés na parte mais movediça da areia, sempre adorei fazer isso com o Vitor e o Pedro. Uma onda vem mais forte e quebra próximo a mim, me molhando inteira. Quem olha para mim não deve entender nada do que está acontecendo, devem estar me achando maluca, porém nem ligo.

Decido almoçar em um quiosque à beira-mar, faz tanto tempo que não desfruto da sensação de comer algo que não foi preparado por mim, ainda mais um peixe tão gostoso e fresquinho como esse. Nunca comi tanto e sem pressa. Desfruto do momento e só resolvo ir embora quando estou me sentindo leve e satisfeita.

Pego o carro rumo à estrada que leva à minha casa, com decisões tomadas e ações a serem feitas.

Na volta, ligo o rádio e vou ouvindo os sucessos do momento. A maioria dessas músicas eu nunca havia escutado.

Quando estaciono na garagem de casa, o locutor da rádio anuncia que são cinco horas da tarde. Considerando tudo o que fiz, até que cheguei bem cedo. Haverá tempo de dar atenção às crianças no domingo e de fazer as lições com meus filhos.

Antes de fechar o portão, sou abordada pela, nada simpática, Katilene.

— Escuta... seu marido já sabe das suas andanças?

— Qual o seu problema comigo? O que eu te fiz?

— Ainda pergunta? Você tem uma vida perfeita, um marido lindo e um moreno incrível babando por você! Mas, em vez de se preocupar em dar conta dos seus machos, vem estragar meus planos. Minha filha era meu passaporte para sair desse buraco!

— Olha aqui, eu até poderia ficar aqui discutindo, mas não vou perder meu precioso tempo com gente da sua laia!

Não espero para ver o que ela vai responder, aperto o botão do portão eletrônico, que quase a acerta.

Enquanto o portão desce lentamente, ela ainda diz que nossa conversa não acabou, e eu faço algo que em momento algum da vida fiz antes, mostro o dedo do meio e me viro.

Entro em casa indignada com o tamanho do atrevimento dessa mulher, mas não permito que isso tire minha paz recém-encontrada.

As crianças pulam de alegria quando me veem e se jogam em meu colo, para logo começarem a reclamar um do outro e dizer que estão com fome. Pedro apenas me ignora.

— Tá bom, meus docinhos. Daqui a pouco eu preparo algo, mas, antes, me deixem falar com o pai de vocês. Onde ele está?

— Acabou de receber uma ligação e foi para o quarto! — Pedro, com a cara no celular, responde.

Vou até o quarto e encontro o Nando olhando meu notebook, com o celular jogado no chão. Percebo que, na pressa de sair, deixei tudo aberto. Será que ele vai interpretar mal a minha conversa com o Augusto?

Nando levanta os olhos ao perceber minha chegada, seu semblante está estranho, não consigo decifrar a forma como ele me olha.

— VOCÊ PODE EXPLICAR QUE MERDA TODA É ESSA?

Fico pensando em uma forma de explicar toda essa confusão e escuto o telefone de casa tocar. Em seguida, Pedro entra no quarto com o aparelho nas mãos e o entrega a mim.

— Mãe, é a vovó, ela quer falar com você.

— Diga a ela que ligarei mais tarde.

— Ela disse que é urgente.

Pedro nem espera, deixa o telefone comigo e sai.

Nando continua me olhando fixamente, me encarando como se estivesse com ódio.

— Oi, dona Celeste. Aconteceu alguma coisa?

— Sim, minha filha... Eu não sabia como dar a notícia ao meu filho... preferi falar com você. O pai dele... o pai dele... morreu. — Dona Celeste cai em um choro convulsivo antes mesmo de terminar a frase ou me dar maiores explicações.

Sinto o chão desabar sob meus pés. Como contarei isso a um Nando completamente raivosos?



Capítulo 14

— **N**ando, nós precisamos conversar.
— Acho que já li o suficiente para entender o que está acontecendo!

— Espere, Nando, é sobre outro assunto.

— Ainda tem mais? É claro que tem mais! Foi com ele que você foi à praia?

— Nando, por favor, se acalme. Não tem nada a ver conosco. É sobre a ligação de sua mãe...

— Depois eu ligo para ela!

Aproximo-me e tento tocá-lo para fazer com que ele saia do estado raivoso em que se encontra, porém ele não permite e fica andando de um lado para o outro no quarto, passando as mãos pelos cabelos sem parar.

— Nando, por favor, me dê apenas um minuto de atenção.

Ele para de frente a mim, me encarando, com os braços cruzados na frente do peito.

— Nando, sua mãe ligou, pois aconteceu algo muito triste com o seu pai... Como você bem sabe, há tempos ele vem lutando com problemas respiratórios e... dessa vez... ele não resistiu.

— Como assim? O que você quer dizer?

— Seu pai, Nando... faleceu.

Continuo olhando para ele e percebo várias emoções passarem por seu rosto, do olhar raivoso à compreensão da notícia que acabo de lhe dar. Seus olhos assumem um tom avermelhado, os braços caem junto ao corpo, os joelhos não sustentam seu peso, fazendo com que Nando se dobre no chão do quarto, as mãos são levadas ao rosto para ocultar as lágrimas que ele não consegue mais conter. Aproximo-me lentamente e o abraço, ele se permite ser acalentado e, em meus braços, começa a chorar como se toda a dor do

mundo estivesse rasgando seu peito. Não o interrompo, apenas o consolo, pois esse tipo de dor eu conheço bem.

Com Nando mais calmo, dou a notícia às crianças. Pedro não esboça reação na hora, mas depois vai correndo para seu quarto e bate fortemente a porta atrás de si. Vitor, pobrezinho, chora muito em meu colo, perguntando com quem ele jogará dominó quando formos para o sítio da vovó. Isa continua como está, brincando com suas bonecas.

— Isa, meu amorzinho, você entendeu o que a mamãe te contou?

— Uhum.

— E você não ficou triste, amorzinho?

— Não.

— Não? Mas você entendeu que seu vovozinho foi morar para sempre com o Papai do céu?

— Sim, você não me falou que o Papai do céu é um homem muito bonzinho e que o céu é um lugar muito bonito? Então eu não fico triste, porque o Papai do céu vai cuidar bem do meu vovozinho dodói.

— Oh, minha filhinha... E você entendeu que não vamos mais ver o seu vovozinho?

— Sim, mas você disse também que um dia nós vamos todos *se* encontrar lá no céu. Aí nesse dia eu dou um abraço no vovô, que *num vai tá* mais dodói.

Somente neste momento, com a sabedoria mais pura da minha filhinha de cinco anos, é que me permito chorar. Sinto as mãozinhas da Isa afagarem meus cabelos, enquanto ela cantarola uma musiquinha. Meu dia foi tão revigorante, percebi que devo dar um rumo diferente à minha vida, mas acabou da forma mais triste possível.

Arrumamos as malas das crianças e seguimos para Águas de Lindóia, a fim de acertar todos os detalhes. Antes de irmos, ligo para o Sargento do Nando e dou a notícia, ele o libera prontamente e ainda se dispõe a nos ajudar. Meus irmãos e meu pai também se propõem a nos auxiliar, e eu fico de passar mais detalhes assim que chegarmos à cidade.

Acho que aquela foi uma das cenas mais devastadoras que vi em minha vida. Ao chegar à cidade, após uma viagem de uma hora e meia, o silêncio é quebrado pelo chorinho do Vitor. Chegamos por volta das oito e meia da noite na casa de dona Celeste. Ela está sentada à mesa da cozinha, com uma xícara de chá nas mãos, com o olhar perdido no vapor que sai da caneca. Nando se aproxima da mãe, agacha à sua altura, a abraça e juntos eles se

derramam em um choro sofrido, entre soluços. Não tenho forças para me mover, fico apenas observando a cena à minha frente. Vitor enlaça minha cintura e começa a chorar novamente, Pedro enfia o rosto na curva de meu pescoço e começa a chorar também, permitindo que eu o abrace com o braço livre. Sinto uns cutucões em minha coxa, é a Isa tentando chamar minha atenção. Quando a olho, ela fala baixinho:

— Mamãe, conta pra eles que o vovozinho foi morar com o Papai do céu e que fizeram a maior festa pra ele.

Minha sogra levanta os olhos ao ouvir a vozinha de sua neta e alguma compreensão passa por seu rosto. Ela solta o filho e chama os netos para um abraço coletivo. Olho para todos eles juntos, me sentindo um pouco deslocada. Eu daria tudo na vida para ganhar um abraço da minha mãe. Ela era muito carinhosa e atenciosa comigo e meus irmãos. Fecho os olhos e me transporto para o último dia dela, antes do acidente, quando pude sentir seu carinho, seu cheiro, seu conforto. Busco as sensações e por um único segundo me lembro de como foi. As palavras dela, naquele dia, pareciam um presságio do que estava para acontecer, era como se ela estivesse me preparando para a vida.

— Izabel, minha querida, nunca duvide de sua força. Nós mulheres temos a capacidade de mudar o mundo se quisermos. Nunca aceite nada menor que a sua felicidade. Valoriza-se, pois só assim você será valorizada. Caia cem vezes, mas se levante cento e uma, sempre com um sorriso no rosto.

Lembro-me de cada palavra dela naquele dia, sinto uma emoção maior ainda me dominar, mas não fico triste. Assim como minha filha falou, um dia iremos nos reencontrar.

Minha sogra parece ter entendido dessa forma também. Ela seca as lágrimas, afaga os cabelos dos netos e do único filho e se levanta para irmos tomar as atitudes necessárias para o funeral. Como o Nando está muito abalado, eu mesma faço questão de assumir essa parte, seria doloroso demais para eles.

Tomo todas as providências, aviso ao restante dos familiares e também troco a roupa do meu sogro — detalhe, quem escolheu tudo foi dona Celeste com a Isa, ambas dizendo que era para ele chegar muito bonito na festa do céu. Minha sogra parece mais conformada depois de ouvir atentamente a explicação de sua neta de que devemos sentir saudades, e não tristeza.

A noite será longa. Coloco as crianças para dormir antes de sair para resolver as coisas, quando retorno, as encontro dormindo tranquilamente com a avó, que tomou um tranquilizante para poder descansar, pois o dia

seguinte será desgastante. Encontro Nando sentado à mesa da cozinha, na mesma posição onde o deixei. Aproximo-me, ele permite que eu pegue sua mão e o abraço. Permaneço em silêncio ao seu lado por um longo tempo, até que ele resolve falar.

— Não pude me despedir de meu pai. Na última vez que vim aqui, percebi que ele estava mais debilitado e já utilizando o oxigênio para respirar. Fui tão egoísta, devia ter passado mais tempo com ele!

— Nando, você não teria como prever quando isso aconteceria, não se culpe.

— Lá no fundo eu sabia que o tempo dele conosco estava acabando. Mas não tive coragem de vê-lo partir e agora estou me sentindo um péssimo filho.

— Você nunca foi um péssimo filho, seu pai não escondia o orgulho por suas conquistas. Se não conseguiu vê-lo partir, só prova o quanto seu amor por ele era grande. Algumas pessoas são assim mesmo, querem conservar na lembrança os momentos bons. Fique em paz com sua consciência e tente se lembrar de tudo o que fez por ele durante todo esse tempo. Lembre-se também do carinho que seu pai sempre teve por todos nós. Garanto que ele não gostaria de vê-lo sofrendo tanto.

— Obrigado, Izabel. Você sempre dá um jeito de me entender e me fazer sentir melhor.

Nando segura forte as minhas mãos e permanecemos juntos por todas as angustiantes horas que antecedem ao funeral.

São dois dias superdesgastantes. Eu tenho que me desdobrar entre todas as responsabilidades, sem deixar meus filhos de lado. Para minha sorte, meu anjo em formato de irmã, Malu, vem me ajudar com as crianças, e meu irmão Kaká, com toda sua sabedoria cristã, também vem prestar condolências e ajudar com as orações. Ele sempre tem uma palavra de conforto para Nando e minha sogra, e é paciente o bastante para esperar por mim, a fim de retornarmos juntos para São Paulo.

As crianças e o Pedro retornam para casa comigo, pois estão em época de provas, mas o Nando, como ganhou alguns dias de licença, opta por fazer companhia à sua mãe, apesar dos protestos dela.

Nossa despedida é um pouco estranha. Após as primeiras horas do choque e da dor profunda, meu marido se tornou meio hostil comigo, não era nada muito perceptível, mas, depois do enterro, ele começou a evitar ficar nos mesmos ambientes que eu, e também o contato físico, além de

responder somente ao que eu lhe perguntava. Prefiro não forçar a barra e dar tempo para ele se adaptar, depois resolveremos a nossa situação.

Na quarta-feira, retorno à minha rotina e sou acolhida com uma recepção nada amistosa em meu trabalho.

— Nossa, quem é vivo sempre aparece! Está tudo bem com o seu marido, querida?

— Sim, sobrevivendo.

— Então aproveite que você chegou e busque um café para mim.

Subo as escadas contando até cem para não perder a paciência. Até meu quadril, que não se lembrava mais da dor, começa a latejar.

— Mas você trouxe o café puro? Queria café com leite.

Subo novamente as escadas, dessa vez, contando até mil. Só que resolvo tomar um cafezinho antes de descer, já que meu quadril está muito dolorido e eu não quero tão cedo.

— Você foi tirar leite da vaca?

— Não, aproveitei e tomei o meu café também.

— Agora não quero mais, deve estar frio.

— Como assim não quer mais?

— Não querendo. Pode ir para sua mesa e terminar o serviço acumulado, por mais uma falta sua.

— Mas eu trouxe o atestado de óbito, não faltei à toa.

— Foi o seu pai? Não, né, querida? Então não justifica dois dias de falta!

Não sei o que se apodera de mim, mas jogo todo o conteúdo do copo na cabeça dele e observo com gosto o líquido marrom escorrer por seu rosto. Todos no escritório me olham espantados, porém seguram o riso. Não espero sua reação, viro as costas e vou direto ao RH para esperar minha demissão, que não demora a chegar. Não me arrependo nem por um segundo de meu ato, até mesmo quando assino a carta de demissão, após ter me dedicado por dezoito anos àquela empresa.

Estou me sentindo leve e livre, então, ao sair do RH da empresa, resolvo descer naquele café próximo à minha casa. Sento-me à mesa com um cappuccino e penso no que fazer a partir dali. Por um segundo, chego a me preocupar com a possibilidade de ficar muito tempo desempregada, devido à alta crise que o país enfrenta, mas afasto essa insegurança, pois sempre fui capaz de encarar qualquer situação e, com certeza, saberei lidar com mais essa.

Estou sentada, bastante distraída, quando levanto o rosto e me deparo com dois olhos muito escuros me encarando. Augusto se materializou bem a minha frente, com um grande sorriso no rosto.

— Oi, bom dia! Sabia que tinha algo me puxando para cá.

— Oi — respondo de forma tímida, pois realmente não pensei em vê-lo. Ele não espera por meu convite e já se senta à minha frente.

— O que faz por esses lados a essa hora?

— Resolvi tomar um café após minha demissão.

— Foi demitida? Conte-me mais.

— Só porque joguei café na cabeça de meu chefe... vê se isso é motivo? — pergunto, segurando o riso. Ao falar assim sobre o ocorrido, parece até patético de minha parte, mas estou me sentindo tão leve que penso que deveria ter perdido a cabeça antes.

Augusto também acha engraçado, mas parece duvidar do que eu fiz.

— E como você está se sentindo agora?

— Bem! Leve e livre.

— Realmente, quando nos libertamos de uma situação que nos sufoca, a sensação de liberdade é muito boa. Agora vai aproveitar para descansar um pouco?

— Não sei, estava aqui pensando exatamente no que farei a partir de agora.

— Quem sabe tirar aqueles velhos projetos do papel e buscar algo que você sempre quis.

— Ainda tenho que organizar algumas coisas, só depois irei planejar o que fazer.

— Ou quem sabe não deva planejar, somente deixar que as coisas aconteçam. — Augusto segura minha mão por cima da mesa, me encarando fixamente. Não consigo fugir da intensidade, mas também não me sinto muito confortável.

— Senti falta de nossas conversas nos últimos dias.

— Eu também, mas passamos por uma grande perda na família e tivemos que viajar.

— O que aconteceu?

— Meu sogro faleceu. — Conto todos os detalhes do que aconteceu, com ele ouvindo atentamente a tudo.

— Sinto muito. Não deve estar sendo fácil para você.

— Me sinto conformada, e agora estou um pouco melhor, depois de apenas conversarmos.

— Você sabe que pode contar comigo, sempre.

Augusto começa a fazer pequenos círculos em minhas mãos, que estão embaixo das dele. Um calor grande sobe por minha espinha e, em reflexo, como fuga, puxo minhas mãos, mas ele continua me encarando, até eu desviar os olhos.

— Quer uma carona para casa? Preciso ir, pois tenho um aluno agora e ainda estou com o quadro de monitores reduzido.

— Não, obrigada, vou caminhando.

— Tudo bem. Tenha um bom dia. E, se precisar, sabe como me encontrar. E se não precisar também.

Antes de partir, ele ainda deposita um beijo suave em meu rosto, demorando alguns segundos a mais que o convencional. Tento ocultar, sem sucesso, o rubor que sobe por minhas bochechas, e ele parte sorrindo para mim.

Vou caminhando até minha casa, deixo minhas coisas e vou buscar as crianças na escola. Os dois menores não escondem a alegria de sair mais cedo. Ambos, desde pequenos, sempre estudaram em período integral, e essa foi a minha primeira providência tomada: deixo-os matriculados para o meio período.

Chego em casa, preparo o almoço deles e depois os levo até uma praça, nem ligo para a casa bagunçada e a louça para lavar. Deixo que eles brinquem até cansar, enquanto isso, fico sentada em um banco da praça, absorvendo os pequenos raios de sol de uma tarde de outono, que aquecem levemente a minha pele. Não tenho uma lembrança anterior de tanto bem-estar.

Volto para casa, coloco os dois no chuveiro e os ajudo com a lição. Quando Pedro chega, finge que não se espanta com minha presença. O convido para se sentar conosco à mesa, após alguns segundos de hesitação, ele se senta e aceita de bom grado o lanche que lhe dou. Tomamos um café da tarde, todos juntos e bastante tranquilos. Por incrível que pareça, meus filhos não brigam em nenhum momento, muito menos ficam disputando minha atenção. Ainda faço uma pequena arrumação em casa, com a ajuda deles. Cada um auxilia no que pode: Isa e Vitor guardam todos os seus brinquedos, sapatos e roupas; Pedro me ajuda com a louça, sem eu pedir. O dia está realmente maravilhoso.

Até a novela das sete, que eu nunca havia assistido em toda a minha vida, assisto, esparramada no sofá.

O jantar, que costumava ser uma correria, enquanto eu fazia milhões de coisas ao mesmo tempo, foi supertranquilo.

Já quase no final da noite, recebo uma mensagem do Nando no celular.

Hoje

Tudo bem por aí?

Sim, e com vc?

**Estou tentando ficar bem.
Algum dia a dor diminui?**

Claro. Vira saudade.

**Vou passar uma temporada
grande por aqui.
Você consegue ficar
sozinha com as crianças?**

**Sim, mesmo porque fui
demitida hoje.**

Nossa! Mas qual foi o motivo?

**Muitos! Não é a hora exata,
Nando, mas precisamos ter
uma conversa muito séria.**

**Sim, precisamos, mas, se for
sobre seu amante, não tenho
nada para falar.**

**Olha, Nando, se você algum dia estiver
disposto a conversar e tentar me ouvir,
sabe onde me encontrar.**



Desligo a internet do celular, não vou ficar aturando desaforos e não é certo discutir com uma pessoa em luto, pois o que temos para conversar não será possível via mensagem. Além do mais, não adianta explicar quando o outro está determinado a não entender. Eu posso esperar, afinal, agora tenho todo o tempo do mundo e uma vontade enorme de consertar a minha vida.



Capítulo 15

Minha rotina muda drasticamente. A correria do dia a dia é substituída por dias mais longos e produtivos. Procuo uma faculdade de psicologia pela manhã, assim poderei continuar levando e buscando as crianças na escola. Consigo uma bem perto, com um preço bom. Começarei no próximo semestre. Fico muito satisfeita comigo mesma por ter tomado essa decisão.

Outro item de minha lista é fazer alguma atividade física, então começo a correr na praça próxima à minha casa. No início, é mais por não querer gastar minhas economias com uma academia, mas depois acabo adorando. A sensação de liberdade ao correr sem destino, sem compromisso, é maravilhosa. Cada dia aumento um quilômetro à minha maratona, não consigo mais passar um dia sem praticar essa atividade. Com isso, mais uma das prioridades para melhorar minha vida é colocada em prática.

Nesse período, não converso mais com o Nando. Ligo algumas vezes para falar com dona Celeste, buscando notícias de ambos, mas ele sempre arruma uma desculpa para não falar comigo. Em compensação, passo a falar e a encontrar o Augusto quase todos os dias pela manhã, no café onde nós conversamos naquela vez, sempre que retorno da escola das crianças. No primeiro dia, foi outra surpresa agradável, e, nos demais, acabamos combinando de tomar café juntos e conversar um pouco.

Certas horas, acredito que ele faz o papel de meu terapeuta, e, em outras, tenho que fugir dos olhares intensos que ele me dá. Eu vou apenas com a intenção de conversar e mais nada. Realmente me faz muito bem alguns minutos de conversa jogada fora. Durante todas as noites, também nos falamos por mensagem. Eu fico ansiosa pela hora de pegar o notebook e abrir meu coração, minhas angústias e inseguranças para Augusto, que parece me entender tão bem.

Com a chegada do fim de semana e sem previsão da volta do Nando, me programo para fazer algo divertido com as crianças; eles estão preci-

sando de distração, andam muito tristes. Resolvo fazer um bate e volta com meus filhos na praia. Eles ficam superempolgados, até o Pedro baixa um pouco a guarda e pergunta se pode levar a namorada. É claro que eu concordo. Preciso muito conversar com a menina, e essa me parece a situação ideal.

Saímos cedinho, eu quero levá-los para tomar café na mesma parada que eu fui dias passados. Aliás, as crianças nem dormiram de tanta ansiedade. Já o Pedro... eu quase tive que jogar um balde de água para acordá-lo. Até sua namorada bateu na minha porta toda sorridente e disse que saiu antes de a mãe acordar, caso contrário, ela não a deixaria ir.

— Mas você a deixará preocupada!

— Não, dona Izabel, eu deixei um recado enorme para ela.

— Mas eu não concordo que você saia sem a permissão dela.

— Ah, por favorzinho, sogrinha. Não vejo o mar desde que eu era bem pequenininha.

— Tá, tudo bem. Aproveite e veja se consegue acordar seu namorado.

Pedro se levanta em menos de um minuto e fica reclamando que eu não devia ter deixado sua namorada vê-lo com cara de quem acabou de acordar. Olho para meu filho e o acho lindo de qualquer jeito, até com a cara e os cabelos amassados. Lembro-me do Nando quando começamos a namorar, ou ficar, sei lá, já tão bonito e ficando cada dia mais forte. Sinto um aperto no peito com essa lembrança. De certa forma, nós construímos uma família linda e passamos por tanta coisa juntos. Não quero que tudo acabe sem ao menos conservarmos nossa amizade. Sinceramente não sei mais se quero ficar casada com ele somente por meus filhos, esse é mais um item da minha lista de prioridades para ser resolvido de vez.

Depois da parada para um delicioso café da manhã, chegamos à mesma praia que visitei semanas antes. O dia está mais quente e ensolarado do que no sábado anterior, vai dar para as crianças aproveitarem bastante.

Sento-me na areia, com minha norinha em um microbiquíni — e realmente a menina é linda, não tem nenhum sinal de barriga ainda —, mas já estou vendo a hora de meu filho pular no pescoço de algum cara, pois por onde ela passa, todos os homens se viram para olhá-la.

Enquanto o Pedro corre com os irmãos parecendo uma criança, aproveito para investigar um pouco a Josi e acabo descobrindo que, apesar de ter um corpão, sua cabecinha é de uma menina muito inocente. A mãe literalmente a obriga a fazer muitas coisas das quais não gosta nem concorda, ela faz para não decepcioná-la e acaba sendo manipulada por ter

dó da situação financeira da mãe, que acabou perdendo a boa vida quando se separou do último marido. Sua inscrição no concurso de miss bumbum também foi feita por imposição da dona Katilene. Eu fico de cabelo em pé quando ela me conta que engravidou por querer, para sair daquela vida e ter uma família de verdade, pois realmente sempre amou o Pedro. Cada vez que a Josi confidencia algo de sua vida, que não parece ser nada fácil, fico com mais raiva de sua mãe.

Acabo me afeiçoando à garota e entendo o motivo da fascinação de meu filho por ela. Apesar de um tanto inocente, ela é um doce de menina e não parece estar mentindo. Ela deixa escapar que o sonho dela era que o Nando fosse seu pai, pois não conheceu o dela, e que sente inveja da forma como ele trata os filhos. Diz também que a mãe dela tem obsessão por meu marido. Sinto uma pontinha de ciúmes. Se por acaso nós nos separássemos, ele mereceria algo bem melhor. Pensar na possibilidade de ver o Nando com outra mulher me dá um nó no estômago. Isso realmente não é algo agradável de pensar.

Evito a todo custo, durante o passeio, pensar no Augusto, mas nossas noites e manhãs foram tão agradáveis que parece que nos conhecemos há anos. Estou ficando cada vez mais encantada com a forma como ele me entende e apoia.

As crianças vêm se sentar ao meu lado na areia e começam a fazer castelinhos, já a Josi se levanta e vai se encontrar com o Pedro. Eu fico observando os dois namorarem, tão carinhosos e amorosos um com o outro. Ao vê-los dessa forma, lembro-me de como era o meu relacionamento com o Nando. Nunca namoramos assim, nosso relacionamento já começou cheio de responsabilidades, porém eu me contentava somente com o fato de amá-lo e tê-lo como meu companheiro; hoje isso não me satisfaz mais. Será possível resgatar o que perdemos? Será que o Nando poderá, um dia, me amar? Ele nunca foi capaz de pronunciar algo relacionado ao amor. Talvez uma única palavra pudesse mudar tudo o que aconteceu com o que sinto por ele. Em compensação, o Augusto não me poupa elogios, ele sempre tenta levantar minha autoestima e ainda não esconde seus sentimentos.

Meus pensamentos retornam para a noite passada, quando mais uma mensagem do Augusto mexeu comigo. A música que ele me mandou vem à minha mente.

Minha alma viajante

Coração independente

*Por você corre perigo
Tô a fim dos seus segredos
De tirar o seu sossego
Ser bem mais que um amigo.
Não diga que não
Não negue a você
Um novo amor
Uma nova paixão
Diz pra mim¹⁰*

Será que eu serei capaz de amar novamente? Será que eu conseguirei me entregar a outro homem, como Augusto sugeriu? Meu coração parece estar blindado contra novos sentimentos. Apesar de gostar muito da amizade dele e de nossas conversas, sinto que me tornei incapaz de voltar a amar alguém. No momento, acredito que minha melhor decisão é ficar sozinha e feliz comigo mesma.

A voz de minha filha interrompe meus pensamentos conflitantes, enquanto eu observo as ondas que quebram na areia ao longe.

— Mamãe, o papai poderia estar aqui com a gente, né? — diz a Isa com a voz dengosa.

— É, mãe, liga para o meu pai e pede para ele vir para cá.

— Não dá, Vitor, teu pai está muito longe. Até ele chegar aqui, já teremos partido.

— Tô com tanta saudade do meu pai. Promete que a gente volta outro dia com ele?

— Prometo, Vitor! — Só não sei de que forma eu atenderei ao pedido dos meus filhos. Infelizmente uma decisão precisa ser tomada.

O restante do dia na praia segue bastante feliz e agradável. Almoçamos juntos em um quiosque à beira-mar e depois voltamos para a areia, para aproveitar mais um pouco. O tempo permanece firme, ajudando para que todos se divirtam muito, até que começa a esfriar, já no final da tarde, anunciando o fim de nosso passeio.

As crianças não querem ir embora, mas não viemos preparados para ficar. Assim que der, voltarei com eles para passar mais dias.

10 Música Pássaro de Fogo, composição de Paula Fernandes – Pássaro de Fogo (2009).

Voltamos para casa sujos, grudados de areia, mas felizes!

Chegamos em casa no comecinho da noite e, depois de uma maratona de banhos, pego meus filhos e minha nora, que não desgrudou da gente por nem um momento, e vamos a uma lanchonete. Sinceramente, há tempos eu não vejo meus filhos se divertindo tanto e brincando entre si, até a Josi brinca com a Isa, com os brinquedos que ganharam de brinde nos lanches, como se fosse uma menininha.

No carro, na volta para casa, a Isa e o Vitor falam que só não foi o dia mais feliz da vida deles, porque o pai não estava junto. Confesso que pensei várias vezes em como seria se fizéssemos diferente, eu estava sentindo a falta dele e sabia que as crianças também, mas não queria mais viver da forma que sempre vivi, passando pela vida como uma mera espectadora.

Estaciono o carro na garagem, as crianças entram correndo em casa e o Pedro me avisa que ficará um tempo por ali, com a namorada.

— Dona Izabel, obrigada pelo passeio. Há muito tempo eu não me divertia tanto.

— Eu também adorei, Josi. Olha, filho, se vocês vão ficar aqui fora, é melhor buscar uma blusa de frio para cada, a temperatura caiu muito e eu não quero a mãe do meu neto doente.

— Pode deixar que eu esquento ela, mãe. — Acabo concordando e entro sorrindo em casa. Estou bastante aliviada por nosso relacionamento estar melhorando. Encontro a Isa e o Vitor dormindo, cada um em um sofá, e os levo, um por vez, para seus quartos. Finalmente posso pegar o notebook para conversar com o Augusto, quero muito contar a ele sobre os progressos que tive com o Pedro; venho contando minhas preocupações e seguindo seu conselho de ser paciente e realmente tem dado certo.

Quase morro de susto ao ligar a luz do meu quarto e encontrar o Nando sentado no chão, ao lado do notebook aberto, e algumas garrafas de uís-que caídas e vazias, que faziam parte da decoração do bar há muito tempo.

— Nando, o que aconteceu? — Ele levanta os olhos, muito vermelhos e um pouco semiabertos, para me ver.

— Eu li tudo, Bel, eu li! Você não me ama mais! — Sua fala está bastante enrolada, mas dá para entender que ele repete isso sem parar, antes de começar a chorar convulsivamente. Fico muito assustada ao vê-lo nesse estado, nunca o vi bêbado antes. Nando nunca foi de beber, o máximo que ele tomava era uma cervejinha aos domingos.

— Você não me ama mais! — ele continua falando, enquanto tento levá-lo e levá-lo para a cama.

— Me diz, Bel, o que eu te fiz? Eu não fui um bom marido? Me diz, Bel, por favor!

— Não é nada disso, Nando!

Ele se agarra às minhas pernas e fica ajoelhado chorando, dizendo coisas desconexas. Algo sobre me dar o papel que eu quero, que o pai dele o tinha abandonado, que ele é um covarde, sobre o *playboy* que quer tomar tudo dele. Fala tudo isso ao mesmo tempo em que chora.

Como sou muito pequena e Nando muito maior e forte, não consigo arrastá-lo para a cama. O cheiro forte de álcool exala dele, então tento levá-lo para o chuveiro.

— Nando, por favor, me ajude, vamos para o chuveiro.

— Oh, minha muureninha... vou, achiiiiei que você num me amava maiiss.

Depois de sua frase toda enrolada, ele se apoia em meu ombro e deixa que eu o conduza até o banheiro. Ele cheira meu cabelo o tempo todo e tenta me dizer algo. Quando chegamos, eu o coloco sentado no vaso sanitário, ligo o chuveiro e o enfito debaixo da água morna com roupa e tudo; não tive coragem de colocá-lo na água fria, pois, apesar da raiva que sinto no momento, tenho que reconhecer que, para ele chegar a esse estado, dever estar sofrendo muito.

No chuveiro, ele se senta no chão, com a água escorrendo pela cabeça e pelo corpo, e volta a chorar como uma criança grande.

— Bel, me desculpe. Eu não sabia... Não me deixe! Não desista de mim, por favor!

Não tenho coragem de responder, fico somente ali, fazendo-lhe companhia enquanto ele chora e se desculpa por algo que eu nem sei o que é.

Consigo tirá-lo do chuveiro e secá-lo. Com um pouco de sua colaboração, consigo colocar uma camiseta e uma cueca boxer nele. Com Nando apoiado mais uma vez em meus ombros, eu o ajudo a se deitar na nossa cama e, antes de ele apagar totalmente, ainda o ouço dizer:

— Eu te amo tanto, minha moreninha!

Meu coração para por um segundo ao ouvir essa frase que por anos sonhei em ouvir. Mas a emoção que pensei que viria ao ouvi-la é ofuscada por uma grande mágoa e pela dúvida se ele me ama mesmo ou se está falando isso somente por estar muito bêbado. Esperei tanto que agora nem me importo mais.



Capítulo 16

Dormi feito uma pedra, acordei com o Nando velando meu sono, olhando diretamente para mim.

— Você está melhor?

— Não, estou me sentindo péssimo! Nada para em meu estômago e minha cabeça parece que vai explodir.

— Vou preparar um chá para você e pegar um analgésico.

— Espere, não precisa. Continue deitada, não quero te incomodar.

— Não é incômodo algum, não posso deixá-lo passando mal. — Quando passo por ele, Nando captura minha mão e a segura de modo firme. Seus olhos me encaram bastante marejados e eu vejo um tipo de dor em seu semblante que não sei explicar.

— Me perdoa, Bel! — As palavras saem como em um sussurro, ameaçadas por um choro que parece estar prestes a sair. Concorro balançando a cabeça e solto minha mão para ir rumo à cozinha, não é a hora de termos esse tipo de conversa, pois ele parece estar sofrendo muito. A dor de perder o pai ainda está muito latente nele.

Preparo um chá de boldo para ele e pego um analgésico. Enquanto estou na cozinha, penso no quanto minha vida está confusa e que preciso resolver logo todo esse impasse, mesmo que para isso eu tenha que magoar as pessoas que amo.

Volto ao quarto e o encontro sentado no mesmo lugar, entrego o chá a ele, que o toma com o analgésico, de uma só vez.

As crianças entram no quarto correndo e eu percebo uma careta de dor no rosto de Nando por causa da bagunça que elas fazem ao vê-lo. Nando tenta dar atenção a elas, mas não consegue.

— Meninos, seu pai precisa descansar. Quando ele melhorar, vai brincar com vocês.

— Ah, mãe, deixa... só um pouquinho.

— “Deixa eles”, Bel, também estou com saudades.

— Tudo bem, vou preparar o café deles e já volto.

Quando retorno, consigo tirar as crianças do quarto e Nando vai se deitar, pois ainda está passando muito mal.

Depois do café, assisto a um filme com as crianças e consigo fazer com que elas fiquem quietas até o horário do almoço. Pedro se levanta por volta do meio-dia, morto de fome, e fica feliz por seu pai estar em casa, mas a preguiça é maior, então toma seu café e vai deitar-se de novo.

A campainha toca, eu vou atender e encontro a Josi parada à porta, com os braços envoltos da barriga, chorando.

— O que aconteceu, Josi? — pergunto, já a puxando para dentro de casa.

— Dona Izabel, estou com muita dor desde a madrugada, chamei minha mãe, mas ela não deu muita bola. Agora fui ao banheiro e estou sangrando.

— Vamos para o hospital agora mesmo!

— Eu estou com medo. Não quero perder meu bebê!

— Não fique assim, vai dar tudo certo.

Corro para chamar Nando e avisá-lo sobre o que está acontecendo. Ele se levanta prontamente, dizendo que a levará. Por fim, chegamos ao acordo que ele ficará para cuidar das crianças.

Praticamente arranco o Pedro da cama para levá-lo comigo. Nunca vi uma pessoa ter tanto sono, mas, quando descobre o motivo, ele se desespera e começa a ficar mais nervoso que a namorada.

Chegamos ao hospital, que está lotado — ela não tem convênio médico, por isso fomos a um hospital público. Após horas de descaso e muita briga por parte do Pedro, que tentava a todo custo fazer com que ela fosse atendida enquanto se contorcia de dor, consigo, enfim, fazer com que ela seja examinada por um médico.

Infelizmente não há mais nada que possa ser feito, Josi perdeu o bebê.

Não sei a quem eu consolo primeiro, já que os dois estão arrasados. Ela chora sem parar, enquanto o Pedro anda de um lado para o outro, quase arrancado os cabelos.

Pedro permanece ao lado da namorada durante todo o tempo e após o procedimento de curetagem. É muito bonito ver o carinho dele com ela, que está desconsolada.

Ligo para casa a fim de dar a notícia. Nando também fica muito chateado, diz que estava gostando da ideia de ser avô, mas que eles são jovens e poderão estruturar a vida primeiro antes de darem um passo tão importante. Ele ainda me tranquiliza dizendo que está muito melhor depois do chá que lhe dei, que já cuidou das crianças e está tudo sobre controle; até almoço ele fez e deu a eles.

Peço que ele vá dar a notícia para dona Katilene, já que a Josi se nega a me passar o número de telefone da mãe, pois acha que ela dará pulos de alegria e já tramará algo para usá-la. Não duvido dela e tenho ainda mais compaixão.

Ficamos o dia todo no hospital, chegamos em casa já no final da noite. A insuportável da mãe da Josi está ao portão, esperando, e não demonstra um pinga de piedade pela menina.

— Agora que não tem mais nada que prenda vocês dois, cada um pode ir para seu lado e acabar com essa brincadeira de namoro, para a Josi retomar sua carreira — dona Kátia anuncia assim que passamos por ela.

— A senhora não pode nos obrigar a ficar separados, somos maiores de idade — Pedro responde, visivelmente alterado. Eu procuro ficar de fora da discussão, pois estou a ponto de arrancar os cabelos dessa mulher.

— São sim, mas quem paga as contas dela sou eu. Então a minha filha tem que fazer o que eu mando, sim!

— Mãe, por favor! Eu gosto dele, aliás, eu o amo.

— Você sabe o que é amor, por acaso? Amor não paga contas. Por acreditar nessa história foi que eu acabei sozinha com uma filha ingrata para criar.

— Eu não pedi nada para a senhora, aliás, é você quem me obriga a fazer coisas que não quero.

— Eu te obrigo? Por acaso você se deitou com aquele jogador obrigada?

— Eu sei que é mentira dona Katia, a senhora não vai conseguir nos separar novamente.

— Você tem certeza? Sabe o que ela faz quando não estão brincando de namoradinhos?

— Para mãe, por favor!

Resolvo me intrometer, pois percebo que o Pedro está acreditando nas mentiras dela e tudo começa a ir longe demais.

— Olhe aqui, dona Kátia, a sua filha está cansada. Estamos todos abalados, então é melhor deixar tudo isso de lado e cuidar da Josi, que acabou de perder o seu neto.

— Oras, não venha me dizer como cuidar de minha filha. Ela irá perceber que o acontecido foi o melhor. Essa criança só estragaria seu corpo.

— Como a senhora tem coragem de dizer uma coisa dessas? Era seu neto.

— Vá cuidar de seus machos e não me venha dar lição de moral!

Josi está aos prantos, agarrada ao Pedro; meu coração dói ao ver essa cena. Não tenho ânimo nem para responder, porém nem é preciso, escuto a voz grossa e familiar do Nando falar atrás de mim.

— Não se atreva a falar novamente dessa forma com minha esposa.

— Hum... Bonitão, vai fazer o quê? Me bater? Olha que eu gosto, hein?

— Nunca bateria em uma mulher, mesmo que ela merecesse.

— Vocês homens merecem essas prostitutas mesmo! — Kátia diz, apontando para mim.

Juro que tentei não voar em seus cabelos, mas ela passou de todos os limites. Quando dou por mim, já estou no chão, rolando com ela, e seu cabelo de aplique está todo em minhas mãos.

Nando me tira de cima dela, enquanto ela grita que irá me processar. Nem ligo para isso e ainda a ameaço com outro processo.

Enquanto ela se recompõe, antes de entrar, ainda é capaz de ameaçar a própria filha.

— Josi, vamos. E você está proibida de falar com essa gentinha.

— Não quero, mãe. Não me peça isso!

— Você escolhe. Se quiser continuar com ele, esqueça que um dia teve mãe!

— Josi, você terá abrigo e cuidados em nossa casa se quiser, não precisa fazer nada obrigada — Nando anuncia, enquanto me segura, falando exatamente o que eu tinha pensado.

Mas a pobre menina se amedronta, dá um beijo no rosto do Pedro e entra em sua casa aos prantos.

— Ela fez a escolha dela, agora não chegue nem perto, moleque, ou serei obrigada a utilizar outros métodos.

— Você está me ameaçando agora? — Pedro se exalta mais uma vez e Nando o segura também.

— Pedro, deixe para lá, não adianta discutir com pessoas desse tipo. Pensaremos em uma forma de resolver tudo isso — Nando fala enquanto segura Pedro e a mim, que já estou prestes a atacá-la novamente.

Entramos todos e, dessa vez, quem busca acalmar a todos é Nando. Eu estou me sentindo bastante satisfeita por tê-la deixado careca, ela irá gastar um bom dinheiro com outro aplique.

Pedro logo se tranca no quarto, rejeitando até mesmo o lanche que ofereço a ele.

Não consigo entender como um ser humano pode ser tão desprezível e tratar a própria filha como um objeto.

Nando cuidou das crianças e da casa, tudo está impecável. Encontro a Isa e o Vitor de banho tomado e sentados, pacificamente, assistindo a um filme juntos, na sala.

Aonde eu vou, Nando vem atrás de mim, me ajudando ou simplesmente me fazendo companhia. Parece um pouco melhor do que eu, porém percebo certa hesitação nele.

— Preciso de um banho, passei o dia todo naquele hospital e estou me sentindo suja.

Dessa vez, ele não me segue. Enquanto deixo que a água escorra por meu corpo, penso no quanto minha vida muda de um minuto para o outro. Nem me lembro mais, nesse momento, de todas as minhas resoluções do dia anterior. No próximo dia começará uma nova semana, e eu não posso simplesmente deixar que tudo volte para a mesma rotina de sempre.

Saio do banho e encontro o Nando sentado na cama, encostado na cabeceira, olhando para o nada. Fico um pouco desconfortável por me trocar na frente dele, mas tento fazer tudo naturalmente.

Ao terminar, vejo que ele me olha fixamente, seus olhos, até então perdidos, agora parecem inflamados. Resolvo dar uma olhadinha nas crianças para fugir um pouco.

— Se você estiver indo colocar as crianças na cama, já estão dormindo tranquilamente, cada uma em seu quarto, e eu também contei história para elas.

— Vou somente dar um beijo de boa noite e preparar um chá para nós.

— Venha descansar, você deve estar cansada.

— Sim, um pouco, mas já volto.

Penso em falar “quanta diferença”, mas prefiro somente balançar a cabeça concordando.

Faço um pouco de hora, enquanto preparo o chá. Não sei, sinceramente, se quero encontrá-lo dormindo ou desperto para termos a conversa que realmente precisamos ter.

Mas o encontro, quando retorno, ainda na mesma posição e novamente olhando para o nada. Entrego o chá para ele, que o aceita sem protestar, e me sento ao seu lado na cama.

— Obrigada, mas realmente não precisa ficar cuidando de mim.

— Fazer um chá não me custa nada.

— Mas eu sei que você está cansada, eu li suas mensagens, suas palavras não saem da minha cabeça, martelando sem parar.

— Não posso negar o que já leu.

— Mas não estou pedindo isso, só queria entender por que você não conversou comigo. Desde quando está tão infeliz?

— Nem eu sabia, Nando, venho há tantos anos correndo contra o tempo, que só percebi o que me faltava depois do acidente.

— E *quando* percebeu... por que não falou comigo? Estou me sentindo um péssimo marido! Consegue imaginar como me sinto ao vê-la se abrir com outro cara, que está apaixonado por você, e não comigo?

— Talvez por ele ter me ouvido, simplesmente, coisa que você não tem feito há tempos. Tem horas que me sinto invisível. Já percebeu, Nando, quanto tempo faz que não conversamos?

— Sim, mas muitas coisas vêm acontecendo. Nunca temos tempo para nós dois.

— Nando, mesmo quando temos o mínimo de tempo ou quando consigo falar o que sinto, você acha irrelevante. Olha, Nando, não quero ficar jogando coisas na sua cara, eu realmente tenho muita mágoa guardada e, sinceramente, acredito que não tenha mais jeito.

— O que não tem mais jeito? O que quer dizer?

— Eu quero dizer, Nando, que eu não quero mais.

— O que você não quer mais, nós dois juntos? É por causa daquele aproveitador? Você está apaixonada por ele?

— Não é nada disso! Eu não quero mais, porque cansei. Passei dezoito anos te amando incondicionalmente, sem pedir nada em troca, mas agora eu quero mais, eu preciso de mais. E, sinceramente, não sei dizer se estou apaixonada pelo Augusto, somente acho que ele preencheu um buraco que você nunca fez questão de cobrir.

— Que buraco é esse, pelo amor de Deus? Me diz o que eu tenho que fazer para preenchê-lo, você não pode desistir tão fácil da gente.

— Nando, não funciona assim! Sabe quando a mágoa mata a esperança? É assim que me sinto, não tenho mais vontade, nem ânimo. Tenho consciência de que errei muito também, mas queria que você percebesse sozinho o que nos faltava. Quanto tempo mais iríamos viver dessa forma? Até as crianças crescerem? E depois? O que seria de nós, dois estranhos vivendo sob o mesmo teto?

— Mas ainda dá tempo, Bel. Não faça isso conosco, com nossos filhos. Pense neles!

— É por pensar neles que preciso tomar esta atitude. Eles precisam da mãe feliz e não do jeito que me sinto agora. Preciso também ser justa com você, te amarrei a mim por tempo demais, você merece ter opção de escolha também.

— Como assim me amarrou? Opção? Que conversa é essa, Bel? Você acha que estou com você por qual motivo?

— Sinceramente, eu não sei, você nunca falou, somente foi ficando.

— Eu estou com você porque quero! Sempre quis. E também não quero ir a lugar algum ou ter opções como você falou. Ou você acha que essas opções nunca apareceram, Bel?

— Você é sargento, trabalha com homens, Nando, e trabalha muito. Talvez não tenha tantas opções assim.

— Não subestime a si mesma, já pensou quantas mulheres trabalham em um aeroporto? Aeromoças, recepcionista, passageiras? Mas isso nunca me importou, desde o momento que, por opção, eu quis ficar com você!

— Existe uma grande diferença entre querer ficar e amar. Nenhum relacionamento sobrevive dessa forma.

— Exatamente, por isso o nosso sobreviveu até hoje. E se você deixar, temos muito o que viver juntos ainda. Dê uma chance para nós, para mim. Mostre-me as minhas falhas, que tentarei consertá-las!

Nando me vira para ele e segura firme meu rosto, secando as lágrimas que teimam em sair.

Ele aproxima seus lábios dos meus, sussurrando um, por favor. Quando toma meus lábios, não tento resistir, seu beijo é sofrido, mas não surte o efeito que ele busca. Tento me conectar a ele, juro que sim, mas parece que meu coração foi tomado por uma névoa de mágoa.

— Eu não posso, Nando, infelizmente você acordou tarde demais.

Nando continua segurando meu rosto, olhando fundo nos meus olhos e a compreensão o acomete, então ele beija mais uma vez os meus lábios e se levanta da cama muito desconcertado.

Depois de se levantar e andar de um lado para o outro no quarto, pensando no que fazer, enquanto eu continuo na cama, sentada, agarrada ao meu corpo, o escuto falar:

— Se é isso que você quer, não irei desrespeitar seus desejos. Estou acatando, mas não desistindo.

E realmente, dessa vez, ele parte.

Deito-me em seu lado da cama. Eu preciso descansar, meu corpo está exausto. Tento aplacar as milhões de dúvidas que surgem na minha cabeça, resolverei tudo no dia seguinte e, só por hoje, deixarei o notebook de lado.



Capítulo 17

Os dias se passam e a alegria que pensei que sentiria por, finalmente, ter tomado uma decisão não me alcança. Não sei crescer como me sinto. Às vezes, fico aliviada, outras, triste, variando para ansiosa e também decepcionada. Não sei o que eu esperava da atitude do Nando, uma vez que minha decisão já havia sido tomada, mas, com certeza, não era nada parecido com aceitar de forma tão pacífica nossa separação.

Na mesma noite, ele já foi dormir no quarto das crianças, me deixando sozinha na minha cama grande, com meus pensamentos. Por um momento, quis voltar atrás em minha decisão, mas logo descartei essa possibilidade. Precisava ficar só e ser feliz comigo mesma, além de me dar oportunidades que nunca tive na vida.

No dia seguinte, Nando partiu cedinho para a casa de sua mãe. Passaria mais alguns dias ao seu lado, ficaria até o retorno de sua tia, que faria companhia à dona Celeste nesse período de luto. Ele nem ao menos veio se despedir, partiu sem me dar tchau.

Agora ele liga todos os dias para falar com as crianças, prometendo que voltará assim que a vovó melhorar, mas sequer pergunta por mim.

Até o notebook eu abandono durante toda a semana, não entro uma única vez para trocar mensagens com o Augusto. Evito também passar pela cafeteria, não quero vê-lo, para ele não entender errado o motivo de minha separação. Preciso me sentir livre e não quero cair de cabeça em outro relacionamento.

As crianças, apesar de estarem sentindo muita falta do pai, vêm se comportando muito bem. Claro que há momentos de “mãe, olha o Vitor” ou “mãe, olha a Isabela”, mas, mesmo assim, estão mais calminhos e obedientes. Pararam de disputar minha atenção o tempo todo, acredito que é por eu estar mais presente no dia a dia deles. O que está cortando meu coração é a tristeza do Pedro. Ele vai apenas do cursinho para casa e se tranca

no quarto, só come quando praticamente o obrigo e não quer fazer mais nada. Em compensação, ele se desarmou comigo. Ainda não posso dizer que voltamos a ser como antes, porém ele está menos na defensiva.

A minha semana tem sido cheia de afazeres domésticos, e, finalmente, minha irmã e eu tiramos o projeto da nossa boutique do papel. Malu está procurando um ponto ideal, e como recebi um bom dinheiro da rescisão, usarei uma parte nesse investimento e ainda conseguirei estudar pela manhã, guardando uma reserva para algum imprevisto.

Também venho me cuidando, me permiti passar uma tarde no salão de beleza, coisa que há tempos não fazia; precisava cuidar de mim. Fiz as unhas do pé e da mão, arrumei as sobrancelhas, fiz depilação e cortei o cabelo na altura da nuca. Esse último por ideia da Malu que ultimamente está grudada no meu pé, talvez por achar que estou sofrendo por conta da separação.

— Se eu fosse você, também pintaria de loiro.

— Malu, eu não sou você, que fica pintando os cabelos toda hora. Eu gosto da cor dos meus, e também não quero ser loira.

— Então ruivo.

— Nem ruivo, rosa, roxo ou qualquer cor que você inventar. Eu já dei-me convencer a cortar, agora chega.

— Lógico, você usava o mesmo cabelo desde que tinha quinze anos. Estava parecendo nossa tia Gertrudes.

— Nós nem temos uma tia com esse nome.

— Temos sim, a irmã do papai que mora lá em Belém do Pará.

— Nossa, Malu, ela se chama Geni.

— Mas para mim ela tem cara de Gertrudes.

— Nossa, eu desisto de você!

— E outra coisa, você vai comigo ao aniversário do meu amigo Bruno, né?

— Claro que não, só porque estou solteira não significa que tenho que ficar indo para baladas.

— Você está solteira e velha. Credo, tá realmente parecendo a nossa tia Gertrudes.

— Mesmo porque eu não tenho com quem deixar as crianças.

— Até parece, já resolvi tudo. O Vitor vai para a casa do João, para brincar com os primos, e a Isa, para a casa do Kaká. Ele me disse que tem

um evento na igreja para as crianças e depois ela vai dormir com as primas, noite do pijama.

— Você poderia ter me perguntando primeiro. São meus filhos... E se eu não deixasse?

— Até parece. Desgruda um pouco, deixa as crianças se divertirem.

— Mas e o Pedro?

— Se liga, né, Bel? O Pedro tem dezoito anos e vai adorar ficar sem você no pé dele.

— Mas eu também não tenho roupa para ir a um lugar desses.

— Não seja por isso. Eu sabia que você daria essa desculpa e já separei umas roupas da boutique que vamos montar.

— Se você continuar desfalcando o nosso estoque, não terá uma boutique para montar.

— Monto um brechó junto, pronto, aí, problema resolvido.

— Queria ser como você, levar a vida sem preocupações.

— Nada disso, Bel, não começa! Somente sou assim, porque tenho uma irmã responsável como você, que sempre vai me tirar dos apuros. Se bem que estou te achando bem mais leve ultimamente.

— Então descobri o motivo de você ser tão folgada!

— Folgada não, relax. Passo na sua casa às oito horas para te pegar.

— Me pegar? Você nem tem carro!

— Para pegar carona com você, oras! Mas, pensando bem, vou chegar antes para dar um trato no seu visual. Caso contrário, você sai igual à tia Gertrudes.

— Tá bom, Malu. Então acho melhor você me deixar em paz por hora, para que eu possa preparar meu espírito para te aguentar à noite.

Adoro minha irmã, mas a tagarelice dela me cansa.

Mesmo as crianças ficando superempolgadas por passarem uma noite de sexta-feira diferente, eu ainda me sentia culpada por deixá-los, cada um em uma casa diferente. Nunca os tinha deixado dormir fora, seria a primeira vez, eles se divertiriam e eu teria que aprender a relaxar.

Quando conto ao Pedro, ele me incentiva bastante. Acho muito estranha a reação dele, mas não o questiono.

João vem com seus dois filhos buscar o Vitor e me pergunta se minha separação é séria e se o Nando estava me maltratando.

— Claro que não, João. Acabou porque tinha que acabar.

— Então eu não preciso dar uma sova nele?

— Não.

— Que pena!

O João até hoje não se conforma por meu pai ter tratado o Nando como um filho e nutre um sentimento negativo por ele.

Já a Isa, eu a levei até a casa de meu irmão Kaká. Raquel, esposa dele, nos esperava com minhas sobrinhas. Minha filha também não se continha de tanta alegria, mas me deu sua bonequinha para dormir comigo, para eu não ficar com muita saudade dela.

— Como você está, Bel? — minha cunhada pergunta assim que a Isa entra com as primas.

— Estranha, não sei explicar direito.

— O Nando está aceitando bem a separação?

— Não falei mais com ele desde domingo, então deve ter aceitado.

— Bel, estou te achando triste, fico preocupada.

— Sabe, achei que ficaria aliviada quando desse um basta no meu relacionamento com o Nando, mas não estou feliz. Não queria que tudo acabasse assim, nada aconteceu da forma como eu esperava.

— Bel, uma separação não deve ser fácil, ainda mais quando se tem filhos envolvidos. Mas aproveite esse tempo para se encontrar, cuidar de você. Eu vi que cortou o cabelo, ficou mais linda ainda. É disso que está precisando: recuperar sua autoestima, se amar acima de tudo e não depender de outro para ser feliz.

— É exatamente isso que estou procurando, quero estar bem comigo mesma.

— Então já está no caminho certo, o resto vem em consequência do seu bem-estar. É preciso se amar para poder dar amor.

— Obrigada, Raquel, você e meu irmão são pessoas abençoadas, sempre nos ajudando e confortando.

— Precisando, sabe onde me encontrar.

Depois da minha conversa com ela, me animo um pouco. O sentimento de culpa sempre presente por não estar fazendo tudo certo o tempo todo até ameniza. Eu estou no caminho correto para encontrar minha felicidade e não desistirei logo agora.

A Malu deixou um guarda-roupa inteiro ao meu dispor. Para minha tristeza ela chegou cedo, toda produzida, para me ajudar. Depois de experi-

mentar todos os vestidos que ela trouxe, opto por um tubinho preto básico com as alças grossas.

— Mas nem a pau que você vai vestida de recepcionista.

— Mas é com esse que estou me sentindo bem.

— Como eu tinha certeza de que você escolheria esse, trouxe um plano B.

O vestido que ela me dá também é preto, mas com um decote que simula uma gola de onde sai um zíper, que desce até o final do vestido, na altura da minha coxa. Não é muito curto nem muito apertado, gosto da forma que me vejo no espelho. Meus cabelos recém-cortados na altura do ombro estão ajudando bastante a compor o visual com a sandália de salto um pouco alto demais para meu gosto, cujo fecho prende no tornozelo, também na cor vinho, a mesma do batom que estou usando, além de um colar discreto combinando com meus brincos compridos, dourados.

— Uau! Agora, sim, eu posso andar ao seu lado.

— Só você mesma para me convencer a usar uma roupa dessas.

— Fale a verdade, você está se achando, né? Mas é para se achar mesmo, está um mulherão! E se alguém perguntar de onde é esse modelito, você fala que foi sua irmã estilista que confeccionou.

— Sério que esse modelo é exclusivo seu?

— Sim, e fui eu quem costurou também.

— Malu, você está mandando muito bem!

— Não querendo ser nada modesta... eu sei!

— Nossa... vamos, antes que eu desista.

Saímos de casa e vamos direto para a tal festa do Bruno, amigo da minha irmã. Ele é um famoso fotógrafo e fechou uma casa noturna badaladíssima para sua festa, segundo a Malu. Eu mesma nunca ouvi falar do lugar e estava receosa de ser muito barulhento. Porém, para minha sorte, a casa é dividida por ambientes; não consigo ficar por muito tempo onde tocam um tipo de música eletrônica muito alta para meus ouvidos.

O outro ambiente é um palco para shows no qual, segundo minha irmã, terá um show surpresa que não podemos perder. Por isso nos acomodamos em um barzinho onde um rapaz toca MPB, voz e violão. Aqui me sinto um pouco mais confortável.

Logo a Malu avista um moreno alto, com a pele bem bronzada e olhos pretos.

— Bel do céu, me belisca! Aquele Deus está mesmo me dando mole?

O rapaz está mesmo olhando fixamente para minha irmã, que não se contém, pede um drink e vai toda confiante ao encontro do cara, me abandonando no bar com um copo de suco na mão. Como queria ser impetuosa como ela!

Do meu lugar, observo a Malu se aproximar do moreno e oferecer o drink, que ele aceita sem pestanejar. Conversam por alguns minutos, falando muito próximo do ouvido. E, em menos de dez minutos, minha irmã é conduzida pelo belo rapaz até uma sala mais reservada, ao lado do bar. Ela, antes de sair, ainda me dá um tchauzinho com um sorriso de orelha a orelha. O moreno também acena para mim e coloca uma das mãos nas costas dela, enquanto andam.

Nossa como o mundo está moderno! Acho que nunca conseguirei agir dessa forma.

Acabo percebendo que estou sozinha no bar e que tem muitos caras me olhando, fico desconfortável com essa atenção e acabo soltando um “Humpt” bem alto.

— O que está te incomodando?

Viro-me ao ouvir a voz do Augusto falando próximo ao meu ouvido.

— Augusto? O que faz aqui?

— Eu ia lhe perguntar a mesma coisa.

— Eu vim acompanhar minha irmã, que é amiga do anfitrião.

— Pois é, eu vim acompanhar meu irmão, que é amigo do anfitrião também.

— Seu irmão? Qual deles?

— O mais velho, que mora na Austrália. Ele veio passar uma temporada aqui no Brasil comigo.

— Nossa, e ele tem amigos aqui?

— Sim, muitos. Foi só ele pisar em solo brasileiro, que os convites começaram a pipocar.

— Na verdade, eu somente vim acompanhar a Malu mesmo. Nem gosto desse tipo de ambiente, acho que já estou velha demais para balada.

— Eu acho que você está no ponto, mas também me sinto um pouco deslocado em lugares assim.

— O pior é que agora a Malu se ajeitou com um cara e eu terei que esperar ela aparecer.

— Meu irmão também me deu um perdido. Mas não achei ruim, caso contrário, não teria vindo até o bar para procurá-lo e teria chegado tarde demais para encontrar uma gata assim sozinha.

Augusto pega uma mecha de meu cabelo e a afasta de meu rosto.

— Você ficou ainda mais linda com esse cabelo curto e essa sua nuca está uma tentação exposta desse jeito.

— Obrigada — respondo um pouco sem graça, baixando minha cabeça. Ele levanta meu rosto, me forçando a encará-lo.

— Por que não respondeu mais minhas mensagens?

— Tive muitos problemas na semana que passou.

— E também senti sua falta no nosso café da manhã. Fui todos os dias até a cafeteria, e nada de te ver. Eu fiz algo que te desagradou?

— Não, de forma alguma, mas eu precisava de um tempo para resolver muitos problemas.

— E esses problemas já foram resolvidos?

— Uma parte, sim. Mas estou colocando minha vida nos trilhos novamente.

— Muito bem, fico feliz que esteja buscando sua satisfação. Sabe, recebi umas mensagens suas um pouco estranhas no sábado passado.

Lembro-me de tudo que aconteceu, quando o Nando leu minhas mensagens.

— O que foi, especificamente?

— A primeira e única que dava para entender, dizia: “Fique longe dela”. As outras não tinham sentido, algo como papel, minha... eram frases desconexas e a última era uma sequência da letra k.

— Bem, pelo menos você sabe que não fui eu.

— Sim, atribuí aos seus filhos, mas, como você só me dá “fora”, acabei acreditando em tudo depois que você não retornou mais nenhuma mensagem.

— Você pede mais do que eu posso oferecer no momento. Eu precisava mesmo de um tempo.

— Já lhe disse que ficarei feliz com o que você tiver para me oferecer, mas não irei desistir.

Ele se aproxima, passando um dedo por meu rosto, me encarando. Fico novamente desconfortável e, por não saber como agir, dou um pulo do banco no qual estou sentada, procurando por uma desculpa.

— Ouvi falar que terá um show surpresa, vamos até lá para ver se já começou? — digo para quebrar o clima e percebo que ele fica um pouco contrariado.

— Vamos, claro! — Augusto responde, pegando minha mão para me levar até o outro salão. Eu tento soltá-la, mas ele me impede sorrindo.

— Nem vem que eu não vou te deixar solta, linda do jeito que está, já tenho muitos concorrentes para arrumar mais alguns.

— Que concorrentes?

— Seu marido e sua indecisão!

— Bem, então, somente sobrou minha indecisão. — Ao ouvir o que digo, ele para abruptamente e me olha com um sorriso bastante largo. Fico ainda mais sem graça com sua reação e também arrependida por ter contado.

— Você não pode me culpar se fiquei feliz com a sua informação.

— Tudo bem, eu entendo.

— Mas está chateada.

— Sim, é tudo muito novo e recente, ainda estou me acostumando.

— Tudo bem, mas tente se divertir, ok? Prometo manter minhas mãos bem quietas — ele fala, colocando as mãos dentro dos bolsos, arrancando um sorriso meu.

No caminho para o salão, avistamos a Malu grudada no rapaz que conheceu, quase a interrompo para lhe dizer para procurar por um lugar mais reservado. Mas noto que esse local é propício para os casais, pois a luz é bastante baixa, com vários pufes espalhados, e todos estão alheios ao que está acontecendo ao lado.

— Pelo visto meu irmão já conheceu a Malu.

— Não brinca que aquele rapaz é o seu irmão?

— Ele mesmo, estou começando a achar que os homens da minha família não resistem às mulheres da sua. Por acaso você não tem mais irmãs?

— Não, mas, se quiser, posso te apresentar ao meu irmão João.

— Aquele grandalhão, forte e nada amistoso? Muito obrigado, mas... não!

Augusto me faz rir e o clima entre nós volta a ficar tenso, pela forma como ele me olha.

— Você deveria sorrir mais, é simplesmente divino!

— Obrigada. Vamos para o show? — Ele sorri, entendendo meu objetivo de desviar o assunto, e nos dirigimos para o outro salão.

Ao chegar lá, vejo que o aniversariante está no palco agradecendo a presença de todos os seus amigos em um dia especial. Confesso que me sinto uma penetra, mas, pelo que vejo, ele não está ligando se todos são realmente seus amigos, e logo em seguida apresenta a dupla sertaneja que está no palco, chamada Mateus e Kauan. Pelos aplausos, deve ser bem conhecida, apesar de eu nunca tê-los visto ou ouvido.

Augusto também está curtindo bastante e conhece as músicas, pois está acompanhando todas. Ele me posiciona em sua frente, colocando suas mãos em volta de minha cintura, e balança meu corpo no ritmo que a banda toca.

Começa uma música bastante bonita, lembro-me de ele já tê-la mostrado para mim uma vez, enquanto conversávamos por mensagens. Deixo-me levar pelos acordes. Encosto minha cabeça em seu peito, sinto que ele cola seu corpo no meu, mas vou baixando a guarda por um único segundo, talvez pelo clima ou pela canção, e ele começa a sussurrar o refrão em meu ouvido.

*Tantos sorrisos por aí, e você querendo o meu
Tantos olhares me olhando, e eu querendo o seu
Eu não duvido, não, não foi por acaso.
Se o amor bateu na nossa porta, que sorte a nossa¹¹.*

Fecho meus olhos e me permito sentir, ele percebe que estou envolvida demais no momento e passa seus braços em volta do meu corpo, enquanto me deixa levar. Seus lábios percorrem toda a extensão do meu pescoço, meu coração começa a bater em um ritmo acelerado e sinto que já não quero mais parar. Lentamente Augusto me vira de frente para ele e segura minha nuca, me aproximando dele como se estivesse me dando a chance de interrompê-lo. Mas como não reajo, primeiro ele toca suavemente seus lábios nos meus, volta a me encarar e me beija uma vez, e depois outra, até tomar de vez a minha boca e me beijar como se estivesse aflito para fazê-lo há tempos.

Não sei por quanto tempo ficamos ali nos descobrindo e saboreando o momento. Suas mãos em meu corpo parecem formigar a minha pele, e o espaço de repente parece muito quente e impróprio.

É tudo mágico, no momento certo e bom, muito bom, diferente.

Mas...

11 Que sorte a nossa, composição de Mateus e Kauan - álbum Face a face (2015).



Capítulo 18

Mas...

O show acaba e as luzes se acendem um tom um pouco mais alto, flagrando muitos casais apaixonados. Eu fico bastante desconfortável quando minha irmã aparece bem na minha frente com o Beto. Ela me encara por uns alguns segundos, me vendo abraçada ao Augusto, processando alguma informação, mas nada diz.

— Essa é a Bel — Augusto me apresenta ao irmão dele.

— Oi, famosa Bel! — Beto pega minha mão em um cumprimento.

— E posso ver que já conheceu a irmã dela, a Malu.

— Sim, que grande coincidência! Descobrimos há pouco essa ligação.

Malu está surpreendentemente calada, ainda me examinando. Eu tento me soltar do abraço forte do Augusto.

— Bem, estávamos à sua procura, para avisá-la que estamos de saída — Beto me avisa, já que minha irmã virou uma estátua.

— Mas você está sem carro — escuto o Augusto responder ao irmão.

— E a Malu veio comigo — respondo também.

— Sem problemas, pegaremos um táxi.

— Ah, e não esperem por nós — Beto acrescenta.

— Tá tudo bem, Malu? Está tão quieta!

— Eu estou ótima. Eu que lhe pergunto. Você está bem?

— Estou ótima também.

— Se quiser, posso voltar para casa com você — Malu parece preocupada comigo.

— Que isso! Agora que encontrei meu par perfeito, não saio daqui sem você — Beto fala, abraçando minha irmã, que se derrete em seus braços.

— Tudo bem. Mas... Bel, você me liga mais tarde?

— Sim. Prometo.

Então os dois partem juntos, me deixando sozinha com o Augusto, que não me solta por um único segundo. Acho que ele está com medo que eu fuja.

— Vamos embora também?

— Claro, agora que o show acabou, não há mais nada de interessante aqui — respondo a ele.

— Vem para a minha casa comigo?

Percebendo minha hesitação, Augusto acrescenta:

— Está cedo e seria uma ótima oportunidade para você conhecer o lugar onde moro.

Permaneço quieta, me perguntando por que não.

— Vamos, eu prometo manter minhas mãos bem longe de você.

— Já vi que não conseguirei te dizer não.

— Bem, já estava pensando em quais desculpas mais eu poderia usar.

— Tudo bem, eu vou, mas só um pouco.

Ele não parece muito satisfeito com minha resposta, mas sorri concordando e vamos rumo à sua casa, que não fica muito distante da minha. Vou dirigindo meu carro, seguindo o dele, apesar de sua insistência de irmos somente em um carro. Mas eu não quis arriscar, quero ter meu carro à disposição assim que pretender ir embora.

A casa do Augusto é bastante bonita, uma construção um pouco antiga e grande demais para um homem solteiro. Mais tarde, descobri que foi mais um item da herança que ele recebeu de seu pai e que vive um tanto desconfortável nesse lugar devido às tantas lembranças. Augusto me confidenciou também que tem um apartamento na cidade do Rio de Janeiro e que ele está à venda, assim como a casa imponente em que estamos.

— Por que está vendendo ambos os imóveis? Onde irá morar depois?

— Tudo depende do que vai acontecer daqui para frente. Eu tinha alguns planos que resolvi engavetar por hora.

Percebo que ele não quer se estender no assunto e resolvo mudá-lo enquanto caminhamos de mãos dadas pelos cômodos da casa.

Paramos na frente de um quarto de criança todo montado.

— Aqui era meu quarto. Quando me mudei com minha mãe, eu já era adolescente, mas meu pai manteve tudo intacto, dizendo que seria para seus netos.

— Você dorme aqui?

— Não, arrumei um dos três quartos da casa e durmo lá. Não consegui ficar com o quarto que era de meu pai também.

— Deve estar sendo difícil ficar aqui em meio a tantas lembranças?

— Sim, principalmente porque tudo ainda está da forma que ele deixou. Já pensei em radicalizar e mudar tudo, mas não tive coragem.

— Se algum dia quiser, posso vir te ajudar.

— Se tudo correr da forma que estou planejando, irei precisar mesmo.

— Nossa, quais planos são esses?

— No momento certo eu direi. Aceita um café ou qualquer outra bebida?

— Estou faminta e com sede.

— Vamos resolver isso já.

Vamos até a cozinha, onde ele me senta à mesa, grande e redonda, e prepara um lanche delicioso para nós, com um suco natural fresquinho. Descubro que ele é todo natureba; além de cuidar da alimentação para que seja toda balanceada, ainda é um ótimo cozinheiro, mérito, segundo ele, de morar sozinho há muitos anos.

— Hum... esse lanche está uma delícia!

— Lanches nem são minha especialidade.

— E qual é sua especialidade?

— Massas de todos os tipos, principalmente as integrais.

— Não sou muito boa com massas. Cozinho bem mesmo só o trivial.

— Então vou preparar um jantar especial para você. Qual dia é melhor?

A pergunta dele me deixa sem graça por não saber o que responder. Estava ali curtindo o momento e não pensando no depois, porque, com isso, viriam as perguntas e as dúvidas. E tudo que eu queria era ser uma mulher solteira e independente, nem que fosse por um único dia.

— Você não está planejando fugir de mim logo agora que não há nada que nos impeça, está? — ele pergunta, ansioso por minha resposta.

— Sinceramente não estou pensando no amanhã. Estou aqui agora, não estou? Apenas isso é o que importa.

— Então, segundo a sua teoria, temos que aproveitar o dia de hoje?

Enquanto eu raciocino sobre um jeito de sair da enrascada em que me enfi, Augusto se aproxima como um felino, depositando uma das mãos sobre minha coxa descoberta e a outra segurando minha nuca. Ainda me dá uma oportunidade de fugir, mas me perco dentro do seu olhar tão negro, que parece tentar enxergar através de mim. Não tenho forças para me

mover e ele se aproveita, capturando minha boca. Primeiro, um beijo suave de reconhecimento e, depois, outro mais intenso, enquanto faz carícias por toda a extensão da minha perna.

Realmente ignoro todos os alertas que minha consciência está mandando e deixo que todas as sensações dominem o meu corpo.

É tudo novidade. Só tive um único parceiro em minha vida toda e essa experiência está sendo reveladora. Não consigo parar, quando me vejo, já estou nua sobre a cama do Augusto e não sei nem em que momento perdi minhas roupas ou como cheguei até ali.

Augusto parece ter medo de me largar, talvez ache que vou fugir, mas a única coisa que quero, no momento, é viver essa experiência.

Posso observar seu corpo esbelto e delineado quando, por alguns segundos, ele me larga para tirar suas roupas.

Minha consciência, lá no fundinho, manda mais um alerta, que é abafado pelo instante em que seus lábios se dedicam a passear pelo meu corpo desnudo.

Mesmo sendo a primeira vez que ficamos juntos, ele parece conhecer bem o meu corpo e toda a forma de me fazer sentir prazer, com um simples toque.

Meu último raciocínio lógico é pensar na prevenção, pois, a partir daí, não poderei e nem quero mais voltar atrás.



Acordo com um raio de sol bem fraco batendo em meu rosto e me assusto ao olhar para o lado e ver um homem diferente dormindo ali. Demoro vários segundos para entender onde estou. Ao perceber que já é dia, levo um grande susto e saio tropeçando da cama, procurando minhas roupas. Com o barulho, acabo acordando o Augusto.

— Fique tranquila, não há motivo para se desesperar com a hora.

— Como não? Já é dia! Deixei meu filho mais velho sozinho em casa, e não pretendia ter demorado tanto. É a primeira vez que durmo fora de casa e longe deles.

— Mas deve estar tudo bem. Fica para tomar o café comigo?

— Não posso. Obrigada!

— Só porque eu estava planejando te dar o café na cama, aliás, passar o dia todo nessa cama.

Augusto fala, já se aproximando para tentar me puxar de volta.

— Olha, seria ótimo, mas não sou livre como você, tenho compromissos com meus filhos, e meu irmão ficou de levar minha filha antes do horário do almoço.

Percebo que ele fica um pouco ressentido, mas nada diz, só fica deitado, me observando andar pelo quarto, vestindo minhas roupas.

— Você volta? — ele pergunta assim que coloco a última peça.

— Não sei, nos falamos depois.

— Tudo bem. Antes que vá, preciso te dizer que você está muito linda com esse vestido.

— É um modelo exclusivo da Malu.

— Muito bonito! E preciso dizer também que essa foi uma das melhores noites de minha vida. Tenho certeza de que todos esses anos solitários fizeram sentido no momento em que eu pude tê-la em meus braços.

Fico mais sem graça ainda com a declaração dele e parto respondendo com um até logo e um aceno de cabeça. Não quero dar falsas esperanças a Augusto, pois tudo aconteceu de uma forma que eu não planejei, e muito menos esperei.

Eu esperava que tudo fosse ruim. Quando, na verdade, foi tudo maravilhoso. Cada toque, cada carícia, cada beijo foi divino. Senti muito prazer e pude dar prazer também. Meu receio é que o Augusto não seja esse homem perfeito que ele aparenta ser, mas, para colocar mais dúvidas em minha vida, ele é perfeito, tudo foi perfeito. Porém, ainda sinto que ele quer de mim muito mais do que posso lhe dar.

Só não sei se ele aceitará minhas condições.

Entro em casa na pontinha dos pés e me deparo com uma cabeça loira dormindo no sofá com o Pedro. Ao chegar perto, percebo se tratar da Josi. Corro para a cozinha para não ser flagrada, pois, apesar de ser maior de idade e dona da minha vida, não quero dar satisfação a meus filhos sobre nada.

Ao voltar, passo na pontinha dos pés e os deixo dormindo ali, fico com dó de acordá-los, mesmo estando muito intrigada pela presença da Josi em minha casa.

Entro no quarto e acendo a luz, ainda me lembrando da noite maravilhosa que tive, e reparo que há algo em meu travesseiro. Chego perto e pego uma única rosa vermelha e uma carta.

Falta-me o fôlego ao constatar que é do Nando e que ele veio até aqui, e quem sabe até que horas me esperou.

Sento em minha cama para ler a carta com um bolo no estômago. Eu esperei tudo, mas nunca imaginei que seria surpreendida.

A carta diz...



Capítulo 19

Bel,

Passei essa noite, uma das mais angustiantes de toda a minha vida, em claro, enquanto olhava dos ponteiros do relógio para a porta de nosso quarto e percebia que você não iria chegar.

Estava morto de saudades. Quando saí do aeroporto, passei por um vendedor de flores que fica na saída da porta de funcionários, todas as sextas-feiras. Sempre que olhava para as rosas, eu me lembrava de você e pensava “talvez na próxima semana eu compre”. Hoje não deixei para depois, queria entregá-la e me desculpar por nunca ter demonstrado que pensava em você e sorria quando via algo tão simbólico, mas não consegui chegar a tempo de conversarmos antes que você saísse. Só encontrei o Pedro em casa com a Josi. Ele me explicou que você saiu toda produzida com a Malu e fiquei aliviado de ser com ela e não com aquele lobo vestido em pele de cor-deiro, que só quer te tomar de mim, então resolvi esperar.

Mas as horas se passaram e você não chegou. Em um primeiro momento, pensei em ir te procurar, mas, como não fazia ideia de onde você poderia estar, continuei esperando e, a cada hora que passava, dizia a mim mesmo que você estava somente se divertindo e que você merecia ter experiências que nunca teve antes. Mas, quando o dia amanheceu e você não passou pela porta de nosso quarto, pude experimentar todos os tipos de sentimentos.

No primeiro momento, pude experimentar pela primeira vez quão amargo é o gosto do ciúme, e então senti muito ódio de você. Minha cabeça construiu os piores cenários possíveis de onde e com quem poderia estar, mas, com as horas se passando, o ódio deu lugar ao arrependimento por tudo o que deixei de te falar e de demonstrar. No momento, estou com ódio, mas de mim mesmo.

Busquei em minha cabeça, para entender onde eu errei e tive a triste constatação de que foi a vida toda! Desde o momento em que procurei o seu

pai com a desculpa perfeita para me aproximar da menina linda e inteligente que se sentava na primeira carteira da sala, com os cabelos cheirando a morango. Sempre que passava por você, eu sentia vontade de afundar meu nariz em cada cacho seu e ficar ali para sempre. Minhas mãos até coçavam de vontade de tocar sua pele morena tão contrastante com a minha, e tão mais bela. Infelizmente apenas hoje percebi que te amei desde o momento em que a vi entrar na sala timidamente, se escondendo atrás de um caderno desenhado com borboletas, e não entendia a estranha sensação de essas borboletas terem ido parar no meu estômago e acordarem toda vez que te via.

Fui um completo imbecil por nunca ter me declarado e um idiota por acreditar que você não precisava da comprovação por meio das palavras. Eu sempre a achei tão forte e determinada, que, no meu egoísmo, me calei quando deveria ter falado o quanto eu já te amava, que eu usei seu pai para me aproximar de você, que eu era muito inseguro e sem seu apoio e sua fé em mim eu não teria conseguido nada. Que eu não me achava bom o bastante para você. Que era a sua foto que eu guardava no bolso do meu uniforme e que era para ela que eu olhava quando achava que não iria conseguir. E que era do sabor do seu beijo, da sensação do toque na sua pele, do encaixe perfeito do seu corpo sob o meu e do seu sorriso que eu recordava sempre que fechava os olhos para dormir, e só assim me sentia em paz!

Eu poderia escrever durante o resto do dia sobre tudo o que fiz motivado por você, sem que ao menos soubesse. E agora estou aqui, sentado em nossa cama, onde por tantas vezes tive o privilégio de te amar, consumido em arrependimentos por tudo o que não fiz e por tudo o que deixei de dizer.

Gostaria de ter o poder de voltar no tempo e consertar tudo, mas não tenho. E a certeza de que a perdi está fazendo meu coração sangrar. Só que, no meio do meu desespero, surgiu a esperança de que talvez eu possa te recuperar e mostrar que tudo pode ser diferente, se você me der uma oportunidade. Por favor, não desista de nós. Por favor, me deixe provar que posso te amar todos os dias e fazer com que você volte a me amar.

Estou voltando hoje para a casa da minha mãe, pois seria doloroso demais ver você chegar após eu passar uma noite toda te esperando. Mas eu voltarei quando me chamar, a qualquer momento.

E, a partir de agora, viverei para te provar que posso ser o homem que você merece.

Te amo para todo o sempre!

Nando

Sinto um bolo se formar no meu estômago, que vai subindo até minha garganta, me sufocando. Sinto muito calor, meu coração bate descontroladamente e meus pés parecem não encontrar o chão sob eles. Minhas pernas tremem e minha cabeça gira com um único pensamento “por que só agora?”.

Deixo a carta sobre o criado-mudo e vou para o banheiro me enfiar embaixo do chuveiro, pois, de repente, passei a me sentir muito mal e, de alguma forma, suja.

Sento no chão do banheiro, deixando que água caia por todo o meu corpo, me lavando e amenizando os tremores que passam por mim, mas a água não tem o poder de limpar minha alma. O nó em minha garganta se torna maior e não posso mais conter as lágrimas que segurei durante toda a semana fingindo que não estou sofrendo desde que o Nando foi embora sem ao menos tentar salvar o que restou do nosso relacionamento.

Coloquei uma pedra em meus sentimentos e tentei me convencer de que a mágoa é maior que a falta dele, mas parece não ser.

Será que essa declaração tão tardia pode mudar alguma coisa? Achei que, com a separação, eu ficaria menos confusa. É tão injusto da parte dele fazer isso comigo agora, quando achei que finalmente poderia colocar minha vida nos trilhos e tocar em frente.

A lembrança da minha noite com o Augusto volta à minha memória. Cada toque, cada beijo, tantos elogios e carinhos que tocaram fundo no meu coração. Mas lembrar que ele está tão esperançoso e apostando tudo em um possível relacionamento, me faz questionar se sou capaz de encarar novamente a rotina desgastante de viver a dois. Porém, ao mesmo tempo, ele foi um alívio nos dias em que mais precisei que alguém me ouvisse, quando me sentia tão sozinha, beirando à depressão. E a confusão dentro de mim voltou.

Tudo aparenta ter mudado irrevogavelmente e, sinceramente, não tenho mais certeza de nada. A felicidade que achei que sentiria me parece ideológica demais no momento.

Escuto a campainha tocar e saio do transe que os pensamentos conflitantes formaram. Resolvo me levantar e cuidar do que ainda é certeza em minha vida: meus filhos. De que adianta ficar aqui chorando e pensando tanto a ponto de fazer minha cabeça doer?

Tomo uma atitude, não irei mais me cobrar. Vou continuar tocando minha vida e deixar que tudo se ajeite. Estou me sentindo muito cansada de tudo isso e dando murro em ponta de faca.

Quando chego à sala, vejo meu irmão com a Isa toda chorosa, dizendo que ela teve pesadelos à noite e que dormiu muito mal, por isso resolveu

trazê-la cedo. Ele diz que é normal esse comportamento, notando minha preocupação, por se tratar da primeira vez que ela dormiu na casa de outras pessoas, mesmo depois de ter se divertido bastante.

— O que foi, minha florzinha? — pergunto assim que Kaká parte.

Minha filha me abraça forte e fica chorando por um tempo em meus braços, até se acalmar.

— Mamãe, eu sonhei que o papai ia morar em uma ilha deserta e não conseguia voltar para casa, e não me via nunca mais.

— Mas, Isa, foi só um pesadelo. Não precisa ficar assim.

— Não é, mamãe! Quando ele vai voltar da casa da vovó? Eu tô com medo dele ficar pra sempre lá.

— Ele só está cuidando da vovó. Logo, logo ele volta.

— Você promete?

— Sim, prometo — respondo automaticamente para minha filha, sem saber se poderei cumprir minha promessa, apenas não quero deixá-la ainda mais triste.

Reparo que tenho outro problema para resolver. Sentados no sofá estão Pedro e Josi, de mãos dadas, com caras de bebês chorões.

— O que está acontecendo? Vocês voltaram?

— Sim, e temos uma coisa para te pedir.

Eu me aproximo deles e sento no sofá com a Isa no meu colo e um pressentimento de problemas à vista.

— Mãe, ontem a Josi veio passar a noite comigo. A dona Kátia descobriu e fez um monte de ameaças para ela. Então, pela primeira vez, ela enfrentou a mãe, que não aceitou e expulsou a Josi de casa.

— Você está bem? — faço a pergunta direcionada à Josi, que seca as lágrimas, na tentativa de escondê-las.

— Estou sim. Mas estou com muito medo.

— Não precisa ficar assim, ficaremos do seu lado e iremos te ajudar. Fique aqui em casa pelo tempo que quiser. E deixe pra lá, que sua mãe vai perceber o tesouro que perdeu e vai voltar atrás.

— Eu duvido, dona Izabel, minha mãe vive consumida pelo rancor, e eu fiz tudo o que podia até hoje.

— Mas você não pode destinar esse mesmo rancor a ela. Ela é sua mãe, a única que você tem. Quando ela te procurar, e tenho certeza de que irá, releve tudo e a perdoe.

— No momento não sei se sou capaz. Sempre fui muito sozinha e agora ela me abandonou de vez. Ainda bem que tenho o Pedro e acredito que esse foi um dos motivos pelo qual me apaixonei por ele. Ele sempre me ouviu e me ajudou, preenchendo minha solidão com amor e carinho. Eu garanto para a senhora que não vou fazer seu filho infeliz nem deixá-la nos envenenar novamente.

— Tenho certeza disso, minha querida! Bem, agora vamos tomar um café. Vocês devem estar famintos.

— Mãe, quando o pai volta?

— Não sei, Pedro. Por quê?

— É que minha prova na Aeronáutica será no próximo mês e ele estava me ajudando com os estudos. E agora, mais que tudo, preciso dar um rumo à minha vida.

Meu filho realmente está crescendo. Olho para sua situação, tão preocupado com o bem-estar da namorada, o que me faz recordar tudo o que passei com o Nando, que, apesar da distância, sempre esteve presente de alguma forma, me apoiando ou ajudando e eu a ele.

Antes de me levantar, sou interrompida pelo Pedro, que me abraça, pedindo desculpas e agradecendo muito por minha compreensão. Josi também me abraça em agradecimento e eu me sinto um tantinho melhor.

O dia passa tranquilo. Mais tarde o Vitor liga, perguntando se pode ficar mais um dia com os primos. Eu deixo, mas, antes de desligar, ele me pergunta se o pai virá para casa no dia seguinte. Como respondo que não sei, diz:

— Ah, bom. Então só vem me buscar de noite, tá? — E nem me dá tempo de dizer sim ou não.

Tento concentrar-me nos afazeres do dia e, até mesmo quando a Malu liga dizendo que encontrou o amor de sua vida, meus pensamentos viajam pelos acontecimentos da noite anterior e da manhã. Tem momentos que não consigo segurar as lágrimas pensando nas palavras da carta e tem outros que me distraio nas lembranças dos toques tão leves das mãos do Augusto.

Faço de tudo para não comparar os dois, mas é impossível. São dois contrastes que dividiram meu coração ao meio. Um é intenso como um furacão e o outro suave como uma brisa do mar.

Vejo meu celular piscando, quando finalmente minha irmã desliga, avisando sobre a chegada de duas mensagens.

Não consigo parar de pensar em você, sinto que encontrei tudo o que procurei a vida toda e o porquê de nada ter feito sentido antes de te conhecer. Já estou com saudades 💔.

Por favor, diga que poderemos nos ver hoje novamente. Gostaria de levá-la para jantar. Aguardo ansioso por sua resposta.
Guto

A outra diz:

Controlei-me o dia todo para não ir até aí. Estou tentando me convencer de que você precisa de tempo para pensar, mas, quando penso que já pode ter lido minha carta e não ter me respondido por ser tarde demais para nós, tenho vontade de correr até nossa casa e tomá-la em meus braços, até recuperar tudo o que desperdicei.

Estou voltando para São Paulo com minha mãe, as lembranças da casa estão dolorosas demais para ela, decidimos realizar a mudança ainda hoje, para a nossa antiga residência. Conversei com ela, que deseja ficar mais próxima das crianças e perguntou se poderia cuidar dos netos hoje. Poderíamos aproveitar e sair para jantar, precisamos conversar e eu preciso provar que tudo pode ser diferente.

Aguardo ansioso por sua resposta. 🌹

Nando

Fico olhando para o celular sem me mover por vários minutos. E agora, o que eu vou fazer? Ou melhor, o que eu quero fazer? Minha cabeça entra em um turbilhão e então, escolho...



Capítulo 20

Eu escolho a mim.

Apesar de meu coração estar bastante dividido entre as descobertas de um mundo novo com o Augusto e a possibilidade de reacender o amor que sempre tive pelo Nando, no momento, não estou preparada para atender às expectativas dos outros. Não quero viver novamente em prol de um relacionamento e ter que abrir mão de minha liberdade recém-conquistada, e ainda aceitar tão facilmente a mudança do Nando. Ele sempre me teve na mão e nunca valorizou isso, mesmo descobrindo que ele realmente me ama, agora acredito que não basta. Se eu voltar com ele, não vai demorar muito para tudo voltar para a mesma rotina. Não que eu não acredite que as pessoas possam mudar, eu acredito, sim! Porém também acredito no fator comodismo. O ser humano é assim, ama, mas gosta mesmo é de ser amado sem esforços.

E se, por acaso, não for tudo da boca para fora, e se eles me amarem de verdade, irão respeitar e saber esperar, e, acima de tudo, aceitarão minha escolha.

Respondo aos dois que estarei ocupada, cuidando de mim, e que preciso de tempo para colocar as ideias no lugar. Nenhum dos dois responde de volta.

E, quer saber, pela primeira vez em anos, me sinto em paz comigo mesma e com a minha decisão. O turbilhão de sentimentos dá lugar a uma calma. Somente tenho um objetivo: amar a mim mesma primeiro. O restante virá como consequência.

Aproveito o restante do dia para ajudar a acomodar a Josi no quarto da Isa, não que eu seja tola a ponto de achar que ela não irá parar no quarto do Pedro à noite. Mas eles entendem quando digo que a Josi precisa se sentir em casa e não como uma esposa. Ambos são muito novos e têm a vida inteira para tomar decisões, sem serem forçados por situações adversas.

Cuido de mim, algo que raramente consigo fazer com a Isa junto, ela adora quando pinto suas unhas também. Veja a Josi se aproximando, desejando participar, e a chamo para me ajudar. Ela parece uma menininha

querendo ser aceita. Percebo sua tristeza, e que ela luta para não se abater quando faz uma confissão:

— Sabe, dona Izabel, eu sempre quis ter uma irmã. Pensava que talvez eu pudesse ter alguém para compartilhar as cobranças comigo. Desde muito pequena, fui incentivada a cuidar de mim, mas não com coisas para o meu bem-estar. Hoje sei que era para atrair os homens.

— Sempre foram só vocês duas?

— Não, teve épocas que minha mãe casava, e então esses eram meus dias mais felizes e solitários. Ela se dedicava totalmente aos maridos e me esquecia por um tempo.

— Que triste, Josi, mas, como eu já te falei, não guarde mágoas e use essas experiências para se tornar uma pessoa melhor. Lá na frente, quando tiver sua própria família, garanto que será uma excelente mãe.

— É o que eu mais quero, ser como a senhora e ter uma família unida e linda assim. Eu fico dando bronca no Pedro quando ele começa a reclamar, digo para ele pensar em quantas pessoas ele conhece que tem um pai e uma mãe juntos. Até na escola todos admiram a família de vocês.

Não tenho como responder à sua declaração, fico muda. De uma forma profunda, suas palavras tocam, sem querer, meu coração e minha mente, fazendo com que eu me lembre de que estamos vivendo exatamente o contrário e que eu serei eu a responsável por negar isso aos meus filhos. Mas, passado o momento de tristeza dela e o meu de reflexão, temos uma tarde superagradável, a sensação que eu tenho é a de ter ganhado mais uma filha.

Mais tarde, meu pai chega trazendo o Vitor. Ele é louco pelo avô, e como meu irmão João mora muito próximo dele, o sargento resolveu dar o ar da graça.

Sempre que ele aparece, assim do nada, tenho até receio de conversar, pois a todo momento chega com alguma novidade referente a mulheres.

Tanto o Pedro quanto o Vitor grudam no avô e ele acaba ficando para o lanche da noite. Percebo que ele quer conversar algo e, assim que ficamos sozinhos na cozinha, meu pai começa a puxar assunto.

— Filha, quando o Nando voltará de Águas de Lindóia?

— Acho que já voltou, pai, ele ia fazer a mudança da mãe hoje.

— E você já decidiu o que irá fazer? — Eu me assusto com sua pergunta, pois, até onde eu sei, ninguém mais sabe do meu dilema.

— Do que você está falando?

— Izabel? Sobre você e seu marido! Ou você acha que não estou a par do que está acontecendo?

— Ex-marido, pai! E não há nada que decidir.

— Então vai ser assim? Se separam e pronto?

— Sim. Não somos casados no papel, então será fácil assim!

— Será mesmo? Até onde eu sei, vocês têm casa e carro juntos, além das crianças. Você já pensou como irá fazer com elas? Guarda compartilhada? Está preparada para deixá-los passar dias com o pai ou datas comemorativas, tipo o Natal? Porque será assim. O Nando pode ter muitos defeitos enquanto marido, mas sempre foi um bom pai. Ele nunca abrirá mão dos direitos dele.

— Não, pai, eu não pensei em nada disso, e também não discutimos essas questões ainda! — respondo visivelmente chateada e agora muito preocupada por não ter pensado em nada disso. Nunca me ocorreu que eu poderia passar épocas sem meus filhos por perto. Essa descoberta me sufoca.

— Olha, filha, não quero deixá-la mal e muito menos quero que viva dentro de um casamento infeliz, mas essas questões precisam ser pensadas, e as consequências avaliadas, para que você tome a sua decisão com clareza e esteja ciente do que poderá perder ou ganhar.

— Pai, eu me anulei por anos em prol da minha família. É claro que tenho que pensar nas crianças, mas eles precisam da mãe bem e feliz.

— Eu não disse o contrário, minha filha. É exatamente isso. Você será feliz mesmo longe do homem que sempre amou? Sabe, filha, vi o amor de vocês ser construído, mas nunca o vi ser preservado. Só eu sei a falta que um amor desses faz em nossa vida. Desde que perdi sua mãe, sinto como se uma parte de mim tenha sido enterrada com ela, e talvez por isso eu procure tanto preencher esse buraco. Mas ninguém nunca será como ela.

— Nunca tinha ouvido você falar da mamãe com tanta devoção.

— Desde quando a perdi, venho procurando uma companheira. Às vezes, a solidão e a saudade chegam a doer, mas, quando percebo que ninguém nunca será como ela, a decepção, a tristeza e as mágoas vêm. Vivo me perguntando se a fiz feliz e me arrependo de todos os “eu te amo” que deixei de falar ou dos carinhos que deixei de dar. Então, minha filha, pense bastante antes de desperdiçar algo assim, porque tem momentos na vida que não voltam mais. E essa mesma conversa eu tive com o Nando ontem, porque um relacionamento não acaba por culpa de um só dos lados.

— Pai, prometo que vou pensar com carinho em tudo o que me disse, mas, como falei, nunca mais irei abrir mão da minha felicidade.

— Tá certo. E amanhã o almoço será por minha conta. Tem alguém que quero apresentar a vocês.

— Namorada nova?

— Sim, e futura esposa.

— De novo, pai?

— É o que eu disse, um dia encontrarei alguém que fará meu coração bater mais forte novamente. O que eu posso fazer se sou um eterno apaixonado?

O Vitor chega superagitado e falante de seu passeio. Pergunta quinze vezes se poderá ir de novo dormir na casa dos primos, quando eu confirmo que sim, me abraça dizendo que eu sou a melhor mãe do mundo. Depois ele me pergunta mais dezenove vezes quando o pai voltará e só sossega quando pega meu celular para ligar para o Nando.

Escuto quando o Vitor desliga e ele volta pulando de alegria, dizendo que o pai já voltou, está ajudando a vovó com a mudança e que, no dia seguinte, irá levá-los ao parque.

— Mãe, você vai junto, né? Faz o maior tempão que a gente não sai todo mundo junto!

— Não posso, meu amor, amanhã o vovô vai trazer a nova namorada para nós conhecermos.

— Ah, então vou ligar para o papai avisando que nós vamos cedinho, porque a tia Mari é *maior legal* e já quero estar aqui para comer a macarronada que ela me prometeu.

— Onde você a conheceu?

— Ontem, na casa do vovô — ele responde e já sai correndo para ligar o pai novamente.

O final da noite é bem tranquilo. Levo a Isa para dormir comigo, pois ela ainda está muito chorosa. Ela também me pergunta umas cinco vezes sobre quando o pai voltará, e, quando o Vitor fala que eles irão ao parque no dia seguinte, começa a pular na cama de alegria. Deixo o Pedro e a Josi na sala, dormindo abraçados no sofá, e noto que toda a revolta que pesava o semblante dele nos últimos dias abandonou sua face; agora ele dorme parecendo sereno.

Ignoro o computador, as chamadas perdidas do celular e as mensagens que recebi. Só abro a mensagem de voz da Malu, na qual ela narra alegremente que vai sair novamente com o Beto, mas tenho que desligar quando ela começa a detalhar o encontro que tiveram, pois a Isa, adormecida ao

meu lado, pode acordar com todos os detalhes picantes da minha irmã, que não tem o mínimo pudor. Fico aliviada e feliz por ela, parece que finalmente Malu está permitindo-se amar e ser amada.

Acordo no domingo com um cheirinho bom de café que vem da cozinha. Minha pequena dorme quietinha ao meu lado e a casa ainda está muito silenciosa.

Vou do jeito que eu estava até a cozinha e encontro o Nando trajando sua roupa de corrida e preparando o café da manhã.

— Nando? O que faz aqui?

— Estou preparando o café enquanto aguardo o Vitor.

— Ahhhhh...

— Eu ainda tenho as chaves, lembra? E, oficialmente, ainda é nossa casa — ele responde, enquanto analisa minha cara confusa.

— Realmente, precisamos acertar algumas coisas.

— Não se preocupe, não quero nada de valor. — Ele se aproxima e tento me esconder, envergonhada pelo meu estado, o de quem acabou de cair da cama. — A única coisa que eu quero, dinheiro nenhum no mundo pode pagar!

Ele me dá um beijo suave no rosto e sai em busca do Vitor, me deixando um tanto atordoada, sozinha na cozinha, com uma mesa de café cheia de coisas que eu adoro.

Nunca ele fez algo parecido, mas tento não me impressionar. Preparar um café não significa que a pessoa mudou.

Já perto da hora do almoço, meu pai chega trazendo várias vasilhas cheias de comida, dizendo que a tal da Mari tinha chegado cedo à sua casa e preparado tudo. Desconfio que, na verdade, eles já estejam morando juntos, mas prefiro não dizer nada.

— Cadê a nova felizarda, pai?

— Não fale assim, Bel, por favor! Garanto que irá gostar dela, sua opinião é muito importante, pois é a primeira vez, depois de tantos anos, que estou sentindo algo novamente dentro de mim.

— Tudo bem, pai, desculpe!

— Eu te entendo, Bel. Você me viu pular de galho em galho desde jovem e praticamente criou sua irmã. Mas passei tanto tempo tentando me livrar da escuridão, que agora acredito que finalmente estou conseguindo.

— Eu só quero que o senhor seja feliz. E fico muito satisfeita que esteja conseguindo.

— Obrigado. E saiba que também vou te apoiar em qualquer decisão que tome. — Dou um abraço apertado em meu pai, que segura as lágrimas e vai embora, dizendo que irá buscar a tal da Mari e logo voltará.

Pela primeira vez, meu pai chega com uma senhora, diga-se de passagem, muito bonita e conservada para seus 56 anos. Ela é muito agradável e ainda cozinha muito bem. Estava tudo uma delícia, e até passei um pouco de vergonha com os meninos, que pareciam ter anos que não comiam uma macarronada.

— Tia Mari, vem fazer macarrão pra gente todo dia?

— Todo dia, Isa?

— É, eu adoro macarrão e o da mamãe é muito ruim.

Todos caem na gargalhada com a espontaneidade da minha filha. Realmente, meus dotes culinários não incluem mexer com massa, eu nunca acerto a mão.

— Isa, todos os dias não poderei vir, mas prometo que, pelo menos uma vez por semana, farei sua macarronada de bom grado!

Nessa, a nova namorada do papai conquistou toda a família, inclusive o Nando, a Josi e a dona Celeste, que estavam almoçando conosco.

O Nando acabou ficando depois que o Vitor e o Pedro quase o obrigaram a almoçar conosco e ainda fizeram com que ele buscasse a avó, que tinha sido usada como desculpa para ele ir embora, porém não deu certo.

Dona Celeste chegou um pouco abatida, mas já parecia bem melhor do que na última vez que a vi. Como os netos fizeram a festa com ela, seu humor melhorou e ela até sorriu bastante com as conversas e picuinhas das crianças.

Foi um almoço em família muito feliz e agradável, há muito tempo não ficávamos assim unidos e passando o tempo juntos.

Enquanto todos se acomodam na sala, conversando animadamente, começo a arrumar a cozinha e percebo que o Nando está quieto me ajudando. Ele lava todos os pratos enquanto eu faço o resto. Esse gesto dele também é novo. Antes, ele se sentaria com os outros e me deixaria sozinha com toda a bagunça.

Quando terminamos, ele pede desculpas.

— Pelo que você está se desculpando?

— Por tudo! Talvez, se eu tivesse te ajudado mais, teríamos tido mais tempo juntos. Fui egoísta em todos os aspectos, não te dei atenção suficiente e, por isso, chegamos a esse ponto.

Não tenho palavras para responder, fico perdida em pensamentos enquanto sou avaliada intensamente por ele. Ele se aproxima, passa um dos dedos por toda a extensão do meu rosto, e, quando já estou totalmente entregue, deposita um beijo na minha bochecha e parte.

Nessa noite meu sono está inquieto, demoro a dormir, pensando no quanto nosso dia foi maravilhoso. Estou muito feliz por meu pai, que finalmente parece ter se ajeitado. E ainda mais satisfeita por ver meus filhos felizes com a família reunida. Até a Malu trouxe o Beto no final da tarde para conhecer a todos. Eles se conheciam há três dias e pareciam namorados de anos, por tanta proximidade. Fiquei aliviada por eles terem chegado depois que o Nando foi embora, seria embaraçoso demais tentar explicar tudo.

O novo namorado de minha irmã, em menos de meia hora, conquistou a todos. Mas eu fiquei incomodada com a situação... Como conseguirei lidar com a proximidade do irmão dele? Aliás, antes de partir, o Beto me entrega um bilhete do Guto. E ainda fala baixinho:

— Ele disse que você não responde suas mensagens, por isso pediu para eu lhe entregar.

A mensagem diz:

*Dê uma chance para nós, é só o que peço!
Não desperdice um sentimento tão puro!*

Então a confusão em minha cabeça está armada novamente. As palavras do Augusto têm o poder de despertar coisas boas em mim, em compensação, a sinceridade do Nando mexe com sentimentos adormecidos, e o local no meu rosto onde ele depositou um simples beijo parece arder ansiando por mais.

E esses são os motivos que me fazem virar de um lado para o outro na cama, pensando que devo tomar uma decisão final, para não fazer mais ninguém sofrer. Mas, por hora, sinto que não posso, por isso decido continuar sozinha até ter certeza do que realmente quero para mim.

Procuo ocupar minha semana com os afazeres da loja, ainda estamos à procura de um ponto ideal. Faço toda a correria de abertura de empresa e resolvo as questões em cartório, enquanto a Malu fica com a produção das peças e a contratação das costureiras.

As mensagens do Augusto continuam, por vezes, me deixo levar e fico por horas conversando com ele pelo computador. Acabo aceitando também

a proposta dele de me levar para conhecer um ponto comercial que foi do seu pai e agora está para alugar e marcamos uma data para visitar o imóvel.

Todos os dias sou surpreendida com algo diferente da parte do Nando. Um dia ele leva café na cama para mim, no outro, quando chego, ele já preparou o jantar. Tem levado e buscado as crianças na escola e, além disso, alguns mimos têm aparecido do nada em meu quarto, voltamos a conversar por horas ou as vezes só a pergunta “Como foi o seu dia”, já me satisfaz, ele está participativo e tem me incentivado com a abertura da loja. Em momento algum ele força a barra, dorme sempre na casa da mãe, mas não se deixa fazer ausente; acredito que queira provar algo para mim.

Tudo estava muito tranquilo e em paz. Até que...



Capítulo 21

As circunstâncias começam a mudar...
Conforme os dias se passam, a calma começa a dar lugar a dias tensos.

Começou em um domingo. Estávamos todos reunidos na cozinha, depois do café da manhã.

Nando estaria de plantão, mas, no último mês, ele se fez mais presente do que nunca. Estava extremamente atencioso, me ligava várias vezes para perguntar se eu precisava de algo ou já se adiantava e resolvia questões para me ajudar. Como, por exemplo, passar no mercado ou, quando ia correr, já passava na feira, às vezes ligava para saber como eu estava ou como eu tinha passado o dia. E sempre me mandava mensagens, algumas para me desejar um bom-dia ou outras para dizer que estava com saudades. Passamos a conversar muito mais, percebi que ele, por muitas vezes, também precisava desabafar. Sua rotina de trabalho no aeroporto era muito tensa, em certas ocasiões, eu apenas o ouvia e lhe dava apoio, incentivando-o em suas escolhas. Ele amava o que fazia, mesmo com todo o estresse que passava.

Ocasionalmente, ríamos muito de algo inusitado que havia acontecido nas salas de embarque. Era impressionante a criatividade das pessoas para se meterem em confusões, porém ele nunca ia para a casa da mãe sem antes perguntar se eu tinha algo para lhe falar. Também não insistiu em uma reconciliação, continuou respeitando minha vontade, mas a cada dia que passava ele ia reconquistando um pedacinho do meu coração, apagando toda a mágoa que estava dentro dele, me fazendo perceber que errei igualmente e que eu tinha grande parcela na rotina desgastante que se tornou o nosso relacionamento desde quando me calei e passei a agir somente no piloto automático, sem fazer questão de mostrar a ele toda a minha insatisfação, por anos.

Comecei a esperar também ansiosamente sua chegada. Virou quase uma rotina agradável ele passar lá em casa todas as manhãs para preparar nosso café e depois, no retorno do serviço, já à noite, para nos desejar um

boa-noite. Ajudava com a lição das crianças, estudava com o Pedro e só partia depois que cada um era colocado na cama; as crianças nem sequer percebiam que o pai não dormia em casa.

Antes de ir para a casa de dona Celeste, que já estava bem acomodada em seu antigo lar, ele sempre fazia algo para demonstrar que estava à espera de minha decisão, não por palavras, mas através de gestos, dando um beijo singelo no rosto ou outros mais demorados muito próximo ao canto da minha boca. Então fazia algum carinho inusitado, um abraço, uma carícia, sempre sem desgrudar aqueles grandes olhos verdes dos meus, porém ele não ia além, parecia uma promessa silenciosa. Minha pele ficava em chamas, como se o rastro de seus dedos ainda me fizesse arrepiar por onde ele passava, ansiando por mais. Ele percebia e ia embora sorrindo, com o mesmo sorriso de quando éramos só amigos, e eu uma menina apaixonada.

Além de tudo isso, Nando passou a ser o principal incentivador de nossa boutique. Ele estava ansioso, porque sua mãe se juntou a nós, reativando sua oficina há tanto tempo parada. Estávamos muito felizes, pois, com toda a ocupação, dona Celeste ganhou um novo propósito para sua vida, deixando a depressão, em que se afundou, de lado.

O único problema que estávamos enfrentando era a dificuldade para encontrar um ponto ideal para a loja física. A desmiolada da minha irmã estava mais inspirada do que nunca, fazendo vários desenhos e moldes, fruto de sua mente enamorada pelo Beto. Eles não se desgrudavam em nenhum momento, mas, em compensação, ela me deixou sozinha com toda a parte burocrática.

Por esse fato, acabei aceitando a ajuda do Augusto. Iríamos visitar um ponto comercial antigo de seu pai, que, segundo ele, ficava bem no centro do polo de lojas da José Paulino. Como morávamos no bairro da Mooca, achei que seria válido, e ainda poderíamos trabalhar com atacado, utilizando a mão de obra da oficina. A própria dona Celeste estava cuidando da contratação das costureiras. Todos estávamos bastante animados e evitando pensar na crise em que o país se encontrava, pois iríamos trabalhar bastante e, com esforço, conseguiríamos.

Não vi o Augusto por todo esse período, mas também não deixei de conversar com ele pelo computador todas as noites, virou quase um vício, era mais forte que eu. Não conseguia parar, mesmo sabendo que já estava passando dos limites. Eu criei uma conexão tão forte com ele, porque me entendia tão bem, que não queria mais viver sem sua amizade. Porém eu sabia que o Augusto queria muito mais de mim, e eu não sabia se poderia satisfazer suas expectativas. Ele estava cheio de planos agora que o irmão

estava próximo, mas queria me incluir neles. Por muitas vezes, confessou o cansaço da vida de solteiro e da solidão, declarando que achou ter resolvido esse problema quando me conheceu, e que não perderia a esperança.

A campainha de minha casa começa a tocar insistentemente, tirando-me do meu devaneio. Ao abrir, me deparo com dois policiais e, ao lado da viatura estacionada na rua, a dona Katilene com ar vitorioso.

— Em que posso ajudá-los? — pergunto aos dois policiais com cara de poucos amigos.

— Recebemos uma denúncia referente a sequestro e cárcere privado e viemos checar.

— Que absurdo! Qual é a denúncia exatamente?

— Aquela estimada senhora relata que seu filho está mantendo a filha da requerente sob cárcere privado.

— Mas que absurdo!

Com a movimentação em minha porta, meus filhos vêm ao meu encontro e também a Josi, muito assustada, grudada em Pedro. Isso sem contar os muitos vizinhos que começam a se aglomerar para assistir o que está acontecendo.

— Senhor seu guarda, eu estou aqui por livre e espontânea vontade, pois fui expulsa de casa por minha mãe. Meu namorado e sua família me deram abrigo, caso contrário, eu estaria dormindo na rua.

— Não acredite nisso, soldado Josias. Eles devem estar drogando minha filha. Olha o estado lastimável dela!

— Claro, né, mãe? Além de ter acabado de acordar, eu não tenho o que vestir... Se não fosse pelas roupas que a tia Malu me emprestou, estaria usando as cuecas do Pedro.

— Tá vendo? Olha só o que eles fizeram com minha filha! Agora ela está inventando mentiras. Aposto que está sendo obrigada a falar essas coisas — dona Kátia começa a falar e tenta se aproximar da Josi para abraçá-la, que se esconde atrás do Pedro para se proteger.

Acontece tudo muito rápido, quando percebo o sorriso cínico que ela dá de lado e fala baixinho para o Pedro que ele é um inútil, perdedor e está ferrado, vejo as mãos de meu filho se fecharem em punho e não penso muito em minha reação, pulo em cima daqueles cabelos de aplique. Nos engalfinhamos na porta de minha casa, na frente de todos.

Somos separadas pelos policiais muito descontentes, talvez por estarem trabalhando em pleno domingo. E, desta vez, fiz um estrago grande

na perua. Deixei várias escoriações e arranhões nela, com toda a vizinhança por testemunhas. Pensando com mais clareza, percebo que caí feito um patinho em sua armadilha. Sou algemada e levada até a viatura tentando assimilar o que está acontecendo, enquanto a Katilene limpa o sangue que escorre de seus lábios, com um grande sorriso no rosto, e é colocada gentilmente em outra viatura que chegou para fazer a ocorrência.

Vitor e a Isa ficam chorando na porta de casa, enquanto o Pedro diz para todos se acalmarem que ele cuidará de tudo. A Josi se enfia na viatura, não sei nem como, e vai tentando explicar para os policiais toda a verdade, mas, quando vejo que a única coisa em que eles estão prestando atenção é nas pernas de minha nora, uma reação muito esquisita toma conta de mim. Começo a gargalhar e as lágrimas passam a escorrer de tanto que dou risada. E quanto mais os policiais me olham como se eu fosse uma maluca, mais eu me descontrolo e rio.

Para minha imensa sorte, tenho uma família muito boa. Ao chegar à delegacia já encontro meu pai, que foi acionado pelo Pedro, junto ao delegado, que, por sinal, é seu amigo de longas datas e já vai dando um esporro nos policiais, ameaçando-os por me terem algemado e dizendo que aquele foi um ato abusivo e desnecessário. Ele também não se deixa levar pelo pranto falso da Katilene, levando-a para uma sala separada.

— Mas, Izabel, o que deu em você, minha filha, para agredir alguém dessa forma?

— Pai, hoje ela passou de todos os limites do bom senso. O senhor sabe o que venho aguentando dessa mulher há muito tempo. Quando a vi insultar o Pedro e usar a filha daquela maneira, me descontrolei.

— Você sabe que pode ganhar um processo por agressão, se ela insistir em fazer o boletim de ocorrência? Teremos que levá-la para realizar o exame de corpo de delito, e, pelo estado da senhora, não há como não provar uma agressão — o delegado me explica, bastante compassivo com minha situação.

— Infelizmente é o preço que terei que pagar.

— Mas você também pode abrir um processo contra ela, por calúnia e difamação, já que está provado que não houve nenhum cárcere privado e a moça, que é maior de idade, estava em sua residência por livre e espontânea vontade.

— Sim, acho melhor fazer isso, doutor. Ela não tem limites.

— Vou ter uma conversinha com a senhora e também deixar bem claro que o ato cometido por ela hoje também é crime e que ela pode ser fichada

por perjúrio, falsa denúncia de crime e perturbação da ordem. Com licença, irei coletar o testemunho dela e já volto para falar com vocês. — O delegado sai e me deixa sendo consolada por meu pai, que, dessa vez, é prudente e somente me acolhe, pois meus nervos estão à flor da pele. Se levasse uma bronca a essa altura, acho que me descontrolaria de vez.

Porém, quem resolve toda a situação, depois de um longo dia desgastante de discussões, é a própria Josi, apaziguando a mãe e prometendo realizar suas ambições, voltando, assim, para sua casa.

Escondida da mãe, Josi se despede de mim com lágrimas nos olhos, agradecendo por tudo o que fiz por ela, e garante, me tranquilizando, que sabe o que fará. Pede para eu falar ao Pedro que ela o ama e que ele nunca deve duvidar de nenhuma atitude dela, muito menos do amor que sente por ele. Então segue com sua mãe.

Vendo-a encaminhar-se com aquele ser asqueroso, meu coração se espedaça mais um pouco. Eu me apeguei demais a ela, estou com a sensação de ter perdido uma filha.

Não foi necessária a abertura de nenhum boletim de ocorrência, a dona Kátia desistiu, atendendo ao acordo que eu não farei nada contra ela também, e ainda deu a entender ao delegado que tem muitos amigos influentes e que pode prejudicá-lo caso queira, o que acredito ser totalmente falso, mas ninguém mais quis arriscar nada, mediante tanta confusão. Terminamos o dia exaustos, sem processos, e, provavelmente, a dona Kátia terá que gastar, outra vez, com Botox e apliques devido aos machucados; só por isso já me sinto um pouco satisfeita. A Josi foi embora com uma tristeza de dar dó e eu não sei nem descrever mais o que sinto, tudo que eu quero é paz.

Ao sair da delegacia com meu pai, encontramos o Nando, que vem chegando esbaforido, pois foi avisado pelo Pedro, mas, como estava no aeroporto, acabou não chegando a tempo.

Ao vê-lo, corro em sua direção e o abraço. Quando ele pergunta “oh, minha moreninha... o que aquela maluca fez com você?”, desato a chorar em seus braços, que tentam me consolar, alisando minhas costas e me apoiando sem sucesso.

— Obrigado, Sargento. Vou levar sua filha para casa e cuidarei bem dela.

— Nunca duvidei, Nando, de sua capacidade de cuidar de minha filha. Só espero que tudo se ajeite agora. Irei conversar com uns amigos, para tentar controlar essa vizinha maluca de vocês.

— Não sei o que pode ser feito. Estive pensando até em nos mudarmos, mas primeiro teríamos que acertar algumas coisas.

— Tá certo, meu filho, cada coisa no seu lugar. Fica com Deus, Bell! Qualquer problema, mande me chamar, que vou na mesma hora. — E assim meu pai vai embora, me deixando toda chorosa, e realmente bastante alterada, junto do Nando, que me leva para casa, conversando comigo e me apoiando, e o mais surpreendente, não me critica em nenhum momento.

Chegamos em casa e conto tudo para o Pedro que, pela primeira vez na vida, ficou cuidando dos irmãos, e os dois estão tranquilos de banho tomado, comendo pipoca e assistindo televisão. Quanta mudança do meu filho mais velho... Porém, quando relatei todo o ocorrido, o vejo ficar desolado. Mas dessa vez é uma tristeza e uma resiliência de cortar o coração. Não se revolta, apenas vai para seu quarto e fica por lá.

— Você não quer tomar um banho para relaxar um pouco? Precisa lavar esses arranhões. Deixa que eu cuido das crianças e preparo um lanche para você. — Nando, ainda muito atencioso, anuncia e eu não tenho forças psicológicas nem para discordar.

Sozinha, penso no quanto minha vida está parecendo uma montanha russa ultimamente e já sinto saudades dos tempos de calma. Um pressentimento ruim ainda domina meu peito e só tento ser a mulher forte e capaz que todos esperam que eu seja, mas está muito difícil.

Ao sair do banho, me sento na beirada da cama, vestindo um roupão, e tento afastar o sentimento de tristeza e impotência que me domina. O Nando entra devagarinho, pega a toalha de minhas mãos e começa a secar meus cabelos, fazendo mais esse gesto por mim, enquanto como o lanche que ele trouxe e fez com tanto cuidado. A sensação de segurança que eu começo a sentir é reconfortante. Após terminar de comer, só me deixo relaxar e ser cuidada.

— As crianças já estão em suas camas, deite agora para dormir um pouco. — Nando fala assim que termina de secar meu cabelo, mas continua fazendo uma massagem nos meus ombros. Fecho os olhos relaxando e encosto minha cabeça em seu peito enquanto suas mãos continuam passando pela extensão dos meus ombros e costas. Percebo sua respiração se alterar e ele ficar mais inquieto quando abro um pouco mais o roupão.

— Izabel, eu preciso ir — ele fala com a voz bastante grossa, próximo ao meu ouvido, como se estivesse lutando contra algo.

— Humm... — Mas, em vez de deixá-lo ir, eu me viro e sento no seu colo.

Continuo abraçada a ele, ouvindo o acelerar de sua respiração, solto um arfar de desejo, que o atrai como um ímã. Suas mãos passam a explorar outras partes do meu corpo, em minha nuca totalmente arrepiada, deslizando

para meu abdômen contraído, seguindo para as minhas coxas em chamas, depois apoia firme suas mãos grandes em minhas costas para aproximar nossos lábios, saboreando lentamente, demarcando cada pedacinho para depois fazer um rastro de beijos em meu pescoço, e enfim em meus mamilos já desnudos ansiando por um toque.

Depois eu o beijo com voracidade, matando a vontade que foi despertada pelos dias que se passaram e ao seu toque tão íntimo. Ele retribui de forma sôfrega, saudosa, faminto de desejo como há tempos não acontecia.

Ele pausa nosso beijo, segurando minha cabeça, forçando-me a encará-lo.

— Bel, eu não posso! Não suportarei tê-la em meus braços novamente e você me mandar embora em seguida — Nando fala, completamente entorpecido, ainda tentando ser racional.

— Então não vá. Só fique!

E com minha deixa, ele desiste de tentar lutar contra sua excitação, me toma em seus braços e me leva de volta para o mundo de sensações onde somente duas almas que se amam conseguem se conectar.



Capítulo 22

A minha escolha foi feita. Aliás, meu coração sempre soube a quem pertencia. Mesmo eu tentando me iludir, achando que poderia ser feliz sozinha ou tentar um relacionamento com outro homem, eu sabia que não conseguiria. Não escolhemos quem amaremos e, talvez, por querer tanto ser amada por ele, eu tenha criado subterfúgios para evitar sofrer quando tudo realmente acabasse.

Vivia me subestimando por acreditar que o Nando nunca teve opção, quando, na verdade, opção nunca faltou. A sensação de plenitude que estou sentindo agora é indescritível! Estar aconchegada em seus braços, sabendo que ele me ama e que está comigo por querer, traz a alegria mais pura que tive a oportunidade de experimentar. Foi a primeira vez que me entreguei verdadeiramente a ele. Antes eu me esforçava muito, sempre preocupada em ser a melhor e satisfazê-lo de modo a não dar abertura para outras. É estranho admitir isso, mas foi desgastante passar todo esse tempo com medo de que aparecesse alguém mais interessante e ele me abandonasse.

Hoje, sabendo que ele me ama, posso ser eu mesma, do jeito que for, e tirar o fantasma da insegurança da minha cabeça. Nossa luta agora será outra: ser felizes, manter o companheirismo e a cumplicidade no dia a dia e quando a rotina ameaçar balançar nossa história novamente.

— Bel, eu estava sentindo muito a sua falta! Por favor, não duvide nunca mais do meu amor por você. Eu não consigo imaginar o que seria de mim sem a sua presença em minha vida. — Nando declara, muito emocionado, depois de fazermos amor, comigo relaxada feliz em seus braços.

Durmo me sentindo realizada e em paz. Na segunda-feira pela manhã, antes de sair para trabalhar, depois de preparar nosso café, Nando ainda diz que está se sentindo o mais privilegiado dos homens por ter uma esposa linda, que o ama, e uma família abençoada.

Meu dia será cheio também, mas hoje não me sinto oprimida pelas minhas obrigações, faço tudo no meu tempo e tento não acumular atribui-

ções demais. Ainda pela manhã, me encontro com minha irmã e vamos até a oficina da dona Celeste para iniciarmos a produção. A própria Celeste conseguiu o contato de um antigo fornecedor e teremos que nos reunir com ele para acertar os detalhes do contrato.

Foi bastante produtivo, além de conseguirmos os tecidos com um preço mais acessível, ele ainda indicou nossa mão de obra para uma rede de lojas de magazine. Ele disse que, há tempos, vinha passando por problemas com as oficinas, devido à contratação de serviço escravos e que conosco sabia que seria tudo dentro da lei — o que realmente é verdade. Então já temos, pelo menos, um serviço garantido.

Dona Celeste parece outra pessoa, está empenhada e trabalhando muito. Antes de partir, ela me diz que está muito feliz por eu ter me acertado com seu filho, conta que ele estava em uma tristeza que ia além da perda do pai e que tem certeza de que, a partir de agora, tudo será como eu sonhava e desejava.

Já minha irmã apenas espera ficarmos sozinhas para resolver ser intrometida.

— Izabel, você pode me explicar o que você está fazendo?

— Malu, não há nada para ser explicado!

— Então você voltou com o Nando?

— Sim! E antes que você me critique, saiba que pensei muito na minha decisão e posso lhe dizer que estou muito feliz agora!

— Sim, deu para perceber. Você tá sorrindo feito uma boboca, e eu acredito; depois do seu acidente, percebi que o Nando te ama, e muito. Seria muito triste ver uma família linda como a de vocês, destruída. Mas, por acaso, você já avisou o Augusto? Porque, até onde sei, vocês irão se encontrar hoje.

— Eu irei me encontrar com ele, sim, para resolver questões referentes ao ponto comercial, e só.

— Bel, isso não dará certo. O cara é completamente apaixonado por você, o Nando não irá gostar nadinha dessa amizade colorida.

— Não é amizade colorida. Gosto muito dele, mas pode deixar que hoje mesmo teremos uma conversa. Vou contar tudo o que aconteceu para eu tomar a minha decisão e explicarei que não podemos continuar nos falando, pois sei que ele mantém as esperanças.

— Acho pertinente. Agora que eu estou namorando o irmão dele, vocês inevitavelmente acabarão se encontrando muitas vezes, e é bom o

Augusto ter certeza de que não tem mais chances com você, porque ele realmente parece não saber disso.

Saio de minha conversa com a Malu bastante apreensiva, pois não quero magoar o Augusto, mas, no instante em que tomei minha decisão, soube que teria de dar um basta nesse quase relacionamento com ele. Não é justo de minha parte continuar alimentando suas esperanças, quando sei que não quero nada além de amizade. Infelizmente ele é o cara certo na hora errada. Nós não escolhemos por quem nosso coração baterá mais forte, e o meu sempre pertenceu ao Nando, apesar de todos os problemas e dificuldades. Desde o momento em que o vi pela primeira vez, quando ele ainda era um menino magricela e cheio de espinhas, me apaixonei sem nem ao menos entender o porquê. E tudo que tenho hoje... o amor verdadeiro dele, nossa família, nosso lar... Eu não posso, simplesmente, trocar tudo isso por um novo relacionamento, e também não quero. Ficarei muito triste em cortar esse laço com o Augusto, pois ele conseguiu tocar, singelamente, uma parte de mim, e foi como uma brisa nos dias difíceis que passei, mas, como eu disse, não escolhemos quem amaremos, e ele precisa ser feliz também.

Encontro-me com Augusto depois da hora do almoço. Quando me vê chegar, ele abre um sorriso gigante e me dá um abraço um pouco demorado demais, quase não querendo me largar. Vamos direto para o ponto comercial, que, realmente, é perfeito para o que precisamos. Fica em uma parte bem movimentada da rua e tem um andar superior, perfeito para o estoque, e um mezanino para o escritório. Os pedreiros contratados por ele já estão finalizando a obra e a pintura, não teremos que fazer nada além de instalar nossa boutique e nos mudarmos.

Temos um pequeno desentendimento referente ao valor do aluguel, pois pesquisei bastante e sei que o valor cobrado por ele está muito abaixo do mercado. Mas não consigo convencê-lo a cobrar um preço justo. Quando chegamos à imobiliária, todos os documentos já estão preparados com o valor e eu não tenho como protestar.

Durante todo o trajeto fomos conversando muito. Como é bom me abrir com ele! Não sei explicar bem, mas me sinto à vontade quando estamos juntos e sempre sou eu mesma, nunca preciso me esforçar, será uma grande pena cortar esse laço, mas terá de ser feito.

No trajeto inteiro, sempre que tem uma oportunidade, ele pega na minha mão ou me abraça, enquanto eu tento encontrar uma forma de abordar o assunto. Como não consigo, o chamo para ir até a cafeteria onde costumávamos nos encontrar para o café da manhã. Ele aceita de imediato, ainda vejo uma esperança surgir em seu rosto, o que me faz ficar triste.

— Estava com saudades dos períodos que passamos juntos — Augusto diz pegando minhas mãos e entrelaçando nossos dedos.

— Eu também! Gosto de conversar com você. — Isso é verdade, mas tento me esquivar de suas mãos, sem sucesso.

— Meu irmão de Fortaleza está vindo para São Paulo. Vou fazer um jantar para ele e minha mãe, gostaria de apresentá-la a eles.

— Nossa! Você irá reunir toda a sua família? Por acaso é alguma ocasião especial?

— Além de meu aniversário? Tem outra novidade, sim, mas você terá que estar presente no dia para saber do que se trata.

— Nossa, que desligada eu sou... Será seu aniversário! Você comentou comigo que estava próximo, mas os dias estão passando tão corridos que acabei esquecendo.

— Somente a perdoarei se você for jantar conosco.

Realmente eu estou em uma encruzilhada, não sei como me esquivar sem magoá-lo. Porém precisa ser feito.

— Bem... — Enquanto procuro as palavras corretas, Augusto ergue nossas mãos juntas e passa a acariciar a minha suavemente. Apesar da sensação boa, busco uma forma de responder seu convite em recusa. Então ele passa a beijar cada um dos nós dos meus dedos sem desviar o olhar de mim.

— Augusto, eu sinto muito. — Consigo soltar minha mão para me afastar, porém acabo inclinando demais o meu corpo, o que fica um pouco estranho, pareceu que eu iria beijá-lo.

Ao me virar, me deparo com o olhar do lado de fora da janela, dois olhos verdes muito grandes me encarando de uma forma tão triste que nunca mais na vida serei capaz de esquecer.

Enquanto tento assimilar o que está acontecendo, Nando já está em pé ao nosso lado da mesa, agora, direcionando um olhar raivoso para cima do Augusto, que se levanta e o encara sem nem ao menos tentar apaziguar a situação.

Nenhum dos dois parece me ver ou me ouvir enquanto se encaram, e eu peço, pelo amor de Deus, digo que não foi nada do que Nando imaginou, mas as ofensas de um para o outro são violentas demais.

O Nando diz que Augusto é um aproveitador e que ele está destruindo uma família. O Augusto diz que a culpa é do Nando, que não cumpre seu papel de marido, abandonando a esposa.

A dona do café coloca todos nós para fora. Ainda me vejo tentando apartar a briga inevitável, falando, gesticulando e tentando arrastar um Nando muito irado das ofensas que fala e escuta.

Ao chegar do lado de fora, Nando anda de um lado para o outro e o Augusto ainda vem e segura minhas mãos em uma tentativa de me afastar, porém o ato dele é visto pelo Nando como uma provocação. Nando parte para cima do Augusto, empurrando-o para longe de mim. Nem sei quem deu o primeiro soco, quando dou por mim, ambos se socam e, como os dois têm porte físico semelhante e parecem dois adolescentes rolando no chão, não sei quem levará a pior nessa situação. A coisa está ficando muito feia e descontrolada. Como ninguém me ajuda enquanto eu grito por socorro, resolvo tentar separar os dois, uma multidão de espectadores se forma ao redor.

Agora imagine... Dois homens com altura superior a 1,85 metro, ambos por volta de 90 quilos, e eu, pequena e magra, com meu 1,60 metro de altura e 55 quilos, no meio deles ao tentar separá-los.

Não sei ao certo como aconteceu ou quem foi o agente, mas uma dor conhecida toma conta do meu corpo e a sensação de ver muitas estrelas me cega, quando sou arremessada ao ar e bato com o rosto ao chão, antes de apagar totalmente.



Capítulo 23

— Anda logo, Bel!

— Espera, sua chata, tô pensando!

— Aff... que demora... Sonhos são sonhos! É só escrever, colocar na caixa e pronto!

— Não é assim tão fácil. São os meus desejos para o futuro.

— Então você não sabe o que quer?

— É claro que eu sei. Mas quero, quando abrir essa caixa, ter certeza de que tudo aconteceu conforme eu desejei.

— Ai, meu Deus, Bel! Não complica, escreve o que você quer e põe aí, antes que alguém nos pegue aqui.

— Eu acho que você está com medinho.

— Não tenho medo de nada. Mas aqui não é o melhor lugar pra a gente ficar dando mole. Achei que nós só iríamos enterrar a caixa, não que eu ficaria aqui com você fazendo pedido de milagres!

— Ai, tá bom. Você por acaso sabe quais são os seus desejos para o futuro?

— Sei, lógico! Quero ser uma estilista famosa, viajar pelo mundo, ter um namorado lindo que me ame muito e muitos sobrinhos!

— Sobrinhos? Não quer ter filhos?

— Eu não! Garanto que você e os malas dos manos serão iguais a coelhos. Eu terei um monte de sobrinhos pra mimar e levar pra Disney quando for famosa.

— Realmente, você não é normal. A mamãe deve ter deixado você cair do berço quando era bebê.

— Deve mesmo. Ela devia estar correndo atrás de algum pirralho. Agora, anda, põe logo essa carta aí dentro dessa caixa.

— E quando nós vamos desenterrá-la e abri-la?

— Quando eu fizer trinta e um anos.

— Mas por que trinta e um, Malu?

— *Ah, sei lá, foi o número que veio na minha cabeça. Será que você já conseguiu escrever essa carta até lá?*

— *Tá bom. Só deixe que eu me concentre, então, não consigo escrever com você tagarelando no meu ouvido!*

— *Vou ficar quieta e olhando você dali.*

E assim, eu e minha irmã escrevemos nossos desejos em uma caixa e a enterramos no...



— Bel, pelo amor de Deus, acorda! — Escuto a voz do Nando perto de mim, enquanto vou recuperando a consciência.

Percebo que estou deitada no chão, com a cabeça no colo do Nando, e sinto uma dor terrível no meu quadril e na minha face. Quando tento me levantar, um filete de sangue escorre pelo meu rosto.

— Me perdoa, Bel, eu não queria isso! — Augusto se aproxima, visivelmente abatido.

— Sai de perto dela! Não está satisfeito por tê-la machucado?

— Você sabe que foi um acidente. Nunca iria machucá-la! — Augusto responde bastante chateado.

— Tudo bem. Fui eu quem se colocou entre vocês — eu consigo responder, tentando me levantar, porém ainda com muita dor.

— Eu não te vi, Bel, me perdoa. Era para o chute ter acertado esse cara aí! — Augusto diz constrangido.

— Tudo bem. Não se preocupe, sei que não foi culpa sua.

— Não está tudo bem, não. É a segunda vez que esse cara te machuca! Já chamei a ambulância, você pode ir embora! — Nando responde para Augusto, muito exaltado.

— Só vou se ela quiser — Augusto responde para Nando, ainda transornado, sem nem ao mesmo tentar evitar outro confronto.

— Augusto, acho melhor você ir. Está tudo bem.

Percebo uns minutos de conflito nele, enquanto reflete sobre o que fazer, mas acaba acatando e partindo muito triste e se culpando mais uma vez.

A ambulância chega, mas acho desnecessário, a única dor que sinto é a do meu quadril, que nunca parou de doer mesmo. Estou com um corte grande no supercílio, porém nada disso se compara com a dor que acomete

meu peito. Como pude ser tão covarde e magoar duas pessoas que só querem o meu bem?

Nando me acompanha pelo trajeto até o hospital, o tempo todo evitando olhar nos meus olhos. Quando chego ao PS, fazem um curativo no meu supercílio para estancar o sangramento. E, para minha sorte, todas as diversas radiografias que faço confirmam que está tudo no lugar. O médico informa que meu desmaio foi momentâneo, talvez pela batida, mas que eu não terei nada além de um galo na cabeça no dia seguinte. Quanto às minhas dores no quadril, ele diz que eu devo procurar um especialista para fazer exames mais específicos, que não são feitos em atendimentos de urgência.

Ele me dá uns medicamentos um pouco mais fortes para dor e eu apago no caminho para casa. Acordo com o Nando me colocando na cama e dizendo para eu ficar tranquila que tudo está sob controle, que eu só devo descansar. E é o que eu faço, estou exausta e exaurida de tudo o que aconteceu, tento não valorizar o sentimento de culpa que ameaça tomar conta de mim e durmo muito pesado.

Durante a noite, sonho novamente com a tal da caixa. Será que aquilo aconteceu mesmo ou apenas é algo da minha imaginação? Não me recordo se, realmente, eu e a Malu fizemos isso. Preciso perguntar a ela.

Tento me levantar, estou com sede e precisando ir ao banheiro. Vejo o Nando sentado à beira da cama e consigo vê-lo me encarando, mesmo na penumbra do quarto.

— Precisa de algo? — ele pergunta secamente. Tento ignorar o aperto que toma conta do meu peito.

— Sim, estou com sede e precisando ir ao banheiro.

— Vou buscar sua água. Está com dor? Precisa de um analgésico?

— Não, somente de água. Obrigada!

Vou ao banheiro, retorno e me sento na cama, vejo todas as malas do Nando, que ele havia trazido de volta pela manhã, e fico com remorso de não ter contado tudo o que aconteceu desde o começo, assim teria evitado todo esse mal-entendido. Nando volta e me entrega o copo, mas permanece em pé e um pouco na defensiva.

— Nando, eu sinto muito! Não aconteceu nada do que você está pensando.

— E o que eu estou pensando?

— Que eu estava tendo um caso com ele.

— E não estava?

— Claro que não! Ele estava me ajudando com o ponto comercial.

— Em uma cafeteira, como dois namorados?

— Não é isso. Eu o convidei para conversar com ele e colocar um ponto final nessa história toda.

— Então vocês estavam mesmo tendo um caso?

— Não! Nando, me deixe explicar, por favor! O Augusto tinha esperanças de que eu talvez pudesse ter um relacionamento com ele, e foi isso que fui fazer indo até lá, explicar que não poderíamos nem manter mais a amizade, pois eu não queria lhe dar falsas esperanças.

— Entendi. Então você foi terminar um caso que você alega que não mantinha?

— É isso!

— Você está sendo sincera comigo, Bel? Caso não se lembre, eu li todas as suas conversas há algum tempinho atrás.

Não consigo responder e nem olhá-lo, como posso explicar sem magoá-lo ainda mais, se nem ao menos eu sei, sinceramente, descrever o que tive com o Augusto?

— Tá vendo só? Não consegue nem responder! O que você pretendia? Manter um marido e um namorado?

— Ele não é, e nunca foi, meu namorado.

— Não interessa o rótulo que você deu a ele. A questão é... você não foi sincera! Me culpei por não ter sido o marido que você merecia e me esforcei muito para atender às necessidades que, ao menos, eu sabia que você tinha, mas a questão é que... o tempo todo, o motivo era outro. Você estava apaixonada por outro cara, e nada pode mudar isso.

— Nando, isso não é verdade!

— Não? Consegue me dizer sinceramente que não se apaixonou pelo cara? Balanço a cabeça negando sem conseguir responder.

— Olha, Bel, eu realmente não te culpo por nada, mas você conseguiu sangrar meu coração de uma forma que acredito nunca mais ser capaz de mudar. Eu ia esperar o dia amanhecer para lhe comunicar minha partida, mas, já que está bem, não há motivos para continuar nessa farsa que se transformou o nosso relacionamento.

— Por favor, Nando, não faça isso. Eu quero você! Eu quero muito ficar com você, não existe mais ninguém!

— Um pouco tarde, não acha? Bem, agora deixarei o caminho livre. Fique à vontade para ter o relacionamento que sonha, já que eu não fui suficiente.

Começo a chorar ali, na frente dele, enquanto ele pega as malas para partir e ignora meus pedidos de relevar tudo o que aconteceu e tentar me entender, porém, é em vão. Nando parte durante a madrugada, levando todas as suas coisas, me deixando sozinha com meu sentimento de culpa e desespero, além de uma tristeza que parece ter congelado algo dentro de mim, tornando vazio o espaço que, até de manhã, havia sido preenchido por um sentimento de pura alegria.

Choro o restante da noite e, com a chegada do amanhecer, a realidade do dia que começa me faz entender que acabei estragando tudo e que não há nada que eu possa fazer, além de aprender a conviver, de alguma forma, com os erros que cometi.

Logo cedo recebo uma mensagem do Augusto no celular.

Bel, espero que esteja bem!

Ontem sua irmã me ligou dizendo que não havia acontecido nada grave, mas, ainda assim, estou me sentindo culpado e arrasado com o que aconteceu. Gostaria que me perdoasse! Novamente, fui responsável por machucá-la, quando a única coisa que eu queria era te amar.

Me desculpe, de verdade. Se eu soubesse que havia reatado o relacionamento com seu marido, nunca me proporia ao papelão de destruir uma família.

A novidade que gostaria de compartilhar com você é que consegui uma bolsa de doutorado na Europa, que há muito tempo venho tentando, e passarei uma temporada por lá. Tenho esperanças de que, talvez um dia, ao menos possamos reatar nossa amizade.

Peço perdão de coração e passarei os dias me martirizando por ter sido responsável por tudo o que você está passando.

Adeus. Guto

Não tenho mais forças nem para chorar. Perdi meu marido e, então, meu grande amigo, tudo porque fui egoísta a ponto de achar que poderia ter tudo. Agora só me resta o vazio de quem teve toda a felicidade do mundo nas mãos e a desperdiçou.



Capítulo 24

As horas se passam enquanto eu ainda tento entender como consegui estragar tudo. Não entendo! Chego à conclusão de que não se pode ter tudo na vida, que devo ser feliz por mim mesma e parar de depositar a base de minha felicidade em algo que posso perder do dia para a noite. E sigo tocando minha vida.

A inauguração da loja foi um sucesso, apesar da correria com os preparativos durante os dias que antecederam a abertura ao público. Dona Celeste se mostrou uma excelente articuladora, resgatou antigos contatos de sua oficina, contratou diversas costureiras, que estavam desempregadas há anos, novamente trazendo esperança de um futuro melhor para elas. Através dela também consegui uma parceria com sacoleiras de outros estados, que vieram em peso conhecer a boutique e investiram com entusiasmo nas mercadorias.

Nossa produção está a todo vapor, estamos todos trabalhando muito. A Malu montou seu atelier no mezanino da loja e passou também a fazer moldes exclusivos sob encomenda. Sua página em uma rede social atingiu um número gigantesco de seguidores, o que se tornou uma ótima divulgação para a nossa recém-inaugurada loja. Finalmente ela e o Beto desgrudaram, aos poucos, ambos estão se ajustando à rotina um do outro, e já estão se organizando para irem morar juntos; é tudo muito rápido com os dois. Fiquei sabendo, ainda pela minha irmã, que o Augusto está de malas prontas para ir embora e que seu irmão assumirá a administração da autoescola e, inclusive, entrou como sócio, colocando serviços necessários, mais atuais, como reciclagem para condutores que haviam perdido a carta e também para pessoas que desenvolveram fobia ao trânsito, o que, até então, a autoescola não fornecia.

Minha rotina passa a ser bastante cansativa, porém muito gratificante. Tenho que me desdobrar para conseguir dar conta da administração da boutique, e, diga-se de passagem, nunca imaginei que gostaria tanto de ter

meu próprio negócio. É outra vida trabalhar em prol de algo que é seu, ser seu próprio patrão e ainda cuidar dos filhos.

Aconteceu algo que deu uma melhorada no meu ego. Bem no dia da inauguração da loja, recebi uma ligação do meu antigo emprego fazendo uma proposta com um considerável aumento de salário, para eu assumir o cargo de coordenadora, pois o insuportável que roubou minha vaga fora demitido. Eu já havia ouvido boatos de uma demissão por justa causa por desvio de mercadorias, porém preferi não comentar, afinal, aqui se faz e se paga. Confesso que fiquei lisonjeada, mas nem um pouco atraída. Não fazia mais sentido voltar para o lugar onde desperdicei tanto tempo de minha vida, por isso respondi com o não mais convicto que pude. Desliguei o telefone realizada, vingada, bastante feliz com minha decisão e pronta para encarar qualquer risco com a boutique.

Os dias se passam, os meses mudam, as flores começam a desabrochar anunciando a chegada de uma nova estação.

O inverno foi frio e nebuloso, em todos os sentidos. Quando as crianças perceberam que o pai não morava mais conosco, começaram a questionar e passaram a dar muito trabalho. A Isa chorava o tempo todo, dizendo que o pai estava em uma ilha deserta; o Vitor aprontava todas na escola, fazendo que eu fosse chamada diversas vezes pela diretora; o Pedro dedicou-se integralmente aos estudos, mas estava bastante solidário comigo, apesar de sair do quarto apenas quando o pai chegava para passar os estudos com ele. Ele dizia que seria alguém muito importante só para esfregar na cara da pobre da Josi o que ela perdeu. Mesmo eu tentando explicar que a atitude dela foi por não ter opção, a mágoa estava tomando o coração do meu filho.

O Nando continua ajudando muito, porém me evita a todo custo. Geralmente é ele quem leva as crianças à escola e eu as busco. Nos fins de semana, ele sempre dedica seu tempo livre aos filhos e não se faz ausente em nenhum momento, nem na parte financeira. Como a boutique até então não dá lucro, ele custeava quase sozinho os gastos da casa, sem questionar. Porém me dói o coração por ser tão esnobada. Nas poucas vezes em que nos encontramos, ele nem me olha, parece estar sempre com pressa de ir embora e não querer ficar no mesmo ambiente que eu.

Nesta semana, fomos chamados novamente pela diretora da escola do Vitor e, desta vez, tivemos que ir juntos para buscá-lo, sob exigência dela. Fomos colocados sozinhos em uma sala por um tempo, enquanto aguardávamos, e, durante todo o tempo, Nando ficou mexendo no celular sem me dar a mínima atenção. Achei muito estranho, pois ele nunca foi de gostar de redes sociais. Essa atitude dele, além de despertar muita tristeza, ainda

causou um ciúme terrível em mim, por imaginar com quem ele poderia estar conversando. Há um boato de que ele está namorando uma aeromoça, mas tento não me impressionar com isso e rasgar ainda mais meu coração.

A diretora entra na sala depois de longos e angustiantes minutos, com um relatório sobre o comportamento de nosso filho do meio. Somente nos últimos dois meses, ele levou três advertências e uma suspensão por mau comportamento. Agora, será a segunda suspensão, por agredir um menino da turma dele, e, muito preocupada, ela estava investigando o que o estaria levando à tal conduta.

— Muitas crianças passam a refletir na escola algum problema vivenciado em casa. Haveria algo que o casal pudesse nos contar para esclarecer essas atitudes dele? — a diretora do colégio nos questiona, mas parece haver passado pela mesma situação diversas vezes e já saber o motivo.

— Estamos passando por um momento delicado devido à nossa separação — respondo enquanto o Nando permanece quieto, perdido em pensamentos.

— Entendo. Imaginei que o motivo seria esse, a mudança do Vitor foi muito drástica em pouco tempo. Agora, quais condutas vocês estão tomando? Já tiveram uma conversa franca com seus filhos?

— Não — respondo de forma sincera, enquanto o Nando permanece calado.

— Olhe, as crianças são muito sensíveis e criam em sua imaginação cenários que vão além da realidade, por isso uma conversa franca sobre o que está acontecendo é o melhor jeito de lidar com essa transformação na vida do Vitor, aliás, de todos os filhos de vocês. Uma ajuda profissional também pode ajudar.

A menção a uma possível ajuda profissional faz com que Nando se agite na cadeira e passe a me encarar de uma forma que não sei explicar.

A diretora discursa por um bom tempo, alegando que dará mais uma chance ao nosso filho e todo o apoio possível. Saio da reunião escolar completamente arrasada.

Nós nos dirigimos em completo silêncio até o carro, ainda revezávamos o único carro que temos e, de alguma forma, está dando certo. Durante o trajeto da escola até a loja, onde ele me deixa, sempre ocorre uma tensão vigente, que palavras não preenchem.

Sinto-me afogando, sem ter como escapar. Nunca pensei que chegaríamos ao ponto em que estamos, quero muito que tudo volte ao normal, mas não apenas pelas crianças, mas por mim também. Ultimamente venho

sentindo uma falta terrível do Nando. Consigo trabalhar, tocar a vida e até me divertir, por vezes, mas, quando chega a noite, na solidão do meu quarto, onde por tantas vezes pude estar em seus braços, o sono não chega. Passo horas de insônia, virando de um lado para o outro, só com a tristeza como companhia. Ligo o notebook e escrevo mensagens sem destinatário. Nunca mais falei com o Augusto também e sinto vontade de desabafar, então me toco que ele foi realmente um grande amigo e nada mais que isso. Olho o celular a cada cinco minutos, com a esperança de que algo mude, mas nada acontece. E outro dia começa igual, com o desalento cravado no meu peito.

Quando percebo, estamos parados em uma rua que não conheço e o Nando segura o volante tão forte que suas mãos já estão vermelhas; parece estar em uma luta interna tentando dizer algo. Sinto-me sufocada e faço menção de sair do carro, preciso respirar e deixar as lágrimas represadas caírem.

— Espera, Izabel. Preciso conversar com você.

Paro e espero o que ele tem a me dizer.

— Eu vou voltar para casa. Não é justo que as crianças paguem por nossos erros.

— Então, você quer voltar para casa só por isso?

— É um bom motivo, não concorda?

— E você me perdoou?

— É difícil, Bel, não sou de gelo! E quando penso que você se apaixonou por outro cara, o rancor me consome de um jeito que não consigo controlar.

— É? E como seria? Você voltaria para casa e viveríamos um relacionamento de fachada, com as crianças tendo um pai e uma mãe infelizes? É esse o exemplo que quer dar a eles?

— Seria bem melhor do que do jeito que está!

— Não! Não seria. Eu não quero isso para mim! Viver como dois estranhos sob o mesmo teto, imaginando todos os dias como seria se tivéssemos um relacionamento de verdade. Eu experimentei tudo o que você tem para me dar e, se não for para ser completo, não vou viver de migalhas. Eu não irei me despedaçar para preservar ninguém, nem que estes sejam meus filhos, porque eu acredito que eles refletirão o que conhecerem em casa, e eu quero que, lá no futuro, em seus relacionamentos, eles possam dizer que aprenderam a dar amor vendo o relacionamento dos pais. Se não for para ser um casamento de verdade, me desculpe, mas eu não quero!

— Sinto muito, Bel. Hoje eu não posso oferecer mais do que tenho para dar. Não consigo parar de imaginar você com aquele cara e, sinceramente, não sei se um dia poderei esquecer.

— Precisamos conversar com as crianças. Mande uma mensagem quando puder fazer isso.

Mal consigo terminar a frase e as lágrimas já escorrem pelo meu rosto, o bolo que se forma em minha garganta se torna sufocante e eu preciso sair daqui rápido. Desço do carro correndo e deixo o Nando lá, com a cabeça baixa, encostada no volante.

Esse é realmente o nosso ponto final, não há mais nada que possa ser feito, Nando não acredita que não tive nada com Augusto, prefere continuar cego de ciúme. Minha única opção agora é aceitar tudo o que eu não posso mudar e tentar ser feliz com o que me resta e comigo mesma.



Capítulo 25

Quatro angustiantes meses se passam. Até me acostumo com a solidão. Adio mais uma vez a matrícula na faculdade de Psicologia, a loja está consumindo muito do meu tempo, e, apesar de tudo, estou adorando minha nova rotina. Eu passo a levar as crianças à escola e o Nando a buscá-las. Ele conseguiu mudar seu horário de novo e, agora, dividimos de forma eficaz as responsabilidades com nossos filhos. Ainda não tivemos uma conversa franca com eles, sinceramente, não sei o que estamos esperando, mas, assim como ele, continuo evitando o assunto.

Volto a correr todas as manhãs, mesmo com muita dor no quadril. Nesse intervalo, descobri um problema na prótese colocada em meu fêmur, por isso sinto muitas dores e terei que passar por outra cirurgia para trocá-la, mas estou adiando para não me ausentar por tanto tempo da loja. Logo agora que a boutique começou a render um pouco de lucro, evitarei me afastar por muitos dias.

Minha vida passa a ser assim: agitada durante o dia e solitária durante a noite. Algumas vezes, converso com minha amiga Lucão, que, de vez em quando, passa em minha casa para me dar um oi, mas ela não se prolonga muito, sempre está cheia de afazeres também, pois acaba de, com sua companheira, adotar um menino de oito anos; minha amiga não se aguenta de tanta felicidade com sua nova rotina de mãe.

Sobrava-me, no final da noite, a saudade como companheira. É tanta saudade que chega a doer. Sinto falta de tudo e, no momento, não me lembro mais nem dos motivos que me levaram a duvidar do que eu sentia pelo Nando.

Meu irmão Kaká ministrará uma palestra que, segundo ele, será muito importante para sua carreira e quer muito a minha presença. Ele convidou meu pai, que está viajando com sua nova esposa, e meu irmão João, que está escalado para o trabalho. Já a Malu ficará com as crianças. Como só eu so-

brei, fiquei receosa de ninguém da família ir prestigiá-lo e aceitei o convite de bom grado, apesar de ter sido informada por ele de que Nando também foi convidado e confirmou sua presença.

Fecho a loja por volta das 13h no sábado e, como a palestra será às 17h, dará tempo para eu me organizar. A Malu e o Beto pegaram os sobrinhos e os levaram ao cinema. Queria ser uma mosquinha para ver como minha irmã está se virando com seis crianças. O Beto até pegou uma das vans da autoescola para levá-los, ele também parecia estar se divertindo muito e, por incrível que pareça, meus filhos e meus sobrinhos estavam extremamente obedientes. Não sei o que a tia deles prometeu para eles se comportarem tão bem.

Envio uma mensagem ao Nando, perguntando se ele quer carona — o carro está comigo hoje, pois é o dia de sua folga. Ele aceita, e não posso evitar ter um pouquinho de esperança de uma possível conversa. Fico de passar em sua casa às 16h, assim, terei bastante tempo para me arrumar. Capricho no visual, terei alguns minutos ao lado dele e irei aproveitar para, pelo menos, chamar sua atenção.

Ao me aproximar do portão de sua casa, o vejo bem-arrumado, já me esperando, lindo, de um jeito que faz meu coração acelerar ao vê-lo. É impressionante, mesmo depois de tanto tempo, ainda me sinto como a mesma adolescente apaixonada pelo rapaz da rua de baixo. A vida é mesmo engraçada, não consigo entender em que momento de nosso relacionamento deixamos a rotina do dia a dia nos afastar.

Um carro para à minha frente, estacionando bem onde eu iria parar. Uma moça loira, alta, bastante bonita, trajando um uniforme de comissária de bordo, desce do carro rebolando, se aproxima, dá um beijo no rosto dele e começa a falar algo que, de onde estou, não consigo ouvir. Nando me vê parada à sua espera, o que chama a atenção da moça, que, ao me ver, me varre com os olhos de cima a baixo e começa uma discussão que eu não consigo entender muito bem. Ele fica parado, apenas ouvindo, com os braços cruzados, em uma posição meio que na defensiva. A moça começa a se alterar mais, ficando mais agitada.

Uma dor imensa toma conta do meu peito, me sufocando, já vi demais e preciso sair dali, antes que perca a cabeça ou comece a chorar copiosamente na frente deles.

Entro no carro e dou a partida sem olhar para trás. As lágrimas ameaçam a cair e eu não vou fazer esse papelão na frente dos dois. Resolvo ir sozinha para o local da palestra, é melhor eu distrair a cabeça do que deixar

a tristeza e o ciúme me dominarem. Nunca passei por isso e agora entendo o que Nando quis dizer quando falou que eu rasguei seu coração, pois a sensação que tenho agora, ao vê-lo em uma discussão com a possível namorada, é a de ter uma faca pontiaguda cravada em meu peito, concentrando nele uma dor insuportável.

Finalmente minha ficha cai de que eu também sou responsável por tudo o que estamos passando e não fiz nada para mudar e, infelizmente, parece ser tarde demais.

O auditório está bastante cheio, vejo alguns rostos conhecidos das festas que meu irmão organiza na igreja dele, mas procuro ficar afastada, não estou me sentindo nada bem. Escolho um cantinho, perto de uma pilastra, e fico perdida em pensamentos. Não consigo mais sentir raiva, ciúmes, nada; minha alma parece ter sido tomada por um grande frio e um vazio enorme.

Ouçõ a voz cadenciada e calma, tão conhecida, de meu irmão. Ele nasceu com o dom de acalmar corações. Desde jovem, sempre foi o apaziguador, aquele que sempre confortava a todos e estava, a todo momento, disposto a ajudar.

A palestra é sobre o perdão. Nesse momento, entendo o motivo de sua insistência em minha presença e na do Nando.

— *Hoje terminaremos nosso ciclo de palestras sobre “como manter relacionamentos humanos estáveis e saudáveis em meio às discórdias do dia a dia”. E o tópico de hoje, em minha opinião, é a ação mais importante para vivermos em paz com as pessoas de nosso convívio.*

A luz se torna um pouco mais baixa, com um som instrumental suave e bastante bonito, nos fazendo voltar toda a atenção ao púlpito, onde meu irmão começa a discursar. Ao fundo, no telão, uma frase está fixada: “*Quem ama, sempre perdoa*”.

— *E é com essa frase do livro bíblico de Mateus que busco a reflexão de cada um presente aqui.*

Aparece outra frase no telão:

“*Então Pedro se aproximou dele e disse: Senhor, quantas vezes devo perdoar meu irmão, quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?*”

E respondeu Jesus: Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.”

— *Setenta vezes sete! Já pensaram nisso? Perdoar setenta vezes sete? Você devem estar refletindo no quanto isso deve ser difícil, que ninguém tem a paciência de Jó, mas se permitam tirar a venda dos olhos e enxergar só com amor para o*

seu próximo. Sabe o que iremos descobrir? Que todos somos imperfeitos e errantes, por isso o exercício do amor e da paciência deve ser praticado todos os dias, porque somos como uma esponja dando aquilo que absorvemos.

— *Qualquer tipo de relacionamento tende a acabar, marcado por mágoas e rancores se as pessoas envolvidas não praticarem esse exercício que estou propondo.*

— *Hoje aconselho casais que estão, em sua grande maioria, passando por uma separação causada por infidelidade, distanciamento, desentendimentos por opiniões contrárias, inabilidade em ceder, e tento os ajudar a perceber que a infidelidade não é somente a traição como o ato em si, mas também as atitudes tomadas para levar o seu parceiro a tal ato, principalmente quando se coloca qualquer objetivo acima da relação com o cônjuge, entregando-o à solidão, e como dizem por aí: “A pior solidão é aquela que se vive em meio a tanta gente”. É por isso, meus irmãos, que digo: não existe culpado em um relacionamento a dois, seja ele do modelo que for. O perdão tem o poder de restabelecer qualquer ferida. Agora eu pergunto de novo: se você ama o seu próximo e está disposto a tirar a venda dos olhos e enxergar apenas com o olhar do amor, qual será a sua atitude? Irá cutucar a ferida, fazendo com que a dor de ambos só aumente ou tentará tratar a ferida com amor, carinho, paciência e compreensão?*

— *Em minha casa, praticamos diariamente o exercício do perdão e seguimos felizes e unidos praticando, infinitamente, setenta vezes sete!*

O discurso inflamado de meu irmão arranca palmas efusivas da plateia e eu vejo tudo sem conseguir me mover. Tudo que ele falou tocou tão profundamente em mim, me fazendo pensar que eu deveria ter agido de outra maneira e no quanto gostaria de ter uma oportunidade para fazer tudo diferente. Queria tanto que o Nando estivesse aqui ouvindo o que ouvi hoje e tirando um enorme aprendizado de tudo isso. Então poderíamos resgatar e restaurar o amor que sei que ainda temos. Talvez não seja tarde demais.

As luzes se acendem e percebo que as lágrimas escorrem novamente por meu rosto. Preciso sair daqui, respirar, refletir e me reencontrar.

Não estou com vontade de voltar para casa, ficar sozinha agora com as lembranças não seria nada bom. Passo pela porta do café onde fui por muitas vezes me encontrar com o Augusto e resolvo dar uma paradinha para clarear um pouco a mente.

Sento-me à mesinha ao canto, peço um cappuccino e fico quietinha, perdida em pensamentos.

— Eu sabia que havia algo me puxando até aqui!

A voz tão bonita do Augusto me tira do transe.

— Posso? — ele pergunta apontando para a cadeira vazia.

— Claro! Não sabia que estava no Brasil.

— Cheguei hoje pela manhã, ainda estou um pouco confuso com o fuso horário. Nada melhor que um bom café para nos ajudar.

— Com certeza, já ouvi falar que ninguém no mundo tem um café como o nosso.

— Não mesmo, o dos europeus se parece mais com o nosso chá.

— Você voltou em definitivo?

— Não, ainda estou cursando, porém, minha tese tem alguns aspectos para pesquisa de campo que iniciei aqui no Brasil, por isso voltei.

— Você está gostando de Londres?

— Adorando. É lindo, organizado, limpo, tudo funciona, afinal, é um país de primeiro mundo, mas não tem o calor humano daqui. Lá é tão frio que acabou congelando as pessoas junto, eu acho.

— Não fez muitas amizades?

— Fiz sim, com uma colônia de brasileiros. Com os ingleses, até o momento, não.

— Que pena... Aqui as coisas não andam muito diferentes, as pessoas vivem tão consumidas pelo trabalho que acabam se esquecendo de confraternizar umas com as outras.

— Concordo, vivemos consumidos pela falta de tempo e deixando o que realmente é essencial para depois.

Minha expressão triste faz com que o Augusto, que já me conhece bem, tome a liberdade de perguntar como estão as coisas.

— Estou te achando triste. Os dias não têm sido fáceis para você?

— No geral, sim. A boutique está indo muito bem, apesar da crise do nosso país. Meus filhos agora estão mais receptivos, entendendo toda a situação. Venho me cuidando bastante, procurando ter mais tempo para mim, mas ando me sentindo muito sozinha, sinto falta de meu grande amigo.

— Nunca passei de um amigo para você? Alguma vez você pensou na mínima possibilidade de ter um relacionamento comigo?

— Claro que pensei. Eu gosto de você, gosto da sua companhia. Mas, infelizmente, você não chegou no momento certo. Mesmo hoje, estando completamente livre, acredito que não seria justo contigo, eu não conseguiria me doar por inteiro, e você merece uma mulher maravilhosa que o faça feliz.

— Eu poderia esperar, sei que posso fazer com que me ame. Volte comigo para Londres, me dê uma oportunidade de preencher essa solidão que te consome.

— Londres? Eu não poderia! Tenho meus filhos, minha vida toda aqui... eu não poderia jogar tudo para o alto em nome de um romance.

— Não seria apenas um romance! Estou oferecendo meu coração a você. Seria por um período só, não haveria necessidade de nenhuma mudança drástica.

— Eu não poderia, Augusto. Tenho muitas responsabilidades aqui e, como já falei, não seria justo.

— Eu posso amar por nós dois. Pense primeiro, não precisa me dar uma resposta agora. Ficarei por uns dias.

— Não é justo com você, Augusto.

— Só pense. E então, se até o dia do meu retorno você ainda não tiver se decidido, eu desisto de vez!



Capítulo 26

Volto para casa muito angustiada. A proposta do Augusto foi tentadora e ao mesmo tempo desoladora. Eu simplesmente não posso esperar que ele tenha esperança de um relacionamento comigo, enquanto estou de coração partido por outra pessoa.

Além disso, tem alguma coisa me incomodando, algo que vai além de tudo que aconteceu o dia todo. É como se faltasse uma peça ou uma ação que deixei de realizar. Vou para casa com a sensação de que preciso fazer algo urgente.

Estaciono o carro na garagem e, ao descer, um vaso de flores esquecido no canto me chama a atenção. Há muito tempo venho negligenciado minhas plantas, por total falta de tempo, principalmente essa, deixada em um canto tão escuro. O vaso está repleto de margaridas, fico impressionada com o fato de as flores terem crescido e estarem tão bonitas, sem cuidado algum.

Aproximo-me e puxo uma delas. Com a flor na mão, uma lembrança muito forte e vívida vem à minha mente. Minha mãe, quando eu era uma menina, ia com suas filhas, no caso, eu e a Malu ainda bebê, até a praça perto de casa, sentava-se conosco no gramado, pegava uma das margaridas que cresciam pelos canteiros e brincava de bem-me-quer. Ela pegava uma flor e pedia para cada uma de nós puxar uma pétala, passava da minha mão para a dela... bem-me-quer, malmequer. Impressionantemente a última pétala sempre confirmava o benquerer, concluindo com a frase: “Quando semeamos o amor, ele floreia, cresce e nos dá as melhores flores”.

Minha mãe era assim, acho que meu irmão Kaká puxou à bondade e sabedoria dela. Nunca a vi triste ou se lamuriando de algo. Ela dizia tirar o aprendizado de tudo, até das experiências ruins, e sempre tinha uma palavra de conforto ou um sorriso para retribuir.

Uma ideia maluca me vem à memória, uma lembrança de outro dia. Corro para casa e encontro minha irmã brincando com meus filhos menores e Pedro jogando videogame com o Beto, totalmente entretidos.

— Malu, preciso que vá a um lugar comigo, urgente — digo ofegante, já puxando-a para sair.

— Mas já está tarde! Aonde vamos? E seus filhos?

— Tenho certeza de que o Pedro pode cuidar dos irmãos por uma hora, além do mais, o Beto ficará aqui te esperando, não é? — direciono a pergunta ao Beto, que nos dispensa dizendo que precisa ganhar pelo menos uma partida do Pedro no FIFA.

Saio arrastando a Malu a contragosto, e ela não para de tagarelar que estou ficando maluca e sem noção, que esperou o dia todo para ficar sozinha com o namorado e que eu a estou atrapalhando.

— Para de drama, Malu, daqui a pouco você estará grudada em seu namorado novamente.

— Aonde nós vamos? Qual o motivo dessa urgência toda?

— É aqui pertinho, já estamos chegando.

— Eu perguntei aonde vamos, não se é perto!

— Daqui a pouco você verá.

— Quanto mistério!

Vou dirigindo até o local, perdida em pensamentos, enquanto a Malu fala sem parar; não consigo me concentrar no que ela diz. Paro no lugar, estaciono o carro e a chamo.

— Vamos, chegamos.

— O quê? Aqui? Por quê?

— Preciso ter certeza de uma coisa.

— Que coisa? Alguém morreu?

— Claro que não. Eu só preciso achar a carta que escrevemos.

— Que carta? Tá maluca?

— Malu, a carta que escrevemos quando éramos meninas. Preciso me lembrar do que contém nela, há dias venho sonhando com isso.

— Bel, aquilo foi falta do que fazer de duas crianças. Para que encanar com isso agora?

— Não sei, só preciso lembrar.

— Então deixa para amanhã. Ela já está enterrada há mais de vinte anos, pode esperar mais um dia.

— Não quero, Malu, eu venho sonhando com isso.

— Você nem tem certeza se ela ainda está aí. Já faz tanto tempo.

— Ah... o que foi? Tá com medinho?

— É claro que não. Só não acho necessário entrar em um lugar desses tão tarde da noite.

— Da outra vez era noite também.

— E como iremos entrar, se já está fechado?

— Do mesmo jeito que entramos da outra vez, pelas salas de velório, oras!

— Ah, não, meu Deus!

Desço do carro e saio arrastando a medrosa da minha irmã, que não para de fazer o sinal da cruz.

Passamos por muitas famílias tristes e desoladas, dessa vez, procuro não observar nem absorver o que acontece ao nosso redor; já tenho minhas próprias batalhas.

Em uma época de minha vida, eu visitava aquele lugar quase que diariamente. Sempre que tinha algum dilema ou quando precisava, simplesmente, entender as reviravoltas que minha vida dava, eu me sentava sobre o túmulo de minha mãe e ficava ali por horas, meditando ou lendo um livro. É estranho dizer isso, mas eu sempre me sentia melhor quando chegava a hora de partir. Foi muito complicado crescer e me tornar mulher sem ter uma mãe ou uma referência, alguém que me indicasse qual caminho eu deveria seguir. Minha irmã, de alguma forma, sempre teve a mim, porém eu tive que aprender e descobrir tudo sozinha, crescer com as dúvidas de uma adolescente, virar mulher, ter filhos e ainda viver para tolerar a falta que sentia dela.

Enquanto andamos pelas ruazinhas escuras do cemitério, minha irmã vem grudada em mim, como uma menininha medrosa. Penso que, por muitas vezes, me fiz de forte para não fazê-la sofrer também e para que ela nunca precisasse se sentir sem rumo ou desprotegida.

— Você acha que a caixa ainda está enterrada lá?

— Espero que sim, colocamos próximo à lápide de nossa família.

Chegamos ao local onde fica o jazigo de minha família e onde fica a lápide de minha mãe. A lanterna que eu seguro ilumina pouca coisa e essa parece uma ideia bastante absurda nesse momento, pois é quase impossível encontrar algo aqui, ainda mais escondido.

Mas logo algo impressionante chama a nossa atenção. Bem ao lado da lápide, há uma luz forte, ocasionada por uma única vela que ilumina um ramalhete de margaridas brotadas do chão, rompendo o cimento já gasto.

Fico muito emocionada ao vê-las, pois as flores são identificas às que brotaram no vaso abandonado em minha garagem. Não tenho dúvida de que esse é o local. Com a pequena pá que levei, tiro as flores com cuidado e as entrego para minha irmã, que está surpreendentemente calada, e não preciso de muito esforço para localizar a pequena caixa que duas meninas órfãs de mãe enterraram ali.

Pego a caixinha, que já está se desmanchando, abro-a e encontro as duas cartinhas lá dentro, uma grudada na outra e bastante envelhecidas.

— Ah, pelo amor de Deus! Você não pretende ler isso aqui, né? — Malu rompe o silêncio, quebrando também o momento de reflexão que estou tendo. Talvez todo esse momento não tenha tanta relevância para ela, uma pessoa tão segura de si, agora, para mim é um sinal, um sinal divino!

— Claro que não. Ainda não desenvolvi a aptidão de ler no escuro.

— Vai saber... Não duvido mais de nada depois de hoje.

— Vamos para algum lugar que seja mais bem iluminado.

— Então vamos embora logo, antes que nos peguem aqui e achem que estamos depredando o cemitério.

— Podemos somente fazer uma prece antes?

Nos ajoelhamos sobre o chão frio, coloco a pequena lanterna em cima do jazigo da família, damos nossas mãos e fazemos uma oração silenciosa. Eu peço que, de onde minha mãe estiver, guie meus passos para eu encontrar o melhor caminho para minha vida. Quando as lágrimas de saudades ameaçam me dominar, levanto-me e puxo minha irmã, que também finge não chorar.

Ao pegar a lanterna, noto que a luz fraca ilumina de forma suave o número do túmulo “70.7” e fico estática lembrando o discurso do meu irmão, mais cedo. Nunca me dei conta daquilo até esse momento e é inevitável não pensar na mensagem que está sendo passada. As palavras de Kaká ecoam em minha mente: “Perdoe, setenta vezes sete”.

Fazemos o caminho de volta totalmente quietas. Fico imersa em um sentimento emocional tão profundo, que me faltam palavras para descrever a grandiosidade de tudo o que está acontecendo. De alguma forma, sinto-me protegida e com a certeza de que não estar só; há algo maior e desconhecido olhando por mim.

Estaciono o carro na garagem, pois preciso de um tempo sozinha. Quero ler a minha carta e informo isso à Malu, que não se faz de rogada e sai como um turbilhão do carro.

— Espere aí! Você não quer a sua carta? — pergunto à Malu.

— Eu não! Preciso me limpar, tô cheia de terra daquele lugar sombrio.

— Que exagero! Mas você nem quer saber o que está escrito na sua carta?

— Oras, Bel, não estou caduca igual a você, sei exatamente o que escrevi.

— Ah, é? Então me conta.

— Leia aí. Quem não sabe o que está escrito é você, não eu. — Tendo dito isso, ela sai em disparada, se limpando como uma menina.

Abro com cuidado a carta dela, acendo a luz do interior do veículo e tenho uma grata surpresa ao me deparar com as palavras de minha irmã. A frase é curta, porém muito profunda.

Mãe, o que desejo da vida é que minha irmã seja feliz, pois a senhora partiu e deixou o melhor anjo cuidando de mim. Muito obrigada!

Ela ainda fez o desenho de duas meninas de mãos dadas em um campo cheio de margaridas e um querubim voando pelo céu.

Novamente, não consigo conter as lágrimas, minha irmã conseguiu, com suas singelas palavras, fazer a melhor declaração de amor e gratidão que poderia.

Guardo com carinho a cartinha dela e faço uma nota mental de dar um abraço bem apertado na maluca da minha irmã, que, de novo, comprovou ser dona de um coração gigante, desejando a minha felicidade. Mal sabe ela que anseio vê-la tão bem e feliz quanto desejo aos meus filhos. E sou capaz de fazer qualquer coisa por todos eles.

Pego minha carta, abro-a com cuidado e vou lendo o que escrevi há mais de vinte anos.

Mãe, eu poderia lhe pedir muitas coisas, mas sei que estará guiando meu caminho e cuidando de todos nós, onde quer que esteja. Por isso esta carta será direcionada para mim mesma, para que eu nunca me esqueça do que realmente importa nessa vida. Ao ler essa carta, espero que eu esteja feliz, e, se caso não estiver... Você está esperando o que para ser? Não

deixe os problemas da vida te derrubarem, continue forte, em busca de seus sonhos, mesmo que pareça impossível. Lembre-se de que você é capaz de tudo, basta querer e não ter medo de lutar e trabalhar por aquilo que deseja.

Espero que tenha tido todos os filhos que sonho ter e que seja uma excelente mãe, sem cobranças. Que os ame e seja muito amada e respeitada por eles.

Espero que tenha decidido nossa profissão, porque, no fundo, sabemos que a psicologia não é o que você quer de verdade. O que queremos é ser dona do nosso próprio destino.

Agora, se o rapaz da rua de baixo ainda não tiver se declarado, desista, mas não antes de demonstrar a ele o quanto o ama desde menina. E nunca se esqueça, ame! Mas ame a si primeiro.

Fico refletindo dentro do carro sobre tudo o que acabei de ler e penso que os desejos daquela menina de apenas quinze anos se realizaram de alguma forma. A carta não dá as respostas que eu procuro, realmente não sei o que busco, mas entendo plenamente a mensagem que recebi. O poder da felicidade de minha vida, que tanto almejo, está apenas em minhas mãos. Eu sou dona das minhas escolhas, mais ninguém.

Decido nesse momento que irei falar com o Nando, fazê-lo entender tudo o que aconteceu conosco e me declarar como nunca fiz antes. Se por acaso não houver perdão de ambos os lados, terei a certeza de que busquei aquilo que quis, mas que não era meu destino.

Percebo um movimento ao lado do carro, na garagem escura, um vulto grande abre a porta e se senta ao meu lado. Sinto meu coração disparar e um tremor passa a percorrer todo o meu corpo. Minhas emoções estão em combustão, fico ainda mais perplexa com sua presença aqui, bem no momento em que já estou decidida a ir procurá-lo e abrir meu coração para ele.

— Oi — ele me diz um pouco sem graça.

— Oi. — Tem um nó em minha garganta que não deixa as palavras saírem.

— Você demorou! Mas, quando a Malu chegou dizendo que você estava mais maluca que o normal, acalmou meu coração. Por um momento, achei que a tivesse perdido para sempre. — Nando fala tudo de uma só vez, como se estivesse controlando a ansiedade há algum tempo.

— O que você quer dizer?

— Sabe, Bel, venho sentindo muito a sua falta, de nossa família, do que construímos juntos.

— Sei... Sua namorada não vai gostar nadinha dessa conversa. — Não pude evitar lembrar a cena que vi mais cedo.

— Ela não é minha namorada, nunca foi. Acho que lhe devo uma explicação.

Faço sinal para ele continuar, pois não consigo falar.

— Depois de um tempo que nos separamos, eu comecei a sentir muito a sua falta, mas não era maior que a mágoa que eu nutria. Então, comecei a aceitar os convites de meus amigos para sair um pouco; todos eles perceberam a tristeza que eu estava vivendo. Em uma dessas saídas, fui apresentado a essa moça, uma aeromoça vinda de outra companhia, e pensei “por que não?”, mas... quanto mais eu me envolvia com ela, mais sentia sua falta, porque ela não era você. Então percebi o erro que estava cometendo, enganando a ela e a mim. Mas ela não aceitou bem e passou a fazer exigências e a me procurar. Hoje ela me procurou de novo, quando eu finalmente achei que ela havia entendido que não queria nada com ela.

Continuo escutando tudo, tentando controlar o turbilhão que se formou dentro de mim, me permitindo ter esperança. Nando segura minha mão, ainda me encarando.

— Então, Bel, você apareceu e me olhou de uma forma tão triste que tive a certeza, naquele momento, de que te magoei muito e de que tudo o que eu queria era vê-la voltar a sorrir. Mostrei você a ela e a fiz entender que meu coração estava ocupado por uma única pessoa e que, por mais que a vida viesse a nos separar, ninguém ocuparia aquele lugar.

As lágrimas que segurei por tanto tempo, começam a escorrer pelo meu rosto. É inacreditável tudo o que está acontecendo nesse momento, dentro de nosso carro. Eu não consigo mais conter a emoção.

— Não chore, Bel. Por favor, me perdoe! Juro que daqui pra frente verei para fazê-la feliz, já não consigo mais ficar longe de ti. Vamos tentar... da forma que seu irmão falou tão bonito hoje.

— Você foi?

— Sim, sentei no fundo e fiquei te observando. Você estava tão triste e me deixou ainda mais arrasado. Cada palavra dele parecia que estava sendo falada para nós. Eu o procurei depois, no final da palestra, e perguntei como eu conseguiria viver tudo aquilo que ele estava pregando. Ele me disse poucas palavras, porém muito profundas: “Perdoando e amando”.

— E você me perdoou, Nando? Consegui deixar para trás a mágoa que tomou seu coração. Não quer ao menos saber minha versão?

— Não, Bel, não é preciso. Qualquer atitude que tenha tomado foi consequência do relacionamento que deixamos de construir, e eu demorei para entender isso. Não tem certo nem errado, ambos erramos e nos magoamos. Fui cego, tolo, nunca lhe dei a oportunidade de se explicar, mas tudo isto é irrelevante perante a falta que sinto de você, que é tão grande que não consigo nem lembrar como acabamos dessa maneira.

— Você tem certeza, Nando, que podemos colocar uma pedra em cima de tudo isso e viver bem e felizes?

— Se você for capaz disso também, podemos começar agora do zero. E eu prometo viver todos os dias da minha vida para lhe dar o amor merecido. — Nando me olha em expectativa, respira fundo e diz algo que acalenta meu coração. — Você quer namorar comigo, Bel?

— Oh, Nando... esperei tanto tempo para ouvir isso — eu digo, emocionada quase a ponto de não conseguir pronunciar as palavras.

— Eu sei. E espero que não seja tarde demais.

— Nunca, Nando. Isso é tudo que eu mais quero nessa vida. Eu te amo tanto!

— Eu também te amo, minha moreninha.

E aqui, na garagem, dentro de nosso carro, Nando me toma nos braços e me beija de uma forma tão pura que tenho a certeza de que esse será o primeiro dia de uma longa vida a ser construída juntos, baseada na simplicidade, no amor, no diálogo, na sinceridade e no perdão.

Eu teria me entregado a ele dentro do carro mesmo, como foi na primeira vez, se não fosse por nossos três filhos, Pedro, Vitor e Isa, que resolveram aparecer, naquele momento, todos sorridentes e comemorando ao verem os pais juntos de novo, entregues à paixão.



Capítulo 27

Naquela noite, me entreguei de corpo e alma ao Nando. Foi perfeito, emocionante, uma conexão pura, me senti leve e muito feliz. Ele também não conteve sua alegria e reafirmou por mais de uma vez a promessa de construirmos um relacionamento baseado em confiança, amor, reciprocidade, companheirismo e perdão, declarando que me amava e que eu era a única mulher para ele.

E realmente Nando está confirmando sua palavra. No momento em que eu lhe digo que preciso enviar uma mensagem ao Augusto, ele entende e ainda diz acreditar que eu necessito colocar um ponto final nessa história.

Logo pela manhã, enquanto o Nando vai até a casa de dona Celeste para buscar suas coisas, sento-me na cama com o notebook no colo para escrever aquela mensagem que será a conclusão de um capítulo marcante em minha vida.

Meu querido amigo,

Hoje escrevo essa mensagem para lhe agradecer. Acredito que você tenha entrado em minha vida por algum propósito. Desde o dia em que nossos caminhos se cruzaram, minha vida tomou novos rumos e novos ares. Talvez tenha sido o destino ou sua fé em mim, hoje me sinto uma nova mulher e posso lhe dizer que devo muito a você, por todas as suas palavras de apoio ou por, simplesmente, ter me ouvido e ajudado a enxergar o melhor de mim e por qual caminho seguir.

Gostaria de poder lhe dar um abraço de despedida, porém sei o quanto isso poderia ser difícil para você. Quero que saiba que eu realmente me apaixonei por você, mas nunca consegui entregar meu coração de forma total e lhe enxergar mais do que como um grande amigo, e você merece muito mais que isso, merece alguém disposto a lhe dar tudo o que você tem

a oferecer, alguém que te ame como eu não fui capaz, por já ter meu coração tomado pelo meu primeiro e único amor.

Estou muito feliz hoje e espero, do fundo do coração, que você possa experimentar esse mesmo tipo de felicidade o mais breve possível.

Obrigada!

*De sua grande amiga,
Izabel*

Termino a carta com lágrimas nos olhos e, apesar de estar triste por saber que posso magoá-lo, estou ciente de que é o melhor a ser feito e me conformo. Porém, vou ficando apreensiva enquanto a resposta não chega, com medo de tê-lo magoado muito.

A resposta vem no final da tarde, e traz um sopro de acalento ao meu temor.

Izabel,

Por te amar tanto é que me consolo em saber que pelo menos um de nós dois encontrou a felicidade plena ao lado da pessoa amada. Sua alegria é a minha também.

Espero de coração que essa felicidade se prolongue pelos anos que virão e que eu possa um dia encontrar essa mesma plenitude.

Apenas seja feliz!

*Para sempre seu,
Augusto*

Augusto sendo ele mesmo, um príncipe encantado e um ser humano de coração tão nobre. Fico emocionada com sua bondade extrema e torço para que ele realmente encontre alguém tão bom quanto ele. Mas não consigo me arrepender de minha decisão, meu coração foi arrebatado pelo Nando no primeiro momento em que o vi. Apesar de todas as dificuldades que passamos, esse amor ficou morninho, lá no fundo, esperando um ato diferente da rotina que estávamos vivendo para voltar a ser totalmente pre-

enchido pelo meu primeiro amor. Ainda mais quando o Nando voltou com um sorriso grande nos lábios, trazendo suas malas e dizendo que elas nunca mais sairiam da nossa casa.

Na semana seguinte, recebemos a notícia de que nosso filho Pedro havia passado no EEAR, assim como o pai e o avô. Ele seguirá os passos na carreira aeronáutica, sua alegria só não está completa, pois, há meses, a única notícia que tivemos da Josi foi a de que ela ganhou o Concurso de Miss Bumbum e agora estampa todas as capas de revistas e programas de fofocas.

Será um período difícil para mim também, estou me preparando para ficar longe do meu menino, que agora se tornará um homem e ganhará asas para a vida. Vamos até a cidade onde ele estudará para conhecer as dependências de seu alojamento. Mesmo sabendo que será o mesmo lugar pelo qual o pai e o avô passaram, meu coração não se aquietava, eu queria ver com meus olhos se o Pedro ficaria bem. Nando está todo orgulhoso, nos apresenta a todos os sargentos e coronéis e não se cansa de demonstrar o quanto está feliz por seu filho seguir seus passos.

Um dia antes da mudança do Pedro, Nando sai cedo, dizendo que precisa resolver alguns problemas. É o dia de sua folga e eu também estou em casa. Agora é assim que fazemos, conciliamos nossas agendas em prol de passarmos mais tempo juntos; até estranho quando ele sai e começo a ficar muito apreensiva, porque as horas se passam e meu marido não chega.

Durante esse período, converso bastante com o Pedro e descubro que, apesar de ter 18 anos, ele ainda é aquele menino tão meigo que foi meu fiel companheiro por anos. Finalmente a fase de desentendimentos passou, inclusive, ele me pediu perdão pelas atitudes que tomou ao longo do ano. Explicou ter muito ciúme da Isa e do Vítor, pois acha que os “pirralhos”, como os chamou, vieram para roubar minha atenção. De certa forma, ele estava certo. Eu entrei em um turbilhão entre trabalhar, cuidar de três filhos e da casa, devo realmente ter falhado em alguns pontos tentando ser a melhor em tudo e não apenas suprir o que era realmente importante. Fico supere emocionada com o abraço fraterno que o Pedro me proporciona enquanto declara me amar e o quanto vai sentir saudades de nós, e até dos pirralhos.

Já tarde da noite, Nando chega com uma grande revelação. Ele e Josi passaram o dia ajudando a Polícia Federal a prender uma quadrilha de traficantes de mulheres. Segundo ela, enquanto participava do concurso, sua mãe se envolveu com um homem vindo da Espanha, que se apresentava como agenciador e disse que a levaria para seguir carreira internacional, a começar pela própria Espanha, mas sua mãe se apaixonou loucamente pelo tal cara e acabou entrando no esquema aliciando as garotas. Certa

noite, Josi escutou escondida tudo sobre o esquema e, naquele dia fatídico, quando fomos todos parar na delegacia, denunciou ambos. A partir daquela data, uma investigação minuciosa acabou levando à desarticulação de toda a quadrilha internacional e à prisão deles, inclusive da mãe dela, por tráfico internacional de mulheres.

Josi pede perdão para o Pedro e informa que precisava se afastar para que a investigação desse certo, conta ainda que, se não fosse pela preciosa ajuda e proteção do meu pai e do Nando, ela não teria conseguido ir adiante. Ela diz ao Pedro que o ama e, caso ele esteja disposto, irá esperá-lo retornar de Guaratinguetá formado pela EEAR, para então iniciarem uma vida juntos. É lindo assistir à reconciliação dos dois e assistir ao meu menino pedi-la em namoro ajoelhado, beijando sua mão. Ela aceita seu pedido muito emocionada, enquanto ambos se abraçam, se beijam e fazem promessas de amor eterno.

Torna-se impossível segurar minha emoção, além do orgulho de meu marido ter ajudado a nora por todo esse tempo. Eu comparo esse casal tão novo e apaixonado ao que fomos um dia, e tenho certeza de que existe amor verdadeiro entre eles. Nando me abraça empolgado pelo momento e parece ter lido meu pensamento quando se declara, dizendo que o filho encontrou no seu primeiro amor a companheira eterna, assim como ele. Não contenho as lágrimas. Ultimamente elas estão soltas, mas agora são de pura felicidade.

No dia seguinte, Pedro viaja rumo à sua formação na Aeronáutica e Josi passa a morar conosco. Ela volta a ser a mesma menina dócil que só quer uma família. Fala pouco da mãe e, apesar de tudo o que dona Katilene fez, sempre que pode, a Josi vai visitá-la na penitenciária. Mesmo ela tendo sido condenada por tráfico de mulheres com o namorado, nem uma vez sequer eu vi Josi a difamando.

Josi também passa a ser meu braço direito na loja, logo ela se mostra uma excelente vendedora, além de ser nossa garota propaganda. Aliás, a boutique finalmente começou a dar mais lucro, permitindo que minha irmã e eu coloquemos em prática os planos adiados. O mais urgente é minha cirurgia do quadril, que ultimamente vem limitando minhas atividades diárias por causa das dores, porém aguardarei o casamento da Malu.

Por incrível que pareça, a incorrigível Malu, totalmente apaixonada, após vários pedidos de casamento do Beto, acabou aceitando oficializar a união deles, que já moram juntos desde quando se conheceram. A data será marcada para ocorrer dentro de um mês, porém eles também se desentenderam quanto ao tipo de cerimônia. Beto quer algo grandioso, e a Malu, algo fechado, só para os mais íntimos.

É claro que minha irmã acabou vencendo. Eles se casarão pela manhã, no cartório, e à noite farão uma cerimônia pequena, chamada *miniwedding*, que, segundo ela, é a última moda. Meu irmão Kaká conduzirá a benção das alianças e os votos dos noivos, apenas com a presença dos familiares e dos amigos mais íntimos.

Já Nando e eu acertamos de passar um fim de semana na praia com as crianças assim que minha irmã voltar de sua lua de mel na Austrália, onde o Beto também realizará sua mudança. Nós faremos minha tão sonhada viagem ao Nordeste. Planejamos ir sozinhos, mas, conforme vamos elaborando o roteiro, fico apreensiva por passar tanto tempo longe das crianças. Por fim, sou convencida pela dona Celeste, que garante ficar esses dias em nossa casa, e as crianças comemoram a presença da avó, que anda bastante presente. Ela parece outra mulher, se dedicando ao trabalho e se divertindo com uma turma de mulheres que conheceu no baile da terceira idade.

Meu pai também se aquietou ao lado de sua namorada e, como ele mesmo me confessou outro dia, finalmente reencontrou o amor e a paz em seu coração.

Os dias se passam e tudo vai entrando em um ritmo calmo, onde meu marido e eu nos tornamos totalmente cúmplices e parceiros, além de descobrirmos diariamente que o diálogo pode ser um grande aliado diante dos problemas do dia a dia. Nando me ajuda em tudo e eu retribuo da mesma forma.

A primavera chega, trazendo as flores e a promessa de dias alegres e sentimentos duradouros. O casamento de minha irmã será no dia seguinte e os preparativos estão a mil. Malu quis organizar tudo sozinha, não aceitou minha ajuda, mas também nem contestei, porque sei que ela fará tudo do seu jeito e que não será nada convencional, a começar pelo vestido. No dia da escolha, fui acompanhá-la, pois precisava escolher o meu também, já que eu e Nando seremos seus padrinhos. Malu quase deixou as moças da loja malucas escolhendo o vestido, mas entendi perfeitamente o que minha irmã procurava. Com certeza, ela queria um vestido que pudesse personalizar.

Vendo-a colocar dezenas de vestidos, não pude evitar sonhar me colocando em seu lugar. Ela ficava ainda mais linda a cada vestido que trocava e me peguei cogitando em também usar um vestido lindo daqueles. Até hoje o Nando não falou em oficializar nossa situação, porém esse é um detalhe que não me incomoda mais. Ele é meu marido e eu sou sua esposa, não será um pedaço de papel que mudará isso.

Por fim, minha irmã escolheu um vestido bastante simples, branco e comprido, parecia até uma camisola de cetim, mas, como eu sabia que ela

estava planejando algo, não questionei. Para a cerimônia à noite, Malu disse que fará do jeito que ela quer. Não aceitou nenhum palpite meu e ainda me fez sair de lá com um vestido longo de cor champanhe, composto de uma saia simples, levemente rodada, e um tomara que caia cujo corpete é todo trabalhado com *strass*. É simplesmente lindo, me senti quase uma noiva. Somente fiquei tranquila quanto à escolha da cor quando minha irmã me garantiu que seu vestido da noite será algo completamente diferente do convencional.

Na hora do casamento civil, quase não cabe toda a família no pequeno salão do cartório. Todos nós quisemos presenciar um momento tão importante para nossa irmã caçula, além do meu pai, todo orgulhoso, ao lado de sua companheira. E ainda a família do Beto, que veio em peso de Fortaleza: o irmão caçula, a mãe, o pai recém-chegado da Austrália e o Augusto.

É estranho reencontrá-lo, mas sua postura é exemplar. Ele cumprimenta todos nós com muita educação e nos apresenta sua namorada inglesa, uma moça linda, jovem e meiga. Augusto parece feliz e orgulhoso ao apresentá-la a mim e, nesse momento, me sinto ainda mais leve e realizada por ver meu querido amigo tão bem.

A cerimônia foi rápida, porém bastante emocionante. Eu me senti quase como a mãe da noiva. Ver minha irmã caçula tão feliz e realizada é um dos sentimentos mais fantásticos que já experimentei na vida. Malu está divina, irradiando felicidade, e Beto, agora seu marido, a olha como a uma joia rara.

Eles comemorarão com a família do noivo em um almoço, num restaurante famoso, patrocinado pelo pai do Beto, que veio da Austrália para o casamento.

Minha família gigante e eu resolvemos ir para nossas casas nos prepararmos para a cerimônia de logo mais à noite. No caminho, acabo me empolgando com todo esse clima de casamento e pergunto ao Nando o que ele pensa sobre nós oficializarmos nossa união. Ele está bem aéreo e responde que depois conversaremos sobre isso. Como acredito que ele ainda está sob o efeito do reencontro com o Augusto, achei melhor deixarmos essa conversa para depois, em vez de valorizar a decepção que estou sentindo no momento.

Ganho do Nando e das crianças um presente incrível, um pacote de massagem relaxante e SPA da beleza para ser usado hoje, sairei do salão direto para o *Buffet* onde a cerimônia e a festa acontecerão. As crianças estão em uma ansiedade gigante e falantes, animadas com as invenções da tia, que

pediu para eles entrarem, cada um, com um ornamento; eu nem quis saber o que a maluquinha estava aprontando.

Pedro e Josi estão em um chamego só, aproveitando a folga dele. Já Nando continua estranho.

— Aconteceu algo? — pergunto a ele com uma pulguinha atrás da orelha.

— Não! Não é nada demais, apenas aproveite seu dia.

— Você vem me buscar?

— Não será possível, prometi levar minha mãe. Mas seu irmão João já confirmou que vem.

— Tudo bem, até a noite. — Dou um beijo nele, mas ele ainda parece tenso.

Minha tarde é maravilhosa, estou me sentindo uma verdadeira rainha, enquanto vou das massagens relaxantes para o salão de beleza. Recebo no meio da tarde, após um delicioso café, um lindo buquê de flores enviado por Nando. Fico aliviada e encantada pelo romantismo dele. Logo que encontramos o Augusto mais cedo, no cartório, Nando se retraiu, porém, agora, esse gesto comprovou que ele realmente virou essa página do nosso relacionamento.

Mando uma foto para ele do momento em que eu estava no ofurô relaxando, com os dizeres:

Queria você aqui comigo.

Obrigada pelas flores. São lindas!

**E não esqueça, sempre foi e para sempre
será você o dono do meu coração.💕**

Meu dia de rainha acaba. O resultado, quando me olho no espelho, é impressionante. Estou radiante e gosto muito do que vejo. Meus cabelos rebeldes estão presos em uma trança comprida, jogada para o lado. A maquiagem está bem leve, porém o batom é vermelho. O vestido escolhido pela minha irmã ficou divino, o corpete tomara que caia se ajustou perfeitamente ao meu corpo, destacando o meu colo moreno, e as pedrarias parecem brilhar tanto quanto meus olhos que resplandecem de felicidade.

Ao sair do meu dia de rainha, encontro meu irmão João com sua esposa ao portão, à minha espera. Ambos estão lindos e não poupam elogios a mim. Eu também estou me sentindo linda.

O *Buffet* escolhido pela minha irmã fica próximo do local onde passei o dia, é muito pitoresco e não tão grande, mas, como será só para a família e poucos amigos, ficará perfeito.

Realmente, a Malu se superou! A decoração é composta por um pequeno púlpito adornado ao fundo, com um painel de flores de todos os tipos. Está maravilhoso, nunca vi nada semelhante na vida! Alguns buquês foram pendurados no teto com pequenos focos de luz. O efeito ficou impressionante. Cadeiras foram dispostas ao longo do salão e eu vejo vários rostos conhecidos. Meu irmão João já chegou e se acomodou junto dos meus sobrinhos, eles estão fazendo festa com as filhas do Kaká, que já está concentrado ao lado de um senhor, aguardando o início da cerimônia.

Há também algumas amigas nossas, da boutique e a família do Beto está presente, mas não consigo localizar seu irmão mais novo, o Augusto. Fico surpresa por minha irmã ter se lembrado de convidar a minha amiga Lucão, que está particularmente linda ao lado de sua companheira e seu filho. Minha sogra está sentada bem na frente, toda emocionada e produzida; ela sempre nutriu um carinho especial pela Malu, não se contém de tanta alegria. Meu pai também já chegou com sua companheira e ambos estão sentados, contemplando todo o ar emotivo que paira no salão. Achei que ele ficaria chateado por minha irmã inventar que entraria sozinha, mas, em se tratando de Malu, ninguém estranha mais nada.

Sou avisada para tomar meu posto no altar. Estou me sentindo totalmente deslocada aqui, sem meu marido. Já estou ficando ansiosa com a ausência do Nando, que não entrou ainda. Mas tento não valorizar esse sentimento, pois, afinal, mesmo eu tendo deixado tudo separado em casa, é provável que as crianças tenham dado muito trabalho.

— Dona Celeste, cadê o Nando?

— Não sei, minha filha, acabei vindo com a Aninha.

Já estou a ponto de ir atrás dele. Quando o vejo chegar, meu coração parece querer sair pela boca. Nando está lindo com o traje completo de gala da Aeronáutica, conforme ele vem caminhando em minha direção, passando pelo tapete verde com o corredor todo ornamentado com margaridas, me sinto a mulher mais afortunada do planeta. Não posso evitar de novamente desejar passar por toda aquela cerimônia comprovando para todos o nosso amor.

Ele caminha o tempo todo mirando meus olhos, os seus, tão lindos e verdes estão um pouco marejados e quero acreditar que, talvez, ele também tenha se emocionado com todo esse clima apaixonado que paira no ar. Mas

ele passa direto por mim e se posiciona no lado oposto, me deixando ali parada, um tanto surpresa. Faço uma nota mental de conversar com ele mais tarde sobre essa atitude — agora funcionamos assim, exercitando o diálogo e sempre conversando sobre aquilo que nos incomoda —, porém não tenho tempo de mais nenhum pensamento, pois os músicos contratados começam a dedilhar a música anunciando o começo da cerimônia.

Há um homem com o violão e uma cantora, mas o efeito é surpreendente. A mulher começa a cantar e sua voz é tão linda e suave que me leva através da letra.

*Olha bem no fundo dos meus olhos
E sinta a emoção que nascerá quando você me olhar
O universo conspira a nosso favor
A consequência do destino é o amor
Pra sempre vou te amar¹²*

Isa entra tão linda, minha pequena, com seu vestidinho branco, escolhido por ela — no dia em que fomos experimentar, ela cismou com aquele e disse que estava igualzinha às princesas da Disney, mas acho que ela estava errada, para mim, minha filha é a mais linda de todas. Pelo jeito, para o pai, que agora seca discretamente uma lágrima que cai quando nossa Isabela entra jogando margaridas pelo caminho enquanto a música toca, também. Ela para ao meu lado toda sorridente por ter feito tudo direitinho.

A música tão linda continua tocando, enquanto agora o Vitor entra, dentro de uma calça azul-escura e um casaco branco, igual ao que o pai usa, parecendo um homenzinho, todo concentrado, ao carregar as alianças dentro de um cestinho, que ele me entrega e depois para ao lado oposto da Isa.

Em seguida, entra a Josi como dama de honra, linda em um vestido rosa-claro, sendo guiada pelo Pedro, que também traça seu uniforme de gala da Aeronáutica. Ela traz um buquê de margaridas lindo, que entrega a mim assim que chega ao pequeno altar.

Está difícil segurar as lágrimas e a música chega ao refrão, anunciando a entrada de minha irmã.

Mas talvez você não entenda

12 Janeiro a Janeiro, compositor Nando Reis, álbum Sei como foi em BH (2013).

Essa coisa de fazer o mundo acreditar

Que meu amor não será passageiro

Te amarei de janeiro a janeiro

Até o mundo acabar¹³

Inacreditavelmente, Malu entra sozinha, trajando um vestido justo ao corpo bem delineado dela, todo rendado, na cor verde-claro — penso que só minha irmã é capaz de se casar com um vestido dessa cor e ainda ficar original e linda. Ela traz nas mãos uma pequena lousa e fico imaginando o que ela está aprontando. Quando ela chega ao altar, se vira para mim e escreve com um pequeno giz que tira de um simples arranjo próximo a nós.

"A NOIVA É VOCÊ!"

Leio a frase umas três vezes, tentando assimilar o que está acontecendo, ao me deparar com o Nando ajoelhado em frente a mim, esperando, com a mão suspensa no ar, pela minha.

Contenho o grito que sobe pela minha garganta e as lágrimas que querem sair, motivadas pela forte emoção que estou vivendo.

— Bel, hoje quero mostrar ao mundo quem meu coração escolheu há dezoito anos atrás, quando ainda éramos dois adolescentes. Eu já devia ter tomado esta atitude há muito tempo e fui um tolo por achar que não precisava expressar para você o que meu coração nunca duvidou: quem é sua única dona. Passamos por muitas coisas nesses anos e construímos juntos uma família linda. Você mudou muito a cada ano que se passava e ajudou a me transformar em um ser humano melhor. Não sei se é possível, mas te amo cada vez mais, cada vez de um jeito novo. E se você disser sim... eu prometo ser a sua pétala do bem-me-quer, para todo o sempre! Aceita se casar comigo?

Um soluço alto sai e eu não consigo mais segurar a avalanche de emoções. Percebo um silêncio em expectativa sobre minha resposta. Nando já se levantou e aguarda minha resposta com seus lindos olhos verdes me encarando, enquanto meus filhos também aguardam ansiosos.

— Sim! Claro! É tudo o que eu mais desejo!

¹³ Informações Janeiro a Janeiro, cantor Nando Reis, Sei como foi em BH (2013).

Nando me toma nos braços e me beija carinhosamente na frente de todos, bastante emocionado, e nossas lágrimas se misturam durante nosso momento de paz e promessas.

— Tive medo que você não me quisesse mais.

— Nando, isso não é possível. Você é meu bem-me-quer!

O senhor ao lado de meu irmão é o juiz de paz que realizará nossa cerimônia civil. Sou conduzida pelo Nando para assinar os papéis de nosso casamento, minha irmã assume a posição de madrinha ao lado de seu, agora, marido e meus filhos se posicionam à frente do painel de flores, testemunhando os pais nesse momento mágico.

Kaká inicia um pequeno discurso e, dessa vez, me sinto completa por sermos eu e o Nando os privilegiados a serem protagonistas desse lindo enlace, utilizando os versos que certa vez ouvi, fazendo uma promessa silenciosa de fazer todos ao meu redor, felizes.

O juiz pergunta, assim que meu irmão termina seu sermão:

— Senhora Izabel Maria Carvalho, aceita o senhor Fernando Dantas como seu legítimo esposo?

Minha vida passa toda pela minha cabeça nesse instante em que todos aguardam a minha resposta, desde aquela menina carente que só sonhava em encontrar o verdadeiro amor, passando pela adolescente apaixonada que faria qualquer coisa em troca de ser amada, até chegar à mulher que perdeu a esperança na palavra amar. Pondero se vale a pena mergulhar de cabeça, correndo o risco de vir a me decepcionar novamente, e chego à conclusão de que, para ser feliz, é preciso coragem, e isso eu tenho de sobra!

Então, meus amigos, peço um minuto de silêncio, pois eu direi:

— Sim!



Epílogo

E mais uma vez estão todos reunidos para celebrar a vida, juntos, como uma família deve ser. É claro que nem sempre é assim, são todos humanos e desentendimentos são normais, mas, logo em seguida, conversam e percebem que o mais importante é permanecerem sempre juntos, na dor e na alegria.

De onde estou, observo em paz todos eles interagirem.

O Sargento finalmente encontrou a paz, abandonou as culpas do passado e segue feliz ao lado de sua companheira, as marcas da idade já se apresentam em seu corpo, mas ele ainda é um homem forte e vistoso. Posso perceber que também está orgulhoso enquanto observa todos que seguiram seus passos e o amor pela carreira aeronáutica. Além dos belos netos e bisnetos, que são muitos e o amam e admiram acima de tudo.

Dona Celeste não quis mais se casar, diz que vive feliz sozinha e sente-se muito bem viajando e se divertindo com as amigas. Parece outra mulher, cuidando de sua oficina de costura e fornecendo empregos para muitas mulheres. Hoje ela treina a Isabela, que também é uma apaixonada pela indústria da moda. Ela olha também, admirando seus três netos e seus bisnetos, nem aparenta ter entrado na terceira idade, tornou-se uma nova mulher.

João também está presente com seus dois filhos já homens feitos. Ele está bem, aliás, muito bem. Achei que seria o que mais daria trabalho por ser sempre tão nervoso, mas, apesar de seu temperamento, tornou-se um excelente pai e também um bom marido, amoroso e dedicado à esposa.

Kaká está em constante evolução, é um ser iluminado, disposto a ajudar e tem sempre palavras de consolo para os corações aflitos. Tornou-se um palestrante de sucesso, lançou um livro de autoajuda chamado 70x7, que ficou por meses entre os mais vendidos. Sempre que viaja a trabalho, leva a esposa e as filhas moças, orgulhoso de tudo que construiu, falando aos corações magoados sobre amor e perdão e, acima de tudo, praticando à risca seus ensinamentos.

Já Malu é um caso à parte. Por fim, encontrou sua cara metade, ambos são extremamente apaixonados, mas, diga-se de passagem, o marido Beto anda na linha direitinho, caso contrário, acho que ela não pensaria duas vezes em fritar a pele dele. Continua maluquinha, correndo contra a vida e sempre com a cabeça a mil. Não quis ter filhos e diz que os sobrinhos são muitos para ela sentir falta de crianças. Fez uma coleção de sucesso para uma grife famosa, depois resolveu que iria viajar pelo mundo com o marido. Quando voltou para o Brasil e para a boutique, criou uma ONG que fazia vestidos para meninas de orfanatos e depois fazia festa de aniversário para elas, que nunca souberam o que era ter um bolo com velinhas. Fingia não fazer nada de mais, mas eu sempre a via emocionada quando uma menina carente dizia a ela ter sido o dia mais feliz de sua vida.

Pedro e Josi se casaram assim que ele se formou com honras na escola da Aeronáutica. Josi é uma excelente mãe. Quando engravidou do primeiro filho, abandonou seu cargo de gerência na boutique e passou a viver integralmente para cuidar dos três filhos que tiveram. Diz amar ser dona de casa e não pensa em voltar ao trabalho. Pedro seguiu uma carreira promissora na Aeronáutica, mas se divide entre suas atividades e dar atenção à família; vivem sempre juntos. E até quando a esposa visita a mãe, ele leva as crianças para ficarem com a avó, que já foi solta e tenta reconstruir a vida, arrependida de tudo o que fez.

O Vitor quer ser médico, estuda dia e noite para passar no vestibular e diz não querer namorar nunca, puxou um pouco sua tia Malu. Diz ele que o mundo é muito grande para viver ao lado de uma pessoa só.

Isabela, a Isa, se tornou uma menina linda, é a mais parecida comigo. Apesar de seu temperamento questionador, é uma garota amável, sempre disposta a dar o seu melhor e amar incondicionalmente as pessoas ao seu lado. Adora o tio Kaká e não perde nenhuma de suas palestras, além de estar totalmente engajada nos projetos sociais.

Nando... esse foi preciso dar uns puxões de orelha, mas, depois de sentir de perto a falta de sua família e ficar longe de seu grande amor, aprendeu a lição direitinho. Continua trabalhando bastante, afinal, a família se tornou numerosa, mas nunca coloca qualquer outra prioridade acima dela. É atencioso, companheiro, amigo, amante e, acima de tudo, eternamente apaixonado.

O Augusto... Ah, Augusto... uma das pessoas mais iluminadas dessa história! Casou-se com sua namorada de Londres, teve uma linda menina com ela e tornou-se um terapeuta renomado. Vive bem e feliz com a família, mas, de vez em quando, escreve mensagens que nunca chega a enviar, como se estivesse esperando por algo ou alguém. Quem sabe em outra vida... Às vezes, sonhamos com algo que vai além do entendimento humano, mas todos somos peças de um imenso tabuleiro ligadas pelo destino.

E ela... Izabel. Sua vida não foi fácil, aliás, nada fácil. Teve que se tornar uma adulta responsável quando ainda era menina e sofreu por anos, por acreditar ter um amor não correspondido. Dedicou-se demais a coisas sem valor, até entender que era a dona de sua vida, que só ela tinha o poder de colocar sua felicidade nos trilhos. Depois de uns empurrõezinhos da vida, lutou com todas as forças para agarrar a felicidade e, claro, conseguiu. Teve muitos percalços, mas, nem quando perdeu alguns milímetros do fêmur, devido às complicações de três cirurgias no quadril, que não deram certo, ela nunca se deprimiu. Quando soube que puxaria a perna, mesmo com todas as sessões de fisioterapia, logo deu um jeito de se adaptar novamente. Quando descobriu que teria essa deficiência, foi para a praia pensar e voltou dizendo que ainda poderia sentir a areia sob os pés, então, isso bastava. Aliás, o mar continua sendo seu confidente, mas agora ela viaja sempre que pode com sua família gigante ou apenas em lua de mel com o marido, comemorando todos os anos, desde que oficializaram a união dos dois.

As luzes se apagam, deixando somente a do palco iluminando o caminho por onde a debutante irá entrar. Isa entra linda, segurando uma única margarida. Completamente original, em um vestido, que parece asas de borboletas, pelas nuances de cores ao reflexo da luz, feito pela tia. Seus cabelos loiros e compridos deram lugar a um corte bem curtindo, que realçou ainda mais a beleza de seu rosto juvenil. Ela veste um all star branco e um grande sorriso estampa seu rosto, enquanto é aplaudida por todos seus amigos e familiares.

Izabel observa, com os olhos marejados, sua menina tornando-se uma mulher. Está orgulhosa e feliz com tudo o que conseguiu alcançar. Nesse momento, tem a certeza de ter feito as escolhas certas, sente-se realizada e agradecida por tudo o que construiu.

Isabela chama ao microfone cada um. Seu pai, que, mais uma vez, traja seu uniforme de gala, vai caminhando com um sorriso grande, amparando sua esposa, que ainda apresenta dificuldades para andar. Seu olhar para Izabel ainda é o mesmo de admiração, ele sussurra um “eu te amo” ao seu ouvido enquanto caminham devagar, fazendo-a sorrir para ele.

Isabela chama cada um de seus irmãos, sobrinhos, tios, primos... Seu avô, que vai acompanhado de sua, agora, esposa, e a Lucão, fiel amiga da Izabel por todos esses anos, vai com seu filho, Tomás, que se tornou um homem lindo e completa dezoito anos nesse mesmo dia.

Todos fazem uma roda ao redor da debutante, que se aproxima de Tomás, entrelaça suas mãos e o leva para o centro da roda; o contraste das mãos unidas da pele branca da Isa com a negra do Tomás é lindo de se olhar. Todos olham admirados para o casal que se assume na frente deles, apesar de as mães já saberem e apoiarem. Quem não parece gostar nadinha é o Nando, que fica vermelho e parece

estar prestes a atacar o pobre rapaz. Ainda mais quando ele deposita um beijo discreto na bochecha de sua namorada e ela, muito ousada, o beija de volta na boca, sem cerimônias. Nesse momento, Izabel, achando graça da reação enciumada do marido, acha melhor abraçá-lo e fingir que está com dificuldades para ficar em pé, desviando assim a atenção do Nando, que, no mesmo momento, troca o semblante raivoso por um de puro amor a ela. Izabel sabe que terá que dar tempo para o pai coruja aceitar que sua menininha cresceu.

A música escolhida pela debutante começa a tocar e ela quebra o protocolo, trocando a tradicional valsa pela mesma música escolhida pela Malu, em outra época. E é impressionante o quanto ela ainda é atual, ultrapassando décadas. Isa convida todos a dançarem com ela, enquanto canta a plenos pulmões o refrão junto com seu namorado, sendo seguida por todos, aproveitando o momento de alegria e entendendo o que ela quer transmitir.

*E a gente vive junto
E a gente se dá bem,
Não desejamos mal, a quase ninguém.
E a gente vai à luta
E conhece a dor.
Consideramos justa, toda forma de amor!¹⁴*

Todos dançam e cantam unidos, aproveitando ao máximo o momento, celebrando a vida. Cada qual feliz por suas conquistas, entendendo que a vida precisa ser vivida e aproveitada a cada segundo, pois não sabemos o dia de amanhã. Não sabemos quando a dor irá chegar, mas o importante é que todos aprenderam que a vida é um ciclo. Assim como a dor, a alegria não dura somente uma noite, porém passa. E, ainda mais, se seguirem unidos em todos os percalços, com a força que uma família pode ter.

Chega minha hora, já infringi algumas regras presenciando mais esse momento precioso. Percebo Bel afastar-se das pessoas apoiando-se sobre o parapeito de uma janela aberta para olhar sozinha além das estrelas. Seu semblante é enigmático, não parece triste, e sim, saudosa. Ela fecha os olhos em uma prece silenciosa, agradecendo por terem chegado até ali, unidos e felizes. Uma lágrima escorre por seu rosto e o vento frio sopra seus cabelos, que continuam rebeldes. Já é hora de partir, em breve, nos encontraremos e seremos uma nova família, unidos por laços da alma, mas, antes, deixo junto ao parapeito a margarida que Isa trouxe em sua

entrada triunfante. Bel sente minha presença de alguma forma. Abre os olhos com dificuldade para enxergar, encobertos pelas lágrimas, sorrindo largamente ao encontrar a flor com uma única pétala.

— Bem-me-querô! — ela diz, jogando a pétala ao vento, sorrindo entre as lágrimas, completamente plena e feliz!

Fim!

Agradecimentos

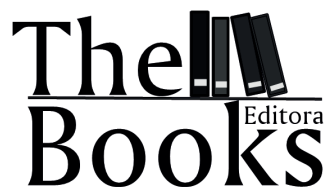
A todas as minhas leitoras, blogs, amigos e família que me incentivam e acreditam comigo em meus sonhos.

Minha eterna gratidão a todos.

Contato com a autora:

Email: dayane.rad@gmail.com

Instagram : [daya.s.alves](#)



Conheça mais da
The Books Editora, visite-nos

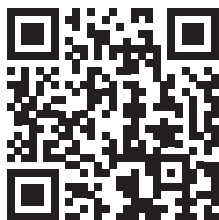
www.thebookseditora.com.br

Entre em contato conosco:

thebookseditora@gmail.com



<https://www.facebook.com/thebookseditora/>



Se você tem um Smartphone use
o leitor de QR Code e descubra um
mundo de novidades da The Books
Editora.